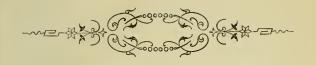
CANCIONEIRO ALEGRE

AO BOM SENSO

DA RUA DAS FLORES E DA RUA DOS CAPELLISTAS

O. D. C.

PREFACIO

Esta idéa de um Cancioneiro Alegre suggeriu-a ao commentador um formoso livro escocez intitulado *The book of humorous poetry,* impresso recente e primorosamente em Edinburgh. É leitura variada, deliciosa, ridentissima sempre, não das casquinadas que nos distinguem tristemente entre os animaes, mas do sentir intimo de contentamento quando vemos bem solfejada nos

versos a prosa ridicula das nossas esquipações.

Ambicionei patrioticamente vêr assim um livro de poetas portuguezes e brazileiros; mas logo me assaltou a contrariedade de que o poeta, em Portugal principalmente, por via de regra, desabrocha os seus botões de flôr ás lagrimas da aurora — nasce a chorar; e, se chega a adulto e seccou os prantos, é porque foi despachado — *arranjou-se;* e, em quanto o não arranjam melhor, chora em prosa no seio do deputado amigo, em memoriaes plangentes, que entram como sudarios na pasta do ministro. Se o ministro já trovou como Serpa, ou Andrade Corvo, Mendes Leal, Thomaz Ribeiro, ou Couto Monteiro, o poeta mais hoje ou mais ámanhã, se fôr de pouco sustento, póde contar que sobreviverá ao seu despacho, e enxugará as perolas dos seus olhos ao plastron do ministro, como Horacio limpava as suas ra-

mellas ás tapeçarias do monopodium de Mecenas.

Entrei a inventariar na minha estante de poetas, uns que tinham perecido de amores fulminantes e outros de anemia, antes de chegarem ao capitolio de verificadores de alfandega, de escripturarios da fazenda e ministros da corôa. Esses pouco me deram. Pertenciam á quadra ominosa do sentimentalismo. Estavam mortos para todos os effeitos.

*

A poesia sentimental acabou. Devia naturalmente acabar assim que o amor se julgou superfluo no casamento do vate. Eram, n'outro tempo, os poetas uns amadores vitalicios que cantavam e amavam todas as meninas de uma ou duas freguezias; mas não casavam com ellas. Enfeitavam-nas de flôres para maridos maganões que sorriam d'elles

com uma piedade quasi benevola, e os tratavam com excessos de delicadeza, até ao requinte de os pôrem na rua com poucas bengaladas. Os maridos, ás vezes, quando os poetas bisavam os seus cantares, faziam no espinhaço das esposas o compasso. Isto soube-se; a desordem da familia constou cá fóra, e o lyrismo começou a cahir como immoral.

Cahido o lyrismo, o poeta foi comprehendido nas regras geraes do genero humano. Entrou a casar sem versos. Em vez de perguntar á visinha quantas estrellas tinha predilectas no azul, indagava quantos predios tinha o papá; e, se era orphã e herdeira, não lhe azedava saudades do progenitor com necrologías: ia ao cartorio do escrivão do inventario examinar o formal de partilhas; e, recolhido ao silencio do seu gabinete com os apontamentos, em vez de:

Mulher amada, que o meu peito abrazas,

escrevia:

Por metade do predio da rua das Cangostas............................ 2:750$000

Acabou assim a poesia amorosa. Não foi Charles Baudelaire, nem a devassidão dissolvente do segundo imperio, nem os progressos da ethnographia e da chimica, como pretende o snr. Guerra Junqueiro. A poesia sentimental acabou porque poetas que exercitem a arte por amor da arte já não ha nenhum, nem tão pouco ha mulheres que sintam no peito o vacuo dos sonetos; e, se acontece ainda alguma experimentar vágados intimos e palpitações estranhas — cousas que outr'ora se chamavam

Vago aspirar de virginaes inlêvos,

come uma sandwiche, um bife de grelha,

e fica melhor. Ellas, quando sahiram do collegio, não traziam geographia e ancias de ideal: traziam chlorose e fome.

Desfibradas as cordas da cythara, era, não obstante, necessario e fatal que alguem cantasse. O genio é rebelde: se o espesinham, resalta. Alguns poetas, quaes vasos de porcelana fragil, não puderam conter as raizes da flôr do sentimento que se lhes radicaram profundas e largas até os estourar em poemas, nem romanticos nem classicos. Semelhantes cousas são uns extractos sulphydricos necessarios ao riso moderno como o estrume á seiva das finas flôres aromaticas. Como não podiam cantar com applauso a violeta rôxa, cantam a alporca rubra.

Que eu, a fallar verdade, não creio em Goethe. Elle diz que não ha litteratura classica nem romantica: ha litteratura sã e litteratura pôdre. E renovar o feio e a podridão — acrescenta Philarète Chasles — o falso

e o trivial, o phrenesi e a obscenidade, o immenso e o exagerado, pela enfermidade e pela demencia, é facilima empresa [1]. Digam lá o que disserem os oraculos. A litteratura não é Aristoteles, nem Horacio, nem Boileau, nem Goethe. A poesia, essencia fétida ou aromatica da litteratura, é a expressão de uma época. « O feio é o bello, e o bello é o feio ». *Fair is foul, and foul is fair,* diz Shakespeare. Hontem cantava-se a sociedade dyspeptica em uso de figados de bacalhau; hoje canta-se a sociedade pôdre em uso de proto-iodureto de mercurio.

*

Se a tranquillidade publica perdeu ou

---

[1] *Psychologie sociale,* obra posthuma.

ganhou com o desuso do sentimentalismo é outra questão. Creio que a sociedade lucrou em peso e perdeu em feitio. A mulher, amada do poeta e conhecida como tal, tinha certo prestigio, e uns aromas particulares das grinaldas de rimas que lhe ajardinavam o salão, a alcôva, a igreja, o theatro, o passeio, a praia e os sonhos — sobretudo os sonhos quando não procediam das cêas copiosas. Estes aromas adelgaçavam-lhe o espirito; ellas viam as cousas da vida a uma luz electrica; tinham a pallidez eburnea das Ophelias cuidadosas dos seus doudos contrafeitos, ás vezes sandeus legitimos; sabiam traduzir Telemacho e os segredos da lua; mas não conheciam o processo de fazer bons caldos e marmeladas. Depois, as que entraram pela infiltração do matrimonio na substancia do poeta, cahiram em si pasmadas e scepticas, quando viram os maridos preferirem a uma *Meditação* de Lamartine um prato de esper-

regado. Elles é que as despoetisaram, os maridos, pedindo-lhes caldo substancial em vez de um

riso
liso,

como diz a trova.

E as esposas, com o espirito engordurado da gula dos maridos, ensinam ás filhas o desprezo da velha poesia; e, quando as colhem de assalto embebidas no extase d'um moço magro e macilento, dizem-lhes: «Vosso pai tambem assim era delgado e pallido antes de casar; mas depois, com os caldos fortes, engordou». Estas palavras são o epitaphio do lyrismo escripto no seio da geração nova. Toda a menina que prevê a poesia fluctuante do esposo consolidada em tecido cellular, prefere as fórmas finas e flexiveis de um marido sem exame de instrucção primaria.

*

Tudo o que nos alegra, poema ou tolice, é um raio da misericordia divina. Das poesias d'este CANCIONEIRO póde dizer-se o que o conde de Chevigné dizia dos seus *Contes Remois:*

> J'ai, pour guérir, des recettes certaines;
> Chaque ordonnance est un joyeux récit.
> On souffre moins du moment que l'on rit.
> Je vous apporte un remède aux migraines.

Que ha de fazer a gente senão alegrar-se?—pergunta Hamlet: *What should a man do, but to merry?*

A seriedade é uma doença, e o mais serio dos animaes é o burro. Ninguem lhe tira, nem com afagos nem com a chibata aquelle semblante cahido de mágoas reconditas que

o ralam no seu peito. Ha n'elle a linha, o perfil do sabio refugado no concurso ao magisterio, do candidato á camara baixa bigodeado pela perfidia de eleitores que, saturados de genebra e Carta constitucional, desde a taberna até á urna, fermentaram a chrysalida de consciencias novas. O burro é assim triste por fóra; mas é feliz por dentro, e riria dos seus homonymos, se pudesse igualal-os na faculdade de rir, que é exclusiva do homem e da hyena, a qual ri com umas exultações ferozes tão authenticas como as lagrimas insidiosas do crocodilo.

N'estes ramilhetes de poesias não ha flôres para jarras de altares nem de jazigos. Umas, são a facecia antiga portugueza, sinceramente lôrpa e boa; outras, são a ironia moderna, o riso amargo da decadencia que espuma fel pelos labios lividos. *On ne rit plus aujourd'hui, on ricane* (diz Léon la Forêt). *Si l'on fait parfois de l'esprit, c'est de*

l'esprit facile, au dépens du prochain. On ne rit plus que pour mordre, et le plus grande poëte de notre triste temps pourrait lui appliquer ce vers, où il ne voit dans le rire qu'une menace:

D'une bouche qui rit on voit toutes les dents.

O leitor tem entre mãos o livro mais consolador que se lhe poderia offerecer no mais triste periodo das artes, das letras e das industrias honestas em Portugal.

Quando se reformar o Curso Superior de Letras com todas as disciplinas indicadas urgentemente pelas necessidades da sciencia moderna, e se crear uma cadeira de Poesia Patusca, este CANCIONEIRO será a selecta do curso.

E o alumno então, a impar de ontologia e anthropologia, como se comesse o indi-

gesto snr. Theophilo e mais dous marmelos crus, irá á aula dos saudaveis risos tonisar a arca do peito de ar bem oxygenado de chalaças luso-brazileiras.

S. Miguel de Seide, 1 de janeiro
de 1879.

Camillo Castello Branco.

Guerra Junqueiro

Lisboa faz e desfaz, com a mesma sem-ceremonia, os grandes poetas. É a moderna Jerusalém dos judeus antigos. Recebe em Santa Apolonia com hossanas e fados os pregoeiros da Idéa Nova em prosa e verso. Depois enfastia-se d'elles, cahe em si, chama-se tola, e crucifica-os. E elles, os crucificados, chamam-lhe *Lourinhã;* e, se não receassem ferir conveniencias pessoalmente topographicas, chamar-lhe-hiam *Freixo-de-Espada-á-Cinta.*

Lisboa encerra entre os seus marmores e granitos grandes cabeças antigas; mas paradas como os preciosos relogios de Luiz XIV — monumentos em bronze com verdete, e em craneos descabellados. Uns litteratos que já foram de maço e mona estão nas secretarias, estão nas suas casas a comer o paiz, a des-

cascar os joanetes e a envelhecer n'um egoismo sordido. Tolhe-os uma desdenhosa indifferença por cousas litterarias. A Idéa Nova de vez em quando cita-os para os enxovalhar. Mendes Leal é o *vate,* Latino Coelho é o *rhetorico,* Antonio de Serpa é o cytharista dos *soldos* de 34. Como que esbatidos para dentro da idade média, nem são respeitados nem temidos na sua indolente cobardia.

Ora, cada jornal tem uma cellula em que esfervilha um recheio de ignorancia hostil á authoridade. D'estas fermentações fumegam os effluvios, que, um dia, incensaram Theophilo, e n'outro dia Guerra Junqueiro. Os escriptores serios a quem cumpria retardar pelo menos com o cauterio da zombaria o lavrar do cancro, esses fazem da politica uma philosophia de mais e um prato a maior na sua mesa. Para não comerem favas, trocam por lentilhas a dignidade das letras. São desprezados como merecem.

O snr. Guerra Junqueiro é actualmente um poeta inspirado de si mesmo. É o pellicano que se bica e pica nos seios da sua alma e sangra de lá a seiva de syllabas com que alimenta os seus filhos queridos — os alexandrinos. Ha onze annos, todavia, não era elle tão extremadamente original. Modelava-se por mestres de authoridade e gosto muito equivocos, e não se dedignava de subscrever poesias triviaes surradas d'um rococo patriota e chôcho.

Não é mau exemplificar, quando se põe um grão

de helléboro na ambula com que me proponho engrossar os vapores do incenso que o trazem endeusado em fumo desde a Casa Havaneza até ao Pote das Almas, e d'ahi pelo resto da Peninsula dentro.

Em 1867, o snr. Guerra Junqueiro deu á luz um livrinho de versos, chamado VOZES SEM ECHO. A pag. 125 e 126 d'este opusculo ha umas quadras (improviso) intituladas *Na cruz alta do Bussaco.*

Agora, outra cousa:

Na GUIA HISTORICA DO BUSSACO por Augusto Mendes Simões de Castro, pag. 220, ha umas quadras (improviso) intituladas *Bussaco,* datadas em 1862, e assignadas Luiz Carlos.

Confrontem-se:

Luiz Carlos, em 1862:

NO BUSSACO

(IMPROVISO)

Foi aqui, foi aqui que o *povo* lusitano
O trilho da victoria achou mais uma vez;
Foi aqui que, gemendo, as aguias do tyranno
Rojaram pelo chão ao gladio portuguez!

Parece-me inda ouvir o grito dos vencidos,
O estrepito da lucta, as vozes do canhão;
Parecem retumbar ainda a meus ouvidos
Os echos do clarim, perdidos na amplidão!

Meus olhos cuidam vêr o aspecto magestoso
D'aquelles que o pendão da patria defenderam!
O canto da floresta, um canto grandioso,
É hymno de triumpho e nenia aos que morreram!

Bravos, dormi em paz, dormi em paz agora;
Tranquillos repousai da ingente heroicidade:
Raiou de vossa campa a deslumbrante aurora,
Que ao velho Portugal deu vida e liberdade!

Guerra Junqueiro, em 1867:

NA CRUZ ALTA DO BUSSACO

(IMPROVISO)

Foi aqui, foi aqui que o *braço* lusitano
Os livros da victoria *abriu* mais uma vez!
Foi aqui, *foi aqui* que as aguias do tyranno
Rojaram pelo chão ao gladio portuguez.

Parece-me inda ouvir o grito dos vencidos,
O *estrondo* da *batalha, os roncos* do canhão!
Parecem *reboar* ainda aos meus ouvidos
Os echos do clarim, perdidos na amplidão.

Nos robles estou vendo o vulto valoroso
Dos nossos que o pendão *das Quinas* defenderam!
O canto da floresta, *altivo, rumoroso,*
É hymno de triumpho, *é* nenia aos que morreram!

Bravos, dormi em paz, dormi em paz agora;
Das lides descançai na santa eternidade:
Raiou de vossa campa *uma sublime* aurora,
Que ao velho Portugal deu vida e liberdade!

Á primeira vista, figurou-se-me que o snr. Guerra Junqueiro, ainda verde, escrevesse em 1862 com o pseudonymo *Luiz Carlos;* e cinco annos depois, inscrevendo-se com o seu já maduro e genuino nome, emendasse a poesia, substituindo as palavras que sublinhei.

Sendo assim, é de notar que as emendas peoraram as quadras; mas assim não foi. *Luiz Carlos* não é pseudonymo: é o snr. bacharel Luiz Carlos Simões Ferreira, redactor que foi do INSTITUTO de Coimbra, e author de alguns poemas bons, impressos n'aquelle semanario desde 1862 até 1864.

Vê-se pois que ha dez annos ainda o snr. Junqueiro se acingia á authoridade, tinha predilecções por certos exemplares, perfilhava dezeseis rimas de quatro quadras feitas por Luiz Carlos e improvisadas por elle, snr. Guerra, porque as rimas são de toda a gente; e Miguel do Couto Guerreiro, quando fez um DICCIONARIO DE CONSOANTES, não disse que era dono das consoantes como das suas botas e do seu nariz. Pelo que respeita á analogia das idéas dos dous improvisos, o reparo seria uma niquice. Guerra Junqueiro servia-se então dos pensamentos communs e encontradiços; o thesouro das cousas originaes abriu-o mais tarde, quando as FLÔRES DO MAL de Baudelaire se desabotoaram no bom guano que lhe offereciam os espiritos tábidos da juventude patria.

A MORTE DE D. JOÃO é uma desova de toda a sua

originalidade franceza. Tem cousas de tanto chiste que bem se está revendo n'ellas uma graça estrangeira. O que mais realça n'este livro é o que nos faz rir á custa das desgraças sociaes, á custa da lepra do vicio, por conta do diabo «a quem quebraram os cornos», e á custa do Padre Eterno, que morreu primeiro que o «diabo derrabado».

Este geito de poesia tem d'olho regenerar os costumes nacionaes, — pondo o velho lyrismo fóra das alcôvas corrompidas pelo madrigal. A maneira de virginisar os corações das mulheres cancerados pelo sentimentalismo de Vidal e d'outros eroticos é dar-lhes Imperia, como escarmento, leprosa e hydropica, com chagas na cabeça e pustulas vermelhas, porque

> A syphilis bestial roeu-lhe as sobrancelhas.

Este quadro deve fazer arripiar carreira a muita menina incauta que está ouvindo a guitarra de D. João á porta das tabernas do Borratem; e não é para admirar que as excoriações que mancham as epidermes do Bêco da Agua de Flôr venham a desvanecer-se com o uso d'este poema e do sublimado corrosivo.

Contra os poetas sentimentalistas articúla galantemente o snr. Guerra Junqueiro no prefacio da segunda edição do seu poema: «Os poetas sentimentalistas

cantam trezentas meninas n'um livro de duzentas paginas, menina e meia por pagina, e sendo essas meninas as vossas irmãs, as vossas filhas e as vossas esposas (porque eu não posso acreditar que taes declarações sejam feitas a meretrizes) os bardos dizem-lhes cousas de tal modo indecentes que se fossem pronunciadas no meio da rua, seriam presos pela policia, e, apesar d'isso, vós admittis esses trovadores nas vossas salas, o Estado condecora-os e a sociedade applaude-os. Ora de duas uma: as confissões amorosas que constam d'esses livros ou são verdadeiras ou falsas. Se são verdadeiras, isso equivale a uma confissão de réo, e por tanto o poder judicial que proceda: levem Apollo á policia correccional; se são falsas, então n'esse caso revelam uma especie de nymphomania platonica e litteraria que vós deveis expulsar para sempre das vossas memorias, das vossas estantes e dos vossos pianos».

Nymphomania, diz o poeta. Mas quem é que escreveu essas declarações amorosas e indecentes ás filhas e ás esposas dos leitores? Foi a snr.ª D. Maria José da Silva Canuto? Seria acaso a snr.ª D. Maria Adelaide Fernandes Prata? Praticou tal excesso a snr.ª D. Maria Rita Chiappe Cadet? Se foram ellas que deram o escandalo d'esse delirio erotico, é anatomica e criticamente justo accusal-as de *nymphomania* platonica, e sujeital-as a um tratamento lácteo e vegetal, banhos frescos, infusão de alface para bebida com

sementes emulsivas de melancia e pepino. Porém, se os poetas sentimentalistas são homens, o dotal-os de *nymphas* o snr. Junqueiro é um hermaphroditismo que excede a alçada do seu poder creador, porque vai de encontro a todos os anatomicos desde Galeno até Bichat. Pela mesma razão, se aquellas tres referidas senhoras, na escandecencia do seu estro e paixão, começassem a enviar poemas fescenninos e lubricos ao snr. Guerra Junqueiro, s. exc.ª não poderia correctamente dizer que as tres damas soffriam priapismo platonico, nem aconselhal-as ao uso de clysteres camphorados e sanguesugas nas regiões circumvisinhas.

Em a *Nota* final da MORTE DE D. JOÃO, escreve o author com penna copiosa: «Em geral, o poeta moderno não comprehende o seu tempo. Ignora os resultados assombrosos da chimica, da geologia, da ethnographia, da linguistica». O snr. Guerra Junqueiro, poeta modernissimo, diz modestamente que ignora cousas que tomára eu sabel-as, como s. exc.ª, excepto a anatomia que elle descura, fazendo as nymphas communs de dous.

Quanto á linguistica, este seu poema dá testemunho de que o philologo é muito superior ao anatomico. Não está bojudo de vernaculidades rançosas nem impertigado nos espartilhos de uma severa grammatica; mas, em geral, quem tiver alguma leitura de livros francezes, percebe-o. Elle conhece os gallicismos — dil-o na CARTA que precede as *Carica-*

turas em prosa de Luiz de Andrade — conhece-os; mas gasta-os no uso das suas idéas, porque «as palavras do seculo XV não servem para exprimir os pensamentos do seculo XIX».

O author da MORTE DE D. JOÃO, se o forçassem a fallar com palavras de Luiz de Sousa, de Antonio Vieira e de Bernardes, calava-se, porque os pensamentos do seculo de Guerra Junqueiro não podem exprimir-se com palavras do seculo de D. Manoel. Por exemplo: quer s. exc.ª pedir n'um restaurante uma omelette. De certo a não póde pedir como a Maria Parda de Gil Vicente pediria ovos fritos na taberna de Martim Alho. Claro é portanto que a palavra do seculo XV não exprime o pensamento do seculo XIX. Então era *ovos fritos,* hoje é *omelette.* E assim por diante em tudo que intende com o paladar e com os quatro restantes sentidos corporaes. Já agora a gente só poderá expressar-se em portuguez castiço e fazer-se intender, se acertar de encontrar-se nas explanadas infinitas das Ilhas Beatas do poeta Alceu com o historiador Fernão Lopes e com as poetisas Luiza Sigêa e Paula Vicente.

Mas o snr. Guerra Junqueiro n'um escripto mais recente inclina-se a julgar que a antiga lingua portugueza é necessaria a quem escreve no seculo XIX. Na apreciação dos romances do snr. Eça de Queiroz escreve judicioso: «Infelizmente Eça de Queiroz não conhece ainda todos os recursos brilhantes de que

póde dispôr, manejada por um espirito moderno, a antiga lingua portugueza». (OCCIDENTE, n.° 7). Parece, todavia, segundo estes dizeres, que esses recursos só póde dispôr d'elles um espirito moderno. Ha espiritos antigos que não sabem manejar os referidos recursos. Lucena e Camões escreveram para subsidiarem os espiritos que bordam os matizes da idéa em bastidor francez; os espiritos antigos, se escrevem, esses, os jarretas, consultam Amaro Mendes Gaveta e o ALLIVIO DE TRISTES do padre Matheus Ribeiro.

O snr. Eça de Queiroz é mais bizarramente generoso com o seu amigo que o acoima de escasso na prosodia. «O grande poeta moderno da peninsula» (RENASCENÇA, pag. 18), escreve com a maior liberalidade geographica o author d'O PRIMO BAZILIO — o romance mais doutrinal que ainda sahiu dos prelos portuguezes.

Eu abundo nas dimensões que o romancista marca ao poeta no mappa da Europa. Vingo-me assim da onça do Escurial que nos mostra os velhos gryphos nos sorrisos de Fernandez de los Rios e Castellar. Os hespanhoes póde ser que venham a desnacionalisarnos; mas, em materia de poetas e prelados, a primazia ha de ser sempre do snr. Guerra Junqueiro e do arcebispo de Braga.

Em quanto se fallar a lingua de Portugal, Algarves e d'além-mar em Africa, fusca Ethiopia e Guiné, dir-se-ha sempre:

D. Frei Bartholomeu dos Martyres, arcebispo primaz;
Guerra Junqueiro, poeta primaz;
Ambos das Hespanhas.

N'este Cancioneiro alegre frizaria todo o poema do triumphante filho de Freixo-de-Espada-á-Cinta, porque não ha ahi pagina refractaria aos sorrisos discretos, ou ás rinchadas dos risos que dão elasticidade á pleura e sacodem de sobre a alma o cisco das chimeras. Bom livro e bons livros quantos o snr. Guerra Junqueiro florejar n'esta sazão das suas primaveras felizes, com a carne alegre, o espirito funambulesco e os ossos sem rheumatismo! *Laissez-les donc! c'est bien plus rigolboche!* é o estigma do estandarte que nos vai levando á treva inferior do utilitarismo e do asco infernal da Arte.

Com medo do snr. Junqueiro já ninguem ousa consagrar á mulher amada duas redondilhas. Os amantes que sentem um Petrarcha a vibrar-lhes a protuberancia da amatividade, abafam e morrem ineditos. Escassamente se remettem da provincia ás gazetas as dôres da alma com estampilha de vinte e cinco.

O snr. Guerra, flôr das Hespanhas, — o Musagete da occidental praia — fez calar todos os seus dominios intellectuaes — a Peninsula, incluindo Belem. Jayme, ultimamente, não nos ha dito o que lhe vai

na alma. Como a poesia não póde espumejar do seio em trovas mais ou menos côxas, mas pudicas, os trovadores amordaçados, em vez de enroscarem as meninas nos alexandrinos, requestam-nas á unha; e pois que a alma não póde guindar-se pelas estrophes aos terceiros andares, iça-se pelos degraus de sêda. Quem tiver genio e tres francos para um Baudelaire senta-se na esteira dos prostibulos, e harpeja na guitarra a canção das chagas de *Imperia* e do nariz purpureo de *D. João*. E quem não puder tomar pé n'esta angra de lama, contente-se em reatar na sua memoria o ramal de perolas que eu ao acaso tirei do guarda-joias do nosso «Christo da poesia», como lhe chama um tal snr. Oliveira Martins. — Que Martins este e que Christo aquelle!

Agora, e finalmente, serio:

O snr. Guerra Junqueiro tem legitimo direito a que os seus admiradores sensatos o denominem um *brilhante paradoxo;* porém, como arde em luz por demasia intensa e artificial á custa de espelhos ustorios, receio que se carbonise depressa e descambe de paradoxal a semsabor. Precisa de ter genio muito fecundo para equilibrar-se na maromba litteraria que escolheu. A poesia actual é uma bizarra peccadora: é a Cora Pearl um pouco já desbotada e com dous dentes postiços. Entrou em Portugal, onde tudo entra vinte annos depois que sahe de França. Cora Pearl trazia um cravo encarnado no decote sujo: este

cravo é o snr. Guerra Junqueiro. Ora eu, por mim, receio que elle perca o aroma, porque as flôres, em contacto com os seios calcinados d'essas mulheres, murcham depressa.

Mas conta-nos o poeta, no prefacio da segunda edição da Morte de D. João, que da primeira se venderam rapidamente 1:200 exemplares.

Quanto a isso, contarei ao snr. Guerra Junqueiro uma cousa de ranço antigo: Um grande poeta comico de Athenas, chamado Menandro, sabendo que o publico applaudira delirantemente uma comedia muito ordinaria e obscena de um versista chamado Philemon, procurou o versista applaudido, e perguntou-lhe: «Não te envergonhas dos teus triumphos?»

A MORTE DE D. JOÃO

(D. João olha para um canto e vê o Diabo escondido dentro d'um confessionario)

Que vejo eu, Senhor!
O archangelico principe das trevas,
O velho tentador
Das innocentes Evas;
O espirito orgulhoso,
O espirito revel
Que atirou para o céo esplendoroso
A ameaça da torre de Babel;
O heroe que andava em noites tenebrosas
A levantar cidades monstruosas,
Babylonias cyclopicas, estranhas,
Onde os gigantes ruivos, indomaveis
Construiam palacios formidaveis
No ventre das montanhas;
Elle o chefe dos tragicos guerreiros,
O negro salteador
Que ia lançar o fogo nos mosteiros,
Para roubar as filhas do Senhor;

*

E que entrava nas velhas abbadias
Despedaçando os tumulos reaes
E vertendo o falerno das orgias
Sobre as letras dos gothicos missaes;
O alegre tentador de fórmas várias
Que com lascivias morbidas, secretas
Ia tentar os pallidos ascetas
Á bocca das cavernas solitarias;
Elle, o pagem que em noites luminosas
Ás castellãs dormentes, vaporosas
Ia cantar as languidas balladas;
E que ás vezes parava em seu caminho
Seduzindo as crianças virtuosas,
Que estavam descuidadas,
Fiando o alvo linho
Á beira das estradas;
Elle, o filho da treva e do peccado,
O orgulhoso da raça de Caim,
Até me custa a crêr que o veja assim
Repellente, grotesco, desdentado.
E que vida sombria, aventurosa
No seu nariz gigante,
Que parece uma tromba de elephante
Pintada com a côr da caparosa!
N'aquelle olhar cauçado, metaphysico,
N'essas pupillas baças
Revelam-se as desgraças,
A hypocondria d'um macaco tysico.
É como um infeliz pelotiqueiro
Esguio, frouxo, velho, quasi nu,
D'esses que a gente encontra pelas praças
Vestidos em janeiro
Com um manto real de panno cru.

(Dirigindo-se ao Diabo)

Por te vêr sujo, escalavrado e roto,
Não me enganas, maroto,
Bem te conheço a ti;
Não me causas nem odio, nem horror;
Dize-me, pois: que vens fazer aqui?
Vens a buscar a alma do doutor?

O DIABO

Eu venho trazer a minha.
Ando já mesmo na espinha,
Sou como um figo maduro,
Um cão tinhoso, nojento
Que vai buscar o alimento
Ás podridões do monturo.

Os philosophos modernos
Foram lá baixo aos infernos,
Destruiram-me os telhados,
Deixaram-me a casa nua
E puzeram-me na rua
A pontapés. Que malvados!

Fui o exemplo dos reinantes:
Tive trezentas amantes
Mettidas no meu harem,
Como um illustre varão,
O frascario Salomão,
Que eu conheci muito bem.

Fui catholico romano:
Tambem tinha um Vaticano
Onde os bons dos cardeaes,
Com theologia excellente,
Discutiam sabiamente
Peccados *originaes.*

....

Quando cheguei a este mundo
Vinha roto, vinha immundo,
Cabeça nua e pés nus;
Que martyrio inda não visto!
Para o diabo ser Christo
Faltou-me apenas a cruz.

Fui a Roma. O padre santo
Mal me viu, banhado em pranto,
Logo me fez cardeal:
Vesti saiotes vermelhos,
E encobriram-me os chavelhos
Com a mitra episcopal.

Era eu quem dirigia
A sagrada mercearia
Do velho mundo christão;
E o pontifice entrevado
(Que bello homem! coitado!)
Chamava-me seu irmão.

Afinal, oh coisa incrivel!
Tornei o papa infallivel,
Tornei-o santo tres vezes;

Mas o bom senso do povo
Respondeu ao dogma novo
Como Cambrone aos inglezes.

Perdi tudo. Um bello dia
Ergueu o collo a heresia,
Como se diz nos jornaes;
Quebra depois um banqueiro,
E foi-se todo o dinheiro
Do papa e dos cardeaes!

(*N'este ponto o Diabo enternece-se, as lagrimas saltam-lhe dos olhos e os soluços embargam-lhe a voz. Passados alguns momentos, continúa n'um tom grotesco e lastimoso*):

E ao terminar d'esta vida
Aqui me vês sem guarida,
Morto de frio e de fome;
Não tenho casa, nem cama;
Já toda a gente me chama
Robert Macaire Gentilhome.

Quando passo nas estradas
Sou corrido com pedradas
Pelo povo.
Uns saltimbancos, ha dias,
Entre mil judiarias,
Tiraram-me um fato novo.

Esmurraram-me a corcunda,
Chamaram-me em lingua bunda
Coisas feias, coisas más,

E deram-me (que lembrança!)
Piparotes sobre a pança
E beliscões por detraz.

Depois, com risos ferozes,
Gritaram em altas vozes:
« Vamos tirar ao diabo
Os satanicos adornos! »
E um d'elles partiu-me os cornos
E o outro levou-me o rabo.

Ora aqui tens a final
D'esta vida original
A abreviada noticia:
E acrescento-te em segredo
Que ando aqui com muito medo,
Sabes de quem? da policia.

Ha de haver cousa d'um mez
Furtei um lenço a um burguez,
Um rico lenço encarnado;
Ando mais morto que vivo:
Talvez por esse motivo
Não serei canonisado.

. . . .

A MORTE DE D. JOÃO

D. JOÃO

E não passa ninguem por esta rua!
Se o demonio da chuva continúa
          Por mais um dia ou dois,
Jantarei como tu, Ezequiel,
          Os estercos dos bois.
Antes eu fôra besta de aluguel
          Ou sapo das latrinas,
Que não andava aqui pelas esquinas
          Leproso como Job!
Ai que frio, que frio insupportavel!
          Ó carne miseravel,
Custa-te bem a transformar-te em pó!
....
E a caridade, a virgem da agonia
Que estende a mão aos pobres infelizes,
Hoje não sahe de casa; a noite é fria
          E tem medo aos pleurizes.
Fazes tu muito bem, ó caridade!

Que a chuva na verdade
Causa graves transtornos á saude;
Para prova que o diga o meu abbade,
E mais esse é um monstro de virtude...
Fazes tu muito bem! deixa-te estar
Ao canto do fogão
Com as irmãs a rir e a conversar
Nas modas da estação.
E adormecei nas languidas poltronas,
Ao narcotico som dos vendavaes,
Ó magras solteironas,
Desdentadas virtudes theologaes!

....

Ó Deus forte, ó Deus justo, ó Deus clemente!
Para que eu seja um verdadeiro crente
Com muitissima fé nos teus assombros,
Tu, que fizeste já parar o sol,
Digna-te, ó Deus, lançar n'estes meus hombros
Um capote hespanhol!
É um milagre tão facil, tão vulgar
Que qualquer alfaiate o arranjaria,
Co'a simples condição de lh'o pagar.
E é teu dever, ó filho de Maria,
Dar um allivio prompto ás nossas dôres;
Para isso te rezam de mãos postas,
E te trazem ás costas
Em cima dos andores.

....

Homens e deuses tudo está perdido!
E em vão contemplo a abobada celeste,
A vêr se cahe o enxofre derretido.
Para curar a peste,
A peste que nos mata,

Já não basta o enxofre, é necessario
O nitrato de prata.
Hoje o homem, ó martyr do Calvario,
Está mais podre do que um velho escriba;
Queres regenerar os corações?
Não nos mandes sermões,
Manda-nos copaíba.
E até mesmo no crime e no deboche
A humanidade é chata e pequenina:
Que vale a Rigolboche
Ao pé de Nero e ao pé da Messalina!
Os juizes agora
São muito mais baratos
Do que foram outr'ora
No tempo de Pilatos.
Os dandys dissolutos,
Rachiticos pagãos,
Tem medo a Jehovah,
E incendeiam charutos
Por não poder incendiar christãos,
Que é coisa que não ha.
Os paes são os negreiros
Das suas proprias filhas;
Os gordos mercieiros
Vendem as consciencias por lentilhas.
Ai, que frio! que horror!
Se eu ainda tivesse consciencia,
Ai, que frio!... comprava um cobertor.

. . . .

Fugiu do mundo a candida innocencia.
Desgraçada donzella!
Ha quasi seis mil annos
Não tornamos a ter noticias d'ella.

Tambem pouco me importa ; eu afinal,
Mesmo sem paraiso terreal,
Acharia esta vida muito linda
Se não houvesse ainda
A tolice do Codigo Penal.
Ha tempos para cá eu tenho andado
Quasi constantemente
Pelas prisões do Estado;
E é uma cousa indecente,
Uma cousa exquisita
Que vá prender-se um homem simplesmente
Por ter furtado uma mulher bonita.
E além d'isso a mulher de que se trata
Não era ahi nenhuma aristocrata,
Era apenas a filha de um barbeiro
E, ainda mesmo assim,
Não era para mim,
Foi para um brazileiro.
E por isso, eu o juro,
Não tornarei a ser alcoviteiro.
Pedir esmola é muito mais seguro;
Tenho uma chaga preta
No sitio onde devia
Trazer uma grilheta.
Esta chaga é o pão de cada dia.
Ando a mostral-a sempre ás multidões
Psalmeando lamurias gutturaes;
Rende diariamente tres tostões,
E nos domingos talvez renda mais.
Eu digo d'esta chaga o que alguem disse
Do Deus immaculado:
Se ella não existisse,
Já a tinha inventado.

. . . .

Que horror, que horror! os ventos infinitos,
Os ventos penetrantes,
Maldictos!
Riem como estudantes
Ás grossas gargalhadas,
E atravessam-me a carne apodrecida
Como um milhão de espadas.

. . . .

Sinto exhalar da lampada da vida
O ultimo perfume...
Ó burguezes! quem compra D. João?
Quem quer fazer estrume?
Meu velho coração
Pára como um relogio;
Escrevei-me depressa o necrologio,
Ó menestreis da moda,
Bardos de romantismo;
Vou apagar a luz que me incommoda
E mergulhar no abysmo.
E tu, ó sociedade,
Ingrata concubina!
Se me não lanças pão, faz-me a vontade,
Lança-me strichnina.
É um remedio seguro
Para quem traz o estomago vazio...
Oh que frio! que frio!
Partam-me esta cabeça contra um muro,
Que eu não posso soffrer nem um instante
A dôr que me consome...

IMPERIA

D. João, ó meu amante
Diz'-me, que tens!...

D. JOÃO (*expirando*)

Não é remorso... é fome.

Fernando Caldeira

Ácerca de pés, poesia tão imbrincada, tão fagueira, tão dengue, com tantos suspiros e aromas e beijos e quindins, ninguem a urdiu como este poeta. Fazer de um composto do tarso, metatarso, phalanges, musculos, nervos e cartilagens um tecido de phrases tão ternas e languidas, isso, para mim, tem mais engenho e poesia, mais ideal e esthetica, mais perrexil e atavios que os dous pés reaes da dona do pé cantado.

Esta poesia em Inglaterra seria inverosimil. Ninguem diz em Inglaterra *pé grande:* evitam-se cautelosamente os pleonasmos n'um paiz onde o tempo é dinheiro, e as palavras de mais são desperdicio. Tenho a collecção dos poetas britannicos de Samuel

Johnson. São 68 tomos. Pois não ha poeta, um só, que cante um pé de ingleza, nem de ninguem.

O proprio Byron, posto que desdenhoso da sua patria, respeitava por tanta maneira os pés das senhoras suas patricias que, nas poesias enviadas ás suas amadas italianas, ou lhes não fallava nos pés, ou, se a rima o obrigava, abstinha-se de lhes chamar pequenos. Aqui tenho um exemplo á mão. É uma poesia á condessa Guiccioli, que devia ter um pé benemerito das caricias de Fernando Caldeira. Diz Byron, com os olhos postos no rio Pó: «A corrente que meus olhos seguem irá lamber as muralhas da sua terra natal e murmurar-lhe aos *pés*».

The current y behold will sweep beneath
Her native walls, and murmur at her feet.

Feet sómente. Um poeta qualquer, que não fosse insular e um pouco côxo, não deixaria de adjectivar aquelles pés. Parece que os metteu na estancia por causa da rima *eath*.

Ainda bem que o meu prezado Fernando Caldeira floresce n'uma região em que, se por capricho quizer cantar um pé grande, tem de passar com a phantasia o canal da Mancha.

UNS PÉSINHOS

Scismo, scismo e não sei inda
como tu, sendo tão linda
e tão vaidosa de o ser,
tens ahi no chão pousados
os teus pésinhos, coitados!
ahi como uns pés quaesquer!...

Eu não sei, não comprehendo
quando te vejo correndo,
mesmo que vás devagar,
como uns pés tão pequeninos,
tão delicados, tão finos,
assim te podem levar!

Faz-me pena, coitaditos!
tão galantes, tão bonitos
vêl-os assim pelo pó!...
Muita pena!... ainda ao menos
se não fossem tão pequenos...
mas assim faz mesmo dó!...

Ainda se toda a estrada
te fosse ao menos juncada
de rosmaninho e alecrim,
como a santa da capella
quando sahe no andor, mas ella
nunca teve uns pés assim!...

Olha! ás vezes endoudeço
quando t'os vejo, e appeteço
duas semanas... um mez...
dous mezes... nem sei eu quanto,
ser um sapato, comtanto
que tu me tragas nos pés!...

As vezes, quando á tardinha
tu vaes scismando sósinha
por sobre a relva ao de leve,
suspira cada folhita
d'inveja a mais pequenita
que o teu pésinho conteve!

E se páras distrahida
junto d'alva margarida,
ou malmequer, ou bonina,
faz gosto vêr o geitinho
com que a flôr torce o pésinho
e sobre um dos teus s'inclina!

Que amor! que amor, oh meu Deus!
e não é por serem teus
que os amo tanto, não é...
Esse teu pé pequenino
foi obra d'algum destino
que eu tenha de amar um pé.

Mas ai! são tão desdenhosos!
mostram-se assim descuidosos,
mas eu conheço, eu bem sei...
mil beijos, que me rejeitam,
nem por tapete os aceitam,
pobre de mim que os sonhei!

E verás que dentro em pouco
nem sei da cabeça, louco
por elles... e seus desdens!...
Que tu tambem, coitaditos!
tens uns pés tão pequenitos
que por um triz que os não tens.

*

Esconde-me esses traidores,
esconde-m'os. Seductores!...
nem são pés, são um feitiço!...
Esconde-me esses ingratos,
nem as pontas dos sapatos
quero vêr-lhes, antes isso.

Que hei-de eu fazer, quando os vejo,
a tanto faminto beijo
que t'os quizera calçar?
que nem os peixes no rio
se juntam tantos a fio
na veia d'agua a brincar?

S'inda fosse a tua meia
d'estes peixes rêde cheia
quando a fosses a vestir,
e em cada malha embrulhado
ficasse bem emmalhado
ao menos um sem cahir!

Ou, ao menos, se as pedrinhas
onde os pões quando caminhas,
fossem todas beijos meus,
que, nem indo a pé descalço,
pozesses um pé em falso...
mas assim!... valha-me Deus!

Olha, a dizer-te a verdade,
eu acho que é crueldade
deixal-os ir pelo chão...
Se queres, poupa-lhes passos,
levo-te a ti n'um dos braços,
e elles ambos n'outra mão.

João de Deus

É sempre admiravel, excepto quando rima versos d'este feitio, como em uma estrophe da poesia *Dinheiro*:

> ... E a cegueira da *justiça*,
> Como elle a tira n'um ai!
> E sem pegar n'uma *pinça*;
> É só dizer-lhe: ahi vai...
> Operação *melindrosa*
> Que não é lá qualquer *coisa*...

Diria Molière:

> *Je soutiendrai, morbleu, que ces vers sont mauvais,*
> *Et qu'un homme est pendable après les avoir faits.*

Enforcado, não; mas admoestado pela critica devia têl-o sido o grande poeta, para que nas Flores

DO CAMPO, pag. 148, 2.ª *edição correcta,* não reapparecessem tamanhas incorrecções.

Houve um homem que lhe queria muito. José Cardoso Vieira de Castro, — aquelle meteoro que se exsolveu em lagrimas, e cobriu com o seu cadaver a nodoa que ellas pozeram na lama onde cahiram — dizia-me: «Se visses João de Deus, amava-l'o; se o ouvisses, adorava-l'o».

Conheci-o.

Elle tinha sahido da urna de um circulo do Algarve. Era deputado pelos processos ordinarios. Sahira do mesmo ventre que gerára o snr. José de Moraes — ventre da Carta, laxo, descahido, pilharengo, distendido pela abundancia dos partos. Visto das galerias, não me pareceu mais poeta que o snr. Arrobas. Estava sentado com as côxas horisontaes, o tronco perpendicular e as pernas verticaes, com os pés em baixo e a cabeça em cima: tal qual como o snr. Arrobas, como o snr. Thiers e como Washington. Tinha entre mãos um papel impresso, que lhe entregára um sujeito de calções, trajado como os criados nos dramas, que entram com uma salva de lata e dizem: «uma carta da senhora marqueza para o senhor conde». O papel que João de Deus lia, poderia ser a edição folio dos CHATIMENTS, se não fosse o DIARIO DAS CAMARAS — especie de bibliotheca economica do corpo legislativo e dos salchicheiros, a 250 reis a arroba. Figurou-se-me por momentos que á

volta e por cima da sua cabeça resplendia uma grinalda, ou aureola, ou turbante musulmano branco e côr de rosa. Miragem de myope. Era o semblante açafroado e a calva brunida e espelhenta como o aço de uma joalheira do Cid campeador, pertencentes a um corpulento abbade do Minho que estava sentado atraz do poeta, e alçava com impetos a cabeça, toda attenção e orelhas, para não perder alguma das perolas que o snr. Martens desprendia do labio uberrimo, atirando-as áquelle abbade particularmente.

Sahi pois de S. Bento sem vêr o João de Deus de Vieira de Castro.

D'ahi a dias apresentou-m'o no Passeio do Rocio o snr. Luciano Cordeiro — litterato bom e industrial sagaz, a quem se devem dous livros de sã e ruidosa critica que não melhoraram o espirito publico, e a implantação exotica dos americanos que deu movimento passivo á materia inerte dos lisboetas. Não me pareceu ainda então o poeta um homem extraordinario. Eu esperava que elle, alteando o peito e cruzando os braços, passeasse os olhos no azul e nas papoilas dos taboleiros; e assim, na attitude dos inspirados, me declamasse um improviso ácerca do Neptuno do lago, que parece estar procurando com o tridente no fundo da sua tina os miolos da camara municipal. No dia seguinte encontrei-o no Martinho. Disse-lhe que tratasse de collocar-se bem em quanto era deputado, repeti-lhe todas as trivialidades que se

expectoram contra a poesia considerada como substancia alimenticia, que eu puz abaixo da batata e um pouco acima dos tremoços. Depois, disse-lhe que eu tinha a tenia, e elle recommendou-me com grande vehemencia de gestos e convicções o uso das pevides de abobora-menina.

Passados annos, tornei a vêl-o na rua da Prata. Já não era deputado, nem tinha posição. Era poeta, poeta sómente, o primeiro d'esta geração, em que ha muitos segundos excellentes — a mais distincta vocação lyrica de Portugal, o herdeiro do melhor ouro de Bernardim Ribeiro e Camões, acendrado, defecado das ligas que lhe desprimoravam os antigos quilates. João de Deus não tem escóla. É ELLE, com uma individualidade tão caracteristica e sua, que ninguem ainda logrou imital-o, excepto Manoel Duarte de Almeida que por ventura se identificou pela admiração á indole de João de Deus. Para assomos de razão e raptos de alta philosophia o maximo poeta foi Claudio José Nunes; para os de coração é elle, o mestre de meninos que devia começar por onde acabou: primeiro, ensinar a lêr o paiz; depois, publicar os seus deliciosos poemas.

THEATRO DE LISBOA

Os versos não me dão bastantes meios
De me gozar das distracções que ha:
Por isso annuncios de theatro, leio-os,
Mas leio apenas, porque não vou lá.

Porém succede ás vezes que um amigo,
Que tem namoro ou que o deseja ter,
Não vai, diz elle, se não fôr commigo,
E eu vou com elle... para o entreter.

N'um d'esses casos raros... porque em summa
O meu forte não é o lupanar,
Fui com um d'elles assistir a uma
D'essas peças que ahi costumam dar,

Se o *Barba Azul,* não sei ; era notavel,
Mas não me lembra ; lembra-me que ao pé
Ficava uma familia respeitavel :
— Mãi, duas filhas, pai ou o quer que é.

Ellas, as tres, a qual mais elegante ;
Com tanta cousa, que eu não sou capaz
De deslindar aquillo, só por diante ;
E fóra o que levavam por detraz.

Elle, calvo, figura magestosa,
Ar de capitalista portuguez,
Com seus botões de pedra côr de rosa
Em punhos postos a primeira vez

Contemplava eu o quadro, arrependido
De me não ter achado com valor
De conquistar as honras de marido
E a gloria de ser pai, ou de o suppôr,

Quando vem uma das comediantes
E por esta engraçada exclamação :
« Se vossê é seu pai, já muito antes
Ella era minha filha... Saiba então! »

Elle começa a rir assim d'esguelha
Para a mulher que estava muito sonsa;
A mãi desata a rir para a mais velha
Que desatou a rir para a mais moça.

E eu... para todas tres; por achar graça,
Não só no dito, mas ainda mais
No chiste, na pilheria, na chalaça
D'aquellas filhas e d'aquelles paes!

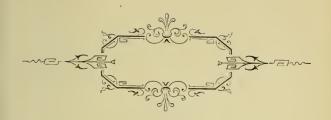
A Escriptura Sagrada
Lá diz que uma mulher má
Não ha fera, não ha nada
Peior no mundo: e não ha.

Uma lá da minha aldeia,
Que era muito impertinente,
Muito má (e muito feia),
Morre um dia de repente.
Morreu; desgraçadamente
Mais tarde do que devia;
Mas em summa toda a gente
Teve a maior alegria.

Passados annos (é boa!)
Foi-lhe preciso ao coveiro
Abrir a cova, e achou-a
Ainda de corpo inteiro,
Ainda rosas na face,
Ainda signaes de vida...
Milagre, cousa sabida.

Pois mais fresca que uma alface
Ha tanto tempo enterrada,
Devendo estar reduzida
A pó, terra, cinza e nada...

Vem dar parte; e corre vêl-a
O povo atraz do prior;
E passam logo a trazel-a
Em cima do seu andor
E a pôl-a n'uma capella
De grande veneração;
(Elles ás costas com ella,
E elle a cantar canto-chão);
Mas seja lá o que fôr,
O que é certo e mais que certo
É que santa como aquella
E nem de mais devoção,
Não ha por alli tão perto.

E dizem que não ha santos
Como nos tempos passados!
É cá opinião minha
Que muitos (quantos e quantos!)
Que ahi morrem desprezados,
Se não são canonisados
É que está cheia a *Folhinha.*

Diogo de Macedo

É um dos bons poetas que esmaltam o parlamento actual. São bastantes. Se se combinassem, poderiam dar o Diario das camaras em quintilhas, ou redigirem um lindo semanario intitulado A lyra de S. Bento, 10 reis, vale a pena. E outro sim illustrarem o periodico com veras effigies dos Isocrates em grupos, e charadas e estudos sobre a lingua para uso da casa. O snr. Macedo entra no parlamento com a fé robusta dos homens novos e com bom carcaz de adjectivos lancinantes. Se tiver occasião de os flammejar contra o snr. Arrobas, peço-lhe que o reduza a meias onças.

ILLUSÕES

Ella, que eu não julgo feia,
possue a pupilla azul
e dá sempre certa ideia
das filhas de Johu Bull.

Os bons pintores de França
coloriram-lhe o cabello...
Que trança de ouro! que trança
se os seios não fossem gelo!

Seduz quando se lhe vê
do collo a brancura, e emfim
tem de alvos lirios o pé
e a mão é como um jasmim.

*

Ninguem no mundo presuma
sonhar beldade maior:
nasceu n'um lençol d'espuma
depois de um sonho de amor.

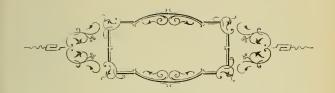
É pena ter, como a face,
o seio desfeito em neve:
por mais que á porta se passe
a sorrir jámais se atreve!

Esbanjei tempos immensos
no fervor de remiral-a
e, apesar dos meus incensos,
nunca chegamos á falla.

Por fim mais me aproximei
um dia pelo sol posto
e então com pasmo notei
que era pintura o seu rosto.

Fez-lhe o vestido a Férin
de um estofo um pouco espesso,
mas logo vi muito bem
uma boneca de gesso.

Uma boneca de sala,
inerte, desanimada,
sem luz, sem vida, sem falla,
uma boneca e mais nada!

Gil Vicente

Descobri o sitio onde elle nasceu em Guimarães. Já o disse ao paiz em uma novella, e ninguem fez caso d'isso. El-rei não me deu o habito de S. Thiago, que eu tinha d'olho. Tambem eu desisti, por vingança, de fazer saber a el-rei e ao paiz onde nasceu Manoel Mendes Enxundia.

Dos peitos nobres a vingança é esta.

Era filho de Martim Vicente, ourives, e neto de Fernão Vicente, sapateiro, morador no Casal da Lage, freguezia de Santo Estevão de Urgezes, nos arrabaldes da antiga Guimarães. Gil Vicente é o creador da grande e gordurosa chalaça lusitana em dialogo,

e o revelador da linguagem usada na côrte de D. Manoel, e nas alcovas das rainhas quando ellas davam á luz os seus infantes ou festejavam o natalicio do Menino Jesus. Como só temos impresso o vocabulario d'esse seculo nas obras de Gil Vicente, e nos falta a chronica dos costumes da vida intima, não sabemos se o comportamento das familias era candido como os seus dizeres. As rainhas riam muito quando assistiam ao parto d'uma personagem em scena, ajudado pelas pitorescas reflexões da parteira que, em presença de suas altezas, fazia o mesmo que fez o philosopho Alcidamas, com o mais cynico desvergonhamento, no banquete do grego Luciano. Com tal baptismo, raiou a arte scenica em Portugal, e não ha confrontal-a com os *Mysterios* francezes e italianos, com os *Milagres* em Inglaterra, e com as comedias de Nabarro, impressas em Napoles em 1517.

Gil Vicente sahiu da idade média com toda a sua originalidade estreme e crua.

Precederam-no em Hespanha as Eclogas de Juan de Encina, cousas insulsas que não tem vislumbre das facecias nativas do author da Ravena e dos Autos da barca. A sua originalidade era de tal quilate que não houve poeta christão que atacasse os frades com tamanhas pulhas. Foi por isso que o hereje Desiderio Erasmo estudou a lingua portugueza para o entender.

Gil Vicente não se lê fóra de um circulo estreito

de curiosos e letrados. O archaismo e a indecencia afastam-no de praticar com senhoras mais melindrosas que as damas da rainha D. Leonor, e com pessoas menos lidas na velha linguagem. Nós temos sómente dos seculos XVI e XVII dous gigantes—um que roça com a fronte a maxima elevação da originalidade: é Gil Vicente. O outro, Camões, imitou muito; mas coloriu com tanto amor e tanto engenho, e matizes tão portuguezes que o somenos merito dos LUSIADAS é a urdidura trivial. Gil Vicente, se fosse tão lido em Virgilio, Plauto e Terencio como Luiz de Camões, teria escripto a EUFROSINA e a AULEGRAPHIA — semsaborias classicas de Jorge Ferreira de Vasconcellos.

AUTO DA BARCA DO INFERNO

Entra um frade com uma moça pela mão, e vem dançando, fazendo a baixa com a bocca, e acabando, diz o

Diabo. Que é isso, padre? que vai lá?
Frade. *Deo gratias!* São Cortezão.
Diabo. Sabeis tambem o tordião?
Frade. É mal que me esquecerá.
Diabo. Essa dama ha de entrar cá?
Frade. Não sei onde embarcarei.
Diabo. Ella é vossa?
Frade. Não sei;
Por minha a trago eu cá.
Diabo. E não vos punham lá grosa,
N'esse convento sagrado?
Frade. Assi fui bem açoutado.
Diabo. Que coisa tão preciosa!
Entrai, padre reverendo.
Frade. Para onde levaes gente?
Diabo. Para aquelle fogo ardente,
Que não temeste vivendo.

Frade. Juro a Deus que não t'entendo:
E este habito não val?
Diabo. Gentil padre mundanal,
A Berzebu vos commendo.
Frade. Corpo de Deus consagrado!
Pela fé de Jesus Christo,
Qu'eu não posso entender isto:
Eu hei de ser condemnado?
Um padre tão namorado,
E tanto dado á virtude!
Assi Deus me dê saude,
Que estou maravilhado.
Diabo. Não façamos mais detença;
Embarcai, e partiremos;
Tomareis um par de remos.
Frade. Não ficou isso n'avença.
Diabo. Pois dada está já a sentença.
Frade. Pardeos, essa seria ella!
Não vai em tal caravella
Minha senhora Florença.
Como! por ser namorado,
E folgar c'hũa mulher,
Se ha de um frade de perder,
Com tanto psalmo rezado?
Diabo. Ora estás bem aviado.
Frade. Mas estás bem corregido.
Diabo. Devoto padre e marido,
Haveis de ser cá pingado.
Frade. Mantenha Deus esta c'rôa!
Diabo. Ó padre frei Capacete!
Cuidei que tinheis barrete.
Frade. Sabei que fui da pessoa.
Esta espada é rolôa,

E este broquel rolão.
Diabo. Dê vossa reverencia lição
D'esgrima que é coisa boa.
Frade. Que me praz, dêmos caçada. (*Esgrime*).

Vem uma alcoviteira, por nome Brizida Vaz, e chegando á barca do inferno, diz

Brizida. Ó da barca, ólá!
Diabo. Quem me chama?
Brizida. Brizida Vaz.
Diabo. Eia, aguarda-me, rapaz:
Porque nào vem ella já?
Comp. Diz que não ha de vir cá,
Sem Joanna de Valdeis.
Diabo. Entrai vós e remareis.
Brizida. Não quero eu entrar lá.
Diabo. Que saboroso arrecear!
Brizida. Não é essa barca a que eu cato.
Diabo. E trazeis vós muito fato?
Brizida. O que me convem levar.
Diabo. Qu'é o que haveis de embarcar?
Brizida. Seiscentos v..... postiços,
E tres arcas de feitiços,
Que não podem mais levar.
Tres almarios de mentir,
E cinco cofres d'enleios,
E alguns furtos alheios,
Assi em joias de vestir,
Guarda-roupa d'encobrir:
Emfim casa movediça,
Um estrado de cortiça,
Com dez cochins d'embair,

A mór cárrega que é,
Essas moças que vendia;
D'aquesta mercadoria
Trago eu muita á bofé.

Diabo. Ora ponde aqui o pé.
Brizida. Ui! eu vou p'r'o Paraiso.
Diabo. E quem te disse a ti isso?
Brizida. Lá hei de ir d'esta maré.
Eu sou uma mártel tal,
Açoutes tenho eu levados,
E tormentos supportados,
Que ninguem me foi igual.
S'eu fosse ao fogo infernal,
Lá iria todo o mundo.
A est'outra barca cá em fundo
Me vou, que é mais real.

Chegando á barca da gloria, diz ao anjo:

Barqueiro, mano, meus olhos,
Prancha a Brizida Vaz.
Anjo. Eu não sei quem te cá traz.
Brizida. Peço-vol-o de giolhos,
Cuidaes, que trago piolhos,
Anjo de Deus, minha rosa!
Eu sou Brizida, a preciosa,
Que dava as moças ós mólhos;
E que criava as meninas
Para os conegos da Sé,
Passai-me por vossa fé,
Meu amor, minhas boninas,
Olhos de perlinhas finas:
Que eu sou apostolada,

Angelada, e martelada,
E fiz obras mui divinas.
Santa Ursula não converteu
Tantas cachopas como eu;
Todas salvas pelo meu,
Que nenhuma se perdeu:
E prouve aquelle do céo
Que todas acharam dono.
Cuidaes que dormia eu somno?
Nem ponta; e não se perdeu.

Anjo. Ora vai lá embarcar,
Não m'estejas importunando.

Brizida. Pois estou-vos allegando
O porque me haveis de levar.

Anjo. Não cures de importunar,
Que não pódes ir aqui.

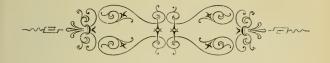
Brizida. E que má hora eu servi,
Pois não me ha de aproveitar!
Ou barqueiro de má hora,
Ponde a prancha, que eis me vou;
E tal fada me fadou,
Que pareço mal cá fóra.

Diabo. Ora entrai, minha senhora,
E sereis bem recebida,
Se vivestes santa vida,
Vós o sentireis agora.

CANTIGA

A UMA SENHORA MARIA QUARESMA

Uns esperam a quaresma
para se n'ella salvar;
eu perdi-me n'ella mesma
para nunca me cobrar.

Mas com esta perda tal
eu me hei por mui bem ganhado,
porque o melhor de meu mal
está todo no cuidado.
Os que cuidam que a quaresma
não é para condemnar,
se a virem ella mesma,
mal se poderão salvar.

THOMAZ RIBEIRO

QUANDO eu era pequeno, havia dous principes da lyra, cada qual com seus vassallos: eram Garrett e Castilho. Garrett imperava na côrte; Castilho nas provincias. A NOITE DO CASTELLO e OS CIUMES DO BARDO recitavam-se de cór em qualquer aldeia onde houvesse morgada ou abbade com ciumes de morgado. CATÃO e D. BRANCA eram livros escassamente conhecidos nas terras altas. Depois, estes principes passaram á classe de professores aposentados, quando surgiram outros dous principes: João de Lemos e Mendes Leal. Este ganhou fama com as chácaras dos seus dramas romanticos. As morgadas cantavam o

Nobre donzel, Dom Guterres,
Dom Guterres, o infanção
Por gentil donosa moira, etc..

*

com soluços e desmaios. De João de Lemos sabia-se *A lua de Londres,* nos arraiaes realistas e fóra. Palmeirim esteve a ponto de desthronar os dous principes com o seu *Camões.* Uma poesia quente de enthusiasmo nacional era bastante para erigir um monarcha do genio a quem se dava, por lista civil, um exemplar do periodico em que sahira a poesia.

Palmeirim gastou-se no Chiado, Mendes Leal nas tremendas batalhas de Suajo, e João de Lemos na inercia de um cavalleiroso espirito posto como lampada sepulchral no velho jazigo dos reis.

Outro principe de curto reinado: Soares de Passos que escreveu o *Firmamento* e o *Noivado do sepulchro,* poesias a que a morte deu exagerada grandeza como a das sombras que se estiram do cyprestal por sobre as campas banhadas de luar.

Appareceu em seguida um principe de mais pujança: Thomaz Ribeiro. D. JAYME teve um exito de prodigio; agitou as cabeças somnolentas de milhares de leitores. Espertou o gosto entorpecido dos versos e os brios do patriotismo. Fez tempestades no mar morto da litteratura. «Aqui d'el-rei que elle não é melhor que o Camões, e o D. JAYME não póde medir-se com os LUSIADAS como quer o Castilho!» Ainda elles, os cyclopes de um só olho critico forjavam calumnias e sandices, e já Thomaz Ribeiro descia do solio, com a mão no nariz, por lhe dizerem o nome e as manhas d'outro principe que chegava. Era Joaquim

Theophilo Fernandes, com a VISÃO DOS TEMPOS. Os localistas da capital — gente que viajava escoteira nas regiões das letras — acclamaram-no; e elle, acabado o seu reinado carnavalesco, despiu o manto de principe, e foi leval-o ao adelo que o alugou a Guerra Junqueiro, principe reinante que actualmente vige e viça. Quanto a João de Deus, outro principe, esse é um regente occasional que assume as bridas, quando os outros principes curveteiam desenfreados e se escouceiam a vêr qual é mais immortal.

O certo é que todos vão passando, e D. JAYME ficou de boas avenças com D. Vasco da Gama. Pelas idades fóra, se ainda houver portuguezes, o poema de Thomaz Ribeiro será um grito de alarma; se os não houver, será uma saudade para os netos dos que ainda conheceram patria.

Thomaz Ribeiro, ministro da marinha, se isto te commove, faze-me almirante de uma das nossas armadas que fazem espumar o oceano.

FAÇO IDEIA

(N'UM ALBUM)

— « A proprietaria do livro
que te aqui deixo, Thomaz,
é minha amiga; e verás
que não tem nada de feia. » —
— « Faço ideia. » —

— « É Beatriz! »
— « O nome é lindo! » —
— « E o corpo? airoso e gentil!...
e aquelle nobre perfil!...
e a fronte que o orgulho alteia!... » —
— « Faço ideia! » —

— « E vai fugir-nos, poeta!...
cançada já de festins,
troca os salões por jardins,
a capital pela aldeia!... » —
— « Faço ideia. » —

— « Não fazes idéa! enganas-te!
não póde haver fantasia
que sonhe inteira a magia
de que Beatriz se rodeia! » —
— « Faço ideia! » —

— « Ai fazes?!... pois n'esse caso
descreve-a assim — tal e qual. » —
— « Mas... sem vêr o original? !... » —
— « Amigo, não se arreceia
quem faz ideia! » —

O meu amigo, senhora,
que a verdade não falseia,
fez assim vosso elogio,
e eu fiquei... fazendo ideia!

Xavier da Cunha

Este poeta das margens do Vouga entra no templo de Apollo pelo cano de esgoto. Vivia sujamente: não tem outro merecimento além da basofia e alardo da sua sordidez. No seculo passado o poeta de officio acanalhava-se, fazendo gala de pelintra. Era condição obrigatoria para grangear a irrisoria alcunha de poeta exhibir os cotovêlos coçados da casaca, as melenas hirsutas a esvurmar caspa, os dentes lurados e os gestos idiotas da allucinação exta-

tica. Assim devia ser este Xavier da Cunha que fez em um soneto a

DESCRIPÇÃO DO QUARTO DO AUTHOR

PEDIDA POR UMA SENHORA

De escarros a parede matizada,
Sobre a mesa bastante papel velho,
N'outra parte sem aço antigo espelho,
E um tinteiro, que só vê tinta aguada;

Do tecto immensa têa pendurada,
Duas cadeiras já sem apparelho,
Immundicie que dá pelo joelho,
E a pequena janella esburacada;

Quatro livros francezes emprestados,
E um estreito lençol de côr mui preta
Aonde enrosco os membros descarnados;

De mordedoras pulgas tropa infecta,
Persovejos crueis, ratos malvados:
Aqui tendes o quarto de um poeta [1].

[1] POESIAS de *Antonio José Xavier da Cunha.* Porto, 1796. 8.º

Braz Luiz d'Abreu

É o protogonista de um romance ordinario intitulado Olho de vidro. Para se informarem da vida tempestuosa d'este medico d'Aveiro não lhes inculco o romance; antes lhes aconselho que leiam o Portugal medico do infeliz doutor, que, ao sol poente da idade, vestiu o burel de frade penitenciando-se por ter casado, por equivoco, com uma irmã. Entre excellentes receitas, deparam-se ao leitor do Portugal medico poesias mais saudaveis que as drogas. A historia das quadras feitas a uma D. Claudia Pellada vem referida na novella.

A UMA PELLADA

Mulher, n'esse teu desgarro,
Um Nabuco ás vezes és;
Porque, tendo d'ouro os pés,
Tens a cabeça de barro.

Se alguma pedra travêssa
Te quizesse derrubar
Era preciso acertar
Mais que nos pés na cabeça.

Porque, se pelo mais fraco
Estala a corda mais grossa,
Quem quizer que estales, *moça,*
Ha de cascar-te no caco.

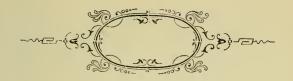
Mais flammantes do que um ouro,
Mais lisa do que uma ostra,
A cabeça a coura mostra,
Os pés vão mostrando o couro.

Dize-me com que destino,
Mesclas n'essa estatua vã
Entre affectos de christã
Heresias de *Calvino?*

Sem monho, e com cara alva
Sahes a toda a occasião ;
E vejo que tens razão,
Porque a occasião é calva.

Sendo mal encabellada,
Para que andas, dize, á pella,
Se ninguem por ti se pella
Por mais que venhas pellada ?

Vai-te, e pede a Deus, ó louca,
Que te dê, com toda a pressa,
Cabellos para a cabeça
Em vez de pão para a bocca.

Ao padre-nosso á porfia
Pede que te escabellise;
E em vez de *pão nosso,* dize:
Cabellos de cada dia.

Dr. Caetano Filgueiras

Reli agora os Idyllios d'este brazileiro e achei ainda perfumadas, com os seus orvalhos da aurora, as flôres da bucolica *Epistola* a Machado d'Assis. Ha seis annos que a li. Nem uma pétala descolorida, nem corolla murcha pelo hybernar e queimar de seis annos que tantas illusões esfumam e varrem nas perspectivas da litteratura. É como a solida belleza das mulheres de sangue rico, noites bem dormidas, madrugadas alegres, e dias aligeirados na suavidade dos lavores domesticos. N'esta paizagem verdecem os antigos esmaltes virgilianos sempre modernos. É o pintar d'Apelles — pintar para sempre —, tirar á natureza o seu immutavel retrato, e pendurar o quadro na perpetua galeria dos seus grandes ami-

gos desde Theocrito até Delille. O dr. Filgueiras não enfructeceu quanto podia. Abriu a porta do templo, deu o primeiro passo no umbral difficil, e ficou. O Brazil é assim. Morrem novos os poetas, ou envelhecem na força da vida, ao passo que nos climas brandos, de década em década, ha um remoçar de espirito que faz estuar o cerebro debaixo dos cabellos brancos. O author, no remate d'este volume, promettia publicar mais quatro. Onde estão?

Peço venia para refazer parte da orthographia do poeta. Ella é engenhosa, mas extraordinaria. O dr. Filgueiras escreve *agora* d'este feitio: *haghora.* Esta profusão de *hh* confunde outros orthographos que dizem que o *h* não é letra. Por estas e outras incongruidades, é que Edgar Poë fazia ardentes votos pela abolição da pena de morte e da orthographia.

CANÇÃO DO MARINHEIRO

Ai menina!... Tu não sabes
quanto é bom ser marinheiro!
Ficar com o rosto trigueiro
por aventuras no mar!
Trazer, por dentro lavado
o peito que o sol nos pinta!
Tinir dinheiro na cinta
sem saber em que o gastar!...

Mar, espuma, céos e nuvens,
sargaço, peixes, gaivotas...
eis-aqui os agiotas
que cercam nosso balcão!
Já vês, portanto, — fragata,
por falta de compradores
nem mesmo os nossos amores
nos sahem do coração!

Mas isso foi até quando
virei no bordo de terra
e te avistei!... Disse: Ferra!
Mas era tarde... Bati!
Ao choque na pedra dura
saltou-me do leme a cana...
Perdi logo a tramontana;
o casco... só não perdi!

Mas esse, sobre o teu banco
— de pôpa á prôa — galgado,
sem ferro, desarvorado,
nem signaes póde fazer!
Só tu mesma amollecendo
a rocha de que és formada,
pódes safar a rascada
aonde eu me fui metter!

Tem pena de mim, sereia!
Já que não posso em teu porto
achar o mesmo conforto
que outr'ora no mar achei...
A nado põe o meu barco,
que logo e logo outro rumo
só de guindola e sem prumo,
te juro, demandarei!

E depois se á noite, ao quarto,
na vida parafusando,
em cada onda boiando,
em cada estrella eu te vir...
e julgar, n'essa doidice,
que os tufões são mexericos
contra os nossos amoricos,
dos quaes me fazem fugir,

que te importa? talvez róle
pelo rosto magro e sujo
do malfadado marujo
o pranto — a primeira vez!...
Mas a bordo todos dormem...
Ninguem viu. Volto a ampulheta.
Meu navio vai na alheta...
Para elle é que Deus me fez!

N'elle nasci. N'elle tenho
minha casa e meu futuro.
Se os outros não acham furo
na vida que em terra tem...
eu cá... da maca e do soldo,
e do rancho dos gageiros,
nem mesmo os duros pampeiros,
— Por Deus!... — arrancar-me vem!

Anonymo

É desconhecido o author d'*Um jantar de barões,* impresso no Porto ha vinte e cinco annos. Intitula-se o poeta «juiz das almas de Campanhã, e socio da Assembléa Portuense com exercicio no *Palheiro*». A obra realmente tem cheiro e côr local da Assembléa Portuense. O *palheiro,* como fonte caballina a sêcco, tambem não desmente a procedencia do poema. Que o author fosse simultaneamente juiz das almas, não creio. A Assembléa não podia exercer judicatura sobre objectos que não possuia. N'aquelle tempo, as almas que existiam no Porto, estavam fóra de portas — em Campanhã. O titulo é uma usurpação pretenciosa.

Como quer que fosse, esta satyra brutal desfechada ao peito magnanimo de um barão, feriu no esto-

mago varios amigos meus. O fidalgo affrontado mandou fechar a capoeira á maledicencia, e trasfegou em si proprio uma garrafeira coeva do marquez de Pombal. Eu tambem padeci na minha vaidade de orador de brindes, porque me attribuiram entre outros aleives as inepcias do litterato das

fantasiosas luzes,

que saúda

o barão dos Alcatruzes.

Desde essa época, em jantares, o meu labio silente e amordaçado pela calumnia nunca mais se abriu em girasoes de rhetorica.

UM JANTAR DE BARÕES

INVOCAÇÃO

Musa da sôpa e do cozido, inspira-me!
Pandega musa, que sorris ao vate
Em môlho de açafrão, e de tomate,
Um cego adorador... achaste em mim:
Transforma o estro meu em lombo assado,
Da minha inspiração faze um podim.

Tu, filha dos barões, musa do unto,
Nasceste na cozinha entre caçôlas;
Saudaram-te no berço alhos, cebôlas,
Do cominho tiveste uma ovação;
Depois, trajando galas de toucinho,
Eu vi-te nas bochechas d'um barão.

Namorado de ti, fiz-te meiguices
Por detraz de um perú, e tu de lá
Sorriste-me através da nedia pá
De vitella gentil, rica de arroz!
Ai! era!... e nem eu sei se foi mais linda
Aquella gorda pata... que te poz!

Tu fizeste de mim um novo Claudio,
Inspiraste-me a fé no rodovalho.
Traguei indigestões, arrotos d'alho,
Bernardas na barriga supportei.
Tomei chá de macella... e, em premio d'isto,
O teu auxilio, ó musa, não terei?!

I

Dentro e fóra illuminado
O palacio d'um barão,
Fulgurante representa
Um enorme lampeão.
Jorram limpidas vidraças
Sobre as populosas praças
Ondas tremulas de luzes.
Vai lá dentro grande gozo,
N'esse alcaçar radioso
Do barão dos Alcatruzes.

D'Alcatruzes é chamado,
Porque, sendo ainda moço,
Muitos baldes d'agua fresca
Dizem que tirou d'um poço.
Nenhum outro mais destreza
Revelou na ardua empresa
De puxar acima um balde.
Um que seja tão robusto
Ha de vir mui tarde e a custo
Do concelho de Ramalde.

É barão; não vale a pena
Discutir-lhe os nobres feitos;
É barão dos Alcatruzes,
Já tem pagos os direitos.
Inda é mais; pois além d'isto
É commendador de Christo
Com bastante indiscrição.
Mal diria Christo, outr'ora,
Que seria posto agora
No peito d'um vendilhão!

E mais elle, que os tocava
Com terrivel azorrague!...
Mas os Judas vendem Christo,
Ponto é haver quem pague.
E o barão dos Alcatruzes
N'este seculo das luzes
Tambem fez de phariseu.
E, tambem, se é necessario,
Representa de Calvario
Onde a cruz se suspendeu.

II

N'um salão vasto, opulento
Um banquete se vai dar;
Nos crystaes reflecte o ouro,
A fulgir, a scintillar.
Os rubis, e a côr da opala
Transfiguram esta sala
Em olympicas mansões.
Mas a alma cahe por terra,
Quando vê que alli se encerra
Duzia e meia de barões.

Da terrina a caudal sôpa
Em silencio é devorada.
Só então fingiram d'homens,
Porque não disseram nada.
Mas venceu a natureza!
Um barão por sobre a mesa
Estendendo o prato, diz:
«Ó compadre! isto é qu'é bô!
«Venha sôpa, e acabô!
«Cá de mim, torno á matriz!»

O barão de Cogumellos,
Junto estando á baroneza

Que se diz dos Sacatrapos,
Quiz fazer-lhe uma fineza.
Arrastou p'ra junto d'ella
Um perú, e a cabidella
No prato lhe despejou.
E lhe diz: «Cá isto é nosso;
«Coisa que não tenha osso
«É p'r'o estamago, e arrimou!»

Outro diz á gorda esposa
Que bem perto de si tem:
« Bai-le bebendo po'riba,
«Ó mulher, come-le bem!»
Este pede ao seu visinho
« Que lh'atice bem no binho
«Qu'é da belha Companhia».
Diz aquelle ao seu fronteiro
«Que lhe chegue um frango inteiro,
«E biba a santa alegria!»

III

As saudes já começam.
É um gosto agora vêl-os.
Estas caras representam
Tomates de cotovêlos.
E, através do escarlate

Do legitimo tomate,
Transsuda um oleo que brilha.
Cada qual tem as orelhas
Encarniçadas, vermelhas
Como as azas d'uma bilha.

Péga no copo e exclama
O barão das Pimpinellas:
« Vitó serio! um home falla
« Sem preambulos nem aquellas!
« Á saude e alegria
« D'esta bella companhia
« E com toda a estifação!
« P'ra que todos cá binhámos
« Estifeitos como bamos
« De casa do sôr barão!»

E os hurras retumbaram
Pela sala do festim;
Balthazar nos seus banquetes
Nunca ouviu gritar assim!
Sobre a mesa deram murros,
Saudaram com grandes urros
O barão dos Alcatruzes;
Mas alguns, com mágoa sua,
Já cuidavam vêr a lua,
Não podendo vêr as luzes.

Mas, entre elles, um existe,
Litterato em seu conceito,
A palavra pede, e reina
Um silencio de respeito.

Elle diz: «Risonhas galas
«Que refrangem n'estas salas
«Repercutem, symbolisam
«Acrimónias insoluveis,
«Nos acrósticos voluveis
«D'epopeias que eternisam.

«Pandemonios exhauriveis
«D'indeleveis congruencias,
«Requintados se escurecem
«Nos emporios das sciencias
«E liberrimos se escudam
«Nas façanhas que transsudam
«Em fantasiosas luzes.
«E, por tanto, a mais alludo,
«Quando, férvido, saudo
«O barão dos Alcatruzes!»

Succedeu o grito ao pasmo!
Nunca se viu coisa assim!
O orador foi abraçado
Com furor, com frenesim!
«Isto é qu'é!» dizia um,
Convertido em rubro atum,
Beterraba até não mais.
«Viva Cic'ro!» outro dizia,
Despejando a malvazia
Com grasnidos infernaes.

IV

E a pandega findou. Mas alta noite,
Disseram-nos fieis informações
Que grande movimento houve de tripas,
E grande salto deram as torneiras
Das pipas convertidas em barões
Ou, antes, dos barões tornados pipas.

GIRÃO

(ANTONIO LUIZ FERREIRA)

Era elle segundo sargento e alumno de sciencias militares quando nos encontrámos, em 1844, glosando motes em um abbadessado no Porto. Elle e eu puzeramos as nossas melhores decimas á disposição intelligente das criadas do mosteiro, ás quaes os nossos emulos em Apollo, com aristocratico desdem, chamavam « tachos ». Estas criadas entendiam-se comnosco sobre assumptos metricos, n'um bêco para onde talvez davam as grades da cozinha. Emquanto as velhas filhas de Santa Clara gosmavam motes heroicos para sonetos a Xavier Pacheco, a Nogueira Gandra e a Ferreira Rangel, Girão e eu, no quinchoso

escuro e pedregoso, recebiamos colcheias cantadas em vozes frescas, e com os motes uns vinhos velhos, e os conhecidos pasteis da Santa. Verdade é, que nós tambem, nas nossas glosas, não revelavamos idéa que não fosse um amor honesto acompanhado do peditorio de vinho e pasteis. E ellas, liberalisando á sêde e á gula o que não podiam satisfazer á ternura, delapidavam a garrafeira das amas, descendo em cestinhos as musas liquidas que nós lhes devolviamos crystallisadas em redondilhas, vazias de conceito como as garrafas.

Foi Antonio Girão o rapaz mais engraçado do seu tempo; e já quando envelhecia, os juvenis semsaborões da geração nova macaqueavam-lhe os gestos para armarem ao riso, se contavam alguma safada anecdota. Houve tempo em que os socios do Club Portuense fallavam quasi todos com os tregeitos de Girão. Eram detestaveis até provocarem na gente o carniceiro appetite de os apunhalar.

A graça de Girão não era a das anecdotas: era a sua. Quando engatilhava os beiços para disparar o chiste, já o auditorio, para se rir, o dispensava de rematar o conto.

Evaristo Basto, primeiro folhetinista do seu tempo, Girão, o actual visconde de Benalcanfôr e eu tinhamos dias assignalados, ha 24 annos, de jantar no Reimão, na taberna de um maneta que levou d'este mundo o segredo da boa pescada com cebôlas.

Eram uns jantares que eu chamaria girandolas de espirito, se não fossem tambem de linguados fritos. Se, quando, depois, os quatro entravamos no Café-Guichard, entrasse Garrett comnosco, elle, conforme á sua theoria de ajuizar das terras pelos botiquins, diria: «Estou em Paris». Até dos brazileiros gordos extrahiamos ditos finos, como se de mexilhões se podessem tirar perolas.

Esta vida assim não podia durar. Girão tinha grande aptidão scientifica, ambições grandes de saber e de nenhuns bens da fortuna. Foi deputado e professor. Estudou muito e de afogadilho, com justificado aproveitamento. Afadigou-se para recuperar os desperdicios dos annos academicos, vividos na descuidada alegria d'aquella intelligente e doida Coimbra de Ricardo Guimarães, de Santos Silva, de Carlos Ramires Coutinho e Silva Gayo. Era ainda assim estudante notavel, fazia as maravilhas do talento; mas parecia tratar as sciencias naturaes como os fidalgos da sua raça, doutores em agricultura que tem d'olho os progressos da terra pela beterraba, e pedem conselho aos seus caseiros para plantarem couves lombardas. Escreveu livros de sciencia, folhetos humoristas, poemetos sãos da graça antiga remoçada nas parvolezas contemporaneas.

Eu raras vezes o vi no lapso de doze annos; quando, porém, nos encontravamos, diziamos palavras tristes. Era a saudade: tinhamos vivido.

Eu soube um dia que Antonio Girão chegára enfermo a uma hospedaria perto d'esta aldeia. Fui vêl-o. A minha presença affligiu-o.

—Estou moribundo—disse elle.

Offereceu-me gelo com que refrigerava os beiços carbonisados. Disse-me com a voz já presa que se estava vendo e sentindo morrer; que assistia á dissolução da vida como se visse em si uma retorta n'um laboratorio. E concluiu:

—Tomára eu isto acabado.

Expirou no dia seguinte, 2 d'agosto de 1876, na hospedaria de Villa Nova de Famalicão.

Dizem-me que até ao fim discutira com o medico, com o amigo extremoso que lhe assistira, com o irmão que o adorava, e comsigo mesmo os transes angustiosos que se deram n'aquella horrente batalha entre a vida e a destruição. Teve o trespasse d'um justo e d'um sabio. Como epilogo amargo de trinta annos de incansavel estudo, nos seus tres ultimos dias observava o processo da morte, e rejeitava esperanças e lastimas banaes.

VIVA O PROGRESSO!

Quando nas noites de crueis insomnias,
Papoilas colho pela nossa historia
Nos feitos nunca feitos dos antigos,
Patetas taes lamento. — De que serve
O puro amor da patria não movido
Por luzente metal, mas alto, e gratis?
Que lucraram Cabraes, e os Albuquerques,
Em Diu os Castros, no Oriente os Gamas
Senão morrer de fome, e andar ás moscas?
 Felizmente vai longe o tempo estulto
De ideias carunchosas d'honra e brio,
Que faziam girar estes e outros
Por solidões de nunca vistos mundos.
E houve quem louvasse estas carreiras,
Quem cantasse os heroes, e os descrevesse?
E ha, oh! caso raro! inda hoje em dia
Quem Andrades e Barros saboreie?
Eu por mim quando os leio o somno é certo.

De que livra saber que o sol nascendo
No berço viu as lusitanas quinas;
Ou que iroso Neptuno escoucinhando
No mar se divertiu co'os Palinuros?
Sempre nossos avós eram bem asnos
Em achar graça a ninharias d'estas!
Que delirio fatal deu causa a tanto?
Que modo de julgar o mundo e homens
Tão outros do que são como hoje os vêmos
Á luz etherea do immortal progresso!
O tal Gama que fez (haja franqueza)
P'ra ser cantado por Camões, o torto,
N'um poema sem fim de insulsas trovas?
Fez elle por ventura á patria amada
Presente d'algum gaz de novo invento?
Roubou por lá dinheiro aos hottentotes?
Vendeu porção de terra aos estrangeiros
P'ra melhor se arranjar quando voltasse?
Mas nada!... qual historia!... o caso é outro,
Fez... modernos barões, morrei de riso,
Fez conhecido o lusitano nome!
Em vez de tanta gloria, o barbas-d'alho
Dentuças d'elephante antes trouxesse,
Que servem p'ra marfim, pimenta, e cravo,
Como fazem por ahi nos nossos dias.
Estes, sim, são heroes, pintos arranjam
Por finos estampados papelinhos,
Ou innocentes traficando em negros [1].

---

[1] Verso alheio.

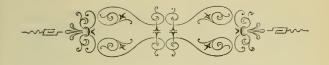
A honra, a probidade, a fama, a gloria
E que taes palavrões é fumo, é nada.
Quem troca por loureiros pão d'Avintes,
Ou tostados biscoitos? — E 'inda ha parvos
Prégando sabichões que ter virtudes
É melhor capital do que ter *loiras!*
Viu-se sandice igual?! — O rumo é outro,
É pé-leve, mão pilha, e ser maroto,
Que esperto quer dizer, pois são synonymos,
Na do progresso singular linguagem.
Que tempo tão feliz — que seculo d'oiro!

Salvè, progresso tutelar e amigo,
Que o fel adoças, que os espinhos cortas
Do val que foi de pranto, e hoje é de rosas!

Nem tu, sexo gentil, ficaste isento
D'esta moda seguir. — (Pasmai, vindouros,
Do lume vivo das modernas luzes!)
As Marilias crueis tem vindo ao rego
A honra desprezando, inutil freio
Não posto ás más paixões, posto á fortuna.
Isto, sim, que é pensar, ah! que innocencia,
Que formosura ingenua e recatada
Ganhou por isso a vida! Ávante, bellas!
Que o viver é gozar, e os fins são tudo.
Theatros, o vestido, o baile, e a festa,
Dinheiro custam, não se dão de graça.
Amor, essa paixão que aos proprios deuses
Faria tresloucar, e andar em braza,
Está posta em leilão, a lanço em praça.

Oh tempos! oh costumes semi-barbaros
Em que amar era andar atraz das moças
A chorar, a gruuhir e a fazer versos!
Ou ir de ponto em branco, mata-moiros,
Deixar-se esquartejar por dama ingrata!
As nossas vestaes hoje, em vendo as *c'rôas,*
Rendido o coração, dão corpo e alma.
Os tolos Quixotões desconheceram
Que a mulher é mulher; e o oiro é tudo.
Mas isto é pouco ainda, 'inda devemos
Mais ao progresso que eu adoro, e sigo.
Era d'antes mulher traste de luxo
Sem valer um ceitil, cinco reis cegos;
Hoje ha pai que põe preço á propria filha,
Marido que hypotheca a linda esposa,
E quem por um cavallo ou por dez libras
A ditoso rival a amada entregue.
Que moda tão feliz, se o preço abaixa!

Progresso, salvè, tutelar e amigo,
Que o fel adoças, que os espinhos cortas
Do val que foi de pranto, e hoje é de rosas!

Gonçalves Crespo

Chamam-lhe uns atheniense, outros brazileiro: eu quero que elle seja portuguez, porque levo o amor da minha patria até ao latrocinio d'um poeta que me diz pouco do sabiá no raminho da jatubá, e da araponga na copa do jaquitibá, e das phalenas a esvoaçarem-se nos anda-assús, e do macaco a gemer nas franças do ipé, nem me falla do jurubá, nem das flôres do manacá a perfumarem as brizas dos cafezaes, nem do inhambú a estorcer-se nas unhas do papagaio. É portuguez como Garrett, francez como Gautier, americano sentimental como Longfelloy, e *humorist* como Godfrey Saxe, e hespanhol como Campoamor. É de todos os paizes que tem poetas com intercadencias de tristezas, risos, energias satanicas e angelicas maviosidades; mas, na linguagem, é portu-

guez sem joio; poliu os diamantes brutos dos classicos, encravou-os em adereços de feitios novos, e traz assim tão de festa e tão casquilha a sua musa que, se acontece de lhe despeitorar o corpete, cobre-lhe os seios de joias.

Elle está no parlamento. No fim da legislatura, Gonçalves Crespo — explorador de glotticas — se não me engano, sahirá Casti. Que os deuses o preservem para gaudio dos polyglottas, e reinação da Casa Havaneza.

UM NUMERO DO INTERMEZZO

Ria tomando chá entôrno á mesa
Da sociedade a flôr;
E no campo de estheticas oppostas
Discutia-se o amor.

«O amor deve ser ethereo e puro»,
O conselheiro diz:
Sorrindo a conselheira um ai! abafa
Com gestos de infeliz.

Diz o conego: «o amor destroe, mas quando
Sensual, já se vê!»
A donzella pergunta ingenuamente:
«Reverendo, por quê?»

A condessa murmura em voz dolente:
«O amor é uma paixão».
E languida uma chavena offerece
Ao pallido barão.

Era vago um lugar entôrno á mesa,
Era o teu, minha flôr!
Tu, só tu, poderias, se o quizesses,
Dizer o que era amor!

Quando canta a Maldonado
E os quadris saracoteia,
Não é mulher, é sereia,
Não é mulher, é o peccado.

Ao vêl-a, pois, enleado
Perco o siso, o verbo, a ideia,
E um desejo audaz se enleia
N'este peito meu bronzeado.

Chamei-te sereia, engano!
Nunca tolice maior
Borbotou do labio humano.

Que toda a sereia, flôr,
Finda em peixe... e ou eu me engano,
Ou tu acabas... melhor.

Alvares de Azevedo e Franco de Sá

São dous dos mortos nomeados sempre que os vivos suspeitam que um astro funesto alumia lugubremente a sepultura dos modernos poetas brazileiros, arrebatados em flôr pelo cyclone da morte. Citam-se Dutra e Mello, Junqueira Freire, Casimiro d'Abreu, Macedo Junior, Castro Alves, Pena, Bernardino Ribeiro e Gonçalves Dias. Franco de Sá falleceu, aos vinte annos de idade, em 1856.

Um dos seus biographos escreve: «De tempos a esta parte dir-se-hia que malefica estrella fada os poetas da nossa terra»!

O snr. Pinheiro Chagas, no prefacio das Primaveras, de Casimiro d'Abreu, diz: «Pesa uma fatalidade

notavel sobre a litteratura, ou pelo menos, sobre a poesia brazileira contemporanea! »

O snr. Fagundes, em uma das suas *Elegias,* exclama:

Fatal destino o dos brazileos vates!
Fatal destino o dos brazileos sabios!
Fatal destino o dos brazileos mestres!

O snr. Reinaldo Carlos Montoro, optimo escriptor fluminense, explicando, responde que é o « vento aspero e ardente do seculo que sécca e abraza todos os espiritos nobres, que os arroja por desfastio ao gozo immoderado, e após á doença e ao tumulo em idade prematura ». E continúa precisando mais a explicação do mysterio: « Quereis a decifração do enigma d'essa tuberculisação do corpo social que vê morrer tão cedo os seus pensadores mais distinctos? Procurai-a na ausencia das crenças moraes que começa por tirar-nos do coração a religião da mulher, e acaba por enregelar-nos o leito funebre com a negação de Deus ».

A resposta não satisfaz completamente a pathologia; mas é sensata e justificada pela precipitação com que se atiraram de mergulho á torrente infecta dos deleites todos ou parte dos poetas arrebatados.

Franco de Sá, por desventura, seria um dos que não amavam a calma da vida de familia, como diz com muito juizo o snr. Fagundes. Os seus pulchros cantares não accusam os delirios byronianos de Alva-

res d'Azevedo, é certo; mas tambem o snr. Guerra Junqueiro escreveu da fome do Ceará com o estomago bem confortado; e outros, escrevendo dithyrambos com invocações avinhadas a Baccho, terão o estomago encharcado em agua do chafariz d'el-rei.

Da poesia não póde bem inferir-se de que morreu o author, nem tão pouco a certidão dos seus bons ou maus costumes. Quem lê as VIAGENS A LEIXÕES de Alexandre Garrett, e não conheceu o author, presume que elle fosse um deslinguado que offereceu ás senhoras portuguezas e particularmente ás exc.mas Cirnes do Porto aquillo que Jehovah mandava comer com pão a Ezequiel. Pois não era. Conheci-o. Era um velho discreto, delicado, religioso e de melindres muito de fidalgo com as damas. Todo homem tem uma porção de inepcia que ha de sahir em prosa ou verso, em palavras ou obras, como o carnegão de um furunculo. Quer queira quer não, um dia a valvula salta e o pus repuxa. Foi o que se deu com Alexandre Garrett, que, feita a suppuração, defecada a alma do seu quinhão de peçonha, sumiu-se nas brumas d'outros planetas.

É a sorte commum dos nossos poetas e dos *brazileos,* como diz Fagundes compungido. Os que não morrem inteiros — os que deixam um raio da sua luz perpetua no espirito das gerações por vir — esses não vão mal. Ai, porém, dos que soffreram e choraram na sombra e no silencio heroico, de uns que não que-

*

rem que as suas lagrimas sejam recitadas ao piano por uma menina que lhes troca em *bb* os seus melhores *vv*.

No Brazil não se trocam as letras, penso eu. Podem, quando muito, distillar-se os versos em fios de melaço nos labios de quem os recíta. É uma delicia. Quem assim sobrevive na declamação do piano será eterno como os pianos — flagellação necessaria ao Cosmos, como a chuva, a guerra, as moscas e outras calamidades.

Á poesia de Franco de Sá, pouco pontual na contagem das syllabas, ajuntamos duas que deixou no genio humoristico Alvares d'Azevedo. Este, sim: quando o Vesuvio de dentro não tinha mais lava que vulcanisar, atirou-se a si á cova como quem precisava repouso. Alvares d'Azevedo soffreu e morreu por conta de Byron, de Musset e de Espronceda. Empestou-o o cholera da paixão e do cognac que ardia na França, e passou ao outro hemispherio sem ferir este abençoado

Jardim da Europa á beira-mar plantado.

No periodo do romantismo, desde 1836 até 1856, apenas conheci em Coimbra um poeta que se embriagava e lia Manfredo e El diablo-mundo. Esse, porém, no dia seguinte ao da embriaguez, tomava capilés e caldos de franga. Um dia appareceu mori-

bundo como Edgar Poe nos entulhos do bêco de D. Sizenando. Os romanticos quizeram enxertal-o na arvore maldicta dos *blasés*. Ora elle, o infeliz, o que o matára foi o mau vinho da Bairrada com uma lampreia requentada do Paço do Conde.

Deploro os poetas brazileiros que morrem cedo, e tambem os que morrem tarde, com tanto que me dispensem de os lêr; e ao mesmo tempo felicito os vates nacionaes que nos periodos criticos em que vogavam ideias desorganisadoras do poeta e da familia, elles, mettendo-se nas alfandegas, antes quizeram ser almotacés de contrabandos que contrabandistas de paixões estrangeiras. Assim procederiam os brazileiros, se o sol lh'o consentisse, e o grito do Ypiranga os não desconchavasse da nossa familiaridade. Fizeram mal. Nós haviamos de engordal-os, enchel-os de familias, e do bom sol que por aqui nos aquece moderadamente a velha castidade da lua, e dar-lhes finalmente alfandegas na metropole e o exemplo saudavel dos nossos amigos Vidal e Alexandre Monteiro.

ALVARES DE AZEVEDO

MINHA DESGRAÇA

Minha desgraça, não, não é ser poeta,
Nem na terra de amor não ter um echo,
E meu anjo de Deus, o meu planeta
Tratar-me como trata-se um boneco...

Não é andar de cotovêlos rotos,
Ter duro como pedra o travesseiro...
Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido
Cujo sol (quem m'o déra!) é o dinheiro...

Minha desgraça, ó candida donzella,
O que faz que o meu peito assim blasphema,
É ter para escrever todo um poema,
E não ter um vintem para uma vela!

NAMORO A CAVALLO

Eu móro em Catumby. Mas a desgraça
Que rege minha vida malfadada
Poz lá no fim da rua do Catete
A minha Dulcinêa namorada.

Alugo (tres mil reis!) por uma tarde
Um cavallo de trote (que esparrella!)
Só para erguer meus olhos, suspirando,
Á minha namorada na janella...

Todo o meu ordenado vai-se em flôres
E em lindas folhas de papel bordado
Onde eu escrevo tremulo, amoroso
Algum verso bonito... mas furtado.

Morro pela menina, junto d'ella
Nem ouso suspirar de acanhamento...
Se ella quizesse eu acabava a historia
Como toda a comedia — em casamento.

Hontem tinha chovido... que desgraça!
Eu ia a trote inglez ardendo em chamma,
Mas lá vai senão quando uma carroça
Minhas roupas tafues encheu de lama...

Eu não desanimei. Se Dom Quixote
No Rocinante erguendo a larga espada
Nunca voltou de medo, eu, mais valente,
Fui mesmo sujo vêr a namorada...

Mas eis que no passar pelo sobrado
Onde habita nas lojas minha bella
Por vêr-me tão lodoso ella irritada
Bateu-me sobre as ventas a janella...

O cavallo ignorante de namoros
Entre dentes tomou a bofetada,
Arripia-se, pula, e dá-me um tombo
Com pernas para o ar, sobre a calçada.

Dei ao diabo os namoros. Escovado
Meu chapéo que soffrera no pagode,
Dei de pernas corrido e cabisbaixo
E berrando de raiva como um bode.

Circumstancia aggravante. A calça ingleza
Rasgou-se no cahir de meio a meio,
O sangue pelas ventas me corria
Em paga do amoroso devaneio!...

FRANCO DE SÁ

A ESBELTA

A *Esbelta,* o alvo dos suspiros nossos,
É fada vaporosa, é flôr das flôres;
Em vez de carne, vestem-n'a vapores,
É leve a rapariga, só tem ossos.

Os caniços do lago são mais grossos
Que as canellas gentis dos meus amores;
Tem nas lindas bochechas menos côres
Que a secca mumia quando sahe dos fossos.

Ah! ditoso mancebo, eu te prometto
Que se hoje noivo, tremulo desmaias,
Beijando a anagoa que te encobre o espeto,

Talvez, quando marido, morto cáias,
Vendo surgir o pallido esqueleto
Da espessa nuvem de umas oito saias.

AMOR E NAMORO

I

Amor é vinho forte, em que se apanha
D'essas bruégas de cahir no chão;
O namoro é um calix de champagne
Que nos torna alegrete o coração.

Amor, amigos, é clarão que offusca,
Fogueira alimentada com resina;
Namoro é luz suave que se busca,
Como aquella que expande a lamparina.

Amor é duro tronco que se aferra
Entranhando no chão forte raiz;
Namoro é linda rosa á flôr da terra,
Que se abandona, se perdeu o matiz.

Um, trazendo no olhar o desvario,
Apparece com ar de mata-mouro,
Outro á vista do pau tem calafrio,
Faz uso da canella, estima o couro.

Um pula muros e barrancos salta,
Levando quedas que lhe são fataes;
O outro anda com cautela; é um peralta
Que em ratoeiras não cahiu jámais.

Um, ás vezes cordeiro, ás vezes bruto,
Ora vive a bramir, ora prostrado;
O outro toma café, fuma charuto,
Calça luva, é rapaz civilisado.

Um, soberbo e feroz, é-lhe preciso
Prantos que vêr e flôres que esfolhar;
Para o outro, porém, basta um sorriso,
Um aperto de mão e um breve olhar.

II

Agora, meu leitor, ouvir-vos quero:
D'este meu parallelo que dizeis?
Preferindo a qualquer, sêde sincero,
Confessai que o namôro é quem dá leis.

Eu sou franco: namôro, eu te prefiro!
Dás que fazer do proximo á rabeca;
Mas não jogas cacete, não dás tiro,
Nem fizeste a ninguem levar a breca.

Illuminas a vida um breve instante,
Sem consequencias nos trazer por fim;
És perfume da vida do estudante
E remedio especifico do *spleen*.

Fazes d'uma criança um Lovelace,
Fazes criança tola d'um marmanjo;
Fazes que a feia por soffrivel passe,
E que passe a soffrivel por um anjo.

Por isso quem domina és tu, namôro,
Tanto no homem como na mulher;
Embora grite o pai — é desaforo! —
Embora ralhe a mãi quanto quizer.

Hoje, mais do que nunca, estás na moda;
Não ha cabeça ahi de gente limpa
Que não tenhas já feito andar á roda,
Como ao sopro do vento a leve grimpa.

E, ao passo que amor já não ataca,
N'este tempo ao dinheiro só fiel,
Os peitos escondidos na casaca,
Como outr'ora os cobertos de burel;

Tudo, tudo trabalha em tua vinha,
O seculo comtigo sympathisa:
Todo o velho, rapaz, bruxa e mocinha
Tem tomado — namôro — por divisa.

Thomaz Pinto Brandão

Era o coronal, o pontifice dos poetas biltres do seculo XVIII. Nasceu no Porto, floresceu em Lisboa, e apodreceu em 1743, não sei onde. Rivalisou com o brazileiro Gregorio de Mattos, no calão de bordel. As suas poesias honestas são más; as fescinninas avantajam-se em graça ás de Bocage. No tempo de Thomaz Pinto, e do Camões do Rocio, do Lobo e de frei Simão Antonio de Santa Catharina cinzelavam-se os rendilhados de uma poesia obscena com buril delicado. Era um Ideal que os porteiros dos palacios deixavam entrar aos toucadores das condessas. O Salomão portuguez não cantava as suas morenas, nem as que tinham seios como dous filhinhos gemeos da cabra monteza que pasce entre açucenas, e mais

formosos que o vinho, segundo reza a Biblia. D. João v usava os poetas como aphrodisiacos; a uns fazia corregedores de bairros como a Sottomayor, a outros prégadores regios como a frei Simão e frei Pedro de Sá. Nenhum dos devassos notaveis pediu esmola como o bacharel Domingos Maximiano Torres que fazia versos serios e doutrinaes.

Thomaz Pinto era bemquisto das condessas da côrte, que o admittiam ás folias da sua estupida ociosidade. É o que se deprehende da poesia que lhe aproveitei de entre as suas, ineditas, creio eu. Parte d'aquellas condessas explica os condes que gerou. Os netos, presentemente, restauram-se, lidam, ao invez da atrophia intellectual dos paes: agarram um boi; e, se não figuram muito distinctamente no *Jockey Club,* é porque, á falta de cavallos, seria indecoroso e estranho aos estatutos do *sport,* correrem-se uns aos outros.

DECIMAS

Senhoras, eu 'stou picado;
tenham vossas excellencias
todas quantas paciencias
eu tive no seu chamado;
cuidei que por achacado,
doídas da minha tosse
a metter me iam na posse
de uma merenda afamada,
e que achava quando nada
cinco condeças de dôce.

Não me enganei, porque alfim
todas vinham cheias gratis
de *vanitas vanitatis,*
que isto é fôfa em latim.
Tomára eu para mim,
por bem ganhada fazenda,
quanta folhage' estupenda
traziam nas suas rodas,
mas com tal donaire todas
que puxam por muita renda.

Oh! quem podéra cantar
(para bem me vingar d'ella)
uma que á sua janella
mil vezes vejo *Assumar!*
Mas obriga-me a calar
outra da mesma feição
que é capaz, e com razão
de prantar-me no focinho,
que farto de S. Martinho
tenho sêde a *S. João.*

Outra branca em demasia
não era tão confiada,
posto que estava enfiada
talvez do que não queria:
mas na flôr, na louçania,
na suavidade e na côr,
podia largar o amor
por ella rêdes e barcos,
porque debaixo dos *Arcos*
não vi semelhante flôr.

Outra têsa de pescoço
me chamou, por embelleco,
magro, quando não sou secco;
velho, quando sou seu moço;
desdentado, quando eu posso
morder (como bem se prova
no estylo da minha trova).
Mas, se a chamar nomes vai,
ouça novas de seu pai,
folgará de *Ouvil-a nova.*

Outra prezada de prosa,
e em tudo perliquiteta,
bem mostra no ser discreta
quanto seria formosa:
por crear sangue, teimosa
commigo esteve a intender,
e a picar; mas a meu vêr
creio que escusava tal;
pois de sangue, em Portu*gal*
vêas tem como é mister.

Uma hora de ajoelhar
me tiveram posto alli;
mas se faltaram a si,
eu a mim não sei faltar;
que não quero arrebentar
d'isso que vim embuchado,
pois sem comer um bocado,
por tão vergonhoso meio,
não deixei de vir bem cheio,
porque sahi muito inchado.

Emfim, se n'este tratado
alguma tenho offendido,
já me prostro arrependido
de ser tão arrazoado:
já tenho desabafado;
já disse tudo o que quiz;
porém n'este, em quanto diz
a musa praguejadora,
que qualquer é mui senhora
do seu dôce, e seu nariz.

Jorge de Aguiar

Os poetas grotescos do Cancioneiro de Rezende não acham guardanapo numerado n'este banquete, porque, apesar de muito fidalgos, se apresentam em mangas de camisa suja. Salvante dous que versejaram limpamente, porque o seu assumpto eram damas ingratas, mas bem ataviadas de fraldelins estrellados de joias, os restantes que esperem mais vinte annos o retrocesso da lingua, e serão bem vindos, e bem pagodeados na Orgia, que ha de ser o titulo da 5.ª edição d'este Cancioneiro.

Um dos admittidos é Jorge de Aguiar, alcaide-mór da villa de Monforte e cavalleiro de S. Thiago. É o melhor e mais fertil dos poetas que Rezende enfeixou na sua collecção preciosa como estudo da lingua, como espelho dos costumes e como laudanum

puro. Casou este poeta com uma nobilissima Violante que seria a abelha que mais mel segregou de tanta flôr montezinha. Diz elle cousas tão modernas a respeito das damas que não parece ter morrido ha trezentos e setenta annos no mar. Os poetas do seculo XV capitaneavam armadas no mar da India e morriam por lá. Jorge d'Aguiar, se tivesse a dita de ser nosso contemporaneo, não morria no mar, mas sim, em secco, na Marinha, de que seria ministro.

CONTRA AS MULHERES

Esforça, meu coração,
não te mates, se quizeres:
lembre-te que são mulheres.

Lembre-te que é por nascer
nenhuma que não errasse;
lembre-te que seu prazer,
por bondade e merecer,
não vi quem d'elle gostasse.
Pois não te dês á paixão;
toma prazer, se poderes:
lembre-te que são mulheres.

Descança, triste, descança,
que seus males são vinganças.
Tuas lagrimas amansa,
deixa-as ás suas esperanças;

que pois nascem sem razão
nunca por ella lhe esperes:
lembre-te que são mulheres.

Tuas mui grandes firmezas,
tuas grandes perdições,
suas desleaes acções
causaram tuas tristezas.
Pois não te mates em vão,
que quanto mais as quizeres
verás que são as mulheres.

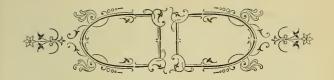
Que te presta padecer?
que te aproveita chorar?
pois nunca outras hão de ser,
nem são nunca de mudar.
Deixa-as com sua nação [1];
seu bem nunca lh'o esperes:
lembre-te que são mulheres.

Não te mates cruamente
por quem fez tão grande errada;
que quem de si se não sente
por ti não lhe dará nada.

---

[1] Nação equivalia a *natural, genio,* etc.

Vive lançando pregão,
por onde fôres e vieres,
que são mulheres, mulheres.

Hespanha foi já perdida
por le-Tabla uma vez,
e a Troia destruida
por males que Helena fez.
Desabafa, coração,
vive, não te desesperes;
que o que fez peccar Adão
foi a mãi d'estas mulheres.

Joaquim de Sousa Andrade

É o mais estremado, mais phantasista e erudito poeta do Brazil na actualidade. O seu poema Gueza errante, ainda não concluido, é uma leitura que pesa e infarta pela demasia dos adubos. A alma moderna é como os estomagos dyspepticos: digere a poesia leve como uma aza de rôla; se lhe embucham almondegas crassas e pingues, não as esmóe e impa de opilação. As Harpas selvagens não desmentem completamente o adjectivo: por entre bellezas incomparaveis, tem coisas assombrosas, alcantiladas, versos asperrimos como arestas de rochedos; remugem nos algares umas torrentes de neve exsolvida, que nos põe a alma a tiritar de medo e frio entre os ursos brancos. As Eolias tem a formosura de

mulheres inglezas da mais fina raça, com uma serenidade álgida no rosto, e ás vezes umas rutilações interiores que relampejam e se apagam logo nos olhos. O retrato do poeta está no livro, impresso com rara nitidez em New-York, ha cinco annos. Eu nunca vi aspecto mais embellecido pela contemplação. Parece que vê, além, um tumulo onde em urna de lagrimas depôz a flôr da sua juventude; ou então está scismando no momento critico em que escreveu esta passagem de uma sua ode:

Eu vi a flôr do céo — meiga esperança
Sorrindo para mim, Deus verdadeiro!
Eu amei como um doido a formosura,
E eu não tinha dinheiro...

Se houvesse retratos das caras symbolicas dos mais galhofeiros typos — Sancho, Panurge, Gil Braz, Falstaff, Pangloss, Figaro, etc., no momento acerbo em que disseram de si comsigo: «e eu não tinha dinheiro», veriam que mesto quebrar d'olhos, que pallidez de amantes tresnoitados, que dolente pender de faces a contrastar com o jubilo suez d'esses carões adiposos que a gente conhece nas illustrações de Cervantes e dos outros!

Quer-me, porém, parecer — e felicito o poeta — que este seu «não ter dinheiro» é rhetorica, é uma figura que só assim se tolera porque não é triste. Sousa Andrade peregrina na Europa ha bastantes an-

nos com muito genio, isso juro eu, e com muito dinheiro, iria tambem jural-o. Esteve em Cintra, em Londres, em França. Morou em Auteuil. Viu tudo o que a historia esmalta do verde-claro das legendas amorosas á volta de Paris, e andou por Saint-Cloud com uma mademoiselle despeitorada como consta largamente, e sem escandalo, da seguinte poesia, que não faz rir, mas descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, tal qual como as inglezas de primeiro sangue, ás quaes eu com rara felicidade comparei o poema d'este brazileiro insigne.

MADEMOISELLE

Rien de plus beau que Paris!
PROVERBIO.

Fujamos, vida e luz, riso da minha terra,
Sol do levante meu, lirio da negra serra,
Dôce imagem de azues brandos formosos olhos
Dos roseos mares vinda á plaga dos abrolhos
Muita esperança trazer, muita consolação!
Virgem, do undoso Sena á margem vicejante
Crescendo qual violeta, amando qual errante
Formosa borboleta ás flôres da estação!

Partamos para Auteuil, é lá que vivo agora:
Vê como o dia é bello! alli ha sempre aurora
Nas selvas, denso o umbror dos bosques de Bolonha.
— Ouve estrondar Paris! Paris delira e sonha

*

O que realisa lá voluptuar de amor —
Lá onde dorme a noite, acorda a natureza,
Reluz a flôr na calma e os hymnos da deveza
Echoam dentro d'alma ais de pungido ardor.

Aos jogos nunca foste, ás aguas de Versailles?
Vamos lá hoje!... alli, palacios e *convalles*
Do rei Luiz-quatorze alembram grande côrte:
Maria Antonietta alli previa a sorte
Dos seus cabellos d'oiro em ondas na *bergère*. —
Tu contarás, voltando... inventa muita coisa,
Prazer de velhos paes, — que viste a bella esposa
Das feras! com chacaes dançando La Barrère!

Oh! vamos, meu amor! costuras abandona;
Deixa por hoje o hotel, que eu... deixo a Sorbona —
E fugitivos, do ar contentes passarinhos,
Perdidos pela sombra e a moita dos caminhos
Até á verde em flôr *villa* Montmorency!
De lá, és minha prima andando séria e grave;
Entramos no portão: eu dou-te a minha chave
E sobes, meu condão, ao quarto alvo e *joli!*

Hesitas? ou, senão, sigamos outra via;
Do trem que vai partir a valvula assobia,
O povo se accumula, aqui ninguem a vêr-nos:
Fujamos para o céo! que fosse p'r'os infernos
Comtigo...— « *Oui* » —. Não deixes estar teu collo nu!
Ha gente no wagon... sou furia do ciume —
Desdobra o véo no rosto... olhos com tanto lume... —
Corria o mez de agosto; entramos em Saint-Cloud.

Guilherme d'Azevedo

Poeta moderno e um dos mais bizarros prosadores. Tem o realismo e as baldas que dão o relêvo da fórma, as antinomias e engraçados euphemismos de que ainda não abusa. É de esperar que se derranque, porque é novo, e ha de querer que o vejam na primeira luz, na fila dos sapadores. Eu por mim, dado que elle venha a jogar a catapulta aos meus romances «sentimentaes», (sentimental, eu!) assim adjectivados com tão innocente como atilado criterio pelo snr. Ramalho — hei de sempre saudar-lhe os triumphos como de principe que ha de ser da prosa.

UM BOTE

(A JOÃO PENHA)

Socega: não troquei a lyra da vingança
Pelo dôce arrabil dos velhos trovadores,
E em nada justifico, eu penso, os teus furores,
Saudando uma mulher, beijando uma criança!

Courbet que tem pintado as corrupções da França,
Não sabes o que faz? desenha, ás vezes, flôres!
E o realista audaz, cruel, dos *Britadores,*
Na tela diminuta o braço então descança.

Oh! não conheces bem quanto eu sou generoso!
Entrega-te uma vez ao momentaneo gozo
D'um creme perfumado e um calix de *madeira,*

Que não te accusarei, João, de apostasia!
Tu és sempre o cantor que poz salchicheria,
Mas que um momento esquece a musa salchicheira!

OS PALHAÇOS

Heroes da gargalhada, ó nobres saltimbancos,
Eu gósto de vossês,
Porque amo as expansões dos grandes risos francos
E os gestos d'entremez,

E prezo, sobretudo, as grandes ironias
Das farças joviaes,
Que em visagens crueis, imperturbaveis, frias,
A turba arremessaes!

Alegres histriões dos circos e das praças,
Oh! sim, gosto de os vêr
Nas grandes contorsões, a rir, a dizer graças
Do povo enlouquecer,

Ungidos para a lucta heroica, descambada,
De giz e de carmim,
Nas mimicas sem par, heroes da bofetada,
Titães do trampolim!

Correi, subi, voai n'um turbilhão fantastico
Por entre as saudações
Da turba que festeja o semi-deus elastico
Nas grandes ascenções,

E no curso veloz, vertiginoso, aerio,
Fazei por disparar
Na face trivial do mundo egoista e sério
A gargalhada alvar!

Depois mais perto ainda, a voltear no espaço,
Pregai-lhe, se podeis,
Um pontapé furtivo, ó lividos palhaços,
Luzentes como reis!

Eu rio sempre ao vêr aquella magestade,
Os tragicos desdens
Com que nos divertis, cobertos d'alvaiade,
A troco d'uns vintens!

Mas rio ainda mais dos histriões burguezes
Cobertos d'ouropeis
Que tomam n'este mundo, em longos entremezes,
A sério os seus papeis.

São elles, almas vãs, consciencias rebocadas,
Que, emfim, merecem mais
O commentario atroz das rijas gargalhadas
Que ás vezes disparaes!

Por tanto é rir, é rir, hirsutos, grandes, lestos,
Nas comicas funcções,
Até fazer morrer, em desmanchados gestos,
De riso as multidões!

E eu que amo as expansões dos grandes risos francos
E os gestos d'entremez,
Deixai-me dizer isto, ó nobres saltimbancos,
Eu gósto de vossês!

Claudio José Nunes

Escrevia versos francezes como Victor Hugo, e versos portuguezes como nenhum dos seus coevos em Portugal. Nem pétala de flôr lyrica. As Scenas contemporaneas, condignamente prefaciadas por Latino Coelho, são poesia de alta meditação, muito d'este tempo, viril, realista, mas cheia de augusto ideal, singularmente philosophica. Não temos outro livro sério com que possamos provar que n'este paiz alguem commungára com os grandes pensadores e dera á poesia, menosprezada por futil, a força de uma alavanca no desmantelamento do edificio velho. Não desmantelou nada; porque em Portugal — oh felicidade da rua das Hortas e dos Algibebes! — os sapadores nutrem-se da sciencia dos seus direitos, a dez reis, e da sciencia dos seus deveres, nas eleições, a quartinho o voto, e vinho á discrição.

Claudio José Nunes cantou o boticario Franco de Belem, em quintilhas tolentinianas, menos amelaçadas que o xarope de James,—poesia que o sobredito boticario manipúla em laboratorio mysterioso, quando não pisa leis no almofariz de S. Bento, que mistura e manda, segundo a fórmula constitucional e pharmaceutica, para o presidente. Franco rivalisava com Claudio José Nunes em influencias eleitoraes na assembléa de Belem. O citrato de magnesia deu-lhe a maioria a Franco. Laxaram-se n'elle as sympathias e consciencias quasi todas. Claudio Nunes tinha muito espirito e grande dignidade; mas não dispunha dos drasticos.

Elle morreu na opulencia do talento aos quarenta annos de idade. Ha muito que não li palavra que recorde o assombroso poeta. Envergonho-me de lhes perguntar se o conhecem.

O POETA

(A LUIZ DE CAMPOS)

Não te illudas, Luiz; isto de fazer versos
Não leva a gente longe.
Outros e mui diversos
São os caminhos bons para subir aos cumes
Onde os raios do mundo, e da riqueza os lumes,
Aquecem os botões, que em rosas se desatam.
Esqueces-te, Luiz, talvez, do que relatam
As chronicas fieis de gente grave e séria
Ácerca da peçonha amarga e deleteria
A que — *poetas* — chama, engatilhando os labios
N'um gesto de desprezo, uma porção de sabios
Que engorda o pão de Deus, para felicidade
Quer do reino do céo, ou quer da humanidade.
Por ellas se conhece o quanto é necessario
De cabello espetado e sujo vestuario,

De preguiça, de vicio, e malvadez sem conto,
— De tudo quanto é mau — para fazer de pronto
Um d'esses aleijões, raça bastarda e informe
Que leva a alma devassa até ao ponto enorme
De amar os rouxinoes, as flôres, os afagos,
As estrellas do céo, o espelho azul dos lagos,
A criancinha loura em que dorme esquecida,
Por ora, a podridão sob o arrebol da vida!
N'uma palavra: tudo o que a moral detesta,
Quando, garganta nua e pó de arroz na testa,
Por detraz do seu leque, e atraz das bambinellas,
Conversa, folga e ri co'as timidas donzellas:
Politica, finança e farda, e béca, e estóla,
Ou qualquer outra dama honesta, e de alta escóla,
Que ampara o seu pudor, deitando-lhe d'espeques
As frinchas do charão dos arrendados leques!
Luiz, — quando se sente após um dia gasto
Em labutar tristonho, inutil ou nefasto,
Que é necessario abrir as valvulas da mente
Para que, concentrada a chamma intelligente
N'um circulo de dôr, e pela dôr soprada,
Como a polvora quebra o globo da granada,
Não partam á razão as explosões da ideia —
Isto de se evocar a pallida choreia
Das rimas d'entre o pó, em que as sepulta o mundo,
Deve ser, com certeza, o indicio mais profundo
De uma devassidão, tão negra e tão medonha,
Que deverá tingir, no rubro da vergonha,
A gente que n'essa hora engraxa algum calçado
Com a grã-cruz ao peito, ou lança no mercado
Alguns frangalhos vis da rota consciencia!
Fazer versos, Luiz! pois ha maior demencia
Do que estragar papel com esta ninharia

N'uns tempos em que até a ultima senhoria,
Vindo do chafariz, ou não se sabe d'onde,
Morreu por fim ás mãos do universal visconde?
Sempre é preciso ter, para esta faina impura,
Bem duro o coração e a ideia inda mais dura!
Pois, quando espavorida em meio de trabalhos,
— Como a cançada pomba em cima dos carvalhos
Forceja por pousar as fatigadas pennas —
Forceja a alma tambem por encontrar apenas
Um tronco onde repouse os vôos arquejantes;
Em lugar de a embeber nos lumes rutilantes
Dos espaços azues, atraz de alguma estrella,
Não vale mais, Luiz, em baixo aqui prendel-a
Aos labios sensuaes de alguma Messalina,
Ou ás farpas, talvez, da lingua viperina
Que, em meio ás trevas, morde em tudo o que a rodeia?
Não vale mais jungil-a aos labios da sereia
Que canta á moça pobre essa cantiga leda
Do *tinlintin* da libra, ou do *fru-fru* da sêda?
Isso sim, meu Luiz, tudo isso é que é fidalgo!
Mas correr a alma após, esbaforido galgo,
De uma ideia de amor até á poesi··
Isso é mui proprio só da truculenta harpia
Do verso, tão faminta e de olho tão immundo,
Que até devora a mesa em que consôa o mundo!
Versos! pois por cada um que vem juntar-se á conta
— Attonita, surpreza, espavorida e tonta —
Não vela a face a lei na banca do advogado?
Por cada verso mais no limbo profundado,
Não surge mais um padre atraz da medicina?
Por cada cantilena, ou grande ou pequenina,
Não passa em contrabando uma porção de fardos?
A rosa alva de amor não se transforma em cardos,

Quando a haste lhe humedece aquelle nevoeiro?
Pois, se não fosse o verso, a cada conselheiro
Não tocára um conselho, ou pomo inteiro, ou lasca,
Que nos justificasse o rotulo da casca?
A politica sempre, um pouco mais polida,
Não fallaria bem alguma vez na vida?
Oh verso, emanação do inferno, torpe e rude,
Deixa arder á vontade os fogos da virtude!

Pelo que fica dito, é claro a toda a gente
Que ser *poeta* é ser um monstro que sómente
Se póde consentir por mera tolerancia.
Torna-se pois decente, e da maior instancia,
Cavar-lhe fundo a cova onde desappareça.
Os manes de Catão lhe pedem a cabeça.
Deferida. Depois, á valla infame o busto!
Em quanto que o censor, inchando o papo augusto,
Para poder trepar aos cumes do universo,
Basta que faça... em prosa o que attribue... ao verso!

EM QUE PARARAM AS MUSAS

Qual de *Clavileño* outr'ora
Desmontado o heroe manchego,
Quem vos viu e vê agora,
Ó côrte do deus da aurora!
Bas bleus do Parnaso grego!

Moças que, no tempo airado
Das velhas Arcadias lusas,
Trazieis pó no toucado,
Quando até, por desenfado,
Pastaveis os bois, ó musas!

Gamos que, dos taboleiros
De Le-Nôtre, e em curto exilio,
Dos caçadores matreiros
Fugieis para os salgueiros
Com os seis pés de Virgilio!

⁂

Desde que Pégaso explora
Os varacs da prosa rasa
A seiscentos reis por hora,
Como, ó lindas! por ahi fóra
Levou volta a vossa casa!

E, com tombas no cothurno,
Já cada uma de vós lida
Por achar no antro soturno
D'este mundo, qualquer turno
De dar algum modo á vida!

Pobre adela paralytica,
Melpómene, a da tragedia,
Vende fato velho á critica;
E botou centro, politica,
A outra mana da comedia!

Terpsichore, a picaresca,
Fabríca pastas na lua,
E a da musica, mui fresca
Da janella offenbachesca
Tosse a quem passa na rua!

A alta Clio é vendedeira
De jornaes de miscellanea!
É a Erato inculcadeira!
E vive n'uma trapeira
Do largo da Estrella a Urania!

Callíope ata na argola
Um ramo de louro ao vento;
E Polymnia pede esmola,
De muleta e de sacóla,
Á porta do parlamento!

Qual de *Clavileño* outr'ora
Desmontado o heroe manchego,
Quem vos viu e vê agora,
Ó côrte do deus da aurora!
Bas bleus do Parnaso grego!

Theodoro de Sá Coutinho

Não o conhecem os bibliophilos, posto que no segundo tomo das Poesias de Paulino Cabral se comprehendam notaveis sonetos d'elle [1]. Nasceu no fim do seculo XVII; floreceu e fructificou pouco menos de obscuramente até meado do secu-

[1] A controversia de Paulino Cabral com Theodoro versava sobre insolencias que mutuamente revidaram á conta da idade. Theodoro tinha setenta e tantos annos. O abbade de Jazente era moço. Como amostra do genero, dá-se a delicadeza do seguinte soneto:

Quem me dera, Paulino, quem me dera
Passar-te a certidão da tua idade!
Mas o assento de um burro na verdade
Em livros não se encontra nem se espera.

lo XVIII. Era da casa de S. João de Rey, descendente por tanto de Francisco de Sá de Miranda.

No espolio de uma freira, ha dez annos já volatilisada em essencia de seraphins, n'um mosteiro do Minho, appareceu um poema de Theodoro de Sá Coutinho e Azevedo, primorosamente calligraphado e bastante sebaceo do uso. Era datado em 1814. A religiosa que o possuira tinha sido galante, pouco fiel ao esposo mystico, e talvez tão calida nos seus arrôbos profanos quanto a sua madre Thereza de Jesus o havia sido nos asceticos. Pelo muito que amou, encerrava em si tres Magdalenas. Parece, porém, que não seria perdoada á proporção, porque em annos já serodios e desenganados ainda tinha um Ideal teimoso, e palpitações indicativas de uma physiologia de Marion

---

Inda pelos desfechos bem pudera
Conhecer tua occulta antiguidade;
Mas, se cerrado estás, fôra asnidade
Contar-te os annos, descobrir-te a era.

Tu em parte puzeste o pensamento
Na nova certidão com que procuras
Desluzir-me o valor, prostrar-me o alento.

Mas olha que a uma queda te aventuras,
Que se eu conto os meus annos n'esse assento,
Tu contarás os teus nas mataduras.

de Lorme. Da data do poema infere-se que Soror Tres Estrellas começou a estudar esta *Carta de guia* desde o noviciado. Era professa em 1815; e, quando foi da constituição de 20, quiz romper a clausura e vir cá fóra commungar das liberdades publicas. Depois da restauração da Carta, forcejou novamente por annullar os votos com o fim honesto de casar-se com um tenente de cavallos. Dizem que expozera a sua chamma ao padre Marcos, D. Prior de Guimarães, homem sentimental e vezado a consolar freiras afflictas como é da obrigação dos padres. Roma não a dispensou do voto de castidade; mas permittiu-lhe tacitamente que amasse dentro dos limites da mesma. Foi o que ella fez em caldas, em banhos de mar, em banhos de chuva, em banhos de canôa, sempre que sahia do convento a banhar-se. Honra lhe seja.

Quanto á *Carta de guia,* este poemeto é de certo um quadro de costumes maus; não ha nada, porém, mais perfeito em assumpto de conventos de freiras. Deve conservar-se como reliquia, visto que a instituição é morta; porém, quando, no seculo XXI, se restaurarem os mosteiros, a *Carta de guia* de Theodoro de Sá Coutinho e Azevedo dará a este CANCIONEIRO uma extracção exorbitante.

CARTA DE GUIA

QUE UMA FREIRA MESTRA DEU A UMA CORISTA PRINCIPIANTE NO TRATO AMOROSO

Filha, dentro do convento
Ha duas castas de freiras,
Umas, que o são verdadeiras,
Outras só por fingimento;

Umas frequentes no côro
E firmes na castidade;
Outras frequentes na grade
E contínuas no namoro.

Tu supponho que d'aquellas
Não queres entrar nas contas,
Pois hoje passam por tontas
As que são santas e bellas:

Quanto mais que o ser beata
É das loucuras maiores;
Pois quem soffre directores
Tem muito de mentecata:

Por isso os teus bons intentos
De ter amores approvo,
Porém, como entras de novo,
Precisas de documentos.

Na costura uma menina
Não se chega a fazer destra,
Se primeiro a douta mestra
Os pontos lhe não ensina;

Se primeiro não concorda
Pelo risco a breve agulha,
Rude a mão, o fio embrulha,
E sem graça a olanda borda:

Assim corista entendida
Succede a quem sem receio
Se mette no galanteio
Sem ser primeiro instruida.

Antes de entrar no projecto
Da amante correspondencia,
Consulta a conveniencia,
Depois consulta o affecto.

Ama, pois que a natureza
Ou t'o ensina, ou t'o permitte;
Mas primeiro do appetite
Te lisonjeie a riqueza.

Filha, sem dinheiro agora
Não se faz nada no mundo;
Tudo com elle é fecundo,
Tanto dentro como fóra.

Faz a feia linda e bella,
A que é vil faz ser senhora,
Faz santa a que é peccadora,
E faz discreta a singela.

Tem pois de amor na baralha
Hoje um trunfo verdadeiro,
A que saca mais dinheiro,
Ou coisa ao menos que o valha;

Mas tambem deve aprudencia
As mais acções governar-te;
Que o saber amar é arte,
E o saber viver sciencia.

PRIMEIRA LIÇÃO

Primeiramente te aceia,
Pois no amante galanteio
Faz muitas vezes o aceio
Parecer bella a que é feia.

A arte no alinho ensina
Perfeições á natureza,
Pois com o aceio a belleza
Passa a ser coisa divina:

Mas sabiamente reparte
Dos adornos a destreza:
Pareça só natureza
O que fòr cuidado d'arte.

O vestir proprio convenha
Do teu estado á doutrina;
A estamenha seja fina,
Mas sempre seja estamenha.

Se a camisa fôr de preço,
Ou de ordinaria despeza,
Seja limpa, que a limpeza
Nunca póde ser excesso.

Seja bordado o sapato;
A meia de sêda seja;
Será bom que amor a veja,
Mas que a rebuce o recato.

Ajuste bem no semblante
Branca a touca e transparente;
Mas sempre seja decente
Sem deixar de ser galante.

O espartilho algum defeito
Sem muito aperto desminta,
Faça mais estreita a cinta,
Faça mais crescido o peito.

Deixa vêr parte do seio,
Que abril-o todo é loucura;
Pois passa a descompostura
Sem chegar a ser aceio.

Andem das vistas distantes
Os peitos modestamente;
Pois, se os mostras á mais gente,
Que has de mostrar aos amantes?

Emfim, seja sempre o rosto
Bem ou mal delineado,
Naturalmente engraçado
Mas com destreza composto.

Se da face a côr primeira
Fôr desmaiada ou remissa,
Embora seja postiça,
Mas pareça verdadeira.

Em fallar bem sempre estuda
Sem ter nas palavras mingua;
A que não dá bem á lingua
Era melhor nascer muda.

Sejam as vozes suaves,
As expressões carinhosas,
Para os amantes mimosas,
E para a mais gente graves.

Da lingua emenda os defeitos
Sem ter de discreta a secia,
Que ás vezes passa a ser necia
A que falla por conceitos.

Nas cartas cuida em ser breve,
Natural, clara e succinta,
Mas primeiro o peito sinta
O que a mão depois escreve.

Deixa as palavras subidas
Para apompados sermões,
Porque as tuas expressões
Basta que sejam polidas.

Não só deves estudar
No fallar, e no escrever,
Mas em saber-te mover,
Em saber rir e chorar.

Qualquer acção que se move
Com graça e ar, nos recreia;
Um sorriso nos enleia,
Um suspiro nos commove.

D'estas e mil miudezas
Que o uso ensina sómente,
Faz amor continuamente
O triumpho das bellezas.

SEGUNDA LIÇÃO

Com esta lição primeira
Se segue a eleição do amante,
É ponto o mais importante
Que póde ter uma freira.

O fidalgo muitas vezes
Entra por este convento,
Sem outro merecimento
Que os seus Telles e Menezes:

Louva a seus avós honrados,
Celebra os seus ascendentes;
Mas, se não mandar presentes,
Zomba-lhe dos seus passados:

Se se apeia no terreiro
Com cavallos e criados,
Sabe que uns são emprestados,
Outros filhos de um caseiro:

Se te manda é tão sómente
Uma canastra de fruta;
E não sejas dissoluta
Por tão pequeno presente.

Mas se algum fôr liberal
E já senhor de morgados,
Emprega n'elle os cuidados
Conforme o seu cabedal.

Traze-o sempre tão seguro
E no mandar tão frequente,
Que até chegue de imprudente
A tomar dinheiro a juro.

*

Do clerigo, e mais do frade
É maior a sementeira,
Porque n'elles o ter freira
Não lhe ultraja a gravidade:

Pois elles tem por sciencia
De achar, não sei por que conta,
No trato de fóra, affronta,
E, no das freiras, decencia.

Mas seja clerigo ou frade,
O teu favor só dispensa
Ao que tiver melhor tença,
Ou mais rica dignidade.

Mas dos franciscanos nossos
Foge, e toma os meus conselhos;
Pois são zelosos em velhos
E são vadios em moços.

Nenhum d'elles que dar tem,
Que é o ponto principal;
Mas, se fôr Provincial,
Pódes-lhe então querer bem.

Tambem alguns estudantes
Frequentam a portaria,
E n'elles se principia
O concurso dos amantes;

Mas só servem para aquellas
Que penteiam desenganos,
E que já, pelos seus annos,
Vão deixando de ser bellas.

Uma questão na verdade
Só definir-te não posso:
Se ha de ser o amante moço,
Se já crescido na idade.

No primeiro o fogo activo
Arde, brilha e resplandece;
No segundo se esmorece,
Mas sempre mais effectivo:

Arde o moço mais violento
Mas com chamma mais segura,
Arde o velho, e mais lhe dura
O fogo quanto mais lento:

Um se muda facilmente,
Outro é firme até á morte;
Se ama o primeiro mais forte,
O segundo mais prudente.

Todos os enamorados
Querem passar por discretos;
Mas muitos por circumspectos
Se fazem alambicados:

Foge d'estes, se quizeres
Crêr-me a mim por experiencia,
Que é precisa outra sciencia
Para agradar ás mulheres.

TERCEIRA LIÇÃO

Resta-me agora explicar-te
A phrase, o modo e maneira
Com que, na grade primeira,
Deves, menina, portar-te.

Em os primeiros favores
Mostrar-te sempre remissa,
Que com isso mais se atiça
O fogo nos amadores.

O mais que pódes fazer
É mostrar-lhe o teu sapato,
Mas com tal pejo e recato,
Que o faças enlouquecer:

Se bem que ha tolinha agora
Que logo ao primeiro rogo
Tem o mesmo desafogo
Que tem qualquer peccadora.

Isto, filha, damnifica
Das freiras a gravidade;
Pois tanta facilidade
Vergonhoso nome indica.

Inda que mostre direito
Para renovar instancias,
Finge vergonhosas ancias
Com melindroso tregeito.

Vira a cara, torce a vista
Por mais que agradal-o queiras;
Pois o repudio das freiras
Novos affectos conquista.

Faze na segunda grade
Com que... Mas aqui chegava
A mestra, quando a chamava
Para o locutorio um frade.

« Adeus, lhe disse, que vou
Fallar com este asneirão;
Não te esqueça esta lição,
Que experiencias me custou.

« O mais que quero dizer-te
Ficará para outro dia;
E do meu cuidado fia
Que cedo mestra has de vêr-te ».

Paulino Cabral

Este poeta escreveu a sua genealogia em verso. Para desmentir o preconceito de quem assacou á poesia o aleive de mentirosa, o abbade foi poeticamente sincero em materia de linhagem. As grandes calumnias genealogicas acham-se perpetradas e perpetuadas em prosa reles.

> Um de meus bisavós foi mercador,
> Outro foi d'alfaiate official,
> Outro tendeiro foi sem cabedal,
> E outro, que juiz foi, foi lavrador.
>
> O meu paterno avô foi professor
> De latim que ensinou ou bem ou mal;
> E o materno viveu no seu casal
> De que inda agora eu mesmo sou senhor.

Meu pai medico foi, e homem de bem,
Minha mãi *dom* teria, por que emfim
Muitas menos do que ella agora o tem.

Abbade eu fui; e, se saber de mim
Alguma coisa mais quizer alguem,
Saiba que versos faço, e os faço assim.

Parece que não foi menos veridico nas passagens que nos conta dos seus costumes:

Eu cômo, eu bebo, eu durmo, e sem receio
Do que ha de vir a ser, a vida passo,
Ora de Nize no gentil regaço,
Ora das Musas no sonoro enleio.

Ás vezes pesco, ás vezes jógo ou leio.
....

Nize e o jogo principalmente. Não se póde dizer o mesmo da leitura que as suas poesias denotam menos cultivada que o regaço gentil da dama acima nomeada, e d'outras. O padre fez sonetos a Filis, a Irena, a Rosa, a Marcia, a Anarda e a Lisia; mas Nize foi a predilecta. Passava dos sessenta annos, quando sentiu nevarem-lhe no coração estas frialdades que hoje em dia gelam um rapaz, se a mulher amada não lhe infiltra o calorico dos coupons e do gaz em acções da Companhia do mesmo.

Depois dos sessenta annos, despedia-se:

> Adeus, Nize gentil: a minha idade
> Que já de lustros doze um pouco passa,
> Torpe a mão, tarda a planta, a vista escassa
> É só resto infeliz da humanidade.

Nize não devia ser muito joven, quando o abbade se demittia de lhe atiçar os fogos, segundo se deprehende de um terceto em que a desaba do ideal com desamoravel crueza, expondo-a á irrisão com o nome e appellido:

> E vejo emfim que aquella a quem eu punha
> Acima das estrellas, é já agora
> Em vez de Nize bella, Ignez da Cunha.

Não obstante, suspeita-se que ella já madura se fizesse reverdecer em danças com cadetes e peraltas. O padre queixa-se:

> Senhora Nize, a verde mocidade
> Já lhe tem dito adeus, tenha paciencia;
> Porque dama não ha que resistencia
> Saiba fazer dos annos á crueldade.
>
> Tudo o tempo destróe: e esta verdade
> Principia a chorar vossa excellencia;
> Quando não, metta a mão na consciencia,
> E mostre a certidão da sua idade.

Deixe-se pois de entrar nas danças altas,
De assembléas, de jogos; finalmente
De ouvir cadetes, e escutar peraltas.

Olhe que já por hi murmura a gente,
E lhe diz que, depois de certas faltas,
O ter sobras de amor fica indecente.

Devia de ser senhora de mui fina sociedade esta Ignez da Cunha a quem Paulino Cabral toucava as cans de tão melindrosas flôres.

O jogo não lhe foi menos funesto que Nize. Da paixão das mulheres resgatou-o a idade; mas o *wisth* e a *arrenegada* reduziram-o a extrema pobreza. Dizia-lhe Theodoro de Sá Coutinho:

Deixa, Paulino, deixa a travessura
Do jogo a que te arrasta o genio inquieto:
Socega um pouco mais, e circumspecto
A orgulhosa paixão vencer procura.

A cada passo faz gala do seu vicio:

Passo em casa as manhãs, janto, dou graças,
Monto a cavallo e vou-me para o jogo.

E n'outro lanço:

Ora a pesca, ora o jogo, ora o passeio,
Ora da França um livro me entretinha.

E ainda:

> O jogo, o amor, a mesa, as musas bellas
> Roubaram-me o melhor da mocidade.

E parece que o restante da mocidade não o consagrou o pastor em desvelos excessivos com o seu rebanho de Jazente. Se é verdade o que elle diz, o amor foi tanto em sua vida que invocava, em prova da sua cálida ternura, as avós das mulheres que amava.

> Em quanto eu pude, e tive actividade,
> Nenhuma experimentou em mim tibieza;
> E, se queres saber esta certeza,
> Tua avó te dirá toda a verdade.

> Pergunta-lhe o que eu fiz...
> ....

O padre Paulino Cabral não era um tartufo de vicios que fatuamente se pavoneava em sonetos de chalaça plebeia. Era tudo isso. Foi por tanto forçado a renunciar o beneficio, e ausentar-se do theatro das suas fragilidades senís. Gemeu os restantes annos da vida em pobreza, e d'esse funebre occaso enviou elle ás alegres auroras da sua vida este soneto:

Eu que junto á cabana em que vivia
Tive uma rica ermida, e afortunado
Ovelhas tantas tive que o montado
Com ellas branquejar alegre via:

Eu que tive prazer, tive alegria,
Tive nome entre os mais, eu, desgraçado,
De quanto tive agora despojado
Não tenho nada mais que noite e dia.

Eu mesmo deixei tudo, e unicamente
A saudade nos cofres da memoria
Com desvelo guardei, mas imprudente;

Pois lendo n'ella a minha triste historia,
Me fazem ser mais duro o mal presente
Dôces lembranças da passada gloria.

Aqui não ha raio de graça celestial nem toque de contrição; mas ha bastante exemplo para vigarios portuguezes.

VERDADES SINGELAS

Estas verdades singelas,
Sem artificio e conceito,
Póde-as lêr qualquer sujeito;
E, se vir que alguma d'ellas
Lá pela roupa lhe toca,
Tape a bocca.

Dizer um senhor fidalgo
Que tem tres contos de renda;
E que gasta uma fazenda
Só em sustentar um galgo,
Que todas as lebres mata,
Patarata.

Querer outro senhoria,
Quando tinham seus avós
Um tu, um vossê, um vós,
Sómente por cortezia
Do cura, ou do senhorio,
Desvario.

Trazer de luto os criados
Um senhor mui reverente,
E dizer a toda a gente
Que gastou tres mil cruzados
De seu pai no mortuorio,
Gabatorio.

Andar outro embonecado,
Ter amores, ter affectos,
E depois de ter já netos,
Andar inda namorado
Sem se lembrar da velhice,
É tontice.

Dizer um por varios modos
Que nos seus antepassados
Tem trinta reis coroados
Do claro sangue dos godos
Que pelas veias lhe gira,
É mentira.

Andar outro como brasa
Vendendo soberba a mólhos,
E mettendo pelos olhos
Os brazões de sua casa,
E de seus avós o fôro,
Desafôro.

Andar um para casar,
Buscando uma entre mil
Senhora rica, e gentil;
E entender que ha de achar
Por cima d'isto donzella,
Bagatella.

Insultar sem causa a gente,
Dar empuxões em quem passa;
Querer que lhe façam praça,
Ser por officio valente,
Ser carrancudo e sevéro,
Destempêro.

O que consente á mulher
Andar na dança aos boléos,
Escrever a chichisbéos,
E que lhe deixa fazer
Em tudo a sua vontade,
Vá ser frade.

Na de amor louca contenda
Andar sempre em viva roda;
Gastar n'isto a vida toda,
O tempo, a vida, a fazenda,
Depois ficar pelitrate,
Disparate.

O ter sempre a mesa posta,
Jogar, andar em caçadas,
Ter dama, fazer jornadas,
E nunca tornar resposta
A quem lhe pede dinheiro,
Cavalheiro.

O que tendo filha ou filho,
Os vê fazer a miudo,
Este calção de velludo,
Aquella rico espartilho,
E mostra que não entende,
Que pretende?

Sustentar doze cadellas,
Um sacador, um furão,
Só por n'uma occasião
Sahir ao monte com ellas
E caçar coelhos poucos,
É de loucos.

Ficar um filho segundo
Sendo da casa embaraço;
E viver como madraço
Com um socego profundo
Tocando frauta ou viola,
Mariola.

A viuva rica e nova,
Que na igreja muito attenta
Lança devota agua benta
De seu marido na cova
Só com a ponta do dedo,
Casa cedo.

A que não conhece o mez
E que diz que tem catarrho,
Ou é velha ou come barro;
Ou algum excesso fez,
Que a curar lhe leva ás vezes
Nove mezes.

A que entende nunca que
Póde amor entrar com ella,
Seja ingrata, seja bella
Lá lhe ha de vir a maré
Em que cáia a formosura
De madura.

*

A senhora a quem o criado
Descalça o sapato e meia,
Se ella não é muito feia
E o moço não fôr honrado,
Faz um bucho retorcido
A seu marido.

A que tem dôres da madre,
Que remedio aos mestres pede,
Que vai ao padre da Rede,
Ou toma cedo compadre
E acrescenta a gente em casa,
Ou se casa.

Se não é rica uma dama
E estraga airosa velludos;
Se acaso os homens sisudos
Lhe lançam nodoas na fama
Pela vêr com indecencia,
Paciencia.

A que dança de arremesso,
Que faz versos e é cortez,
Que joga e falla francez,
Emfim mulher, que eu conheço,
Seja clara, seja bella,
Fugir d'ella.

A que lê livros de amores,
Que sabe deitar um mote,
Que estraga olandas a cóte,
Que faz cortejo aos senhores,
Se por milagre é donzella,
Ter mão n'ella.

Sahir sem causa da terra,
Ir vagar pelas estranhas,
Ir por vontade ás campanhas
E trazer sempre na guerra
Pendente a vida de um fio,
Desvario.

Ser de damas confessor,
E ser conego em Sé vaga,
E ter quem lhe cure a chaga
Do tyranno e cego amor
Lá muito pela escondida,
Boa vida.

Servir a el-rei toda a vida,
E depois em recompensa
Ter trinta mil reis de tença
Que é sómente recebida
Lá no cabo da velhice,
Parvoice.

Trazer titulos de Roma,
Sem primeiro ter que gaste,
E ser bispo de Tagaste,
Sem ter já rendas que coma,
Pagar a bulla e gabella,
Bagatella.

Uma fidalga noviça,
Que quer, com grande insolencia,
Ser tratada de excellencia,
Com chinellas de cortiça
E manto de tafetá,
Arre lá.

Jogar de abono, e perder,
E não ter com que pagar;
Ter amor e vêr mudar
A dama que bem se quer,
E não ter lenha no inverno,
É inferno.

Ministro que lê Descartes
Em vez de lêr por Themudo,
Ou que faz na solfa estudo
Mais que nos feitos das partes,
Está mui bem premiado
Aposentado.

No que tem filhas bonitas,
E no dia dos seus annos
Consente que alguns maganos
Lhe façam não só visitas
Mas tambem algum calote,
Chicote.

A que bebe sem vergonha,
Que toma tabaco e dança,
Que do jogo não se cança,
Que é toda guapa e risonha,
Se por milagre é donzella,
Ter mão n'ella.

Ser bispo sem jurisdicção,
Capitão de auxiliares,
Cadete nos militares,
Cavalheiro de esporão,
E casar-se na velhice,
Parvoice.

O que passeia montado
Sobre rocim muito podre,
Com xairel de pelle de ôdre,
Com teliz esfarrapado
E lacaio de capote,
Dom Quixote.

A que tem um só amante
E lhe manda a consoada;
E, se o vê fazer jornada,
Nunca mais sobe ao mirante
Pelo respeitar ausente,
É innocente.

Vêr uma dama noviça
Querer ella ser senhora
Tendo vindo de pastora,
Que de alguem o affecto atiça
Só por ter quem a sustente,
Não é gente.

Vêr andar de ceia em ceia
Alguns, que aqui não nomeio,
Ir ao jogo, ir ao passeio,
E pretenderem que eu creia
Que vão só tomar café,
Não bofé.

N'aquelle que anda em carroça
E pretende senhoria,
Sem se lembrar que algum dia
Andava seu pai de crossa
E sua mãi de tamanca,
Boa tranca.

Letrado que atraza a causa
Com mil enredos astutos,
Que lê feitos circumdutos,
E se passeia com pausa,
Fallando só no escriptorio,
Farellorio.

Mercador que faz rebates
Depois de casar as filhas,
Que manda navio ás ilhas
E não paga aos calafates
Senão depois de citado,
Tem quebrado.

O que nega a mão direita
A todo o clerigo, e frade,
E o que por mais vaidade
A senhoria lhe aceita,
E lhe falla impessoal,
Animal.

O que namora a mulher
Na igreja ou camarote;
E que a deixa dar um mote
Em noite de baile, e quer
Que aos mais pareça discreta,
É pateta.

O que vai sempre ao café,
Que traz papeis no cabello,
Que dá muito ao cotovêlo
E que em passo de cupé
Caminha pelo ladrilho,
Peralvilho.

Se ás vezes traz a verdade
Algum dissabor comsigo,
Aquelle, que das que digo
Não mostrar nunca vontade,
Tenha ao menos por prudencia
Paciencia.

EDUARDO VIDAL

É o snr. Eduardo Vidal um poeta lyrico e quasi singular em duas qualidades excellentes, n'esta época de gallicismos e de castração do amor: ama, primeira qualidade; segunda, e mais rara: faz correctissimas lyricas do seu amor. Não lhe sei a idade. As suas poesias rescendem vinte primaveras. Quando eu era moço, cheirava-as com certa inveja e com tal qual ciume. Agora, quando o leio — e nunca deixo de o reler — sinto pruir-me a saudade do anjo que a mim me fugiu, e a elle lhe grudou nas espádoas as nitentes azas.

Os talentos recem-vindos bem forcejam por des-

azal-o. Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, ambos engenhos de *prime saut,* symbolisaram-no no romantismo, e não cessam de o morder em holocausto á Idéa nova. Mas o snr. Vidal refuta-os d'este theor:

A idéa nova, é boa!... em que consiste a ideia?...
Nova; mas nova em que?... Na insania que alardeia,
Na fórma sem primor, no rasgo deshonesto,
Na feia exposição, na chufa, no doesto,
No delirio fallaz que pinta a humanidade
Em latibulos vis de infame ebriedade,
Bebendo a corrupção nas taças sacrosantas?...
Idéa nova, em que?... Se a perversão nos cantas,
Sagrando a lyra d'ouro ás saturnaes lascivas;
Se no teu ideal só pairam essas *divas*
Que a miseria lançou nos antros enlodados,
Que novidade és tu? Que mundos ignorados
Pretendes cimentar repletos d'abundancia? —
O que farás do amor, — o que farás da infancia?...
O que dirás ás mães n'um limpido conselho?...
Onde tens o respeito ás cans do pobre velho
Que é pai, que é bom, que é triste, e em Deus inda confia?...
És noite e escuridão; negas a luz e o dia.
És o velho farçante, a deusa descambada.
Não ascendes ao bello; andas de escada em escada
A farejar o crime, e a delatar o vicio.
Que sacerdocio é o teu? — Serves o baixo officio
Do policia que espreita, e agarra o que mal usa:
Votaste a Boa-Hora em templo á tua musa.
Eu, que persisto ha muito em crêr no bem florente,
Que sou da reacção protervo impenitente,
Que adoro o céo, a flôr, a pallida belleza,
Os lirios da innocencia, a vasta natureza,
E que sinto em minha alma uns éstos de lyrismo
Quando me agita, ó Deus, um vago pantheismo
Que me afaga, me enleva, e brando me sorri,
Mas que, em intimo ardor, me leva a crêr em ti;
Eu deixo caminhar a procissão judenga,
E adormeço de ouvir-lhe a chôcha lenga-lenga!

Estes alexandrinos são tersos, formosos e irrespondiveis. Quando, ao diante, eu historiar esta invasão de Gongoras entranhados em idéas novas de remendos velhos, colhidos a gancho nos monturos de Paris, os versos do snr. Vidal serão citados como o protesto de um Daniel na cova dos leões.

A RAPOSA E AS UVAS

Dizem que as musas castas d'outras eras
Devem metter-se agora a petroleiras
E esfolharem-se as vívidas roseiras,
Enfeite das caducas primaveras;

Que o tempo das visões e das chimeras
Desfez-se, á luz das cousas verdadeiras,
Que é nescio o amor, que as aves são palreiras,
E que ninguem se importa com as espheras.

Eu ouço dizer isto em rima vária,
E, emfim, que é bom pôr termo a tantas pêtas,
Que a *idéa nova* é nova... e proletaria.

Ó Herodes crueis das borboletas!
Quem vos dera a varanda solitaria
Onde scismam as pallidas Julietas!

Papança, e Nunes da Ponte

Vi-os em Coimbra no seu ultimo anno de formatura. Bachareis em direito, despediram-se da mocidade, e levaram cada um seu livro de versos á Primavera que lhes dava o ultimo beijo no Penedo da Saudade. Com que melancolia, volvidos vinte annos, os dous velhos pedirão á memoria a inspiração d'aquellas paginas!

Macedo Papança faz que um leitor serio se deixe ir atraz das tranças soltas, e da espádoa nua, e do desnalgado requebro da poesia moderna. Nunes da Ponte, ao invez, tão moço como o seu condiscipulo, verseja sobre sentimentalidades de ha dez annos, no estylo temperado dos poetas que nutriam amores cas-

tos e um saudavel medo dos equivocos suspeitos. E —singular coisa!—um entre risos, outro entre lagrimas, ambos accusam mulheres ingratas, e principalmente doidas, mulheres que fizeram do coração cuias, e que, situadas á margem do Mondego, onde gemem os suspiros da Collo de Garça, são pouco *Ignezes* porque teem muito de *Hortas*.

MACEDO PAPANÇA

INCOMPATIBILIDADES

Tens a oleo na sala de visitas
Os austeros perfis dos teus parentes,
E disseste-me um dia até que os sentes
Orgulhosos sorrir, se acaso os fitas.

Descendes de D. Fuas, ou não sei
Que portuguez illustre é que tu dizes,
Que defendeu em tempos mais felizes
Com denodo fidalgo o reino e o rei.

Tua mãi nunca perde occasião
De me dizer que nos saraus da côrte
Os rapazes gentis de melhor porte
Te fazem a galante distincção

*

De se curvarem logo que tu passas,
Disputando em seguida a primazia
Na tua carteirinha luzidia,
Que os inscreve segundo as suas raças;

E teu pai, se me falla, nunca falla
Senão em pergaminhos, em fidalgos,
Nas ligeiras matilhas dos seus galgos,
No conde, na duqueza, na marechala;

Em summa nas distinctas relações
Do seu nobre solar, abrazonado,
Que é um grande cachimbo requeimado
Das fumaças de muitas gerações.

Nos jardins, nos theatros, nas igrejas
Acompanham-te uns comicos galans
Dizendo-te umas phrases tolas, vans,
E enchendo-se de estupidas invejas,

Se os teus olhos, travêssas mariposas,
Em mim se vem fitar, como n'um fructo;
E eu que os desprézo e ás vezes que os desfructo
Sondando-lhes as almas tenebrosas,

Sinto-me triste, e triste, porque sou
Um pária social, talvez o neto
D'algum sêr desprezado, e pobre, e abjecto,
Que as botas engraxava a teu avô.

Por tanto já tu vês que não podemos
Unir-nos no futuro (ideia negra!);
É esta uma excepção áquella regra
De sempre se tocarem os extremos.

Eu continúo a ser um sonhador
Que te pede em profunda reverencia,
Ao dar-te, humilde, a mais altiva excellencia,
O teu fulgido olhar, como um favor;

E tu, a fina solarenga austera,
Irás talvez em breve desfolhar
A grinalda da tua primavera
Nos braços imbecis d'um titular!

DUAS ÉPOCAS

I

Eras minha e só minha ; eu via-te assim como
Um Tantalo d'amor, um Tantalo febril,
Que aspirava a beijar o immaculado pômo
— A tua mão pequena, alvissima e infantil. —

Eras humilde e boa ; olhava-te e pensava
Que havias de ser tu, ó pallida açucena,
A minha esposa casta, e ouvia-te e aspirava
O fresco musical da tua voz serena.

Sentia-me tão bem, tão bem, tão confortado
Se me vinhas fallar baixinho ao meu ouvido,
Dôce como um perdão, triste como um gemido,
Do teu primeiro amor, meu unico cuidado,

Que me punha a scismar então, se por ventura
Lá onde habita Deus, nos páramos infindos,
Se encontraria azul de côr mais casta e pura,
Que o azul ingenuo e bom d'esses teus olhos lindos.

E aonde os anjos vão cantar coisas do ceu
Nos espaços da luz, no centro da harmonia,
Quando eu subisse lá, se acaso encontraria
Uma voz como a tua e um canto como o teu.

Tu eras para mim um culto abençoado,
Perto de ti sentia aquella estranha unção
De muita fé, que sente um rude, um aldeão
Ante o grande esplendor d'um templo illuminado.

II

Hoje és uma *coquette* altiva e preteneiosa,
O ideal *du monde chic,* a flôr do *cotillon,*
Que mostra *o collo* nu e a meia côr de rosa
Premida sob o azul da bota *á benoiton.*

Tu fallas na *Marie,* no Seixas e no Guerra,
Que te hão de fornecer nus *nadas* muito caros,
E em que has de mandar vir da Escocia objectos raros
E as sêdas de Paris, e as rendas de Inglaterra,

Para os bailes do inverno e recepções no paço,
Cujos espelhos vão de certo reflectir
Esse teu corpo unido ao corpo d'um palhaço,
Que só de imaginal-o até me ponho a rir.

Desejava escutar a prosa almiscarada
Do teu nobre *galan,* do teu aristocrata;
Deve sahir sublime a phrase trabalhada
Na tôrpe escuridão d'uma cabeça chata!

E dizes que já tens um par muito gentil
Para a primeira valsa — o filho d'um visconde
C'est le plus distingué, la fleur du demi-monde,
Cujo esquecido avô foi dono d'um barril.

Elle é franco commigo, e um dia ha de dizer-me
Que te fallou d'amor, que tu córaste, e que elle
N'um beijo te provou o saboroso mel
Das rosas virginaes da alvissima epiderme;

E eu hei de então contar-lhe um pouco enternecido,
Por vêr surgir de novo o sonho d'outra idade,
Que o perfume senti da tua virgindade
Por te beijar sómente a cassa do vestido.

Ai, pobre flôr perdida! ai, flôr abandonada
A quieta podridão d'um pantano maldicto!
Has de beber o fel d'um coração afflicto,
Na ironica explosão da minha gargalhada.

E nota que ao passar por ti, se me cahir
Uma lagrima, ó flôr, no teu vestido nobre,
Não penses que a gerou a dôr que o riso encobre,
Que eu rio de te vêr, e choro de me rir.

NUNES DA PONTE

VAIVENS

Outr'ora na rua, na sala, nas praias
Onde ella ia d'antes,
A altiva senhora das fórmas esbeltas,
Prostravam-se ao vêl-a na curva dos deltas
Os finos galantes.

Na camara, um dia, um ministro d'Estado,
É chronica assente,
Levado d'assombro de tanta elegancia,
Tomou a palavra, gemeu uma estancia
Ao vêl-a de frente.

Um rei atrevido de planos estranhos
Se bem me recordo,
Lembrou-se uma vez de trocar os Estados
Co'amigo sultão, se os povos amados
Se achassem d'accordo.

Propondo-lhe a ella por vias travessas,
Por duques e pares,
Fazêl-a sultana dos reinos caducos,
Doirar-lhe os desejos, cercando-a d'eunucos
Nos ermos palmares.

Loucuras dos grandes! A altiva senhora
Pensou um instante
Nos *cambios* do gôzo, na dôce aventura
Que o harem escravisa na molle tortura
D'um turco constante...

Não quiz acceder. E o reinante magoado
Morrera de certo
Se os grandes fidalgos e damas ousadas
O não distrahissem nas longas caçadas
Do corso inexperto.

No entanto correram os annos ligeiros,
E coisa estranhavel!
Passavam-lhe o pé com fatal insistencia
Os finos galantes da morna indolencia
Sem coisa notavel.

Até que dorida de tanto abandono,
Um dia prostrada,
A grande senhora da altiva belleza,
Fixou n'um espelho com mágoa e tristeza
A fronte enrugada!

Debalde a açafata da dama chorosa
Procura animal-a
Com fallas e risos, cingindo-a nos braços;
O pranto desvenda-lhe os lividos traços
Dos pós *á mar'chala.*

Passado esse dia, corria na côrte
Com pasmo dos nobres,
Que a altiva senhora fugira do mundo,
Para ir encerrar-se n'um claustro profundo
E orar pelos pobres.

Camões

Tem-se escripto notaveis parvoiçadas por conta de Camões, umas nacionaes, outras estrangeiras. Entre as segundas, é notavel uma do principe russo Élim Mestscherski, fallecido em 1844. Incluido nas suas poesias francezas posthumas, com o titulo Les roses noires, está um drama chamado Camões. O poeta, nas ultimas horas da vida, occupa um quarto do terceiro andar do hospital, onde o vai procurar um mercieiro que tinha sido seu condiscipulo no «collegio de Calvas». Camões custa-lhe a reconhecer o condiscipulo; mas, dados os seguintes esclarecimentos, recorda-se. Diz o tendeiro:

Me reconnaîtrez-vous, quand vous m'entendrez dire:
Je suis José Castel Branco de Viado,
Vous faut-il plus? Je suis moi José Quêbêdo,
Fils de Marichita qui fut votre marraine.

Este burguez, filho da snr.ª Mariquita, madrinha do fidalgo poeta, era pai de Vasco Mousinho de Quevedo Castel Branco, tambem poeta, a quem o principe russo, por amor da rima, chama *Pérez*. O motivo que leva o mercieiro ao hospital não é indigno do seu mester: vai vêr se conduz o desgraçado poeta para casa afim de que seu filho *Pérez*, vendo-o morrer tão pobre e sem amparo, perca a mania de fazer versos. Camões não aceita o favor. José Castel Branco de Viado sahe zangado do hospital insultando o moribundo, e manda-lhe o filho a vêr se o resolve. *Pérez* assiste ao trespasse de Camões; e, contra o que o pai conjecturava, sente-se cada vez mais acceso em ardor poetico na presença d'aquelle sublime espectaculo da morte do principe dos epicos. O filho do tendeiro de Lisboa, poucos annos depois, publicava o poema Affonso africano. Os nobilissimos Cabedos de Setubal, descendentes collateraes do cantor das empresas de Affonso v, se souberem que o principe Élim lhes poz o tendeiro na stirpe dos bravos batalhadores da côrte de Pelayo, de certo devem sentir um justo desprezo por todos os principes russos.

Camões amou muito; logo, não foi o grande desgraçado que se imagina. Amou muitas senhoras de varias côres, áquem e além mar, solteiras e casadas:

N'uma casada fui pôr
Os olhos de si senhores:
Cuidei que fossem amores,
Elles fizeram-se amor.

Amou uma preta:

Aquella captiva,
Que me tem captivo,
Por que n'ella vivo
Já não quer que viva.

. . . .

Pretidão de amor,
Tão dôce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocára a côr.

. . . .

Esta é a captiva
Que me tem captivo,
E pois n'ella vivo
É força que viva.

Amou uma Catharina. Uns dizem que era de Athaide, outros Boccanegra—em todo caso, fidalga; mas não a tratava com grandes delicadezas de palaciano:

Catharina é mais formosa
Para mim que a luz do dia;
Mas mais formosa seria,
Se não fosse mentirosa.

. . . .

Jurou-me aquella cadella
De vir, pela alma que tinha;
Enganou-me, tinha a minha,
Deu-lhe pouco de perdel-a.

Chamava-lhe *cadella*. Fiem-se lá nos lamuriantes queixumes do falsificado Camões de Garrett:

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella, etc.

Amou uma Gracia de Moraes:

Olhos em que estão mil flôres
E com tanta GRAÇA *olivaes*
Que parece que os amores
Moram onde vós MORAES.

Amou uma Domingas:

Esconjuro-te, Domingas,
Pois me dás tanto cuidado,
Que me digas se te vingas,
Viverei menos penado.

Amou ao mesmo tempo uma Helena, uma Maria e uma Joanna:

Não sei se me engana Helena,
Se Maria, se Joanna;
Não sei qual d'ellas me engana.

Amou uma pastora:

Pastora da serra,
Da serra da Estrella,
Perco-me por ella.

Amou uma fulana dos Anjos, que lhe chamou diabo:

Senhora, pois me chamaes
Tão sem razão tão mau nome,
Inda o diabo vos tome.

....

Já que chegaes tanto ao cabo
Com as mãos postas aos céos,
Vou sempre pedindo a Deus
Que vos leve este diabo.

Amou uma Beatriz:

Formosa Beatriz, tendes taes geitos,
N'um brando revolver dos olhos bellos,
Que só no contemplal-os, senão vêl-os,
Se inflammam corações e humanos peitos.

Até aqui onze, fóra as que eu não nomeio para não offender as familias honestas que as representam, e as ineditas que elle tambem não nomeou.

A sincera biographia d'este poeta, um dos primeiros da Europa, e o maior do seu seculo, ainda não está escripta. Os que versaram esse assumpto acingiram-se á tradição, a Manoel de Faria e Sousa, embusteiro desprezivel, e ao licenciado Manoel Corrêa, escravo das conveniencias. O bispo de Vizeu, Barreto Feio e o snr. visconde de Juromenha, bons litteratos a muitos respeitos, estavam muito áquem da baliza onde a critica principia a dilucidar o perfil de Camões.

O doutor Theophilo Braga, se não escrevesse em annos tão verdes e com tanta precipitação, em vez de um chavascal de incongruencias estolidas e de hypotheses pueris, teria rastreado a linha recta que levou o grande genio pela desordem da vida aos embaraços da pobreza e do desamparo. Em vez de o phantasiar a carpir-se da perda de Alcacer-Kibir dar-nos-hia como documento da sua cumplicidade n'aquelle desastre a *Epistola* a D. Sebastião em que o poeta lhe pede que *tinja as suas settas no sangue sarraceno, que Deus o premiará pelo vingar dos rebeldes, etc.*

Como quer que seja, Luiz de Camões, se não tinha costumes exemplares, aconselhava-os ás damas que escorregavam, recebendo presentes de sitim, já por causa do *si* (sim) como por causa do *tim*. Esta poesia não é propriedade do seculo XVII como pintura de maus costumes: cabe á larga no seculo XIX, e deve entrar n'um *thesouro de meninas* com preferencia á ilha dos amores em que

De uma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas:
Accende-se o desejo que se ceva
Nas alvas carnes, subito mostradas:
Uma de industria cahe, e já releva
Com mostras mais macias que indignadas
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

Estes versos crus e nus não são do snr. Guerra Junqueiro nem do snr. Alfredo de Carvalhaes. São do

poeta inculcado e recommendado para leitura das escólas de rapazes, e acham-se em edições de seis vintens no açafate de costura das meninas. Tirem-no de lá, por quem são, mães de familia, e façam-nas decorar o que ha no *sitim* quando a palavra se decompõe e a mulher se descompõe.

A UMA SENHORA

A QUEM DERAM UM PEDAÇO DE SITIM AMARELLO [1]

Se derivaes da verdade
Esta palavra *sitim*,
Achareis sem falsidade
Que após o *si* tem o *tim*,
Que tine em toda a cidade.
Bem vejo que me entendeis;
Mas por que não falle em vão,
Sabei que a esta Nação
Tanto que o *si* concedeis
O *tim* logo está na mão.

---

1 Modernisa-se a orthographia para desembaraçar difficuldades.

E quem da fama se arreda,
Que tudo vai descobrir,
Deve sempre de fugir
De sitins, porque da sêda
Seu natural é rugir.
Mas pano fino e delgado
Qual a raxa e outros assi,
Dura, aquenta, e é calado,
Amoroso, e dá de si
Mais que *sitim* nem brocado.

Mas estes que sêdas são
Com quem se enganam mil damas,
Mais vos tomam do que dão;
Promettem, mas não darão,
Senão nodoas para as famas.
E, se não me quereis crêr,
Ou tomaes outro caminho,
Por exemplo o podeis vêr,
Quando lá virdes arder
A casa d'algum visinho.

Oh feminina simpleza,
D'onde estão culpas a pares,
Que por um Dom de nobreza
Deixam dons de natureza
Mais altos e singulares!
Um dom que anda enxertado
No nome, e nas obras não.
Fallo como exp'rimentado;
Que *sitim* d'esta feição
Eu tenho muito cortado.

Dizem-me que era amarello;
E quem assim o quiz dar,
Só para me Deus vingar
Se vem á mão, amarêl-o [1],
O que eu não posso cuidar.
Porque quem sabe viver
Por estas artes manhosas
(Isto bem póde não ser)
Dá a meninas formosas
Sómente por as fazer.

Quem vos isto diz, senhora,
Serviu nas vossas armadas
Muito, mas anda já fóra;
E póde ser que inda agora
Traz abertas as fréchadas.
E, posto que desfavores
O tiram de servidor,
Quer-vos ventura melhor;
Que dos antigos amores
Inda lhe fica este amor.

[1] Amal-o-heis.

A UMA SENHORA

REZANDO POR UMAS CONTAS

Peço-vos que me digaes
As orações que rezastes,
Se são pelos que matastes
Se por vós que assim mataes?
Se são por vós, são perdidas;
Que qual será a oração
Que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?

Que se vêdes quantos vem
A só vida vos pedir,
Como vos ha Deus ouvir,
Se vós não ouvis ninguem?

Não podeis ser perdoada
Com mãos a matar tão prontas;
Que se n'uma trazeis contas,
Na outra trazeis espada.

Se dizeis que encommendando
Os que matastes andaes;
Se rezaes por quem mataes,
Para que mataes, rezando?
Que, se, na força de orar,
Levantaes as mãos aos céos,
Não as ergueis para Deus,
Ergueil-as para matar.

E quando os olhos cerraes,
Toda enlevada na fé,
Cerram-se os de quem os vê
Para nunca verem mais.
Pois, se assim forem tratados
Os que vos vêm, quando oraes,
Essas horas que rezaes
São as Horas dos finados.

Pois logo, se sois servida
Que tantos mortos não sejam,
Não rezeis onde vos vejam,
Ou vêde para dar vida.
Ou se quereis escusar
Estes males que causastes,
Resuscitai quem matastes,
Não tereis por quem rezar.

Corrêa d'Almeida

O senhor padre José Joaquim Corrêa d'Almeida é da provincia de Minas Geraes. A sua predilecção é o epigramma e a satyra. Tem cinco volumes estampados, e parece que não chegam para satisfazer as necessidades publicas do imperio. Elle diz:

> *Eu amo a satyra rija,*
> *e o meu fim é corrigir;*
> *se não ha quem se corrija.*
> *ninguem posso coagir.*

Suspeito que o senhor padre tem mais confiança no epigramma que no *Sermão da Montanha;* e, que, tendo de escolher companheiro de missão, preferiria Juvenal a S. Paulo. Era esse tambem o systema de

corrigir de Gregorio de Mattos, com a notavel e louvavel differença, de que o senhor padre Corrêa, menos rico de metros que o seu patricio, é incomparavelmente mais aceiado, visa as suas pontarias a alvo anonymo, e d'ahi procede talvez não corrigir ninguem como lhe vai acontecendo com os barões de fabrica portugueza e brazileira. D'est'arte investiu elle com um:

Esse nome que na pia
receberas, ó christão,
aspirando á fidalguia,
deixas por seres barão.

Não é tudo! Esse appellido,
herdado de honrados paes,
mais não será conhecido,
visto que o não assignaes.

No lar, no templo, na rua
este juizo alguem fez:
religião, familia tua
renegaste d'uma vez.

É o senhor padre José Joaquim um fino observador do entrudo no Brazil. Conhece-lhe todas as peripecias truanescas, sabe-as tão bem como os plangitivos lances da Paixão que entre catholicos romanos principia quando acaba o entrudo. É assim no seio da christandade. Pierrot e Rigolboche ainda estão cozendo a bebedeira da ultima noite de *can-can,* quando lhes levam a cinza de quarta-feira para saberem que são pó, a elles, catholicos, que de vinho e pó já

se tinham feito lama. Deploravel genero humano! Se não póde expungir-se o entrudo sem acabar com a quaresma, acabem ambas as coisas.

A satyra do senhor padre Corrêa foi muito elogiada pelo primeiro visconde de Castilho quando appareceu na *Gazeta de Lisboa.* Castilho dava como prodigo das opulencias inesgotaveis das suas minas. Pois que a ninguem invejava e lhe sobravam diamantes para constellar o palacio das suas intimas fadas, lançava ao pescoço de todos os poetas um collar das melhores aguas, e armava-os cavalleiros; e, como lhes não via a cara, muitos armou que ficaram sendo *Cavalleiros da triste figura.*

Com estas liberalidades deu azo a que um poeta de talento superior, Thomaz Ribeiro, aquelle que mais captivo teve de si o espirito indolente do publico, andasse enaipado em mãos sujas com uns vates bordalengos que o generoso Castilho quizera lixiviar com os seus finos sabonetes de Opoponax.

Não está o senhor padre Corrêa na turba dos elogiados caprichosamente por Castilho. Tem graça, metrifica nitidamente, folheia o seu Tolentino, e é mais erudito que o que se espera n'estas brincadeiras de entrudo.

O CARNAVAL

Em tudo este mundo finge
e ri da credulidade!
Arquemos hoje co'a esphinge,
extorquemos-lhe a verdade.

Deixemos, leitor, os ramos,
os cartões e o bom confeito;
em boa paz discorramos
em coisas de mais effeito.

Tolentino zombeteiro,
author de phrases amenas,
teve papel e tinteiro
das benevolas camenas.

Se com tal favor não conto
por me ser Apollo adverso,
darás benigno desconto
Ás pobrezas do meu verso.

Acho bom que nos postemos
n'esta esquina, a vêr quem passa.
Occasião hoje temos
de rir de tanta trapaça.

Que figuras exquisitas,
qual a qual com mais aceio!
Se temes, leitor, e hesitas,
é sem causa o teu receio.

Inoffensivo cortejo
ao folguedo se encaminha;
não temas, eu te protejo;
vem! dá-me o braço e caminha!

— Eia! o animo recobra!
De riso quasi arrebento!
Se é homem aquella cobra,
porque gritas por S. Bento?

— Cuidas que a fragil bengala
te queiram fazer em cacos,
se conseguem empolgal-a
esses trefegos macacos?

Isto é pantomima ou farça.
— E se este, de verde-gaio,
se reveste e se disfarça,
nem por isso é papagaio.

Mas co'a falsa bicharia
nossa attenção não gastemos:
mais saborosa ucharia
para a critica hoje temos

Essa corja se afugente
e fóra d'aqui se lance:
só a beliscar em gente
nossa audacia se abalance.

— Aquelle que os outros guia,
e é figura que se nota,
com ares de fidalguia
faz o papel de janota.

Se hoje tem fina casaca,
e chapéo que as nuvens roça,
já transportou muita sacca,
por ser homem de carroça.

*

— Repara no magistrado,
paramentado de béca.
Musico em vez de letrado,
vive do arco e da rabeca.

— Vês o ancho brigadeiro
com bordadura na gola?
Infame estalajadeiro,
gato por lebre degola.

Hoje garboso se ostenta,
brandindo luzente espada;
ámanhã terá oitenta
ou mais freguezes da empada.

— Vês o nobre cavalleiro
com seu habito da Rosa?
Vende lama de atoleiro
por tinta de caparosa.

— Vês alli o sacerdote
de negras roupas talares?
O bom disfarce é grão dote,
mas longe dos nossos lares.

O devasso libertino
sob a mascara se occulta;
na crapula e desatino
é o horror de gente culta.

— Vês alli apavonada
a figura de um visconde?
Estupidez e mais nada
sob a mascara se esconde.

— Vês aquelle missionario
que descobre a fronte lisa
e qual mestre em seminario
nossas acções moralisa?

Denuncial-o á justiça
fôra bom, mas não assigno;
senão, contra mim se atiça
o furor d'esse assassino.

— Repara n'essas maneiras
do mercador de alta escala,
que, por não dizer asneiras,
impassivel ouve e cala.

É taberneiro distincto,
e a profissão feliz, boa;
faz vinho que se diz tinto,
põe-lhe o letreiro — Lisboa —.

— Não ouves como conversa
gente de voz tão macia,
e a discussão toda versa
em reis e diplomacia?

Uns fallam pró, outros contra;
mas sezões me chova a lua,
se na sucia não se encontra
mais de um arraes de falua.

— Não vês o aspecto sombrio
d'aquelle capitalista
que dos homens de mais brio
é o primeiro na lista?

Desmazelado caixeiro
é o tal senhor Francisco,
pois o balcão de mau cheiro
deixa coberto de cisco.

— Não vês aquelle adoptivo
professor de medicina,
que no olhar meditativo
mostra saber o que ensina?

Se te descubro o sujeito,
juro que a rir te escangalhas,
Não reconheces o geito
do atalhador de cangalhas?

— Não vês aquelle monarcha
de manto, sceptro e corôa?
O pobretão não tem na arca
um vintem para borôa.

— Não vês o ancião que alveja,
encolhido e desdentado?
N'elle cumpre que se veja
um conselheiro d'Estado!

A antithese certamente
não póde ser mais exacta:
é fresco, é joven, e ou mente
ou nem ata nem desata.

— Não vês lá o candidato
repartindo circulares?
Quanto elle seja cordato
é facil de calculares.

Criado de galão branco,
ou servente de ucharia,
se o carnaval achou franco,
a senatoria acharia.

— Que de heroes do tempo antigo
aquelle grupo arremeda!
Ahi tens, leitor, comtigo
povo assyrio, gente méda.

— Caminha ao lado d'Isocrates
o longimano Artaxerxes.
— Aspasia, mestra de Socrates,
caminha ao lado de Xerxes.

— Como acolá se mistura,
como se tem confundido
na viva caricatura
a triste, mesquinha Dido!

Trahe o amoroso contracto
e, conforme se crê, usa
do proceder mais ingrato
o viuvo de Creúsa

Não repillas, não enxotes,
meu leitor, o pio Enêas!
Repugna louvar Quixotes
rendidos a Dulcinêas!

— Horacio empina um almude,
para animar estas scenas;
pede aos deuses não se mude
de entre os viventes Mecenas.

É philosopho o bréjeiro,
e não ha quem o apoquente;
acha tudo lisonjeiro,
comtanto que elle ande quente.

— Virgilio alli se complica
no reboliço da rua;
a surdos e ao vento explica
o prestimo da charrua.

— Ovidio suave e bello,
carpindo suas desgraças,
recommenda ao seu libello
que evite o palacio e as praças.

Do Capitolio descera,
todo assombrado de um raio;
porém a Nasão de cêra
ainda nos brada: Honrai-o!

Minha razão é tão romba,
que, a despeito dos mentores,
n'isto acho exemplo de arromba
a futuros escriptores.

— Cicero acolá por gesto [1]
se explica, e o sobr'olho enruga;
ora folheia o Digesto,
ora coça na verruga.

---

[1] Em figura de carnaval é desculpavel o anachronismo, sobretudo havendo necessidade de rima.

Foi bem apanhado o absurdo
(perdoem-me os palradores):
representa um mudo-surdo
o maior dos oradores!

— Mostra o corpo como emblema
do alto officio Ganimédes.
Risca e resolve um problema
e'o o pau no chão Archimedes.

— Aquella figura austera
grave balança equilibra,
anjo fiel não se altera
por mais libra, menos libra.

Parodía o justiceiro
sabio Minos, rei de Creta;
instincto de carnieeiro
só leis de sangue decreta.

— Caro leitor complacente!
Nas noções que passo a dar-te
O meu estro se resente
da falta de engenho e d'arte.

Se acaso não tens noticia
dos habitantes do Olympo,
esta canalha ficticia
eu te vou tirar a limpo.

— Alli o velho Saturno
que devora e não mastiga,
nos recorda taciturno
a regia ambição antiga.

— Este é Jupiter potente,
sem correctivo, absoluto;
ninguem o odio lhe tente,
se não quer em casa luto.

Bem o conheço, e se o digo
não é para seu desdoiro;
como póde este mendigo
transformar-se em chuva d'oiro?!

— Aquelle, de arnez provido,
se bem não posso affirmar-te,
pelo menos tenho ouvido
ser o bellico deus Marte.

Porém desde que elle ha sido
lembrado para recruta,
não tem amadurecido
no meu quintal uma fruta.

Quando a guerra nos assola,
dou-te um bolo se o apanhares;
aproveita-se da sóla,
e dá giz nos calcanhares.

— O que traz bigorna e torno,
e martella ferreo cano,
da gambia pelo transtorno
mostra ser o deus Vulcano.

— Este que empunha o tridente
com movimento importuno,
que me cáia mais um dente
se não é o deus Neptuno.

— Esta cara luzidia
menos mal finge a de Apollo,
que ministra luz e dia
á esphera de pólo a pólo.

—Aquelle que ri á tôa
offerecendo tabaco,
e canta, mas não entôa,
bem mostra ser o deus Baccho.

—Proserpina, Juno e Astreia
da maneira mais burlesca,
tambem fazem sua estreia
na scena carnavalesca.

—Armado de arco e de flechas
aquelle rapaz despido,
que em tantos peitos faz brechas,
é o magano do Cupido.

—Trazem n'aquella berlinda
fogosissimos cavallos
a personagem mais linda
e ninguem ousa estorval-os.

A deidade se mascára
e grande illusão me gera;
mas se lhe descubro a cara,
Venus torna-se Megéra.

—Alli vem uma donzella,
de Vesta sagrada ao culto;
a sacra pyra que zela
não lhe iguala ao fogo occulto.

É outra realidade,
que não digo por decencia;
conhece-a meia cidade,
tem por alcunha: Innocencia.

—Entre sêdas e velludo,
sobre macia almofada,
olha, leitor, não te illudo,
lá se recosta uma fada...

Mas não acredites n'ella;
é nossa visinha Olaia.
Ou á porta ou na janella
ha muitas da mesma laia.

—Formando-se justa ideia,
que illação d'aqui se tira?
Tanto deus e tanta dêa,
tanto heroe, tudo mentira!

O carnaval nos retrata
o mundo em miniatura;
a verdade é coisa ingrata,
por isso reina a impostura.

Perdão, gente galhofeira!
Melhor que estes meus resumos,
a proxima quarta-feira
diz: *Pulvis et umbra sumus.*

Antonio de Cabedo

Este poeta, fallecido em Lisboa ha quinze annos, era doente, pobre, triste, alanceado de saudades de duas esposas que amára e perdera, e, ainda assim, teve intervallos remançosos em que fez poesias comicas de rara sensatez e chiste — coisas que por milagre se acolchetam.

O actual visconde de Castilho, em um mavioso livro da sua mocidade, Memorias dos vinte annos, escreveu esta formosa pagina a respeito de Antonio de Cabedo:

«... Eu já conhecia vagamente este nome por signatario de alguma peça de versos aqui ou alli estampada n'esta ou n'aquella folha ephemera de alguma arvore periodical. Mas a pessoa de Antonio de

Cabedo dizia-me muito outra coisa que me não diziam os seus versos. Era debil, mimoso, afflictivo. Tinha um corpo fragil e mesquinho, e uma estatura pouco acima da adolescencia. Tinha uma voz gasta e doentia, maneiras sympathicas e insinuantes, e no rosto e no porte não sei que soffrida e poetica expressão. Dir-se-hia ao vêl-o: é um infeliz. — Não é — respondia logo com altivez delicada o seu sorriso, que se esforçava por sorrir. — Não me enganas, sorriso! é um infeliz, e é um poeta.

«Não sei por que razão confraternisamos logo; é que elle possuia um ar candido, que punha logo toda a gente bem com elle, e bem comsigo mesma; rarissimo condão que em poucas pessoas conheci. Tinha as faces amarellas e muito cavadas; era dos trabalhos; era do estudo; era da meditação; era das vigilias; era dos dissabores; era da affecção pulmonar que d'ahi a dous mezes (oh! juizos do Supremo!) nol-o deviam arrebatar a despeito de tudo. Tudo n'elle era symetrico, ordenado, composto; sem peralvilhice nem affectação; desde o cabello sempre penteado até á bota sempre escovada; esta feição de apuro e alinho era um singular complemento e uma galante applicação ao trajo e ao porte, da sua honradez e pontualidade em tudo: pontual até no fato e nos ademanes. Duas vezes casado por amor; viuvo duas vezes. Pobre e contrariado sempre em todas as suas velleidades, em todas as suas justas pretensões. O seu es-

pirito e o seu talento enfermavam de melancolia. Poetava, mas pouco e a medo. Era satyrico, mas de uma satyra quasi innocente, mansa e sempre justa; sinalava os ridiculos e as pechas com toda a chistosa energia do seu epigramma: dir-se-hia que por alli desabafava a sua desventura. Havia no tom geral da sua conversação um travo de amargor; no fundo dos seus escriptos um frio de descrença, quasi saudosa; como no seu aspecto, até quando recitava as suas tolentinianas e facetas poesias, um não sei quê de trevas e melancolia. De si nunca fallava. Era utopista sincero, progressista dedicado. Dil-o-hieis precíto para a felicidade. Lêr a sua biographia, se alguma vez mão piedosa a descerrar aos leitores meditabundos e solitarios d'estas coisas tristes, será o mesmo que divagar n'um cemiterio; além uma cruz; aqui as vallas da pobreza; para alli as campas da familia, os tumulos do amor; e os cyprestes a apontarem o céo; para outro lado uma capella; acolá uns cardos; alli uma relva enfermiça, que ámanhã será pó sobre pó; e por toda a parte o peso, a ideia negra, a morte».

Aqui está em prosa de poeta a mais santa das poesias: a saudade do amigo. Julio de Castilho, o primogenito do primeiro visconde, foi tão melancolico em sua mocidade que nos não deu para este CANCIONEIRO uma poesia sequer alumiada de um juvenil sorriso ironico. Eu não sei se elle é tambem um dos precitos para a infelicidade.

*

CARTA A UM REGEDOR

Cidadão indispensavel,
que regeis com tacto fino
o duvidoso destino
d'esta famosa nação: —
saude e paz vos envio,
como fez Narciso a Echo,
e depois mercê depreco
n'esta humilde petição.

Vós que, sem ser estadista,
resolveis coisas do Estado,
e sois, em lance apertado,
dos governos assessor;
que desprezaes por modestia
a carta de conselheiro,
e persistis em... tendeiro...
algibebe... ou cortador;

Vós, que fazeis deputados
ao sabor do ministerio, —
e, quando o caso é mais sério,
até mesmo os inventaes;
enchendo emfim esse templo
das côrtes *benedictinas,*
que, ao menos, nas officinas
dão que fazer aos jornaes:

Ouvi-me, e sêde benigno,
magistrado venerando,
que o tal — *posso, quero e mando* —
já lá vos chegou tambem.
E, sem mais palavriado,
vou tratar do meu assumpto,
promettendo um bom presunto,
se o negocio sahir bem.

Tenho um filho, já crescido,
d'um talento desmarcado!
O rapaz ha de dar brado,
se bom caminho seguir.
É pacato e mui sisudo,
sem palrar de papagaio;
sempre, sempre, quando eu saio,
fica elle em casa... a dormir.

Abre um livro, e fecha-o logo,
pregando os olhos no teto, —
que o rapaz, como discreto,
medita mais do que lê.
A leitura, só, não basta;
o lêr muito, nada prova:
olhe esta geração nova;
olhe-se mesmo vossê!

Sim: vossê, da sua loja,
analphabeto chapado,
póde escolher a seu grado
um varão legislador;
vossê, do pobre cantinho
em que de sabio não timbra,
póde mais que uma Coimbra,
faz de repente um doutor!

Hoje custa achar emprego
para um moço bem nascido:
o commercio está perdido;
a marinha nada val;
no exercito de terra
são bandas por toda a banda;
e qualquer arte demanda
geito e gosto especial.

Por essas secretarias
reina justiça de moiro:
aos nescios oiro e mais oiro;
os outros... ouvem-lhe o som.
Além d'isso a intelligencia
em breve lá se atrophia:
quem fez uma portaria
nunca mais faz nada bom!

Medicos ganharam muito;
mas esse ganho fez termo:
quando um homem jaz enfermo
é quando menos os quer.
Depois dos varios systemas,
que todos por fim tem *pata,*
fica a morte mais barata
quando ella por si vier.

A mina da advocacia
teve bons exploradores,
que antigamente os doutores
não assignavam de cruz.
Mas agora a velha escóla
tem dado tanto camêlo!
bicho de borla e capêllo
quasi sempre foge á luz.

Feito o rapido bosquejo,
em que 'inda tudo não digo,
ha de ser o meu amigo
não só patrono, juiz:
ajuize, que isto é claro,
se acaso ha mór embaraço
que um homem, sem ser ricaço,
vêr-se pai n'este paiz!

Lá marcho direito ao ponto.
A gente ás vezes acerta;
eu fiz uma descoberta,
que me não parece má:
para um moço delicado,
que põe mira no orçamento,
uma cadeira em S. Bento —
arranjo melhor. . . não ha.

Levanta-se ao meio dia;
vai almoçar ao *Chiado;*
vem ás côrtes repimpado
em traquitana veloz:
chega á sala — traça a perna,
endireita o collarinho,
e escreve o seu bilhetinho
á menina dos *bandós*.

Nos interesses da patria,
sua filha em bom direito,
quando vota, diz: — « Rejeito » —
ou diz: — « Approvo » — tambem.
Não entrega o voto á sorte,
vai alternando as respostas;
e se acaso volta as costas,
é que não entendeu bem.

Tem sarau em certas noites
nas altas secretarias,
onde ha chá, dôces, fatias,
e até neve, de verão.
Faz quasi um conto por anno;
emprega quatro parentes;
e as damas, por entre dentes,
perguntam: « Já é barão? »

Eis-aqui para meu filho
brilhantissimo futuro;
e o negocio está seguro,
se aprouver ao regedor:
um gesto de tal potencia
torna maus fados propicios,
póde mais que dez comicios
a trabalhar por vapor.

Ponho em vós minha esperança,
ponde em mim vosso cuidado;
creai-me este deputado,
e então mostrarei quem sou.
Esta empresa, em que martello,
deixa-me a cabeça calva,
se a patria não fica salva,
fica salvo... um seu avô.

Accedereis, como espero,
ao meu instante pedido;
e por mim ficareis tido
grande heroe entre os heroes.
Basta já d'impertinencia;
não pouco tenho abusado.
Sou — vosso amigo e criado —
João Fernandes d'Anzoes.

RESPOSTA DO REGEDOR

Illustrissimo senhor
João Fernandes d'Anzoes: —
Recebi o seu favor,
estando a fazer uns roes
mail a minha *Leanor*.

Ella é quem m'escreve e lê
toda a minha papelada;
eu nunca; e não sei porquê,
que eu dei de cór e salteada
a carreira do A — B — C.

Mas letra por minha mão
dá lugar a que alguem pense
ser eu materialão,
como um pobre amanuense
de qualquer repartição.

Isso nunca! Assento a gis
certas coisas cá da tenda,
os queijos, paios, pernis;
ou marco alguma encommenda,
que ás vezes chega em barris.

Em quanto á regedoria
é tudo lá da patrôa —
trabalha de noite e dia;
e que letrinha tão boa!
parece *phitographia.*

Mas onde vou eu parar
co'as prendas da minha *aquella,*
sem do negocio tratar?!
É sempre: em fallando n'ella,
sou peor que ella a fallar!

Vamos lá ao seu rapaz.
Não é de João Fernandes
a proposta que me faz;
vossê tem ideias grandes,
e eu cá não lhe fico atraz.

Quer seu filho deputado;
e quem é que não quer d'isso?...
tão amargo é o bocado!
fazer á patria serviço
na poltrona recostado!

Tem razão, meu caro amigo ;
eu tambem quizera ter. . .
armazens cheios de trigo ;
fôra melhor que viver
cá dentro do meu postigo.

O negocio tem seu osso ;
a coisa não vai assim :
anda por 'hi muito moço,
ha tempos, atraz de mim,
e gente que tem caroço !

Olhe que n'uma eleição
entendo bem da manobra ;
vejo muito medalhão
que, supplicante, se dobra
diante do meu balcão.

Porém, apesar do geito
com que levo a tal campanha,
ás vezes um lugar feito
passa a outro que o apanha,
e bumba ! lá fica eleito.

São pedidos a não mais !
pedidos da minha classe,
e d'outras classes que taes ;
e, perto do desenlace,
as cartas ministeriaes.

Se o senhor lêsse uma lista
que recebi n'outro dia
d'um machucho meu bairrista,
de certo que se benzia;
era coisa nunca vista!

Ainda no mez passado
arranjava-lhe o rapaz;
tinha um lugar despejado,
e vai de repente: zás!
apparece outro afilhado.

É um doutor franganote,
que perdeu o casamento
com menina de bom dote,
e quer ir ao parlamento
desforrar-se do calote.

Em vagando este lugar,
é despacho immediato:
tenho por força de o dar
a um capitão mulato,
que chegou do ultramar.

Assim que vagar segundo,
ha de ir um periodiqueiro
em solecismos fecundo,
por quem pede... o mundo inteiro,
não digo, mas meio mundo.

Irá depois um janota
que teve muito de seu.
N'esse toda a gente vota,
que elle emfim ensandeceu,
e allega o ser idiota.

Estes candidatos são
para a proxima fornada.
Eu, por temer confusão,
tenho a gente separada
em secções de batalhão.

E além de taes pretendentes
á nobre candidatura,
andam cá os meus parentes
em contínua seccatura,
porque têm as costas quentes.

Não tem fim esta encommenda
de cadeiras em S. Bento!
Tomára na minha tenda
um freguez por cada cento;
fazia um milhão de renda.

Eu qualquer dia desisto
de tão tremenda massada!
Deram-me o habito de Christo;
mas pela fita encarnada
hei de eu soffrer tudo isto?!

Em resumo: o seu intento
não póde cumprir-se já.
Perdôe se o não contento;
porém que remedio ha?
deixe vir maré e vento.

Nunca se perde a esperança,
meu caro senhor Anzoes:
está sempre a haver mudança;
vem á scena outros heroes,
porque a mesma gente cança.

N'este lindo Portugal
ha milagres com frequencia:
qualquer ente irracional
saboreia uma *excellencia,*
amarrado ao tribunal.

Meu pai, pobre surrador,
pôde sonhar por ventura
que um dia haviam de pôr
esta humilde creatura
no cargo de regedor?!

Agora tudo se faz;
que importa saber de castas?
Ha de vêr o seu rapaz
ministro com duas pastas,
e dois correios atraz!

Aposto, e verá que acerto.
E adeus; fico ao seu dispôr.
Já enfastio, de certo!
Cá me grita a *Leanor*
que já tem o pulso aberto.

Peço-lhe o maior segredo
d'essas coisas que ahi vão.
Até um dia bem cedo.
Sou, de todo o coração,
— seu amigo — *Zé Penedo.*

*

GONÇALVES DIAS

Os QUILATES d'este poeta brazileiro eram os da melhor moeda, quando a sua poesia circulava nos corações das mulheres pallidas, e ruborisava o sangue das pulsações mais vitaes da sua physiologia. Visto d'esta distancia, apenas me entreluz como estrella cadente nas brumas da serra que transpuz, e para a qual, ao dobrar os espigões de outra mais alcantilada, ólho com saudade. Raros são os principes da litteratura que não assistam vivos aos funeraes da sua gloria. Gonçalves Dias morreu coroado imperador da lyra americana; sumiu-se tragicamente no mar, como Elias no azul, quando o seu nome era o symbolo da musa cisathlantica, e a sua vida, um pouco fallida ao dinheiro, uma gloria nacional. Se vivesse mais alguns annos, entraria com

os seus versos na região glacial do esquecimento, e, a menos que não quizesse fazer litteratura dandy, poesia de macassar em annos de prosa, iria á rua do Ouvidor offerecer aos fallidos e aos roubados a sua sciencia do Codigo commercial. O senado do Rio de Janeiro deu-lhe no cunhal de uma esquina o espaço necessario para se esculpir o seu nome: *Rua de Gonçalves Dias*. Isto faz nevroses de enthusiasmo. Entretanto, a mãi do poeta, na ante-camara da morte, que é a decrepitude, tinha fome; e, se não tinha frio, abençoado sejas tu, ó sol dos antipodas! Ha poucos mezes que a velhinha, a mãi do imperador dos poetas brazileiros, recebeu uma pensão vitalicia da mão de D. Pedro II, que por acerto da fortuna é um monarcha tão illustrado que chega a vestir-se como um poeta pobre.

QUE COISA É UM MINISTRO

I

O ministro é a phenix que renasce
Das cinzas de outro, que lhe a vez cedeu:
Nasce n'um dia como o sol que nasce,
Morre n'uma hora como vil sandeu!

Se nodoas tem, uma excellencia as caia;
Mortal sublime, que não sabe rir,
Do vulgo inglorio não pertence á laia,
Dará conselhos, se se lhe pedir!

Um bipede de pasta, não de barro,
Nos pés se firma por favor de Deus!
Dois fardas-rotas trotam traz do carro
Em ruços magros como dois lebreus.

Agora, sim : temos a patria salva,
Não fará este o que já o outro fez;
Grande estadista! basta vêr-lhe a calva,
D'homem assim não ha dizer — talvez!

Vêde-lhe a pasta, que de cheia estala
Só de projectos que farão feliz
A patria ingrata, que seus feitos cala
Ou mais que ingrata, o nome seu maldiz!

Vêde-lhe o sacco — carga de um jumento,
Com borlas d'oiro e verde! — No costal,
Castigo do ordenança, lê-se attento
Projectos mil! secretaria tal!

Cançai-vos pois! — Quem veste aquella farda
Ha de fazer o que mui bem quizer!
Vem-lhe com ella uma sabença em barda!
Por isso acerta, quando Deus lá quer!

Se lhe lanças baldões na propria cara
Diz a alguem que o defenda, e chega a si
Com intrinseco amor a pasta cara,
E exclama: «ó patria, morrerei por ti!»

Ó Codros, Curcios, Fabios, Cinccinatos,
Caruuchosos heroes da antiga historia,
Vinde-me aqui, e ponde-vos de rastos
Junto d'este que vence a qualquer gloria!

Pois que farieis vós? Verter do peito
O melhor sangue... pela patria acabar!... [1]
Imbecis! — pois mais vale com proveito
Da patria á custa a vida flautear!

Ou senão, vêde-me este que anafado,
Nedio, de cara alegre, animo audaz!
Faz de si quando quer um deputado,
Ministro quando quer! Mas que mal faz?

Notas-lhe a fronte de cuidados cheia,
Nuvens e nuvens vêdes hi passar,
Como na praia turbilhões de areia,
Como em tormenta os vagalhões no mar!

Grande homem! disse: que temor te affronta?
A nau do Estado salvarás talvez!...
Qual nau do Estado?! é a horrorosa conta
Dos ruços magros, que alugou por mez!

[1] Não se entende como Gonçalves Dias fizesse versos d'este feitio!

II

Basta emfim, que é mortal feito com pasta,
Fardado com teteias, com galão!
Trata-se de comer — nada lhe basta;
Mas dizem que é sujeito á indigestão!

Trata-se de fallar!... Applaude-o junta,
Em peso a maioria, — homem feliz!
Mais modesto que o grego não pergunta,
Tem a certeza de que asneira diz!

Trata-se de escrever!... Vêde em que espaço
Folhas e folhas de papel encheu!
Cem vezes mil em ruim papel de almaço
Soberbo assigna o nome illustre seu!

Mas n'um dia nefasto, a turba-multa
Irosa vai-se á estatua do immortal,
Com duro esparto o illustre collo insulta
Té dar com elle em fundo lodaçal!

Logo, farda, florete, pendrucalhos
Vão para um canto a crear mofo lá!
Limpa-se o carro! pensam-se os cavallos,
Memento, homo! — Está bem morto já!

Mesmo os sendeiros dos dois fardas-rotas,
Na rua empacam, sem querer seguir!
Debalde os tosam co'o tacão das botas,
Deitam na rua a papelada: é rir!

Agora, pois, que não ha d'essa gente,
Vão nossas cousas caminhar a sós!...
Mas que poeira vê-se de repente
Lá no horisonte em direitura a nós?...

Inda um ministro!... grande Deus bemdito!
Doirado d'inda agora, e fresco, e assim
Vem tão contente de se vêr bonito,
No olhar parece que vos diz... Eu, sim!

Eia, depressa! meus dois fardas-rotas,
Toca de novo pasta e sacco a encher,
Dá-lhe que dá-lhe co'o tacão das botas
Traz do ministro largando a correr!

E eil-o que passa, o homem d'outro barro!
Que tem dois pés; mas por favor dos ceus!
E os dois fardas-rotas lá vão traz do carro,
Nos rocins magros, como dois lebreus!

III

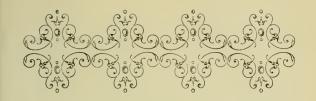
Bipede, sim; mas a cahir de bruços,
Não poderia ter-se em pé jámais,
Por isso marcham na vanguarda os ruços,
Sem terem culpa, pobres animaes!

Dizem tambem, mas não o dou por certo,
Que um d'esses lesmas, já assim fallou —
Foi um discurso de zurrar aberto,
Do senado um tachygrapho o tomou :

« Ó tu que tens de humano o gesto e o peito,
Se de humano é matar um bicho feio
Só porque o costado tem sujeito
A quem lhe soube pôr o sujo arreio,
A estas mataduras tem respeito;
Pois te não move a rigidez do freio!

« Põe-me onde se use toda a crueldade,
Entre leões e tigres, e verei
Se n'elles achar posso a piedade
Que em peitos de ministros não achei!
Alli co'amor intrinseco e vontade
No capim por que morro, viverei!

«Pois de algum deputado a resistencia
Sabes domar, sem ser com fogo ou ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdel-a não fez erro».

Mais ia por diante o monstro horrendo
Com o sermão, que ninguem lhe encommendára,
Quando inimiga mão lhe foi batendo
Com o chicote estalador na cara!

Sousa Viterbo

É medico, como Julio Diniz, e tambem do Porto, d'onde os poetas, que lá não morrem como o rouxinol do amador da Menina e moça, alam-se para outras montanhas como as cotovias quando ouvem crocitar o corvo na escarpa da serra.

Viterbo, se quizesse estabelecer-se na rua de Santo Antonio ou Clerigos, com *écrins* de chitas ou effeitos de gutta-percha, poderia sustentar a sua primazia entre os poetas do norte, sustentando-se a si da percentagem da chita e do caoutchouc; porém, na qualidade de medico, a reputação que lhe cabe como poeta, constituil-o-hia na posição de considerar-se o representante das victimas do Ceará na Praça Nova.

Todos os medicos portuenses com poesia, antigos e recentes, fugiram para outros getas á morte de

Ugolino, ou abjuraram a clinica. João Evangelista de Moraes Sarmento foi para Guimarães onde poetou e viveu. O doutor Ferro casou rico antes que se lhe fechassem as alcovas dos doentes. Alheira morreu pobre, recitando os sonetos que o perderam na confiança dos seus freguezes feridos da hydropisia ou do lamparão. Luiz Antonio Pereira da Silva deixou as filhas á caridade particular. Não me lembram os outros. Modernamente não ha poeta algum medico no Porto. Dos que se preparam para esse funccionalismo lutuoso, a Escóla medico-cirurgica, no anno passado, reprovou um terceiranista que fazia versos rubros como as carnes frescas das cantoneiras que escalpellava no amphitheatro. É como está o Porto.

Sousa Viterbo, em Lisboa, de vez em quando, abria ás fadas da sua mocidade a porta do seu gabinete, e para as não espavorir esco idia a canastra dos ossos. Depois, quando entendeu que era preciso respeitar os costumes, pensou no mais summario expediente para de uma vez se calar. Em vez de encerrar os ouvidos como os legendarios nautas á insidia das sereias, casou. E depois, nunca mais cantou. Triste coisa! Vinte mulheres collaboram em trezentas paginas de versos in-8.º francez. Depois, vem uma só que aspira todos os aromas d'essas flôres até lhes fenecerem as petalas. E o poeta vai seccando como a flôr, e torna-se fructo sem aroma. Tal é Viterbo, o medico, o gentilissimo poeta que foi.

ÁS SENHORAS FIDALGAS DA CONFRARIA DE S. TARTUFO

Podeis peccar, esplendidas senhoras,
podeis cahir da tentação no abysmo.
Para o peccado velho ha o baptismo,
e para os de hoje, ó santas peccadoras,

ha de haver umas rezas, uns bentinhos,
a benção telegraphica de Roma.
Eia, envolvei-vos n'esse casto aroma,
e embriagai-vos nos celestes vinhos!

Não tenhaes medo; o Christo que se adora
nas vossas perfumadas sacristias,
é um Christo que vive das orgias
e que da cruz sorrindo vos namora.

Podeis arder nos fogos da impureza;
decerto que o theologo mais fino
dirá do vosso amor que elle é divino
e que sois tal e qual Santa Thereza.

Podeis peccar. Eu sei d'uns niveos braços
que envolveram um dia o seu vigario,
e não foram pregados no Calvario
porque os salvou Nosso Senhor dos Passos.

Podeis peccar. Ao dar a vossa esmola,
vi tremer de vergonha a caridade,
mas que importa que chore a castidade,
se está contente Ignacio de Loyola?

Podeis peccar! Vós sois as carnes alvas,
sois a grave e terrivel formosura:
amaes no carnaval os Marialvas,
e durante a quaresma o padre cura...

Podeis peccar, podeis; agora eu
já não tenho ninguem que me proteja;
deitou-me um sacristão fóra da igreja
como cão miseravel, como atheu.

Visconde d'Almeida Garrett

Fez rir e riu lusitanamente Garrett n'aquella poesia, que sabem de cór, do gallego que inundou com agua-benta a entrada baixa ao espirito immundo repulso do corpo de outra creatura. Agachado na pia baptismal, o gallego dizia sarcasticamente ao demonio:

.... Agora, seu diabo,
Venha p'ra cá, se é capaz!

É a graça portugueza — chalaça de botica, seguida sempre de outra da mesma laia, depois do «não se vá sem resposta», em assembléa de ginjas, bem ceiados e enroupados, cheios de froixos de riso, entre o arrôto e a pitada.

Trouxe Garrett do exilio excellentes prendas. Trou-

xe o languido sentimentalismo, a architectura composita do estylo — o anglicismo castiçado com a francezia, e colorido á portugueza com tintas sediças de Filinto — ; trouxe o ideal que dramatisou, e as lindas ligeirices do *humour* britannico com que esmaltou as VIAGENS, em que a parte romanesca é banal. Trouxe, emfim, elementos de regeneração litteraria que pouco deram de si; porque o visconde não era trabalhador que caboucasse os alicerces do edificio novo: era em letras e tudo o mais um casquilho a narcisar-se entre o espelho e o livro, a pentear a cabelleira e a phrase, a fazer de dia a *toilette* do corpo e do espirito afim de, á noite, entrar nas salas com ares de divindade enfastiada da ambrosia olympica. O que elle não trouxe de Paris foi a graça gauleza. Era uma compleição tão biologicamente portugueza e portuense — alli nascida na rua do Calvario — que regressou intacto do andaço das subtis argucias que em Paris se pegam aos espiritos como as finas essencias ás casacas nos salões onde as duquezas se fazem vêr, ouvir e cheirar — quando é só isso. Os seus amigos contam que elle, na roda dos intimos, reclinado em morbidezas de califa n'uma ottomana, com auditorio de labio suspenso, desatava collares de diamantinas facecias e *égrillardises,* e conceitos *badines* que era de um homem rebentar a rir. Gastava-se oralmente, pois. Conversava como rapaz parisiense, e escrevia odes jocosas como desembargador portuguez. Na prosa das

VIAGENS, e nas caricaturas do ARCO DE SANT'ANNA, tem tonalidades ridentes que eram, ha quarenta annos, milagres de espirito — um prato da culinaria de Watel offerecido ao paladar enfarado d'esta nossa gente sevada na cabeça de porco e feijão dos arcades e dos academicos. Em poesia nunca manifestou desejos cruamente homicidas de fazer estourar a gente a rir.

Eu de modo nenhum pretendo enviar a este astro de primeira grandeza e luz perpetua um sopro com o proposito assás temerario de apagal-o. O que pretendo dizer é que elle não teve graça que nos faça rir a nós.

Repatriaram-se portuguezes incorruptiveis os mais engenhosos exilados. Alexandre Herculano era de uma insulsez além da permittida ao escriptor publico. Os seus typos burlescos no MONGE DE CISTER com as suas pilherias do seculo XIV, são esparramados e salôbros até pruirem a indulgencia mais patriotica. Só um genio primacial como Herculano poderia indicarnos a graça mysteriosa e sublinhada do BOBO e dos outros goliardos dos seus romances historicos.

Se me replicarem que o dr. Pata-Burro não podia ter o sal que hoje em dia nos tempéra as leituras predilectas, não tenho que redarguir. Isso é assim. Mas, se eu tive a felicidade de não ser contemporaneo nem conhecido do dr. Pata-Burro, peço-lhes o favor de me não obrigarem a ouvil-o — o semsaborão.

Ficamos entendidos para todos os effeitos, a critica e eu.

Quanto a Garrett, recordo-me de ter rido de boa fé ha trinta annos quando li este seu *Natal em Londres*. Faço-o trancrever agora porque sei que ainda os ha — bons portuguezes que lêem isto a rir, e digerem um timbal de borrachos sem colicas intestinaes.

O NATAL EM LONDRES

Que Natal este! — Sempre sois herejes,
Meus amigos inglezes!
Bem haja o santo padre, e a sua bulla
De fulminante anathema
Que excommungou estes ilhéos descridos!
Oh! nunca a mão lhe doia.
— Vêr na minha catholica Lisboa
As festas de tal noite!
Sinos a repicar, moças aos bandos
Co'a bem trajada capa,
E o alvo-têso lenço em côca airosa,
D'onde um par d'olhos negros
Dão as boas-festas ao vivaz desejo
Do tafulo devoto
Que embuçado acudiu no seu capote
Á pactuada igreja!
Natal da minha terra, que lembranças
Saudosas e devotas
Tenho de tuas festas tão gulosas,
E de teus dias-santos

Tão folgados e alegres! Como vinhas
Nos frios de dezembro
De regalados fartes coroado
Aquecer corpo e alma
C'o vinho quente, c'os mexidos-ovos,
E farta comezana!
E estes excommungados protestantes,
(Olhem que bruta gente!)
Sempre casmurros, sempre enregelados
Bebendo no seu *ale,*
E tasquinhando na carnal montanha
Do *beef* cru e insipido!
Pois os *Christmas-pyes,* gabado esmero
De sarmatas manjares!...
Olhem estas pequenas... são bonitas;
Mas que importa que o sejam
Se das graças donosas praguejadas,
Rusticas e selvagens,
Nem dança airosa, nem alegre jogo
De divertidas prendas
Arranjar sabem, e passar o tempo
Em honesto folguedo!
Jogar um *whist* morno e taciturno,
Sentar-se em mona roda
Junto ao fogão, fazer um detestavel
Chá preto e fedorento,
Sem ar, sem graça...—Oh madre natureza,
Quanto mal empregaste
A formosura, o mimo, as lindas côres
Que a taes estatuas déste!

AS FERIAS

(A UM AMIGO)

E em que pensas, amigo, que se occupa,
N'este grande aldeão que chamam Porto,
O teu G...... amigo? — Come e ronca,
    Come, e torna a dormir.

Dormir! que bella vida! E nos pequenos,
Lucidos intervallos, por debique,
Duas odes de Filinto, uma d'Horacio,
    Tres scenas de Racine.

Que vida! A longe e longe, um *rober* de *whist*,
Mais longe ainda, breve *passegiata*
Ao monte das irmãs, castas donzellas,
    Castas, sim, que não obsta

A authoridade de Camões brejeiro;
Porque, se Orpheu *pariu a linda dama,*
Como d'antes ficou donzella e casta,
Virgem depois do parto.

— E o namoro? (dirás) Abunda o Porto
Em Delmiras, em Marcias, grato emprego
A um rapaz amador do bello sexo,
Enthusiasta e cálido!

Foi bom tempo esse tempo do namoro:
Muitas já me roubou horas e dias,
E da amiga pachorra á gorda pança
Me cerceou bom naco.

Acabou-se: n'um *cercle* o mais luzido
Passeio agora os olhos indiff'rentes;
Qual arrotando, espreguiçando os braços,
Bocejando a miude,

Inda sabendo a bocca a ferros velhos,
No outro dia de longa comezana,
Mui disputado *toast,* em lauta mesa
Fastiento attentára.

— E a sucia galhofeira dos rapazes?
— Rapazes! Não conheces esta terra,
Que perguntas por tal. Aqui o germen,
Aqui os elementos

Escondidos estão que a vida nova
Hão de chamar a abastardeada especie
Da corrompida gente lusitana.
D'aqui, d'onde houve nome

O velho Portugal, seu nome ainda
Honrado surgirá. Presago vejo
Na geração crescente ir despontando
As feições renovadas

Com que antiga familia portugueza
Se distinguia outr'ora : o brio, a honra,
Os sãos costumes, puro amor da patria,
A singela franqueza,

A nobre independencia de outras eras
Resurgirão d'aqui. — E então o aspecto
D'esta formosa terra, hoje encoberto
De nevoeiros britannos,

Resplenderá co'a natural belleza
Que villões fidalguinhos de má medra,
Cokneys caixeiros, frades ignorantes
Agora lhe deturpam.

Oh ! quando te hei de eu vêr, patria querida,
Limpa de inglezes, safa de conventos,
E varridas tuas ruas da immundicie
Do fidalguesco lixo !

Irá com elle a sordida iguorancia,
E o seu teimoso *bê,* nasal resfol'go
Que arripia, nausêa, aturde e zanga;
Irá co'esses gallegos

Coachar no lodo vil d'onde a mofina
Nos trouxe o sestro bracharo maldito
Que o rotuudo fallar da nossa origem
Tão feio corrompeu.

Rusticas *Misses, Ladies* semsabores
Em tola affectação de inglez bronquiec
Enfronhadas á força, á força gêbas,
Desairosas bonecas!

Arrojai-me no Doiro co'esses trajes,
Portuenses donzellas. — Quem podéra
Pleitear comvosco em formosura e graças
Se quaes sois vos mostrasseis?

Fórmas que Venus para si tomára,
D'essa mortalha de invenção fradesea
Quem as libertará? Bioco negro,
De d'onde mal vislumbra

Raro lampejo de celeste face,
Oh quem o rasgará! Purpureos labios
Em que o Desejo co'a Innocencia riem,
D'onde Amor seus thesoiros,

Alvo dos beijos de sequioso amante
Co'a mão divina dadivoso esparze;
Labios que entr'abrem folgazãs e alegres
As nuas Graças lindas,

Quem lhe ha de restituir o som canoro
Que torpes fradalhões desafinaram
Co'o ensino ignorante — e o presumçoso
Morgado *lá de schima*

Acostumou ás inflexões galuchas?
Oh! será teu poder, celeste numen
A quem por ora, como a Deus ignoto
Tacito adora o Luso

Em mysterioso altar erguido a occultas
De sáfaros patricios, de impios flamines,
E oh! mais que tudo, do estrangeiro odioso
Que no insoffrido jugo

Nos rebitou os cravos que abalavam.
E mercador chatim, de nosso sangue,
De nossa honra fez tráfico e ganancia
Co'os bachás do tyranno.

Sim, amigo, esta córja odiosa e barbara,
Oppressora da lusa liberdade,
Esta canalha d'Al-b-ou soberbo
Aqui fixou seu throno.

De botelhas coroado, e d'olhos, bocca,
Das orelhas, nariz e d'outras partes
Esguichando cerveja n'uma *gloria*
De espesso nevoeiro,

Pousou seu genio bruto em nossos muros;
Co'o nacional *God-damn,* e o frasco a pino,
Nos bebe o vinho, nos esbulha as bolsas,
Dá-nos em troco os sestros,

Dá-nos as manhas, os costumes feros,
As ridiculas modas, emfim tudo
Quanto não é o amor de certa coisa
Que a bonzos, naires fede.

Azevedo Castello Branco

Vi-o quando elle nasceu em uma aldeia concava da serra do Mesio. Aos oito annos era loiro, bonito. Aos doze, fugia dos collegios e vagava errabundo nas chapadas dos montes, a contemplar com saudade e fome lá ao fundo o penacho de fumo ondulando por sobre os castanhaes da sua aldeia. Aos quinze annos vivia commigo; e, quando eu o imaginava versando com mão nocturna o seu Virgilio, elle assistia no theatro de Camões, com a insensibilidade de um Claudio subalterno, recostado no meu camarote de assignatura, á flagellação da Arte que o saudava moribunda.

Depois, fez-se bacharel em leis com o fastio indolente de um homem que se faz... bacharel em leis.

Acariciava as creações translucidas de Anthero de Quental, o meigo sonhador, o pantheista que chorava saudades dos deuses banidos e os resuscitava com o fervor apóstata de Juliano. Azevedo Castello Branco não resuscitava ninguem; mas admirava tudo que era bom e sonoro, menos a *cabra.* Escreveu prosas e versos, revesando a circumspecção e a ironia, como quem, estimando ambos os feitios de escrever, preferia com especialidade não escrever nada. Cheio dos hymnos de Rig-Veda e do Mahâbhàrata e do Ràmàyana, foi administrar um concelho transmontano, onde comprehendeu Schiller, na convivencia que teve com salteadores. Em seguida, funccionalisou-se n'um governo civil, e premeditou commentar o Codigo administrativo em alexandrinos, a vêr se abria um sulco de poesia nas almas dos povos desde a Ovelhinha até S. Gonhedo. Era tarde. O lagarto das vinhas havia afugentado de Traz-os-Montes os unicos civilisadores possiveis d'aquella região: Sileno e o burro. Um dia, Azevedo Castello Branco olhou em si com attenção, e viu que era bacharel em leis authentico. Sentou-se á banca, elevou o conselho á exorbitancia de cinco tostões, e sacudiu as sandalias de official-maior no capacho da authoridade superior do districto.

Bello e digno rapaz, quando a musa, a devassa, te apparecer lagrimosa, limpa-lhe os olhos com o lenço escarlate e tabaqueiro do teu Paschoal José de Mello.

FRUCTOS PIEDOSOS

— É teu filho, Joaquina?
— É verdade, meu senhor.
— E esta bonita menina?...
A quem pertence esta flôr?...
— É... minha.
— Pois tu, Gracinda,
Com tão pouca idade, tens
Uma filha assim tão linda?!
Eu dou-te os meus parabens.
— Obrigada, meu senhor.
— E a gordanchuda pequena?
— Já é filha da Helena.
— E o rapaz?
— Da Leonor.
— Estaes todas já casadas?!...
— Não, senhor...
— Então?
— Morreram
Os noivos...
— Bem sei. Coitadas!
(Peccados da mocidade,
Loucuras do coração!...)

—São todas da mesma idade,
Joaquina?
—Sim... nasceram...
N'aquelle anno da missão.

*

Ouvi dizer, Magdalena,
Que ha mezes o teu estado
A todos dava cuidado,
A muitos causava pena.

Trazias a côr do rosto
Desmaiada, e pensativa
Andavas, como captiva
Do mais intimo desgosto.

Chegára a um tal extremo
A tua melancolia
Que toda a gente dizia
Que tinhas no corpo... o demo.

Depois o padre que veio,
De longes terras chamado,
Modificou esse estado
Com rezas, segundo creio.

Ha quem diga, teime e insista
Em que o demo se mudára
N'um anjinho. É cousa rara!
Foi assim? Oh que exorcista!...

Barão de Roussado

Meu caro Manoel, quando tu já tinhas dentro de ti o barão, e eu tinha dentro de mim a tenia, ceiámos pescada cozida com batatas no Penim, e bebemos um Torres amargo como o ciume. Sahimos da taberna que A. Herculano elevára á grandeza de «Agulheiro dos sabios», e paramos no cunhal da esquina, aureolados com o resplendor suspeito do gaz, como dous magos do Oriente que parassem onde aquella estrella moderna e civilisada até ao lampeão nos mandou parar. É que ia alli nascer de nós o que quer que fosse. Encostou-se a gente ao cunhal n'uma attitude de digestão difficil disfarçada em meditação profunda. Nenhum de nós, batendo na fronte, repetiu o *j'avais pourtant* de Chenier, porque a ideia já estava tão estafada que nem mesmo a convivas do já agora extincto Penim era licito fazer com ella um

alarde de genio inflammado pelo phosphoro da pescada e pelo acido acetico do Torres. Perguntei-te o que sentias, porque te vi arfarem as bossas frontaes, como se estivessem em ancias parturientes d'uma epopeia ou d'um almanach. Fitaste-me os teus olhos fulgurantes; e, como quer que visses nos meus gestos um geito de inspirado, perguntaste-me se não seria mau tomarmos genebra. Entrámos no Martinho, á hora alta da noite em que dois majores reformados e um homem de letras, que encontrára no alphabeto a sua desgraçada inutilidade, accentuavam a murros no marmore as suas convicções da necessidade da republica. Procurámos a mesa mais afastada dos tres scelerados, que bebiam capilés para acalmar a sêde de sangue, e expectoravam as suas iras nas cadeiras em projectis de catarrho. Foi alli, na mesa do canto, que se realisou o advento da ideia que amadureceste em compóta de genebra. A tua mão vibrante do *ecce Deus* de Ovidio, e do *pur si muove* de Galileu, pesou-me na espádoa como um dos bons murros que tu tens visto levar em New-Castle. Depois, com umas rutilações de pupillas que tanto podiam ser um projecto de regicidio como indigestão de peixe, disseste: « Vou parodiar o D. JAYME do Thomaz Ribeiro ».

E, no dia seguinte, recitaste-me as passagens da parodia mais risonha, mais delicada e menos offensiva que ainda se viu n'este paiz em que a parodia é quasi sempre uma cobarde mordacidade. Estes fragmen-

tos que tão de molde se casam n'um Cancioneiro Alegre são os que eu recordo com saudade, com tristeza, com a desesperação de nunca mais te encontrar no Penim, nem te vêr o festivo rir da tua inalteravel alegria. Ah! barão, barão! Os *possidonios,* quando se confederaram para te despontar as farpas, levaram até ao throno as suas supplicas insidiosas, e cingiram-te na fronte a corôa de ferro do velho feudalismo que te exilou da feliz bohemia da imprensa como se t'a soldassem no tornozelo á guiza de grilheta.

Adeus, meu caro poeta!

ROBERTO

DOZE ANNOS DE AGONIA

Bem custa o pesadêlo de uma noite,
soffrido em contorsões de ancias terriveis,
nos fumos de carneiro tormentoso,
sobre má digestão!
quando as vagas do sangue procelloso
batendo como açoite,
co'as rapidas marés do coração,
o põe em mil corcovos desiguaes!
Quando os roncos de tripas turbulentas
lembram mula manhosa entre os varaes!
Bem custa o pesadêlo de uma noite,
levada a vêr da cama
longas scenas de horrivel melodrama,
que representa uma indigesta ceia,
e a phantasia a produzir comparsas,
e o vinho a referver de veia em veia!

O silencio do quarto abre-se em vozes,
roucas, profundas, engrolando *requiens,*
para extrahir de um morto os maus peccados.

A solidão povôa-se de gente,
morto, prior e sacristão, na frente!
seguem atraz os gatarrões pingados.

E o misero mortal ardendo em sêde,
da cama se esqueceu, e o solho mede.

Acorda no sobrado o agonisante,
olha, escuta, espantado,
os moços do *Lagoia!*
Estende a mão... encontra a lamparina!
Pergunta quem morreu, falla ao finado,
responde-lhe uma voz, ao longe, e fina,
do gato esperto a remiar distante,
unico som, na casa entregue ao somno.
Suor quente lhe escorre da camisa,
alagando-lhe o peito chammejante,
e pelo chão deslisa.

Ao morto quer fugir, não póde vêl-o;
sob a roupa se furta, os olhos cerra,
mas não se furta a novo pesadêlo;
carneiro com batatas não dá treguas,
se conversa comnosco!

Transfigura-se o quadro. Os vultos negros
transformam-se em credores,
severos, asp'ros, brutos, furibundos;
são dez, e vinte, e cento, e mais, e innumeros,

compridos, curtos, magros e rotundos;
e juntam-se, recrescem, multiplicam-se,
juros, penhoras, querelas e sentenças;
e o carneiro tenaz, que tudo cria,
sobe, desce, resalta e se mistura,
co'as sombras da torvada phantasia.

E o misero mortal ardendo em sêde,
da cama se esqueceu, e o solho mede.

Passada a noite longa da agonia,
doutor com toda a luz da medicina,
vem achar os signaes d'essa tormenta
nas olheiras da face macilenta,
e curar os estragos do carneiro
co'a mistura salina.

E que serão doze annos de agonia?
doze annos de sonho tormentoso,
doze annos co'a bolsa erma de pintos,
doze! doze! sem ter da fama o gozo?
sem *cavaco* no *Gremio litterario,*
sem um sorvete á noite no *Martinho,*
sem um copo do *termo* no *Penim,*
sem bailar em nenhum noticiario,
sem ouvir da *Canaria* agudo grito,
sem nome no *Almanach de Lembranças,*
sem ter á perna um dia o *Braz Tizana,*
sem occupar o estro do *Agapito,*
sem coisas estudar transcendentaes,

sem habito da ordem — *San Thiago,*
sem nas côrtes ouvir *Zé de Moraes?!*

(Canto iv).

HOC OPUS HIC LABOR EST

Eu conheço Lisboa, e tenho pena;
éden dos charlatães de todo o mundo;
lago formoso de mentiras lindas,
tem nas margens o amor, traição no fundo.

Rainha do Occidente envolta em pó,
vaidosa de seus mil commendadores;
dos seus *guanos* e dos seus *trapiches,*
rica de realejos e credores.

Hospitaleira mãi do passeante,
Cicero do *Marrare,* audaz talento;
lanterna maga que alumia a estrada
que vai do botiquim ao parlamento.

Arvore a cuja sombra o pretendente,
em torno do ministro em vão suspira;
onde o *memorial* constante entôa
hymnos sonoros que a barriga inspira.

Onde o talento se protrái de rastos,
e o charlatão pomposo se erradía
por entre os beleguins eleitoraes,
potencias do presente, heroes do dia.

Em ti o amor, Lisboa, é como o phosphoro,
na juvenil endiabrada mão,
que morre, qual se accende, em breve instante,
sem faisca deixar do seu clarão.

San Bento palrador, contai os feitos
dos mil Catões da minha patria bella;
quanto sangue leal nos teus combates
verte o senso commum e só por ella!

Oh! fallem *Coruscantes* e *Ravisius,*
ala dos falladores tão seccante;
conta, *Zé de Moraes,* as sangue-sugas,
que alliviam a patria agonisante.

De Lisboa os *cataventos,*
quem vos poderá pintar!
os politicos portentos,
que vem a patria salvar,
ricos de côres aos centos
de mil diversas bandeiras!
nobres *peitos-prateleiras*
dos antigos democratas,
a pedante mocidade,
e a comica magestade
d'esses gordos pataratas!

(Canto v).

M. Duarte d'Almeida

Tem notavel originalidade. É triste, mas não se queixa da fortuna com o desabrimento dos infelizes zangados. Dirige-se a Jupiter com sorriso socratico. Tem o stoicismo de um pagão, e a physionomia angelicalmente serena de um fatalista. Conheço-lhe um sorriso bom e ingenuo como o dos seus poemas. Lembro-me de o ter visto criança no collo de sua mãi, uma senhora formosa, de brilhantes olhos, elevada estatura com um perfil inolvidavel. Cabiam dous meninos no mesmo regaço. O outro era Custodio Duarte, tambem poeta, aquelle de quem Guilherme Braga escreveu:

Custodio, alguem que sonha e pensa todo o dia
Na igualdade e no bem, no amor e na poesia.
Coração que se abriu, como o lirio do val,
Aos raios do luar, aos raios do ideal;

Que busca a inspiração no longinquo e no vago,
Que toma quasi sempre a attitude de um mago
Perguntando o caminho ás estrellas do céo,
E tem para cantar um modo todo seu.

Não sei como no meu espirito e na minha saudade de annos tão remotos, combino os primores plasticos da mãi e a florecencia ideal dos filhos. Ella morreu no vigor da idade; mas ha o que quer que seja sobrevivente d'ella na deliciosa melancolia das trovas de Duarte d'Almeida.

A *Supplica de um enterrado* é um gracejo com duas lagrimas a derivarem nas faces e a tremeluzirem no labio que sorri. O gracejo encanta, a gente ri tambem; mas depois, se pensa, suspeita que o poeta chorava. *C'est qu'on pleure en riant,* diz A. de Musset.

SUPPLICA DE UM ENTERRADO

Do fundo da sepultura,
Onde, *morto inda* padeço,
Oiço aquelles que aborreço,
E os que indifferentes me são:
Passa o burguez domingueiro
E diz á nedia burgueza:
« Este aqui ninguem lhe reza,
Deixou fama de mação... »

E a burgueza ri contente
Como quem, sobre o jantar,
Vem os mortos visitar
Por amor... da digestão;
Depois um capitalista
Chega e diz: « Misero poeta!
Segundo li na gazeta,
Não passou de um pobretão ».

Um piedoso salafrario,
Da intoleraneia fautor,
Leva a ponto o seu raneor
De meus restos insultar.
Não póde mais, o cobarde!
Se pudesse arrancaria
Meu corpo da terra fria
Para ás feras o atirar!

É que eu tive um grande crime;
É que eu fui — perdoe-me o céo!
Um philosopho, um atheu,
Aos olhos d'esse infeliz...
— Mas, ah! — respiro! Afastou-se
A hyena sacerdotal...
Absolve-o, Pai celestial!
Que elle... não sabe o que diz.

Oiço as risadas sonoras
Das crianças irrequietas,
Correndo, quaes borboletas
Em turbilhão n'um jardim;
Demoram-se um curto instante
A desfolhar malmequeres,
Mas depressa outros prazeres
As chamam longe de mim.

As velhas passam grolando
As camáldulas polidas,
E vão mastigando as vidas
Alheias co'a devoção;

E eu estremeço na cova
Ao rojar d'essas dementes,
Que deixam, como as serpentes,
A sua baba no chão.

Uma gentil costureira
A quem o amante trahiu,
Assim que o meu nome viu,
Depressa o reconheceu;
E, sobre a campa curvada,
Com voz plangente murmura:
«... Foi-se a mais bella figura
Por quem meu peito bateu».

Um grupo de brazileiros,
Estropiados e poltrões,
Fallam alto de *coestões* [1],
De escravos e de cafés;
E um melancolico poeta,
De um genero que eu detesto,
Lá vai recitando mesto
Umas coplas em fraucez.

Um estudante pragueja
E classifica de infame
O lente, que n'um exame
O seu *R* lhe atirou;

[1] Questões.

E um pedante impertigado
Vai impingindo a um basbaque
A sciencia de almanach
Que ha tres dias decorou.

Falta uma voz no concerto,
N'este concerto banal.
Embalde escuto, —inda mal!
Ai! nada o echo me diz...
Nunca mais te ouvi, pequena,
Discutindo sabiamente
O figurino recente,
Importado de Paris.

Só faltas tu, dôce amada!
Não vem essa linda mão,
De meu pobre coração
Tirar agudos punhaes;
Sobre a relva que me encobre
Não roças os teus vestidos,
São debalde os meus gemidos,
Ninguem attende os meus ais.

Ah! Se em teu peito a saudade
Algum poder inda tem,
Em meu corpo, filha! vem
Anatomia fazer.
Não te amedrontem fantasmas!
Vem, ao clarão do luar,
Meu coração arrancar
Para que eu possa *morrer!*

Simões Dias

Dedica o snr. Simões Dias as Peninsulares a sua esposa. N'esta dedicatoria, além do talento, vislumbra a felicidade intima, o paraiso domestico. A realidade tem jubilos serenos. Se a luz da poesia deslumbrasse os modestos contentamentos da familia, melhor lhe fôra ao agraciado d'esse dom funesto sangrar a sabedoria com a sua penna d'aço, e morrer. N'esta singela e amoravel dedicatoria, Simões Dias levanta e repulsa o aleive de poeta licencioso, despatriota e impio, que lhe assacaram em Hespanha e Portugal. Responde triumphalmente á calumnia com estas palavras ungidas do extremado amor de pai: «Quando lá no futuro os grandes olhos negros da nossa Judith, negros como duas amoras e castos como a innocencia, percorrerem estas paginas escriptas

dos dezoito aos vinte e oito annos, lembra-lhe então que os não desvie desdenhosos d'este papel publico onde seu pai glorificou tres grandes sentimentos: — o *amor,* unica salvação do individuo; a *patria,* unica salvação da familia; e a *liberdade,* unica salvação dos povos».

Li os dous tomos das PENINSULARES com raro empenho e attractivo. Conheço poucos poetas; gósto de pouquissimos entre os que conheço. Simões Dias ainda hontem entrou no pequeno raio das minhas estantes em que estão os bons. Devo-lhe dois saraus ligeiramente passados no arrastar d'estas noites de dezembro, entre pinhaes gementes e o estorcer das carvalheiras varejadas. Mandou-me o poeta o seu espirito de luz como as boas fadas enviam ao ermo escuro dos tristes as borboletas brancas. Lido e fechado o segundo tomo, abri o meu melancolico S. Bernardino de Sena, e reli o tratado DE CALAMITATIBUS ET MISERIIS HUMANÆ VITÆ, ET MAXIME SENECTUTIS, e «principalmente da velhice».

Sentir, comprehender a logica dolorosa de duas ideias que se atam n'um verso; achar na memoria o colchete que as prende, oxydado pelo tempo, mas ainda tenaz como o ferro da bala muitos annos cravada na carne viva, é mau, é um divertimento cruel de pelicano que se espicaça o peito. Nada de poetas. Cá vou para o meu santo. *De calamitatibus et miseriis humanæ vitæ, et maxime senectutis.*

A UNS PÉS

Pés como os teus, mulher, ai! não ha nada
No mundo tão gentil,
Nem miniatura alguma cinzelada
Por inclito buril!

E que são elles? duas miniaturas
Do mais extremo ideal,
Feitura sublimada entre as feituras
Do artista sem igual!

Que perfeição de pés! que exiguidade!
São tão pequenos, são,
Que me cabiam ambos á vontade
Dentro d'uma só mão! [1]

---

[1] Alguns pés de senhoras portuguezas são, em verdade, tão pequenos que podiam ter inspirado aos poetas nacionaes a ideia bonita de caberem os dois pés d'ellas em uma das mãos d'elles — o que depende do tamanho das mãos tambem, vamos lá. A hyperbole, sem duvida, é galantinha; mas não é bem nacional. Enviou-nol'a, ha

Mas o que eu mais estranho, o que eu mais acho
D'admiravel emfim,
É como tu não cahes d'elles abaixo
Sendo elles assim!

Tu sabes que eu não sei ser lisonjeiro,
Ouve o meu coração:
Se os teus pés se vendessem por dinheiro
Em publico leilão,

Que enorme somma d'oiro não viria
Cahir-te aos lindos pés!
Eras capaz d'arruinar n'um dia
Algum banqueiro inglez!

Mas o que eu mais estranho, o que eu mais acho
D'admiravel emfim,
É como tu não cahes d'elles abaixo
Sendo elles assim

---

muitos annos, de Paris Alfredo de Musset. Dizia elle do pé de uma condessa andaluza:

Il était si petit, qu'un enfant l'eût pu prendre
Dans sa main...

Baudelaire tambem conhecia um pé que cabia no concavo d'uma pequenina mão; e Charles Diguet, no seu aljofarado livrinho BLONDES ET BRUMES, diz a uma das loiras:

... Tes petits pieds, si mignons que les deux
Tiendraint dans mes cinq doigts.

Estas senhoras eram aleijadas, se os poetas são verdadeiros.

Menezes Paredes

Escreveu um volume chamado Parietarias por se chamar *Paredes*. É o poeta que explica e satisfaz.

Elle pede afogueado um beijo a Carolina. Bem se vê que o queima o sol do outro hemispherio. É brazileiro. Recebe beijos; mas não casa com Carolina, porque (diz elle)

O casamento em purgantes
Transforma os beijos d'amor.

Que lhe preste a metamorphose.

Depois melhorou de costumes. Faz sextinas *A uma rapariga,* que o persegue como Margarida Lo-

gny a lord Byron. E elle, fugindo-lhe com a crueza de José 2.º do Egypto, diz-lhe:

Vai-te! — um homem positivo
No amor não acha algarismo
Que iguale a força de um x.

Affirma que o namorar é uma *pepineira,* e diz um derradeiro adeus ao amor, tal qual como Byron: *Love's last adieu.*

Não é o cynismo que petrifica Paredes: é o algarismo. Elle não irá morrer em Missolonghi pela redempção dos gregos, nem a Moçambique pelas liberdades patrias como o seu patricio Gonzaga. Ha de ser victima da fallencia fraudulenta de um mascate.

N'este livro ha uma pagina triste e repellente: é a dedicatoria de taes poesias que a uma joven irmã fallecida offerece o seu *triste irmão Juvencio.*

Elle chama-se Juvencio.

Este nome podia ficar na lista dos fataes, se não fosse o algarismo.

D. Juan de Maraña, Lovelace, Saint-Preux, Juvencio Paredes, etc.

Os romances do seculo XX fallariam de Juvencio, o devastador de florestas virgens de sinhás, desde a Tijuca e Corcovado até ao Curuzú e ao Curupaity, escalavrando corações em Mamangapé, no Ariró, no Ouricuri, no Muriahé, no Merity, na Jacarépaguá e talvez no Gravatahy e na Quitinhonha.

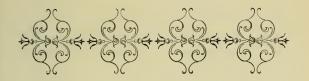
A UMA RAPARIGA

Vai-te embora, rapariga!
Em paixões já não me abrazo;
tentação, deixa-me em paz!
Do deus Cupido na *briga*
sempre fui *soldado razo*
nos meus tempos de rapaz.

Hoje que já sou *maduro*
tenho por norte e por norma
paz tranquilla desfrutar,
e não quero, e não futuro
fazer a menor reforma
no meu modo de pensar!

É portanto gran toleima
para mim teus lindos olhos
vêr-te sempre a requebrar!
— Nem sempre alcança quem teima...
e, semear entre abrolhos,
é gosto sem paladar!

Qu'importa que sejas bella?
Que tenhas rosto faceiro
de morena e meiga côr?
Qu'importa ainda, donzella,
o teu riso feiticeiro,
dos róseos labios em flôr?

Qu'importa tudo, se vivo
entregue ao positivismo,
e assim me julgo feliz?...
Vai-te! — Um homem positivo
no amor não acha algarismo
que iguale a força de um x!

Donnas Boto

(LUIZ MARIA DE CARVALHO SAAVEDRA)

NÃO é este um poeta que se commente e explique depressa. Faz-se mister arrancal-o a forceps das entranhas do esquecimento. Um injusto desprezo o sepultou profundamente; um esforço egregio ha de exhumal-o, sem rhetorica, sem queixumes, sem injurias a ingratos nem a bestas. O que eu quero é sental-o n'esta orgia dos alegres, e dizer-lhe: «Renasces, Donnas Boto! desenterrei-te com o bico d'esta penna de aço, borboleta, flôr do ar, que te mirraste entre duas folhas seccas. Esvoaça-te por entre os candelabros d'este banquete, roça na espádoa da

dama que vai rir-se de ti, pulverisa-lhe o marfim da epiderme com poeira de oiro das tuas azas, já que em vida as perolas dos teus versos tanto focinho de porco as trombejou».

Conheci-o em Coimbra em 1846 quando a minha batina esfrangalhada abria as suas trinta boccas para admirar e engulir o latim d'um padre que não sei se era Simões. Devia ser. Coimbra é a terra dos Simões. É como em Braga os Gaspares antigos. Mal diria eu que homem era aquelle por dentro, quando o vi por fóra, com os seus oculos de oiro, no livreiro Posselius! Eu comprára o Diccionario de Moraes; e elle, com uma gravidade protectora e paternal, disse-me: «Fez bem, seu caloiro. Manuseie o bom Moraes com mão diurna e nocturna. Gaste assim as suas economias, não as malbarate em fôfas novellas gafadas de gallicismos, nem me vá por botiquins a sorveteal-as nem por lupanares a desbotar as suas primaveras, nem por tavolagens a perder o dinheiro e a vergonha». Fallava sempre assim. Era quintanista e quasi velho. Já em 1828 fôra liberal e emigrára. Regressára de França doutorado em não sei quê, e concluiu em Coimbra o bacharelato em medicina.

Seis annos depois, retirado na sua casa e quinta de Ervedosa do Douro, Donnas Boto publicava no Porto o Poema socialista e outras peças de poesia. Dous ou tres exemplares d'este livro de 450 paginas por 720 reis satisfizeram a curiosidade do publico.

Lia-se muito n'aquelle tempo. As senhoras do Porto amavam brazileiros e lyrismo. Fallava-se muito no poeta Faustino de Novaes e no brazileiro Arara. Os nossos irmãos de além-mar recebiam inconsciamente dos poetas o Ideal que as senhoras lhes esgaravatavam no peito através dos colletes azues-celestes. Não obstante, do POEMA SOCIALISTA venderam-se tres exemplares: um devia compral-o a camara para a bibliotheca, o segundo comprou-o provavelmente o leitor, e o terceiro comprei-o eu.

Estou capacitado de que o adjectivo do poema provocou uma confederação de odios geraes. *Socialista!* «Socialista» em 1862, no Porto, era synonymo de bandido, de ladrão e republicano. Vinte e cinco annos depois, hontem, um moço pallido, dyspeptico e scismador, diz ao Porto: «Se queres um deputado republicano, inimigo da monarchia, elege-me». E o Porto elegeu-o com triumphal maioria.

Donnas Boto resvalou do odio á obscuridade pela rampa do adjectivo demagogo. Se vivesse no Porto, quando publicou o POEMA SOCIALISTA, iria á policia correccional; se vivesse hoje, iria ao pariato. E Rodrigues de Freitas, se então fizesse na ribalta d'um theatro alardo de fé republicana, seria ludibrio das bengalas burguezas, iria ao inferno pelo buraco do ponto, e resuscitaria hoje na historia com a aureola de Chenier e de Vermorel.

Donnas Boto foi martyr d'um equivoco. Elle, no

Poema socialista, não atacava a rainha, nem a rua das Flôres nem os Cabraes. Contava a vida do seu coração, e chamava-se *Lysias* na epopeia. Inflammára-o *Sophia,* uma operaria esfarrapada de Paris, a quem elle, tambem operario, contava a historia da sua mocidade na patria. Eis o poema que o despeito interrompeu. Os prelos gemeram só o primeiro tomo que abrange apenas nove mil cento e vinte e oito versos hendecasyllabos. Este paiz era indigno do resto. Houve então um Garrett que lhe deu o que elle merecia: a Viagem a Leixões.

D'este livro do poeta de Ervedosa não posso destacar uma pagina, uma flôr de vida alegre ou de sarcastica ironia como procedo com os de outros authores benemeritos. Hei de colher muitas, umas para deleite, outras para ensino. Goivos nem perpetuas isso é que não. Aqui lagrimas só se admittem as que rebentam e golfam das glandulas lacrimaes espremidas pelas mandibulas que a gargalhada desarticulou até ás orelhas. Os poetas satanicos hão de vêr que Donnas Boto precedeu Baudelaire. A arte realista irá um dia á Pesqueira celebrar o centenario do seu primeiro apostolo, a que não chamo tambem martyr porque não sei com certeza se elle acabou de tedio se de tenia.

Sophia, a operaria amada do emigrado portuguez Lysias, era honesta, desinteresseira e pouco fornecida de roupa branca, porque não descia

. . . . a ser bruscamente
Ou d'essas cossarias que pescam amigos,
E os cardam, depennam com labia bastante,
Tão nus os deixando como uns inimigos,

Ou d'essas que para chuparem tem cujo;
. . . .
Que o corpo devassam em trafico sujo,
Dos bens sumidouro, da vida estrago.

Ainda assim, o ciume tresnoita Lysias, dado que elle possua dotes corporaes a que se ater em concorrencia com

. . . . a infesta quadrilha
De tanto peralta que vaga ocioso;
Que pela cidade rondando casquilha.

Elle é bonito:

. . . . Adonis no rosto;
A loira pennugem que vinha pungindo
Lhe doira tão mal o vulto composto
No buço mais negra betinha fingindo.

Diz mais que é *dos moços a per'la*, e *bem talhado*, e *Apollo no engenho*, e *no affecto Narciso*, que

Na sua pombinha lá se narcisava.

Todavia, alvorota-se, morde-se de ciumes, porque sabe que a ingenua Sophia, quando vai para a fabrica,

Aqui lhe rebenta um pintalegrete
Que tanto se adama e se emboneca,
P'ra ir aos cafés tomar um sorvete,
Passear o seu Bem, pregar-lhe uma sécca.

Além dá de rosto com um chichisbéo
Que muito se afaua e se adonisa
E, pondo á bolina lustroso chapéo,
O chão não o toca de fofo, nem pisa.

Co'a dama no braço, fiel servidor,
Insulsos requebros gosmento gagueja;
Alli se espevita; adelgaça o amor,
E alguma quadrinha talvez cacareja.

N'esta pagina, a epopeia tem fóros de didactica pela abundancia de crismas com que alcunha o grupo dos bréjeiros modernamente denominados *janotas, crevés, estouradinhos, abas, faias,* etc. Elle dá-nos o *chichisbéo,* o *casquilho,* o *trancaruas,* o *pintalegrete,* o *bonifrate,* o *taful,* o *secia,* o *damo.* Abaixo d'estes, estão

.... os gaviões de toda a ralé;
A todas rinchando... e outros cevões
Do facto afamado do sujo Epicuro,
.... garanhões,
... Vis chafurdeiros do lodo impuro...

Quaes maus noitibós nas trevas festejam,
Vão tudo topando, rascôas, rameiras;
Em taes meijoadas chupistam, trovejam,
Fazendo pagodes e orgias grosseiras.

Não é menos rico em synonymos de que possamos nacionalisar a já tão safada *cocotte* com que a Idéa Nova esmalta os seus poemas. Elle offerece aos pathologistas das velhas podridões reverdecidas a *boneja,* a *loureira,* a *rameira,* a *michela,* a *polha,* a *marafona,* a *cantoneira,* a *rascôa,* em fim, aquillo que Pantagruel chamava á mãi do marinheiro, no cap. XXII do livro IV, e Gil Vicente chamava ás mães de muitos seus personagens na presença das rainhas.

Rompe a epopeia n'um episodio bastante original: Lysias deu um beijo em Sophia; mas um *beijo furtado* que

> .... aleijou
> Da incauta Sophia o bom coração.

Aceitou o conselho de Ovidio:

> *Entre as phrases de amor tomam seu beijo os sabios:*
> *Se ella beijos não dá, furta-lh'os tu dos labios* [1].

Mas aleijou-lhe o coração.

Os algebristas d'estes primeiros aleijões costumam ser os segundos beijos. Endireitam-se mais facilmente que as corcundas e a deslocação do queixo inferior. Ha leitoras que sabem isto; e Sophia devia de estar sã e escorreita quando, logo depois, pediu a

---

[1] Castilho.

Lysias que lhe contasse a sua vida, em quanto saroavam.

Elle diz que é do Douro; que fôra

.... na infancia galante menino,
Mais vivo que azougue, coral muito fino;

que aprendeu a lêr muito depressa; que estudára o seu latim á beira do convento onde tinha duas manas. Descreve o mosteiro e a vida austera que alli vivem as amortalhadas esposas do Espirito, que

...... sem relaxarem a regra apertada
Com crebros jejuns, mortaes penitencias
Os brios soffriam da carne indignada...
.... Que santas demencias!

Lysias conta que servia ás vezes de acolytho ao seu padre-mestre, ajudando á missa, e que, *escoando-se pelas grades do locutorio ou ennovellado como serpe na roda,*

.... por vezes tambem penetrava
Dos claustros vedados ao intimo centro
A furto da madre-abbadessa que dava
Recados em vendo diabinhos lá dentro.

Semelhante estreia seria de mau agouro, se elle, não engrossando de carnes, podesse escoar-se pela grade ou communicar-se em novello pela roda até o «intimo centro» do claustro.

Não podemos saber o que a natureza daria de si

com tal catechese, porque as manas de Lysias sahiram do convento, e o pequeno foi para Coimbra fazer exame de latim.

Na correnteza d'estes casos epicos, estalou a revolução de 1820. O poeta faz a proposito da Liberdade muitas considerações, e diz que, por essa occasião,

> Mostrou Portugal que era uma mina
> De grandes litteratos, de jurisconsultos,
> Que eram uns pégos de sciencia divina,
> Que eram nas letras já mais que adultos.

Invectiva o rei que fugiu para o Brazil, e a Junta apostolica e o Silveira, a quem chama «bobo», com sagrada colera; e com justos motivos desluz a tactica dos caudilhos liberaes, dizendo que elles

> Retorcem caminhos em caranguejando.

De jornada para Coimbra, quando avistou o Bussaco, arrobou-se em raptos extraordinarios, bebeu a sorvos o aroma acre das altas serras, e exclamou com a vehemencia d'um pagão:

> Eu sinto-me Deus no cimo d'um monte!

Se não desce de lá, esquivava-se o deus ao desgosto de encontrar dois estudantes na Mealhada que se portaram com elle como dois atheus consummados.

*

Diz elle

... que pela pinta logo os conheceu
Á feição burlesca por irem trajados
Com um desabado casquete ou chapéo,
Com chambres de chita folgados, fraldados.

Jogam-lhe chalaças salobras, fazem-no apear, dão-lhe *tu,* encordoam-no, dizem-lhe que

..... cheirava de mais a fedelho,
Que sabe aos farellos e rustico trato
Da sua provincia, broeiro, bedelho,

com outros chascos porcos, a respeito dos quaes escreve o pulchro Lysias, que

A um filho deslustra da culta Minerva
Em sujas soltar-se tão feias parvoices;
Que lá chocarreie a gente proterva
Com vis palavras, com torpes chulices.

Á custa d'elle os bandoleiros jantam regaladamente e levam-no com um sceptro de rama de pinheiro até Coimbra. Ás vezes, apeiam e jogam a espada; outras vezes fazem sermões, ou zangarreiam nas banzas. Ó academicos que jornadeaes em via-ferrea n'esta época de dissolvente prosa e de dissolvidos poetas! comparai os vossos fraques surrados e o surro da vossa gravidade de caixeiros de merciaria réles com os chambres fraldados e o retintim das faiscantes tarascas dos estudantes de 1827!

Lysias, quando avista Coimbra, sente colicas, e quando mais tarde escreve as suas commoções chama-lhe

A Feira da Ladra da sabedoria.

Nunca se escreveu nada tão bom!
Frequenta

As aulas, aonde de papo gosmando
Os mestres do Pateo estão a mestrear;
Com emphase alguns vão rhetoricando;
E outros logícam, ou metaphysícam.

Elle não sahe do seu quarto no antigo collegio da Companhia, já porque tem medo ás troças, já porque lê uns livros de má nota que o açulam contra os jesuitas, a proposito da triste cella em que vivia:

Nem Lysias gostava de vêr a Jesus
Em tão desalmada, tão má Companhia;
Nos dois que penaram com elle na cruz
Um ladrão honrado, sequer, inda havia.

Não invectiva com menor inflammação de engenho e critica os torpes usos do domingo,

Em que de Coimbra o povo estouvado
Arranha na banza e vai farfalhando,
Comendo, bebendo, cantando rasgado
E mil barrigadas de riso tomando.

E mil fartadelas de musica e chula;
Ao som destemperado de ingratos rojões,
Loureira cachopa nem salta nem pula,
Mas grave rebola chorudos coxões.

Tão lenta os remexe e se bamboleia
Que mais assemelha almé voluptuosa;
Com raiva os quadris não saracoteia
Como a marafona salaz e nojosa.

....

.... novas bacchantes
Em córos entravam quaes rãs descantando
E dando de olhinhos aos churros amantes
Se esbofam, se esfalfam, bailando, foliando.

Se isto não é bem realista, ainda eu seja Boto! Elle é o adail d'estes cytharistas que vigem e viçam. N'estes ultimos dez annos todo o cerebro de poeta incuba e desova um ou dois saltimbancos acompanhados das respectivas e porcas companheiras, que tocam cornetim ou sacodem os guisos da pandereta. Achou-se que havia Ideal n'isto e nas escrofulas das gargantas e nas varizes das rubras pernas dos cornacas de ursos nostalgicos. Donnas Boto fariscou esta dysentheria da Arte, sujou n'ella um pouco a sua pluma de cysne, mas deu as alvoradas da revolução. Outro exemplo que parece de poeta gravido dos loiros satanazes que hoje versejam:

Já Lysias p'ra as damas folgava de olhar
Mas era tão timido e alcançadiço

Que os olhos furtados lhe faz abaixar
Donzella que encare no pobre noviço.

O triste em amores é inda aprendiz,
Talvez de babão nunca arribará.
Que importa que ame se amores não diz
Á deusa que em esp'rito elle adorará?

Ah! pobre do tolo que entre si ama!
Amor, timidez, ah! não adjectivam.
Só quer de fortuna soldados a dama,
Chorões e maricas nenhuma captivam.

Só gosta d'amantes bem aventureiros,
De cães de bom faro e grande ousadia,
Bem executivos no amor, e chofreiros
Que lhe andem no rasto de noite, de dia;

Que partam, abalem, atirem p'ra ellas,
Quaes bons batedores os mais denodados;
Que batem o campo e mato ás bellas,
Ou bons perdigueiros tenazes, parados;

Que marram a caça e que a levantam,
Que seguem a lebre bem pela abalada;
Se bem a correrem, bem menos a espantam,
Té que a encovam e logram, coitada!

Mas Lysias do amor cahindo nas redes
Não sabe roel-as qual rato matreiro;
E, se o mandassem namorar paredes,
As bellas tem pleno direito inteiro.

O pobre ás deidades, ah! nunca ousou
Fazer-lhes da guerra a declaração...

Nem carta avellada que o bolso ensebou
Jámais se atreveu a metter-lhe na mão.

Por isso de nymphas o parvo jejuava,
As deusas do Olympo co'a testa comia
. . . . [1]
Conquista de geito jámais a fazia.

Não é dos polhastras que andam ás polhas,
Frascarios de marca, mui azevieiros,
Que nas servilhetas chorudas e rolhas
E nas cantoneiras, quaes bons rascoeiros,

No vil femeaço, lá fazem destroço;
Que bebem e comem e marafoneiam:
(E ellas caçando, rapando caroço!)
E tanto com ellas alfim velhaqueiam...

Até que os iscam dos males da moda
Francezes chamados: e quando Deus quer
Galenos os fanam e fazem-lhe a poda...
Assim os arranja do mundo a mulher.

Dos dois eu não sei qual é mais culpavel,
Se a triste michela que faz bom barato
Da honra, que vende o amor, miseravel,
Um amor venal sem peso e recato:

---

[1] Donnas Boto fez versos que n'esta edição se expungem; mas virão a lume na segunda, quando o nosso adiantamento nas letras e nas liberdades da poesia moderna o permittirem sem estranheza nem niquices da Moral.

Se o porco, se o sujo que dá o vil preço;
Mas a marafona, se é menos punivel,
Se a fome a arrasta, da gente no apreço,
É o ente do mundo o mais desprezivel.

Donnas Boto exercita uma rectidão de juizo, geometrica e implacavel, com rascoeiras, com marafonas e com lentes. Os lentes! — exclama Lysias.

Os lentes! o nome lhe assenta de certo,
Pois lêem com força! algum haveria
Que inda se engasgasse por menos esperto.

Que lêem, relêem e tornam a lêr
Na velha, sebenta, mortal caderneta,
Que anda em rifão; mas com o saber
Leitura tão calva, amigos, não beta.

Nem hospedes 'stão e menos senhores
Das suas materias; a esmo fallando
As mal mastigadas lições dos authores
Nas suas cadeiras estão gaguejando.

Por mais que affectem um tom magistral
São entendimentos só de meia luz;
Da sua algibeira não põem um al,
Nem n'elles idéa novinha preluz.

São echos que andam alli aos retraços
De estranhos authores, officio nojento!
Na sciencia ficando tão curtos, escassos,
Não dão n'um só novo, real pensamento.

Seus textos ás vezes tambem acarretam
Talvez mal trazidos, mil voltas lhes davam,

E zangam, se os pobres alumnos objectam,
Se toda a parlanda não papagueavam.

Não sei se o leitor acha o rhythmo dos versos de Donnas Boto um milagre de melopeia, uma toada de suavidades fagueiras ao ouvido. Elle achava os versos de Filinto Elysio *ferreos e corneos* (LYRA DO DOURO, pag. 441)—signal é de que o poeta considerava os seus de materia mais molle.

A respeito dos banhos de mar, na Figueira, onde passou as férias grandes e estudou rhetorica, nos deixou um bonito quadro de costumes e preceitos de medico. É costume galante—dedilha o vate,

Que muitas familias poderosas e nobres
Concorram a banhos na quadra do outono,
De envolta com outras somenos e pobres
Que são do commum — fatal abandono!

Quc as litoraes villinhas inundem
Com o santo intuito de ir procurar
Remedios que pouco ou nada lhe fundem
Nas aguas salgadas, sagradas do mar.

Eis a panaceia mais universal
Com que mediquinhos da Belgica e Paris
Os doentes engodam; e juram que o mal
Só banhos o saram, bem são de raiz.

Assim se descartam dos pobres bolonios.
. . . .

As damas que querem um pé de andejar
Quaes outros oraculos prezam, estimam

Os sabios Galenos que as mandam banhar;
Talvez que de mais a elles se arrimam!

Tambem elle almejára na Figueira a sorte dos Galenos, a quem as damas se arrimam de mais talvez:

Mas Lysias.........................
Só vendo dos olhos o meigo quebrar
D'alguma donzella, qual rapido tiro
Perdido que o vinha de lado pezar,
Um vão desentranha, um vago suspiro.

Desentranhava suspiros, e esgaravatava

.... os buzios pardinhos
E outras conchinhas tambem nacaradas
Que são as baixellas dos deuses marinhos.

E, trepando aos penedos, meditava:

Assim como o mar é o reservatorio
Das chuvas que a terra caudaes fertilisam,
Assim é das almas o laboratorio
D'onde altas ideias se volatilisam.

Este bocadinho parece de Michelet.

Elle gostava das mulheres bonitas, como se deprehende d'este transporte:

Com os olhos eu vejo, não vejo, devoro
Esse ente divino que chamam mulher!
E, sendo formosa, qual idolo a adoro,
É o unico Deus em que eu posso crêr.

E dá a razão d'esta mania razoavel:

Porque, se é phantasma, então tambem eu;
Porque, se a ólho, no céo faz pensar;
Porque, se a amo, sou d'ella, sou seu;
Porque, se a gozo, sou Deus sem jactar.

Como se isto não fosse bem claro, reforça em termos inequivocos, em actos violentos de apalpadella:

Se eu palpo da virgem o seio anhelante
No dôce momento em que ella profere:
«Sou tua», eu sinto um Deus palpitante
Que me electrisa, magôa e fere.

Com tanto prazer, com gozo tão raro...
Eu sinto um Deus sahir da donzella;
Encher-me adeusando objecto tão caro...
Um sêr só fazendo de mim e mais ella!

Quem lêr isto ha de cuidar que Lysias era o Saint-Preux da extincta rua do Coruche, e fazia sahir deuses das donzellas de Quebra-Costas. É uma iniquidade, porque

Ninguem á ventana o via assomar;
Desbanca em recato donzellas e freiras;
Pois hoje as meninas só querem brincar,
São tão janelleiras, tão namoradeiras!

Elle não queria brincar com as visinhas. A sua chamma era séria. Tem relampagos e raios e tempestades dentro, como elle muito bem passa a exprimir:

Já Lysias é pubero, fervendo no peito
Do amor a maré começa-lhe a encher;
O mar é o sangue em fogo já feito;
Só torna a vazar quando elle morrer.

Nos seus olhos meigos e tão amorosos
Já lhe phosphoreia a triste ardentia;
São fatuos fogos por ora enganosos;
Mas, ah! que, no seio da grã calmaria,

Dorme a tempestade! e, se não chammejam,
Ardores que as bellas accendam, abrazem,
Relampagos mornos, que elles dardejam,
Vem prenhes de raios, no ventre os trazem.

Estas coisas trazidas no ventre nunca sahiram á mingoa de estimulo.

Elle o explica eruditamente:

.... Referve de Lysias o amor
Á falta de objecto p'ra o alimentar;
Que d'outra Heloïsa o abraze o ardor,
Atraz d'Abaillard não o vereis ficar.

Tal seria Lysias. Se a Coiraça dos Apostolos lhe deparasse uma Heloïsa, haviam de vêl-o adiante de Abaillard sem os precalços do seu modêlo. Coimbra, porém, sendo terra de muitos conegos, não tinha algum então que fosse tio d'uma Heloïsa ao alcance do poeta; e, por isso, é aqui o lanço de repetir aquelle verso lacrimoso:

Por isso de nymphas o parvo jejuava.

Eis o essencial das coisas que elle de si contou a Sophia.

Quem se der ao lavor de respigar n'este espinhal de 452 paginas a intervallos, acha flôres que parecem desbotoadas por intermittencias de luz, e como descuidos d'um bom engenho empenhado em parecer mediocre. Pintando a cova que Sophia tem na barba, diz:

D'um beijo chupado o amor lhe afundou
Covinha na barba que mata d'amores;
De pretos signaes seu rosto lhe ornou;
Quaes moscas realçam da liz os candores.

Dos seios que se lhe vão contornando, escreve palpitante:

Crescendo, com elles recrescem amores.
Meus dôces relevos que o mel estillaes!
Em vós se nutriram do Olympo os senhores...

E acrescenta, dirigindo-se aos mesmos:

Eu tenho p'ra mim que lá no paraiso
Vós fostes por certo os pomos vedados,

Que vistes Adão perder o seu siso,
Por mão d'uma Eva formosa brindados.

E, no proseguir da descripção, guardou as conveniencias, quanto se deprehende d'estes dois versos cheios de compostura e decoro:

Nos lirios tão roxos que Deus nos velou,
Forçoso é deitarmos o véo da decencia.

Este procedimento é exemplar, e a todos os respeitos digno de louvor.

Quando falla de inglezas, chama-lhes

As Venus patudas da infesta Albião.
O rosto d'uns anjos com pés de pavão.

Diz isto da Universidade:

Alguns a chamaram fanal do saber.
É extincto planeta, é lua gelada;
A phase assombrada nos deixa só vêr
Mui pouco brilhando com luz emprestada.

Dos velhos cathedraticos diz:

Fanhosos mascando e encatarrhoados,
Nos seus doutoraes os lentes escarram;
Com seus argumentos bicorneos, safados,
Em vez de enlearem, claudicam, esbarram.

Arguindo, a sediça hypothese apertam,
E cuidam que abafam com sabedoria,
Saber d'acarrêto, postiço, que enxertam. . .

Donnas Boto escreveu quatro volumes. Em alguns ha prosas de sensatez e correcção admiraveis. Elle publicou ha mais de vinte annos: «O poeta de hoje não deve cantar senão as grandes ideias e os grandes principios que vogam nos nossos dias». (A LYRA DO DOURO, pag. 443). Anthero de Quental, Guerra Junqueiro, João de Deus, Guilherme de Azevedo não aceitam de certo as táboas d'este Moysés da Ervedosa; mas elles eram crianças quando o poeta socialista, emboscado em obscuro ermo, era o primeiro que, no pleno reinado de Garrett e Castilho, classicos thuribularios dos proceres dos pennachos e arminhos, escrevia: «Passou o tempo das odes pyndaricas, genealogicas, elegiacas, laudatorias, dedicatorias e outras de servil e aduladora memoria: odes que se faziam e dedicavam ás altas personagens para lhes gabar o seu sangue claro como a agua turva e a sua prosapia tão antiga como a dos arcadios, que se diziam mais antigos do que a lua, mais illustres do que os reis do Oriente, os quaes se intitulavam primos do sol; e mais vale com effeito ser primo do sol, ainda que seja o parentesco remoto, do que de alguns reis da Europa, os quaes se chamam primos uns aos outros».

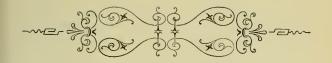
Nos quatro volumes estampados e esquecidos, rara poesia melancolica se me depara. Como amostra do seu genero elegiaco, transcrevo a primeira quadra de uma nenia *Ao fallecimento da rainha:*

Além nos paços reaes
Reina grande afflicção:
Passam condes e mar'chaes,
E mais d'um cirurgião.

Isto de «mais de um cirurgião a passar» é tocante, é abusar da sensibilidade da gente.

Parece que estamos vendo passar o snr. Barral, e mais o snr. Magalhães Coutinho, e mais o snr. Bernardino Antonio Gomes.

Triste! triste!

Bocage

Está quasi esquecido este nome panico. Não tem nada do nosso tempo, e representa um periodo litterario esteril e triste como as charnecas. O romance, o drama e os editores exploraram-o. Deu pouco. Estava no occaso a geração que na mocidade recebera a herança de assombro do repentista Bocage. Houve ahi um escriptor illustre que lhe republicou as obras, sem exclusão das obscenas que não se vendiam a meninas de 15 annos, sem ellas as mandarem comprar pelas criadas. Foi isso abrir uma sepultura para impestar a atmosphera, e pôr um ferrete de ignominia em vez de lhe esculpir na lousa a cruz da misericordia divina. Bocage e os seus collegas declivaram a rampa por onde escorregaram á voragem das inutilidades esquecidas. Os archivistas

dos seus epigrammas e sonetos martellados vão tambem desapparecendo. Nem o sentimento, nem a linguagem, nem a historia tem nada que vêr com a vertigem contrafeita, com aquelle trovejar theatral dos farcistas do botiquim das Parras. É uma farragem de pomposas bagatellas que não formam élo na cadeia da evolução do espirito. José Agostinho de Macedo poreja a mesma podridão n'essa rima de vadios que desbragaram o talento a termos de não ter bastado meio seculo para resgatar o poeta da abjecção a que o aviltaram o jantar do fidalgo, o mote da freira e os applausos da ralé. Quanto a Bocage, ao maioral da turba sonora, os sonetos, fórma gentilissima e magistral da sua indole *mais propensa ao furor do que á ternura,* são uma orchestra estrepitosa em que raro se ouvem as toadas gementes da harpa. Sem originalidade no pensamento, dá ares de creador pelo resalto das côres. Encadearam-no, cortando-lhe os vôos do genio, as peias da mythologia; por isso é tão pallida a idealisação dos seus poemas, raras vezes levantados a idéas abstractas. A tempera rija de sua alma, endurecida ainda pela hilaridade com que lhe festejavam o latego nemesico, quebrou-lhe as cordas mais maviosas do alaúde. Quando quer ser plangitivo, transporta-se contrafeito, em raptos e exaltações por conta de coisas que não dão para isso. Nos poemas que Bocage escreveu no Oriente debalde se procuram indicios de espirito scismador e abstrahido da intus-

pecção de si proprio em mundo tão novo na sua decrepidez e tão inspirativo em suas cans deshonradas pela desgraça e pelo desamparo da metropole. Os poetas d'aquelle cyclo viviam tanto de si mesmos, eram tão egoistamente individualistas que por acerto nos revelam as contingencias da sua alma com os panoramas da vida exterior. Se cantavam de arvores, de montanhas, serviam-se de phrases recaldeadas pelas pastoraes classicas. Assim Gonzaga, poetando entre as exuberancias nativas da sua America, assim Fernão d'Alvares do Oriente, o poeta indiano, com vida e patria tão de molde para extraordinarios cantares, assim Bocage sonetando Anardas, Glauras e Gertrurias entre as ruinarias das odysseias de Albuquerques e Castros! Nem a tristeza do céo, nem as quadrellas tostadas dos baluartes derruidos, nem a foz do Mondovi, nem a gruta de Camões o destoavam d'aquelles hendecasyllabos do café Nicóla, turgidos, sonoros, bocagianos em summa; porém compassados e quasi incommodos como o arfar ininterrupto de um pendulo. Bocage trouxe-nos da India apenas a hyperbolica descripção dos costumes goezes. Como o seu horisonte não ia além dos contractos sociaes — a saudade dos poetas do *Agulheiro dos sabios* onde tinha o seu palco e diadema — suppurou-as no fel da mordacidade contra os canarins:

Lusos heroes, cadaveres sediços,
Erguei-vos d'entre o pó! Sombras honradas,

Surgi! Vinde exercer as mãos mirradas
N'estes vis, n'estes cães, n'estes mestiços.

Vinde salvar d'estes pardaes castiços
As searas de arroz por vós ganhadas.
Mas ah! poupai-lhe as filhas delicadas,
Que ellas culpa não tem, tem mil feitiços.

Isto é sublime de mordentissima galhofa; mas a alma do poeta, quando ahi desce, vem cahida do alto como aguia ferida a esvoaçar-se em charcos paludosos [1].

[1] *Curso de litteratura portugueza,* por Camillo Castello Branco. 1876.

O LEÃO CAÇANDO COM O BURRO

Fez annos o leão, quiz ir á caça,
E a d'elle não costuma ser escassa;
Não consiste em pardaes, em bagatellas,
Mas em bons javalis, e em corças bellas.
O rei dos bosques próvido e discreto,
Para surtir effeito o seu projecto,
Chama o burro, animal de voz não fina,
E o burro vai servir-lhe de buzina.
Elle ao posto o conduz, cóbre-o de ramos,
Ordena-lhe que zurre, e a seus reclamos
Crê, que inda os mesmos brutos, que dão provas
De atroz braveza, fugirão das covas.
Não era aquella trompa ainda usada
Ao fragor de azinina trovoada:
No ar o espantoso orneio emfim resôa,
Vaga o terror, e as grutas despovôa:

Tremendo, a turba agreste alonga o passo,
Foge tudo, e fugindo, eis cahe no laço,
Onde os espera a garra penetrante.
«Então, que tal, que tal? Não sou chibante?»
(Diz o burro ao leão, co'a fronte alçada,
Arrogando-se a gloria da caçada).
«Trôas (volta o leão), trôas deveras,
E se não conhecesse quem tu eras,
Eu mesmo com teus zurros me assombrava!»
O burro, se pudesse, resmungava,
E tinhamos arenga, ainda que havia
Motivo para aquella zombaria.
Pois quem ha de soffrer, quieto e mudo,
Que um, que não vale nada, arrote em tudo?
Quem soffrerá, que audacia o burro affecte?
Caracter fanfarrão não lhe compete.

A MACACA

Nos serros do Brazil diz certo author que havia
Uma namoradeira, uma sagaz bugia;
Milhões de chichisbéos pela taful guinchavam,
E por não terem aza o rabo lhe arrastavam.
Qual, cahindo-lhe aos pés, de amores cego e louco,
Nas cabelludas mãos lhe apresentava um côco,
Qual do assucar brilhante a sumarenta cana,
E qual um ananaz, e qual uma banana.
Ella com riso astuto, ella com mil caretas
Lhe entretinha a paixão, lhe ia dourando as petas;
Os olhos requebrava ao som de um suspirinho,
A todos promettia o mais fiel carinho;

E se algum lhe rogava especial favor,
Á terna petição dizia: «Sim, senhor»;
Mas com muita esperança o fructo era nenhum,
E os pobres animaes ficavam em jejum.

Leitores, ha mulher tão destra e tão velhaca,
Que n'isto lhe não ganha inda a melhor macaca.

Garção

Pedro Antonio Correia Garção, casado e mais que muito maduro, á volta dos quarenta e oito annos, requestou uma donzella escoceza, sua visinha, filha do intendente de artilheria Macbean. O poeta costumava jantar com o visinho, como se deprehende de duas odes com que o brinda na effusão de sua carne jubilosa e alma agradecida. Mas, como se o perú não bastasse a dar-lhe estro, a filha do hospedeiro escocez explica mais ao natural o alento poetico das referidas odes. Macbean surprendeu um dia uma carta do visinho á filha, e da leitura inferiu que o poeta predispunha um rapto, e que a filha aceitava a fuga para esconder o testemunho já in-

equivoco da sua fragilidade. O militar ao serviço de Portugal apresentou-se ao ministro omnipotente com a carta do seductor. O marquez de Pombal, na noite d'esse mesmo dia, mandou recolher o poeta no Limoeiro, onde entrou em 9 de abril de 1771 e d'onde sahiu defunto em 10 de novembro de 1772.

Aventaram-se varias conjecturas sobre o motivo mysterioso do encarceramento de Garção. A mais absurda foi a mais seguida por homens de grande polpa, mas de escassa critica. Diziam que o marquez de Pombal se aggravára do arcade que no poema intitulado *Falla do duque de Coimbra recusando a estatua* apontára uma frecha insidiosa ao medalhão do ministro esculpido na Memoria a D. José. Ora esta poesia leu-a Garção em 1754 na *Academia dos occultos,* o monumento do Terreiro do Paço foi erecto em 1775, e o poeta era já morto havia dois annos. Como Garrett e Theophilo Braga poderam combinar-se no ponto dado de uma parvoleza! Só n'isso, para verificar-se o toque dos extremos.

Garção era mediocremente folgazão. Fazia dithyrambos de uma graça tão duvidosa que parecem elegias. Não ha nada mais salobro que esses *évohés* dos arcades, a simularem borracheiras, que lhes sahiam genuinas em taes composições. As satyras são uns embrechados de locuções sornas com bafio quinhentista, horacianas na contextura, sem faúla de philosophia, nem ironia, nem moralisação. Eu não conheço

nada mais cru, gorduroso e cançativo que a poesia séria do seculo passado. Onde ainda vislumbram algumas scintillas de protervo talento é nos poemas ineditos e aphrodisiacos que, do modo como a poesia do macdam se vai deslinguando, não tardarão a serem estampados como modêlos de virgindade.

Encontro nos meus papeis dois sonetos ineditos de Garção. Contendem ambos com capellães do Loreto. Não sei que zanga era esta do poeta da Fonte Santa com os capellães, e nomeadamente com o padre Delfim que tocava rebeca e gostava de moças. Taes capellães e taes poetas.

SONETOS INEDITOS

AO PADRE DELFIM, CAPELLÃO DO LORETO

Depois de tu quebrares a rebeca,
N'um mólho cordas, arco e cavallete,
Depois de a sepultares na retrete,
Abrindo-lhe epitaphio em m.... sêcca,

Epitaphio que diga: *O padre creca*
Arrancando as farripas do topête,
Despiu o lôba, cabeção, roquête,
E em trajos de romeiro foi-se a Meca.

A bandurra ou guitarra que tangia
Que choca sempre foi, de mil rascôas
Nunca mais se ouvirá pelas sanzalas.

Depois de feita tanta bruxaria,
Ainda gostas, Delfim, de moças boas!
Com que prestigio esperas amental-as?

AO PADRE ANTONIO DE S. JERONYMO, CAPELLÃO DO CÔRO DE NOSSA SENHORA DO LORETO, DE NAÇÃO ITALIANO.

Misero gandaieiro do Parnaso,
Que para alimentar teu pobre estylo
Das escorias tiraste de Chirilo
Com que da idéa encheste o tosco vaso;

Apollo faz de ti tão pouco caso
Que vendo que tu foste perseguil-o,
Podendo-te mandar beber d'aquillo,
Mandou te désse furia o seu Pegáso.

Essa furia que o Pindo te dispensa
Bem sei eu que é de besta; no proluxo
O dás a conhecer d'uma obra extensa.

Deu-te Pegáso as aguas de repuxo;
Que Apollo, só se andasse de corrença,
É que podia dar-te o seu influxo.

Conde d'Azevedo

Tinha a singularidade phenomenal de ser sabio e rico. Seria inverosimil n'este paiz o conde d'Azevedo, se se dissesse que elle publicou livros seus para os vender. E, ainda assim, a liga do oiro e da sciencia é já de sobra para que o erudito fidalgo fique na memoria de homens como um ente exceptuado que desgarrou da contextura dos nossos costumes nacionaes.

Foi coronel de milicias, foi deputado, foi governador civil, foi conde, tinha no seu brazão a aguia da varonia d'Azevedos, contava avós até á fundação da monarchia lusitana, e d'ahi para cima, desde D. Arnaldo de Baião, tudo nos persuade que os poderia encontrar até surprender o Creador a fabricar o primeiro dos seus avós. Desdenhava prosapias, e glo-

riava-se todavia particularmente de seu setimo avô, Martim Lopes d'Azevedo, o patriota preso, proscripto e empobrecido porque se bandeára contra Castella na hoste de D. Antonio, prior do Crato.

Era um homem de bem. Para lhe chamarem nas gazetas facinora, caipira, besta e ladrão foi necessario que governasse o districto de Braga em 1845. Desde que esquivou na poltrona da sua bibliotheca o osso sacro aos pontapés da politica, volveu a ser, por commum assentimento de todos os partidos, um espirito recto, muito esclarecido, e digno de exercer os cargos superiores do Estado.

Era catholico estreme. Conhecia os santos padres. Ouvia missa, abstinha-se de vacca á sexta-feira, seguia os sacramentos, expunha as suas crenças na Associação Catholica, na livraria Moré, em sua casa, sem rubor de sua fé nem receio dos racionalistas. *Non erubesco,* dizia elle com o Apostolo. Escreveu vigorosos opusculos de polemica religiosa, e prefaciou um livro meu — A DIVINDADE DE JESUS — com muita habilidade e theologia.

Fazia versos. Traduziu aos vinte annos e publicou aos sessenta, no prelo de sua casa, as BUCOLICAS de Virgilio. Escreveu a tragedia ATHREO E THIESTES, fez odes e sonetos, epigrammas e idyllios. De tudo isto colligiu um volume que imprimiu em setenta exemplares e repartiu por setenta amigos. Um d'estes setenta vendeu o livro. O conde, tendo noticia d'essa

veniaga, concluiu que os seus amigos eram só 69. Depois, soube que se vendera n'um alfarrabista de Lisboa um volume das suas DISTRACÇÕES METRICAS. Indagou com o fim de reduzir os seus amigos a sessenta e oito, quando soube que o exemplar havia apparecido no espolio do fallecido, e, por isso, irresponsavel Torres e Almeida.

Tenho aqui cento e tantas cartas do conde de Azevedo. Quasi todas versam assumptos bibliographicos que elle professava magistralmente. A sua livraria era muito rica e muito lida, em quanto o conde pôde lêr. Quasi cego, colleccionava ainda livros raros. Já doentissimo, dois mezes antes de morrer, expunha-me a sua perigosa molestia, e escrevia-me em conclusão: «Isto não dispensa a vossê de, quando bispar algum livrinho dos que lhe recommendo, o ir comprando para mim: e eu, se cá descobrir algum, immediatamente o participo para evitar duplicados». Poucos dias antes de fallecer, mandou transferir para junto do leito, onde se estorcia em angustias, duas estantes envidraçadas que continham os livros mais raros. Já não os via; mas apalpava-os, e dizia aos seus amigos consternados: «Elles cá estão». Queria dizer que estavam alli os seus mais intimos e prestantes amigos.

Tenho d'elle cartas engraçadas. Contei-lhe que um seu primo, o visconde ***, já em idade provecta, casára com uma menina sanguinea, conhecida do

Chiado, não do frade-poeta d'aquelle appellido; mas da antiga leoneira do Marrare, d'onde sahiram todos estes ministros e pares e embaixadores de hoje em dia, e que, n'aquelle tempo, desmaiavam os lirios virginaes do rosto de uma senhora só com o bafo acidulado de marrasquino ordinario. Depois, o visconde morreu, e a viuva deu á luz um menino robusto. Os sobrinhos do visconde, para desbalizarem da herança o producto da viuva, allegaram, estribando-se na decrepidez do defunto, que a criança era filho adulterino. O processo ia decidir-se talvez contra a innocente criança, quando se descobriu que o pequeno tinha seis dedos n'um pé, — anomalia que herdára de seu legitimo pai, que tambem tinha um dedo sobrecellente no pé direito. Á vista d'isto, os contraventores desistiram, e toda a gente viu, como eu vi tambem, n'aquelle sexto dedo do pé, o dedo da mão da Providencia.

A este respeito, escreve-me o conde d'Azevedo: «Dá-me vossê uma novidade que me espantou... Apenas ouvi dizer vagamente que a tal segunda mulher era uma menina muito nova, e elle visconde, quando casou segunda vez, passava muito de oitenta annos. Em vista d'este casamento extraordinario, todos pensavam que, se a menina tivesse filhos, o pai d'estes seria um ente problematico; mas vossê dá-me agora a certeza do contrario, assegurando-me que o visconde, que era sem duvida um homem finissimo,

teve o melindroso cuidado de fazer um filho, o qual pudesse desassombradamente provar a todo o tempo com evidencia mathematica a sua verdadeira paternidade; e, por isso, como elle visconde tinha seis dedos em um pé, phenomeno rarissimo em pés humanos, não se esqueceu de abrir no pé do filho igual raridade phenomenal. O que mais admira é como elle pôde fazer aquillo, quando tudo nos deve fazer crêr que, ao tempo em que esboçava e aperfeiçoava depois o seu artefacto, não se serviu de microscopio nem de oculos, sequer. Fico convencido de que meu primo visconde de *** foi esculptor mais extraordinario que Praxiteles e Miguel Angelo e Canova. Nenhum d'estes era capaz de lhe lavar os pés, porque ao lavarem-lhe o sexto dedo... borravam as calças. Perdôe-me vossê a grosseria da expressão, porque não sei outra com que lhe manifeste o meu espanto no caso que me conta dos seis dedos de meu primo».

D'aqui se deprehende que o conde d'Azevedo não aceitava a interferencia providencial do sexto dedo na demanda instaurada contra a legalidade do filho da viscondessa de tal.

Se a religião lhe ficasse para além da razão, não saltava as barreiras da consciencia a procural-a. Sabia de cór Voltaire e resistira-lhe. Lia os heresiarchas da estirpe de Luthero. Abria os doutores da Igreja e demonstrava que a refutação era tão antiga como a heresia remoçada.

O conde tinha uma cadeira de sola e pregaria amarella na sua bibliotheca. Depois de jantar, adormecia alli sentado, uma hora. Vinham os amigos infalliveis nos seus saraus litterarios. Elle então descerrava o inesgotavel thesouro da memoria, sem pretensões, no tom familiar de quem conversa, perlustrando todas as provincias das letras amenas com uma critica algum tanto atrazada, mas congruente com os seus dogmas catholicos. Ouviu lêr A MORTE DE D. JOÃO do snr. Guerra Junqueiro, e não me consta que fizesse passar o poema ao ventre fecundo da Mãi-Terra pelo esophago da sua latrina no largo de Santo Antonio do Penedo.

«Eu tenho mais medo aos petroleiros do que aos poetas — dizia elle —; mas receio que estes Amphiões em vez de pedras com que edifiquem cidades, arrastem correntes de petroleo com que as desmantelem». Elle não sabia que o effeito inflammatorio da poesia no povo portuguez é como o effeito das ventosas n'um morto: é lume pegado á lama e á podridão. Um poeta que em Portugal se desgrenha revolucionariamente é uma tragedia em monologo que esbarra na indifferença publica. Elles afinal comprehendem a vida e o paiz. Quando não vingam ser ministros, são amanuenses, visto que não podem comer os seus livros como Ezequiel.

O conde d'Azevedo escreveu jocosamente muita poesia. Os fidagos letrados communicavam-se assim

espiritualmente com as fidalgas amigas das musas. Em dia de annos, de casamento, de baptisado havia quasi sempre decima ou soneto a espumar risos de chalaça urbana — graça portugueza, uma coisa funerea que faria chorar a graça franceza. Liam-se estas lucubrações depois de jantar, tiravam-se traslados, regalavam-se os parentes distantes com a remessa d'essas flòres de abobora, e guardavam-se os ensebados autographos entre as paginas do FELIZ INDEPENDENTE e da VIRGEM DA POLONIA.

Não pertence a esta domestica alegria do genio a seguinte poesia do conde d'Azevedo.

EPICURISTA INOFFENSIVO

I

Sacrificar a sorte aos vãos caprichos,
A fortuna, a saude, a paz, a vida,
A troco de ganhar na humana lida
De homem do grande tom sonora fama;
Póde ser o melhor, mas para mim,
    Digo-o aqui baixinho,
    Não quero a gloria assim.

II

A mais solida gloria a considero
Em que o 'spirito meu tenha descanso;
Que, qual d'um rio o placido remanso,
Quasi sem eu sentir meus dias corram;
Té que a final á sepultura desça
    Sem ter tido nunca
    Uma dôr de cabeça!

III

Ao almoço, ao jantar, e mesmo á ceia
Unido ao paladar o pensamento
Não deve perturbar-me um só momento
O prazer, que então gozam meus sentidos:
Unico sentimento alli me seja,
Continua saudade
Do que ainda sobeja!

IV

Deitando-me a dormir em molle cama
Nas mais compridas noites de janeiro
Commigo se ha de achar sonho primeiro
Já depois de nascido o sol seguinte;
Quero então acordar, quero estirar-me
E a bocca abrir languida!
Quero depois coçar-me!

V

Se n'este ensejo á porta do meu quarto
Batendo de mansinho o meu criado
Vier dizer: — « Senhor, se deputado
Quer ser ás côrtes, anda o regedor
A passar os bilhetes, e é maré »:
Respondo: — « São horas,
Venha leite e café ».

VI

Se para o ministerio me apontasse,
Enganada a opinião por incidente,
Daria logo parte de doente
Até ser o lugar por outro cheio;
Vale mais receber que dar despachos,
E ter carregados
Que carregar os machos!

VII

Ir commandar a tropa nem por sombra,
Setembrista, carlista, ou miguelista;
Esta nação de farda e sobrevista
Se catanadas dá, tambem as leva!
Nada de guerras, nada de batalhas,
Eu não quero gloria
Colhida entre mortalhas!

VIII

Diplomatico ensaio inda soffrera
Se mister lhe não fôra mentir tanto,
Soltar, querendo rir, amargo pranto,
E querendo chorar, rir então muito;
Passar vigilias mil, estudar manhas,
Mostrar bocca aberta
Para engulir patranhas!

IX

Aos Cyros que aproveita, e aos Alexandres,
Cesares, Fredericos, Bonapartes,
E a mil outros famosos n'outras artes,
A poder de trabalhos e perigos
Essa coisa ganharem dita gloria?
Mais dôce é a vida
Na cama que na historia!

X

Sem gabar-me direi: tenho comido
E bebido tambem soffrivelmente;
Em mangas tomo a fresca em tempo quente,
Assento-me ao fogão quaudo faz frio;
No mundo estou qual paio no fumeiro,
Ninguem lhe faz venia
Nem lhe pede dinheiro!

Alexandre da Conceição

Conheci-o imberbe, azevieiro e alegre como o pardal lascivo nas alvoradas de abril. Era d'um cenaculo de rapazes portuenses que tinham muito talento, e se entre-queriam com um amor de camaradas que já hoje, a esta hora alta da civilisação pelo egoismo, se nos figura um sentimento absurdo, uma pieguice selvagem de povos incultos. D'essa confraternidade dizia já o fallecido Guilherme Braga — poeta de primeira ordem — a outro notavel poeta, já tambem morto, Ernesto Pinto d'Almeida:

....
Tu vês mais perto ainda um circulo d'amigos,
— Lyras de que o futuro ha de extrahir um som —
Agrupados atti como n'um Pantheon.

Alexandre [1], *o que vê na linha do horisonte*
A luz que ha de dourar a mais humilde fronte
E que adora essa luz como os indios o sol.
Dias [2], *o scismador, alma de rouxinol*
Que se anda a lastimar por esta soledade,
Abrindo em cada peito um echo de saudade,
Casimiro d'Abreu nascido em Portugal.
Miguel Angelo [3], *o artista, a cabeça immortal,*
Onde está fermentando um futuro mais rico.
O homem que levantou o cadaver de Eurico,
Para o dar no theatro ás grandes ovações,
Que cercam de ordinario os grandes corações.
Custodio [4], *alguem que sonha e pensa todo o dia*
Na igualdade e no bem, no amor e na poesia.
Coração que se abriu, como o lirio no val
Aos raios do luar, aos raios do ideal [5].

Alexandre da Conceição cantou o amor, cantou *Stella,* um poemeto que parece de Musset ou Heine. Fulminou a *Iberia* (não a Iberia geographica, mas a politica, bem se entende), execrando o pensamento da união peninsular, com umas iras mais honradas que as de Phebus Moniz, a respeito do qual o snr. Ramalho Ortigão dizia aqui ha um anno nas FARPAS: «O povo n'um caso de lucta pela suprema affirmação do seu direito não poderá tirar hoje do seu gremio uma intelligencia mais preparada para o com-

1 Alexandre da Conceição, author das ALVORADAS.

2 José Dias de Oliveira, author da LYRA INTIMA. (Morreu em miseria no Rio de Janeiro).

3 Miguel Angelo Pereira, compositor do EURICO.

4 Custodio José Duarte.

5 HERAS E VIOLETAS.

bate das ideias que a de Phebus Moniz, o valente e inculto plebeu». Ora Phebus Moniz não era inculto, nem plebeu, nem bom portuguez. Não era inculto, porque o povo o elegeu como eloquente a fim de orar nas juntas, e com a palavra logrou perturbar o espirito dos governadores do reino. Não era plebeu, porque era fidalgo e sumilher da cortina de D. Sebastião; não foi portuguez leal porque se bandeou com Castella recebendo de Philippe II em 1587 o alvará de cavalleiro do seu conselho com 4$286 reis de moradia e alqueire e meio de cevada. Se o snr. Ramalho Ortigão fizesse mais poesia e menos historia, poderia vulcanisar o seu patriotismo em estrophes inaccessiveis ao reparo dos que já não se fiam em Phebus Monizes, e depositam a maxima confiança nos Christovãos de Moura. Eu tenho mais fé nos rapazes quando elles conclamam á imitação de Alexandre da Conceição:

D'uma vez para sempre protestámos:
Não qu'remos ser Hespanha, não seremos
Nem hoje, nem jámais.
Se é pequeno o paiz, o povo é forte,
E sabe defender até á morte
O nome de seus paes.

Digo que tenho mais fé n'estes protestos; porque eu, coisas que não me entram pelo raciocinio, creio-as por fé. Se a serpente do Escurial começar a desdo-

brar as roscas por aqui dentro, é possivel que vinguemos entorpecel-a com a frauta pastoril como Chateaubriand ensina que succede ás cobras-cascaveis, quando lhes tocam uma cavatina. Nós temos cinco hymnos assás guerreiros, e o trompão é quasi um instrumento nacional que no dia da ira começará a ulular de uma fronteira á outra.

Aposto que o meu amigo Alexandre da Conceição, que tem hoje quinze annos mais do que as suas ALVORADAS, não protestaria agora, se Hespanha nos conquistar, *defender até á morte o nome de seus paes.* O nome do pai de cada qual não se defende nas fronteiras: é na conservação da honra herdada; e tanto monta que um nome illibado floreça na terra tributada á manutenção de esbanjadores nacionaes como á de estranhos. Os alardos de eloquencia que se estadeiam nas festas anniversarias da *Restauração de 1640,* são um patriotismo theatral que se ministra annualmente á curiosidade faminta de salabordias como um timbal de hyperboles requentadas. Lá fóra devem rir, e cá dentro os proprios Codros de periodos arredondados, no dia da catastrophe, terão maior confiança na cavalgadura que na rhetorica. O prior do Crato, quando fugiu de Alcantara, não ia a cavallo nas metaphoras do seu eloquente amigo Manoel Fonseca da Nobrega; e, nas margens do Lima, quando os hespanhoes lhe iam no encalço, D. Antonio preferiu vadear o rio ás cavalleiras de Thomé Cacheiro, a ouvir o

dulce est pro patria mori do palavrorio do bispo da Guarda.

Fazer politica de botica e historia de rabicho, quando se relembram amenidades de tão bom poeta como Alexandre da Conceição é apresentar certidão de idade algida de mais para isto. O dòce cantor das ALVORADAS é engenheiro. Optou pela engenheria quando a natureza dadivosa lhe deu a escolher isso ou a inspiração — o sol das montanhas de Traz-os-Montes, ou o sol do ideal. Calou-se a poesia para ouvir coachar as rãs dos lagos e grasnar as pêgas dos pinhaes. Quem lhe poetisou o boi e o pão quotidiano foi a mathematica. Um dia, porém, desceu de Bragança ás margens do Mondego, e apenas aspirou a fragrancia dos laranjaes, o psalterio intimo gemeu-lhe uns psalmos penitentes de ingrato aos dons do céo, do céo de Coimbra que é uma delicia apesar do fedor terreno das sargetas que já viram Ignez chorosa. Eu não inculco o superlativo lyrismo d'estes poemas que vão lêr-se. São duas satyras tecidas com as locuções modernissimas do ritual dos grão-lamas que presidem á Tartaria da poesia acrobatica.

VERSOS D'UM CATURRA

(A CAMILLO CASTELLO BRANCO)

Ó poetas, ó bardos realistas
Que gastaes a *gris-perle* do Baron,
Que escreveis no vasconso das modistas
E viveis nas delicias do bom tom;

Que fumaes os charutos da Havaneza,
Comprando cada mez um chapéo alto,
Que tendes por amante uma duqueza
E confundis calcareo com asphalto;

Vós sois a grande *élite* dos janotas,
A fina flôr do *hig-life* e do Chiado,
E engraxaes com saliva as proprias botas
E usaes luvas de côr por um cruzado.

*

Vós sois uns grandes typos, ó poetas!
Em verso almoçaes ostras e faisões,
Regando com *champagne* as costelletas,
E em prosa comeis caldo de feijões.

Sois terriveis, ó bardos d'alta marca
Repletos do ideal feroz, sangrento
De ser recebedores de comarca
Ou pescar uma herdeira em casamento.

É por vós que o futuro, esse mysterio,
Nos abre os seus esplendidos umbraes,
Em quanto vós ganhaes n'um ministerio
Sem trabalhar alguns mil reis mensaes.

Vós prégaes a republica, a igualdade
Em versos coruscantes, biliosos,
Sem verdes que a republica — a verdade,
Não é ama de leite de ociosos.

Vós sois, ó grandes bardos, um symptoma
Da corrupção geral que vos domina;
Gritaes contra a corrupta e velha Roma
E beijaes os chapins á Messalina.

A vossa indignação é pois rhetorica,
Ó crentes do ideal, fortes, estrenuos;
Para vós a virtude é só theorica
E o dever espantalho para ingenuos.

Nos bons tempos dos pallidos romanticos,
De que nos rimos hoje desdenhosos,
A forte inspiração dos nossos canticos
Tornava-nos poetas e briosos.

Era a mulher a inspiração robusta,
O nosso vello d'ouro, o nosso estimulo;
Agora até o amor já nos assusta
E pegámos do idolo e partimol-o.

Ficou vazio o pedestal? Não fica,
Em vez da mulher candida, impolluta,
Adoramos a *herdeira* tola e rica,
Ou a *cocotte chic* e dissoluta.

Ó poetas azues do romantismo,
Figuras ideaes e desgrenhadas,
Fugi das seducções do realismo,
Furtai vossos cabellos ás pomadas.

Meus velhos companheiros portuenses,
Cultivai o ideal e o sentimento...
Quando muito sereis amanuenses,
Mas salvai-nos a honra do convento.

Mal se póde viver da honra, é certo;
A honra é uma romantica pelintra,
Que se não mostra em carro descoberto,
Nem vai passar o estio para Cintra.

É sombria, feroz e petroleira,
Caturra, semsabor, impertinente,
É *gauche,* veste mal e diz asneira
E por isso incommoda muita gente.

Assim vós sois, ó pallidos poetas,
Democratas de figados e fibras,
Que escreveis as noticias das gazetas
E fazeis um romance por tres libras.

Por caso algum mudeis o penteado,
Samsões do amor, perdeis a gentileza!
Não passeis das orgias de cruzado
Com vinho de Amarante e sobremeza.

Cantai, como os antigos trovadores,
O amor, o amor cruel, sentimental,
Com regatos e brizas, luas, flôres
E a restante metralha de arsenal.

Mostrai que sois a velha guarda nobre,
Que morre com valor, mas não se rende,
Que preferis um verso antigo e pobre
A um verso que se lê, mas não se entende.

Cantai vós a mulher formosa e santa,
Eterna inspiração de inspirações,
Em quanto a poesia nova canta
As torpes immundicies dos saguões.

O MARIALVA

(A EMYGDIO NAVARRO)

Elle era descendente dos reis godos
Pela parte do pai em linhas curvas,
Pela parte da mãi é que, p'los modos,
As fontes da nobreza eram mais turvas.

Tinha a cabeça pequenina e chata,
O olhar indefinido e somnolento,
A mão esguia, molle, aristocrata,
E o rosto magro, alvar e macilento.

Era insolente e audaz como um lacaio
Com todas as mulheres indefezas;
Tinha um cavallo preto e outro baio,
Em que fazia enormes gentilezas.

Mostrava-se á uma hora no Chiado
Na roda dos fidalgos seus parentes,
Tinha um risinho secco e arripiado,
Como se o riso fosse com os dentes.

Entre os heroes na infamia destemidos,
Elle era dos infames o primeiro,
Já tinha deshonrado tres maridos
E dado seis facadas n'um cocheiro.

Figurava no *hig-life* do *Illustrado,*
No dia dos seus annos este Dom,
E fazia de moço de forcado
Nas corridas de touros do bom tom.

Dançava o fado á noite nas tabernas
Com soldados, marujos e barqueiros,
E dizia ás rameiras phrases ternas
Que faziam córar os taberneiros.

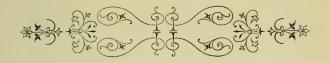
Tal era o descendente de Dom Fuas!
Mettia um par de ferros com pericia,
Insultava as senhoras pelas ruas
E vivia nas graças da policia.

Mais era este illustrissimo devasso,
No qual tudo o que é torpe se condensa,
Moço fidalgo com funcções no paço,
Onde a etiqueta não consente a imprensa.

Fazes tu muito bem, ó etiqueta,
Por isto bem se vê que tens juizo.
Não consintas no paço uma gazeta...
Não mostres á serpente o paraiso.

Podem por lá tentar-se as tuas Evas
E comerem do pomo os teus Adões!
Que te livrem do espirito das trevas
Os Oneils, os Viales e os Ferrões.

Mas deixemos o paço, que é um passo,
Voltemos ao heroe da versalhada...
Elle era tão idiota e tão devasso,
Que eu dou a historia aqui por terminada.

Não quero que me chamem *realista*,
Que escrevo sem ter nojo, nem pudor,
E a descripção completa do fadista
Havia de engulhar muito leitor.

Alfredo de Carvalhaes

Revelou-se de subito este poeta sarcastico. É realista dos mais avançados; conhece a lingua portugueza e a *grivoise;* antepoz a leitura aos desvarios da ideia moderna; descarna pelo pôdre e pelo são; faz caricaturas quando bosqueja typos: faz monstruosidades espantosas de graça; obriga a rir-se a gente das miserias que, descriptas d'outro feitio, fariam chorar. Alfredo de Carvalhaes não desponta assim os asperrimos eculeos da vida; mas tambem os não aguça. A taberna e o prostibulo conservam a sua estatistica inalteravel ha seis mil annos, desde que a gente conhece o mundo tão pôdre, que parece decrepito ao nascer. Sir John Falstaff é eterno, posto que ande repartido em kilos por diversos sujeitos que,

lançados na retorta, dariam como precipitado a concreção da asneira.

Guilherme d'Azevedo creou o ROSALINO; Alfredo de Carvalhaes deu á luz a CALAINHO. Presumem leitores ligeiros que a Calainho é uma pessoa que exerce todas as funcções da vida zoologica, e canta a CASTA DIVA. Uns dizem que a viram, outros que a ouviram, e ha phantasistas que asseveram tel-a cheirado quando ella passa com um *bouquet* recendente e um rôlo de variações do NABUCO que vão ser justiçadas. Dos outros dois sentidos ninguem se gaba. Tudo calumnia, afim de desluzir a authentica invenção do poeta, que se affirmou originalissima na poesia que o leitor vai julgar.

É certo que eu, ha vinte e cinco annos, conheci uma dama abezelgada e frescalhona que tinha aquelle appellido. Ouvi-a trinar melodias com garganta não vulgar. Tinha nevroses e paixão, quando a letra italiana lhe punha o coração a suspirar nas teclas. Os seus olhos coriscavam ou langueciam segundo a rubrica. Era uma cantora de todos os salões da moda; e a gente, quando a via ao longe, sentia-se cheio de harmonia e semifusas.

Não póde ser esta a dama Calainho que este anno ainda cantava a CASTA DIVA, verosimilhança unica, porque ella é coeva das glorias da NORMA. Tambem não é racionalmente chronologico que Alfredo de Carvalhaes lhe solicitasse beijos com tanta escandecencia

epileptica de beiços cupidineos. A mulher que eu admirei quando a minha alma era pantheista e em todos os cantares ouvia os anjos do Senhor, essa mulher deve ter emmudecido como as calhandras do almargem ás primeiras lufadas do vento suão. Deve ter passado e fenecido como as borboletas das minhas manhãs e as phalenas das minhas noites. A minha saudade ainda lhe escuta os requebros nos abandonos da Joven Lilia. Ah! dóe-me que Alfredo de Carvalhaes, por uma casualidade triste, reverdecesse as rosas da minha mocidade para coroar com ellas a fronte escampada e luminosa da mulher que teve o nome da sua, senão imaginaria, ridicula visinha!

ARABESCOS

I

Quando volto das ceias deslumbrantes
E me recolho á choça solitaria,
Por mais que escute, já não ouço a aria,
Aria d'amor que lhe escutava d'antes.

Está de mal commigo a companheira
Das phantasticas noites somnolentas;
Tomou a sério as quadras virulentas
Da minha poesia derradeira.

Julgou ser decisão definitiva
O que nunca passou de um mau gracejo;
Assignemos a paz ao som de um beijo
E vamos escutar a Casta Diva.

Não creia no que dizem certas folhas;
Eu não parto nem puz na casa escriptos;
Deixe-os zumbir, os miseros mosquitos,
Antes zumbam que volte a lei das rolhas.

O pensamento é livre, é livre a idcia;
Dil-o a Carta, confirma-o Rosalino,
— Magro heroe que serviu na patuleia,
E votou o ostracismo cabralino.

E como a idcia é livre, é livre a guela
D'uma dama qualquer, que á semelhança
Da grande Malibran, a gloria alcança
Que na terra abrilhanta o nome d'ella.

Foi sempre d'almas nobres, generosas
O desejo fatal que nos convida
A seguir as passadas gloriosas
De quem, morrendo, reconquista a vida.

Eu creio nos milagres e nas glorias
Do seu talento exp'rimentado ha muito,
Não de um concerto no volver fortuito,
Mas na serie continua de victorias,

Que da arte nas luctas inclementes
Soube alcançar, ó portentosa artista;
Se a cantora me espanta, a paizagista
Tem creações gigantes, surprehendentes!

Não serei eu, por tanto, quem a impeça
De ir direitinha ao fim ambicionado;
— Eu prefiro ficar estacionado
Consultando o meu velho *Borda Leça.*

E prefiro ficar, porque a esperança
Já não me acolhe ao seio esmeraldino;
A gloria é grave e séria, a gloria cança
E eu gosto da salada de pepino.

Mas se eu não parto, parta; e em quanto arranja
Das malas a imponente comitiva,
Embora o coração se me confranja,
Escutemos, senhora, a Casta Diva.

II

Eu não sei que phantasma conspurcado
Se me desenha na parede escura;
Tem d'um macaco velho e corcovado
Alguma coisa a singular figura.

Nasceu de paes mestiços o farçola,
Se eram paes uns sebentos salafrarios
Que lhe deram por curso e por escóla
Dos Congregados os degraus lendarios.

Assim abandonado a um mau destino,
Em vicios foi crescendo de tal sorte
Que, dentro em pouco, o sordido menino
Tornou-se o mais notavel da cohorte.

Era um prodigio na pedrada; um alho
Na empalmação de lenços tabaqueiros;
Vai senão quando o pávido espantalho
Abandona de prompto os companheiros,

E, sem mais ceremonia, eil-o arvorado
Em redactor de certa luminaria
Em que mostra o despejo assignalado
Da suja mão cobarde e plagiaria.

A inepcia adora os chascos petulantes
Com que tenta ter graça o jornalista,
Como applaude as cantatas repugnantes
Do torpe reportorio de um fadista!

E chama áquillo o bom humor, a graça,
A fina graça lusitana!... Eu julgo
Não passarem taes ditos da chalaça
Que nas tabernas appetece o vulgo.

Mandemos-lhe um pataco carimbado
P'ra remendar as botas franciscanas,
E deixemos ficar o desgraçado
Manipulando as perfidas tisanas.

E em quanto as manipúla amesquinhando
A nossa boa esmola compassiva,
As relações antigas reatando,
Vamos, senhora, ouvir a Casta Diva.

III

Eu vi passar há pouco reclinada
D'um *landeau* nos coxins, não sei por onde,
Calainho, a sultana almiscarada
Dos bailes sensuaes do *demi-monde*.

Ia bella e ridicula a panthera
Com seu pente fatal de tartaruga;
Creio que ha baile no « salão de espera »
Do mazorral commendador Leituga.

É certo! Ha baile! Os convidados passam!
E n'aquelle ar de lubrica alegria
Não sei que sentimentos esvoaçam,
Que estranho impulso impelle a biltraria!

Vai de tudo, senhora, o parasita,
O litterato, o medico, o farçante,
O conselheiro, o estroina, o jesuita,
Ninguem falta ao banquete deslumbrante!

*

Partamos nós tambem, dôce visinha,
Chamam por nós as leis da sociedade;
Ahi tem vossa excellencia a cadeirinha,
Eu vou a pé por causa da humidade.

Apraz-me d'uma orgia o borborinho,
Se, toucada de pampanos e parras,
Eu vejo perpassar a Calainho
Ao concerto das languidas guitarras.

Que espectaculo, amor! Mas que estopada
Se, em vez das rijas arias marinheiras,
Temos de ouvir chorar horas inteiras
A dôr da Joven Lilia abandonada?

Vamos ou não? Que diz vossa excellencia?
Eu gosto do banzé!... Mas se receia
Não ter p'ra tal supplicio, paciencia,
Põe-se de parte a desastrada ideia.

E em vez de irmos buscar (quem sabe?) a cova
No rodopio da mazurka activa,
No tépido interior da sua alcova
Escutemos, senhora, a Casta Diva.

IV

A sua alcova! O templo consagrado
Ao culto das camênas não teria
Mais inlevos de amor, mais harmonia
Do que o seu gabinete perfumado.

Sorve-se alli o peregrino aroma
De não sei que phantasticos arbustos,
Vindos talvez dos matagaes adustos
Dos distantes paizes de Mafoma.

— Habitação fatidica — trocal-a
Pelos « salões » de um brazileiro obsceno,
Senhora, não n'o faz um Cacassêno
E muito menos quem souber amal-a.

Que nos importa a nós o jogo, o vinho
E o dôce do Leituga millionario?
P'ra celebrar o « Fausto anniversario »
Supponho que é bastante a Calainho!

O tempo está chuvoso como um raio,
Um boqueirão de lama em cada rua!
Se abunda no que digo e não amúa
Nem á mão de Deus padre d'aqui sáio.

Vossa excellencia sabe que padeço
(Isto depois d'um grande cataclysmo)
Dos insultos crueis do rheumatismo
E de outras macacôas que aborreço.

Se vou expôr-me aos ventos, á humidade
E da mazurka ao rapido compasso,
Não poderei dar ámanhã um passo,
Pagando assim bem cara a leviandade.

Orgias!?... Já não posso apreciaI-as,
E sinto-me enojado ao pensar n'ellas!
Isso é bom para o vate Zé de Ornellas
E para as damas do Jornal das Salas.

Essas sim, meu amor! Aquellas almas
Têm tanto fogo como gêlo a minha:
Quem me déra nos tempos em que eu tinha
Para as saudar enthusiasmos, palmas!

Mas agora!... Se alguma cousa quero,
Em pouco se resume o meu desejo:
Dê-me vossa excellencia um longo beijo
E mande-me accender o fogareiro.

E em quanto ao bom calor da chamma viva,
Meu regelado corpo se conforta,
Que a minh'alma se eleve em luz absorta
Na melodia azul da Casta Diva.

V

Pôr eu na casa escriptos, porque ás vezes
Da sua voz as vibrações divinas
Me distrahem das coisas pequeninas
Em que medito dilatados mezes,

Não só seria prova de mau senso,
Como tambem ingratidão suprema;
Eu devo-lhe, senhora, a esmola extrema
D'um generoso coração immenso.

Pôde-me crêr tão barbaro que ousasse
Realisar a graciosa ameaça?
Um sonho mau desapparece, passa,
Se a aurora nos amostra a rósea face.

Eu quero ouvil-a de manhã, á sésta,
A todo o instante como outr'ora a ouvia;
Seja vossa excellencia a cotovia,
Que, da minh'alma na ideal floresta,

Derrame, de harmonias n'um diluvio,
A fragrancia das bençãos sacrosantas;
Meu coração fenece como as plantas
Crestadas pelas chammas do Vesuvio.

E quando da tarefa improductiva,
Que a arte nos impõe, soar o termo,
Em vez do latinorio esteril, ermo,
Embale-nos na tumba a Casta Diva.

Joaquim da Costa Cascaes

General que faça versos tem Portugal só este. A maioria dos outros fazem-se juvenis; mas não remoçam a versejar, é a tingirem-se. Entendimento bronco, e chato como patena; bigode negro e oleoso, guiado á Napoleão III, catadura de uma truculencia marcial que traz á memoria espavorida os retratos dos vice-reis da India, nas Lendas de Gaspar Correia, e os coroneis das bravas e extinctas milicias de Tondella; taes são elles, os generaes não dados ás musas. Os generaes portuguezes, em pequenos, não adormeceram sobre o Diccionario das rimas do Guerreiro: adormeciam sobre peças de arti-

lheria como Turenne; e em vez de esfarraparem o Thesouro de meninos, á semelhança de Hercules no berço, espatifavam lampreias de ovos dos antigos Cócós. Morreu ha poucos annos o general Leoni que tambem versejava a sabor horaciano e emendava a pontuação errada dos Lusiadas. Foi elle quem esgaravatou mais segredos no genio da nossa glottica, e fez descobertas que não deixam nada a desejar por serem de general luso. Dizem-me que temos outros generaes ainda manuscriptos, ricos de sonetos e charadas, fechados em gavetões, a resguardo do olho da critica, e deliberados a não sahirem á luz sem que o nordeste do bom senso apague os archotes e varra a fumaça da poesia satanica; porque o general portuguez, por via de regra, tem sempre o coração em pé de alferes, e conserva-se sentimental e madrigalesco até á reforma em marechal. D'esta dôce regra exceptua-se o general Cascaes, cuja indole é a satyra hervada, de pontaria certeira, mordente até á impertinencia. Não tem a chaneza fluente, a facilidade rhythmica de Tolentino, nem a ironia moderna mais pungente que os epithetos açacalados; mas observa com lente de augmento, e unha até sangrar a veia menos perceptivel dos enfermos que lhe offerece este hospital do mundo. É um esperto e melancolico observador, além de grande patriota este general a quem se deve a iniciativa do monumento do Bussaco, onde, pelos modos, se apagou a estrella de Napo-

leão; e d'ahi talvez deriva a razão allegorica da estrella que lá está scintillando no alto do obelisco, a celebrar as nossas proezas. Ainda n'isto foi poeta, e tanto ou quê romantico o illustre general. Quando se levantou aquella memoria ao bravo exercito portuguez morriam desvalidos e obscuros os ultimos soldados d'essa batalha. Para elles não morrerem a vêr as estrellas, teria sido bom dar-lhes em saragoça e pão a Estrella do Bussaco.

O SERVIL

Faz tedio, raiva, só vêl-o.
Outro do que elle mais vil,
Do que o typo do servil...
Não ha, não; vamos-lhe ao pello.

Esphinge de nova especie,
Não fabulosa — real,
De reptil e homem formada,
Junto do poder creada,
Eis o sordido animal.
Desdouro da especie humana,
Que Deus fez á sua imagem;
Um coração de badana,
Brios de torna-viagem;
Diante da authoridade
Sempre curvo, derreado,
Seus actos elogiando,
Com louvor exagerado;
Batendo no coração,
E jurando convicção,
Conforme a ordem do dia:
Hoje sim, ámanhã não;
De mau muito, e mais de vil...
Não é tão pouco o servil.
É mais, muito mais: — qual Jano

Dois modos, e caras tem.
P'ra cima — como ninguem
Cara alegre, e dobradiço
Mais que delgado caniço,
Que geme varrendo o chão
Ao violento furacão;
P'ra baixo — carranca, empafia,
Ar de grande valimento,
Que não vale a úm por cento;
Fallas seccas, sempre andando,
O costado endireitando,
Que, por não estar afeito,
Nunca fica bem direito.
— É mais: é sujo capacho,
Pisado por nobre... ou vil:
Com tanto, que dê *despacho,*
A mais não olha o servil.
Cobra d'ascoroso aspecto,
De rastos, prompta a lamber
As migalhas do poder;
Se o pressente vacillante,
Começa-o a maldizer;
E se a quéda está segura,
Ajuda-o a bem morrer,
E cava-lhe a sepultura!
Qual indio que ao sol nascente,
Ajoelha reverente,
E quando — no occaso apenas
Já seus raios não dardeja,
Troca do respeito as scenas,
E o sol — villão! — apedreja:
Ou, retrato verdadeiro,
D'esse orelhudo sendeiro

Prostrado em adoração
Diante do rei-leão;
Até que, vendo sem forças
Entrando as portas da morte
O leão até 'li forte,
Junto d'elle se chegára,
Sem albarda e cabeçada,
Que escouçando espedaçára;
E depois de bom bocado
S'espojar, e ter zurrado,
Ao leão, que o protegera,
Em paga, dois coices dera.
— Não escolhe jerarchias
O servil. Por toda a parte,
Nas altas secretarias,
Na loja d'humilde artista,
Até na sciencia e arte,
Onde ha poder, — lá se avista.
Já discipulo incensando
Magistral opinião,
Que sahe fóra da razão;
E já, de capa e batina,
Beijando a mão do prelado,
Que maldiz, por outro lado:
Caixeiro, com pretensão
A ser socio do patrão;
De banda á cinta — ordenança,
Sempre atraz do commandante,
Como preso por barbante;
Ou pretendente, que apenas
Vê do ministro o caminho,
Curvo — seu chapéo na mão,
De cortezias moinho,

Logo — ministro e cavallos
Sauda, sem distincção.
— Mas, se junto do poder
O servil tem de viver;
Onde maior elle fôr,
Deve ser a residencia
Do servil, por excellencia,
Servil de marca maior.
É, pois, em paço elevado,
Onde o servil doutorado
Requinta de contorsões,
D'esgares, d'arremedilhos,
A paes, a netos, a filhos,
Seguindo as occasiões.
Respeitoso com senhores,
Mas nascido um tal respeito
D'interesse — que não do peito;
Amavel com os meninos,
A quem louva os desatinos;
Emfim ridiculo, e baixo,
Em seus variados papeis,
De que ora mesmo ouvireis,
Mas esboçadas apenas,
E a correr, algumas scenas.
— Eil-o, bobo do palacio
Pelos meninos cercado.
Um lhe ouriça o penteado,
Outro faz-lhe uma careta,
Um lhe puxa da casaca,
Leva d'outro cacholeta;
Fervem ditos, algazarra;
E o servil feito pateta,
Corre, finge que os agarra;

Miudos passos andando,
Os sapatos arrastando;
Como em riso suffocado,
A que fôra provocado,
(Diz) o proprio rei dos serios,
Vendo *cotós* pequeninos,
Com chistes quasi divinos!
Logo suas mãos tomando
Uma a uma, a todos beija,
E venturas lhes deseja.
As innocentes crianças,
Que d'interesse não cogitam,
Do sabujo na amizade
Cada vez mais acreditam.
E mudando de maneira,
Continúa a brincadeira.
— Eis o menino mais velho
N'elle monta ás cavalleiras
E ferrando-lhe os tacões,
O servil parte, ás carreiras,
Ora a trote, ora aos galões,
E assim percorre os salões.
Depois a scena do urso,
Que, ha dias, viram na praça,
E que tinha tanta graça,
Pedem todos, em voz alta.
O menino em terra salta,
E os lencinhos, uns nos outros
Já se prendem; — depois atam,
Como de cego o molosso,
O servil pelo pescoço;
Este faz d'homem do urso,
Aquelle toca tambor,

Outros cantam, assobiam;
E vêl-o, andando ao redor.
Em continua dobadoira,
A espaços, soltando um urro,
Menos d'urso que de burro,
Abraçado a uma vassoura!
Altos gritos e palmadas,
Estridentes gargalhadas
Das crianças, vão soando,
O servil acompanhando;
Té que, de moído pára,
Mas faz-se de boa cara,
Disfarçando, em baixa homilia,
Força d'interna quisilia.
Eis pedem — repita ainda
Aquella scena tão linda,
A mais linda d'ellas todas,
Do... — Não posso. Tenho pena...
Responde elle. — Agora, agora!
Todos gritos, sem demora;
E a menina mais velhinha,
Fazendo-lhe uma festinha,
Diz que faça, senão chora:
Que a do cavallo e do urso
São bonitas: — mas bonita,
Sobre todas, a do porco.
E logo, vêl-o, de bôrco,
Ao comprido estiraçado,
Sobre vasto aparador,
E as crianças em redor.
Elle grunhe, elle esperneia,
Hirta-se, caracoleia;
Ora direito, ora torto.

Porco vivo, porco morto,
É sangrado, chamuscado,
E raspado, esbandulhado;
E depois de pendurado,
Sobre o chão depositado.
E de ponto sóbe a grita,
Quando o porco resuscita.
— Agora larga os pequenos,
Já composto, escarra, tosse,
Ensaia ditos amenos;
E vêl-o, a passos serenos,
A sala d'espera entrando,
Alto senhor aguardando.
Graduado comprimento,
Conforme seu valimento,
Aos que vê, dirige então:
E em voluvel posição,
Solta a vista pela sala,
Aquelle baixa a cabeça,
Já com este um pouco falla;
Mas sempre vago, indeciso,
Eil-o volta, d'improviso
Para importante sujeito,
Ao qual rende agora preito.
— Chega, alfim, quem póde mais,
E o servil dobra, varía
Seus *tagatés* desleaes.
Das *contumelias* na escala,
Prefere o tom sobre-agudo,
Em gestos, modos, e falla;
Nos trocadilhos — em tudo,
Se a cabeça, uma só vez
Outros baixam — elle tres.

*

Beija o que muitos não beijam,
Com quanto melhores sejam;
E mais ainda beijára,
Se quem manda lh'o deixára!
Louvaminhas desentranha,
Que diz — tributos d'amor,
Mer'cidos por tal senhor;
Mas que são — tretas e manha,
Urdidas teias d'aranha,
Por vêr se mercês apanha.
Oh! graça, mercê, despacho!
Paraiso terreal
Do *servilino* animal.
Trindade, que não esquece,
E em cujas partes diversas,
O fim de suas conversas,
Lê só — lê sempre — interesse!
— De fingido — ardente zêlo
Querendo mais provas dar,
A quem lh'as póde pagar;
Do senhor a face augusta
Observa; — pasma, recúa;
Dá mostras de que se assusta,
Porque (diz) na face sua,
D'elle — do senhor, notára
Uma pintinha vermelha,
Picada, talvez, d'abelha,
Que não será nada — não...
Deseja-o — do coração —
Mas que — a prudencia aconselha,
Mas que — seu amor não soffre,
Se despreze — assim de chofre.
A incendio, ás vezes, se arrisca,

Quem despreza uma faisca!
E chama — obtida licença,
O medico, sem detença.
— Pelos do senhor, só mede
Parecer, fallas, e geitos.
Fazendo d'elles preceitos,
Irá contra a lei divina:
Com elles, sempre combina!
— Em serviço de seu amo
Finge um cuidado, um amor
Que passa mesmo a furor.
Em voz alta ordena, ralha,
Dando a todos sota e az,
Aqui faz, alli desfaz;
Serviços d'outrem — qual gralha,
Se attribue o tal marmelo,
E os impinge — por desvelo.
Em *serviços* não socega.
Os que fez, e os que não fez,
Por cada serviço tres,
Augmenta — e todos allega.
Seu proprio amo apoquenta
Com serviços que lhe inventa,
O mofino alma-barrenta.
Já, se o vê ir de passeio,
E que outra coisa não póde,
Com disfarçada maneira
A casaca lh'empoeira,
E o que suja, eil-o sacode!...
Serviçal a toda a hora,
Genuflexo noite e dia,
E tudo, — quem tal diria?
Por vêr se o *lugar* melhora.

Caminha por mil rodeios,
E o que menos põe á vista
Esse é o fim: — o mais são meios.
Qual sagaz contrabandista
Que a fazenda lança ao mar,
Mas depois tanto trafége,
Tanto, tanto co'a *rocéga,*
Que lá mesmo a vai buscar;
Assim o servil emprega
Manha, com que o amo embaça,
Recolhendo nova graça.
O servil emfim... lançando
No mesmo cadinho, os tres,
Cada um por sua vez,
O cortezão, em primeiro,
Em segundo, o adulador,
E depois o lisonjeiro;
Se tudo fundido fôr,
Liquido á parte, e vapor,
A escoria d'esse mixto
Dá o servil — que é só isto.
— Eis-aqui, mas de perfil,
Um esboço do servil.
Retrato, de corpo inteiro,
De frente — pintando as mil
Infinitas variações
De todas suas feições;
Daguerreotypo gigante,
Que lhe pozessem diante,
Nem esse o dava perfeito.
Contaram-se, a melhor geito
Os raios do sol brilhante,
Do que as manchas do tratante.

Visconde de Castilho

Quem quizer aprender em dois livros todas as locuções mais recendentes do almiscar das alcôvas — as phrases mais rubras e despenteadas que tem o idioma portuguez para a formação d'um vocabulario realista, leia a Arte de amar e as Canções de Ovidio paraphraseadas pelo visconde de Castilho. Elle, o primeiro poeta classico d'este seculo, e o mais romantico trovador que entre nós afinou o mandolim dos castellos feudaes, exercitou a primor as duas escólas, foi primacial em ambas, e enthesourou gemmas de scintillações verdes como peçonhas para uso d'esta gente que chegou ha pouco a dar-nos quadros vivos com todas as palpitações da carne sã, com todas as exulcerações da carne pôdre, e com todas as exostoses do esqueleto corroido nas suas medullas. Se estes adventicios soubessem onde estão aquellas perolas, desmentiriam o proverbio, aproveitando-as. Não ha nada em lingua portugueza que fa-

ça tamanha gloria e inveja aos que melhormente a professam. Se Castilho amanhecesse um dia poeta realista, se retrocedesse dois mil annos para o ser, iria á Roma imperatoria avinhar-se de phalerno a casa de Apicio, e viria demonstrar aos Baudelaires do Baltresqui que o realismo d'elles tem as vinolencias agras e brutaes do Collares falsificado. Um livro de Castilho, sem respeito aos ouvidos honestos nem dó dos corações innocentes, nem veneração ás crenças das almas infelizes e conformadas, que formoso e infame não seria esse livro!

Commetteu um grande peccado aquelle honrado homem: quiz que toda a gente soubesse lêr; andou de côrte em côrte, de terra em terra, de porta em porta a pedir que o deixassem educar as crianças. Ralava-se, infernava-se de zelo e paixão quando no deserto em que prégava apenas encontrava caravanas de camêlos que tosquiava. Offerecer a instrucção como felicidade! Querer dar ao pobre um sexto sentido quando elle difficilmente satisfaz os dois primeiros e anda a tantalisar com os outros tres! Ah! grande poeta! Se não tivessses essa utopia que alternadamente te illuminava e ennoitecia o santo espirito, de certo nos haverias dado uma duzia de livros realistas, cheios de palavras vernaculas que nos dispensassem de trasladar á letra o Flaubert, o Chamfleury e o Zola.

Poeta, sempre poeta, a jardinar em flôres do bem

que servissem a coroar virgens, a enfeitar altares e a receberem lagrimas da aurora nas jarras das sepulturas!

Brincava tambem com as musas; mas não as convidava a metrificar a prosa com que elle, conversando, carpiava ursos. Desfechava satyras fulminantes com a serenidade do céo de agosto que por noite relampeja coriscos. Não se ria: parece que chorava condoido do holocausto que de ordinario era um malandrim safado que não valia a escorva do tiro.

Escreveu poucas poesias alegres.

Aquelle illustre mestre encaneceu quando havia muito gaiato que elle prophetisára em 1830 na *Epistola* ao morgado de Assentiz:

> ...... *Nós*......
> *Affronta dos avós, produziremos*
> *Raça peor, mais vil que nos affronte.*

Não se deu a razão da affronta. Castilho era d'uma bondade seraphica em aturar toda a pelintragem de inspirados em cueiros. Não os acariciava na imprensa; mas, se o assaltavam em casa, com os «fataes cartapacios» que Tolentino execrava, nunca tocou o apito chamando a policia nem os espancou.

Os estrangeiros admiravam-no, e quasi que só a elle e a Garrett aforaram de poetas portuguezes n'este seculo. O inglez Hughes, nos *Preliminares* do poema THE OCEAN FLOWER, diz que *o segundo escri-*

ptor vivo de Portugal que se lhe afigura benemerito da reputação de poeta era Antonio Feliciano de Castilho. O erudito glossologo e bibliophilo Pereira Caldas, manancial bem conhecido do Minho, escreve no seu prefacio aos Favores do céo de Francisco Lopes, que o inglez Hughes escreveu *em desfavor injusto do nosso prosador e poeta,* e alcunha-o de *injuriador e blasphemo.* É o que elle conta ao seu amigo Theophilo Braga. Eu gosto que se ataquem os inglezes; porém repugna-me que se lhes assaquem injurias e blasphemias que não escreveram. Hughes disse: *The second living writer of Portugal, who appears to deserve the name of poet, is Antonio Feliciano de Castilho.* Versão litteral: «o segundo escriptor vivo em Portugal, que parece merecer nome de poeta, é etc.»

O snr. Caldas, professor de allemão, traduziu provavelmente *to deserve* «desmerecer». Ora o genuino entendimento do verbo é simplesmente o contrario. Lapso de quem edifica na estreita base d'um cerebro de homem babel de linguas. Que os conhecidos dois Joaquins negassem dotes de poeta ao incomparavel collector de lusitanismos, de metros e de sentimentalidades, quer romanticas quer pagãs de mais, isso tolera-o a indulgencia e a caridade que distinguem a sociedade protectora dos animaes; porém, não obriguemos, por falta de lexicon, os estrangeiros a menoscabar Castilho.

AS METAMORPHOSES DO MACACO

Jacó, flôr das raças monas
E alumno de um piemontez,
Fazia entre mil gaifonas
Coisas que o demo não fez.

Quanto via, arremedava
Por modo tão natural,
Que o piemontez lhe chamava
Daguerreotypo animal.

Se fallasse assombraria;
Porém, mesmo sem fallar,
Em toda a macacaria
Era um bichinho sem par.

Um dia em certa barraca
De uma feira, onde brilhou,
Com arte mais que velhaca,
Lustroso espelho empalmou.

Viu-se; pasmou. «Que diabo!
«Pois eu tenho a cara assim?!
«Ó bruxas, de mim dai cabo,
«Ou condoei-vos de mim!

«Machuchas mestras de tretas,
«Se cabe em vós pio dó,
«Deixai-me o dom das caretas,
«No mais transformai Jacó».

Bruxinha de genio gaio
Despachou-lhe a petição.
Eis, o mono, papagaio!
Eis nova consumição!

« O meu fallar é mui rico!
« Quanto ás pennas, guapo estou!
« Mas este bico!... este bico!
« Quem tal ratice inventou?!

« Bruxa honrada! eu t'o aconselho,
« Vá nova transformação »
Diz: torna a encarar o espelho...
Vê-se estrellado pavão!

Espaneja-se garboso!
Ama-se; está como um dez.
Senão quando... ai, desditoso!
Repara... que horrendos pés!

Novo rogo impertinente:
« Por esta vez, e não mais,
Diz a velha impaciente,
« Quero ceder aos teus ais.

« Do que tu mesmo approvaste
« Nas tres fórmas que te dei,
« Para teu consolo baste,
« Que esta final te armarei;

«Terás as visagens ricas,
«O papagaial palrar;
«Do pavão as galas ricas...
«Pegar no espelho! mirar!»

Mira-se, exulta. Só nota
Perfeições no todo seu.
Hoje chamam-lhe «janota»,
Bicho incognito a Linneu.

João Penha

Tem sonetos encantadores. A fórma archaica, a velharia refugada para os epicos dos dias natalicios nas provincias pre-historicas do norte, rejuvenesceu-a João Penha. Entrajou de roupas menos transparentes o lubrico Anacreonte; corrigiu-o de defeitos sensuaes vergonhosos, e fel-o aprender com Horacio as delicadezas culinarias da ostra e do rodovalho. Além d'isso opulentou-lhe o sangue com o presunto de Melgaço e o paio do Alemtejo. De modo que deu ao soneto um *cachet* nacional, que elle nunca tivera desde a languidez petrarchista de Camões até ao rufo de zabumba e caixa dos sonetos bocagianos. João Penha não é grande lambão de Ideaes. Até desconfio que não

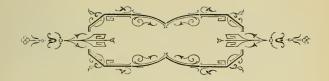
tem no cerebro um grão de incenso que arda no altar do Amor. A vida figurou-se-lhe um carnaval, e elle vestiu-se de sonetos como de um dominó. Entretanto logo que os áditos do positivo se lhe abriram honradamente no seu escriptorio de advogado, despiu o dominó, conservou no aspecto juvenil a luneta de um vidro, deu-se a seriedade meditativa de um reinicola, e achou-se bem. Ai d'elle, se o fazer ridentissimos sonetos significasse poesia, a nostalgica filha do céo!

VÃO-SE OS DEUSES

O velho Satanaz da lenda obscura,
O deus omnipotente do peccado,
Foi-se ha muito da terra, aniquilado
Pelos ultrajes d'uma sorte escura.

Já moribundo e triste, o sem ventura
Indo na bossa d'um camêlo aguado
De cidade em cidade era mostrado
Á arraia ignobil que histriões procura!

E nem sequer um funebre « aqui jaz »
Hoje assignala em monumento erguido
Ás reliquias do pobre Satanaz!

Até contam que um sabio, garantido,
Encontrando-lhe a ossada, em these audaz
Provou que *uns ossos taes*... só d'um marido!

Francisco Moniz Barreto

É DA BAHIA. Os successos luctuosos de Portugal devem-lhe uma plangente elegia á morte da senhora D. Maria II; mas, ao que parece, as suas notas dolentes só gemem nos atrios dos paços reaes: fóra d'isso é alegre, e descobre *paios* com rara sagacidade. Nós, os portuguezes, não temos idéas bastante nitidas do paio brazileiro. Comemos o do Alemtejo, mordendo-o com dente faminto, mas não com os colmilhos da satyra. Lido o seguinte poemeto, figurou-se-nos que o Brazil metaphoricamente é uma salchicharia enorme. Fazemos votos por que o

snr. Moniz Barreto, a quem apresentamos a curvatura da nossa admiração, a não poder devorar os paios com ardor anthropophago, nol-os vá enviando cozinhados com o colorau picante das suas rimas.

É PAIO

Quem crê da bella, a quem ama,
Quando raivosa ciuma,
No faniquito ou desmaio,
E afflicto por ella chama...
Não ha duvida nenhuma,
É paio.

Velho com mais de cincoenta,
Que a moça de quinze annos,
Viva e quente como um raio,
Espósa, e a cabeça isenta
Julga de pesados damnos,
É paio.

Sujeito que faz á mesa
Discursos de legua e meia
Em estylo inchado e cambaio,
E de verbosa riqueza
Se inculca, e se pavoneia,
E paio.

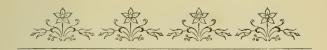
O que, tratando com gente
Da patria lingua, em francez
Falla como papagaio,

E acha isso mais decente
Que fallar em portuguez,
E paio.

Moço eivado do juizo,
Que revê-se em seu semblante,
Como quizerdes, chamai-o;
Para mim não é *Narciso,*
Tem um nome mais frizante,
E paio.

O que tem de ir a salões,
E o que ha de lá dizer
Parafusa, e faz ensaio
De gestos e posições,
Esse (não tem mais que vêr)
É paio.

Quem hoje ainda porfia
Em colher no Pindo flôres,
E leva de maio a maio
Sempre co'a bolsa vazia,
É o qu'eu sou, meus senhores,
E paio.

Mais que as letras vale a trêta;
Só esta dá lauta mesa,
Carro, cavallo, e lacaio;
Quem faz vida de poeta,
Acabando na pobreza,
E paio.

Guilherme Braga

Muito talento, aptidão para distincções raras, uma estrella funesta a influir-lhe o espirito para veredas onde é inevitavel o encontro com a desgraça. Homens assim suicidam-se ou morrem de cançados na lucta, peito a peito, com a Fatalidade, sua ultima e absurda crença na desesperança de Deus e do diabo. Eu vi-o n'estas batalhas medonhas, com um sorriso desdenhoso que elle tinha n'aquelle gentilissimo semblante, já arroxeado pelo sol-poente da vida. A sua phantasia era rica e formosa como as espádoas de uma princeza oriental constelladas de diamantes e rubis; mas, na existencia real, as suas mãos remexiam os esterquilinios sociaes, e com ellas atirava sobre si e sobre os outros, o lixo, as escorias que Barbés recommenda como necessarias á vingança do talento infeliz.

Nas Heras e violetas está a sua alma com intercadentes desmaios e enthusiasmos. Alli vem a lyra dos seus amores; lampeja-lhe a espaços a luz da mulher linda e amada, que foi sua esposa, e com intervallo de dias o seguiu ao sepulchro mysterioso. No Bispo e nos Apostolos do mal ressumbra a alma cheia da peçonha que se lhe instillou das mancenilhas a cuja sombra elle se repousava indolente no periodo da vida em que a mocidade tem pulso de ferro para remessar-se á desgraça! Cuidava que o desprezo da adversidade era heroismo e condão do genio, e o atheismo vingança. Uns que cuidam vingar-se da injustiça de Deus, confessam-no. Desconfessal-o é não o vêr na justiça nem na injustiça.

Não posso lembrar-me d'elle sem muita pena. Custa a conciliar a sua tristeza com o disfarce d'estas alegrias do Mal da Delfina, parodia ao conhecido poema de outro grande poeta que elle admirava. Ahi mesmo ha relampagos de odio á sociedade que se balanceia como ondas lodosas de um lago estanque entre a porta-Moré e o Club. Guilherme Braga cuidava que o liam os janotas do Porto. Elles não sabiam, quando lhe leram a necrologia, se aquelle nome era o de um linheiro das Hortas ou de um mercieiro das Cangostas. Quem quizer magoar janotas do Porto, só tem um meio: é preciso bater-lhes.

A CAÇADA

Não ha *leões* assanhados
nas frescas margens do Douro;
não! por mal dos meus peccados
leões no Porto não ha!
São dos *leões* o desdouro
estes janotas de cá...
São *bichos* domesticados
que a natura em seus caprichos,
deixa andar tão disfarçados
que alguns... nem parecem *bichos!*
Não ha *leões*... mas ha *patos*
de mil diversos feitios,
guarda-livros, litteratos,
barões, medicos, vadios;
sujeitos que a sociedade
recebe com muita festa
e a quem, por toda a cidade,
ninguem dois pintos empresta!
Corações... de frioleiras!
Cabeças... de figurino!

pessoas cujo destino
(se acaso destino têm)
é conversar co'as luveiras,
ou seguir as costureiras
da *Guichard* e das *Ferin!*
Almas balôfas e fatuas
que só nas modas tem fé...
de dia, tezas estatuas
junto á porta da *Moré*...
de noite, heroes da *má-lingua,*
em chochas semsaborias
gastando as horas, á mingoa
de sal que a «palestra» adube,
depois de um chá sem fatias,
nas longas salas do *Club*...
O janota é massador;
a tudo entorta os narizes;
rei vaidoso das plateias,
tyranno do bastidor,
sabe apenas das actrizes
se são bonitas ou feias...
e só pensa na conquista
d'uma empoada corista
para quem o seu amor
apenas tem o valor
d'uma *nota*... paga á vista.
nem outra coisa lhe agrada,
nem ouve o que lhe revela
do coração nos conselhos
uma voz... já constipada!
tem um amor — a farpella!
tem um encanto — os espelhos!
uma familia — o cavallo

se tem cavallo de casa!
e por bens, para adoral-o
cá das lagrimas no val,
as Lucrecias de dedal
a quem elle arrasta a aza!

. . . .

Vestir calças tão esguias!
as vossas pernas selectas
mettidas n'essas enguias
não são pernas, são baquetas!
Trajar tão curto *veston*
que faz sorrir as jaquetas,
e dizer que andaes vestidos
como vos manda o *bom tom!*
por isso estão arruinadas
as fabricas de tecidos!
Em vez d'aquelle *tromblon*
das vossas eras passadas
que no bojo immenso e vão
levava algumas canadas,
pôr na cabeça um casquilho
chapéo de duas pollegadas,
d'abinhas arrebitadas
e que mal leva... um quartilho!
Que moda tão indecente!
Ó exquisitas figuras!
e mostraes vaidosamente
as vossas caricaturas?!

. . . .

Para dar curso ao valor
herdado de seus avós,
estando a banhos na Foz
o janota é caçador!

Com sobrehumana ousadia
depois de ter feito *lastro*
co'as iguarias do almoço,
deixa o leito ao meio dia;
prende uma fita de nastro
dos magros cães ao pescoço;
implora ao anjo da guarda
que o leve por bom caminho;
como quem veste uma farda
para entrar n'uma batalha,
eil-o enfia o polvorinho
e a triste bolsa de malha;
com sublime desassombro
toma nas mãos a espingarda
e, pondo a espingarda ao hombro,
sahe de casa, sem abalos,
co'as apparencias augustas
d'um caçador que tem callos
e que traz as botas justas!

....

Inda usaes de botas d'essas!...
nem que os pés fossem borracha!...
Emblemas d'um despotismo
que se chama o janotismo!
Debalde a fôrma e a tarracha
se fatigam nas tripeças!
Manquejar, bem sei que é feio,
mas que remedio, janotas?
se tem dois palmos as botas
e os pés... dois palmos e meio?

Anthero de Quental

As suas Odes modernas causaram estranheza quando appareceram como um terremoto na velha cidade dos lyricos. Não se entendiam. Sahiram-lhe do Brazil umas glossas salgadas e picarescas com o titulo *A aguia no ovo*. A turba dos vates de outeiro applaudiu a chacota, e foi ao Parnaso oscular, em congratulações de jubilosas lagrimas, o Pégaso. Eu não fui, nem me ri das extemporaneas chufas. O que fiz foi pedir a Anthero de Quental que respeitasse os mestres, e não se coroasse das rosas da juventude como irrisão ás cans de um grande poeta, que adormecera sonhando com a Roma de Ovidio e a Grecia de Anacreonte.

As Odes de Anthero de Quental são a aurora da poesia moderna. Os imitadores não tem podido estra-

gal-as. O dia alvorecêra formoso; depois nublou-se o céo; a ventania varejava os ramos onde as aves tinham cantado o repontar da manhã; cahiu chuva grossa, que fez muita lama. Não importa. A belleza do amanhecer não esqueceu. As Odes de Anthero de Quental ficaram emperladas dos orvalhos da estrella d'alva; e as imitações para ahi se espapam nos marneis que fizeram.

AMOR ALEGRE

Deixemo-nos de nenias — enterremos
As antigas paixões!
É d'ar puro e de luz que nós vivemos...
E nossos corações.
De luminoso amor, d'amor contente,
D'isso querem viver eternamente!

Viver de flôres, como insecto alado...
E, como ave, de cantos!
Viver de beijos, de prazer sagrado...
Sim, de prazeres santos,
Como homem que embala noite e dia
O fecundo regaço da alegria!

Serena fonte, que nos banha a vida
Em dulcissimas aguas:
E, através da existencia dolorida,
Nos lava as velhas maguas...
A alma parece nova: e limpa e bella,
Brilha em face de Deus, como uma estrella!

Brilha em face do mundo! Resplandece
Como lucida aurora!
É o sol da ventura, que alvorece!
Valle e monte colora
Co'as mil côres do iris da bonança...
E as mil do iris d'alma — a esperança!

Amor que espera e crê... amor ditoso...
Quer Deus que se ame assim!
Dormir no mundo o somno mavioso
De prazeres sem fim...
Passar como em triumpho, em mago enleio,
Mãos unidas e seio contra seio...

Põe teus olhos nos meus, para que eu veja
Luz melhor que a do céo...
O que dentro em teu peito rumoreja
Tudo, é tudo meu!
Meus são teus ais e minha essa harmonia
A que chamas amor e eu poesia.

Poesia não são lagrimas... são beijos...
E abraços tambem...
Paixões não são suspiros... são desejos...
Quantos a vida tem!
Compõe com tuas mãos minha poesia
De paixão e de beijos e alegria.

Vem commigo na vida! Hei de levar-te
Por caminho de flôres...
Cantará para ti, por toda a parte,
Um viveiro d'amores...
Eu sei o que é amor! estes conselhos
Amor t'os dá — deixa fallar os velhos!

Deixa, deixa-os dizer, os *velhos sabios,*
Que só sabem chorar!
Mulher bella, se Deus te pôz nos labios
Botão de flôr sem par,
Flôr de luz e ventura... é porque o riso
A abra e transforme em flôr do paraiso!

Casimiro d'Abreu

Faz pena este moço que desejava viver e começava a amar quando a alma lhe fugiu das azas do genio para as da morte. Elle esteve perto d'estes carvalhaes tristes onde escrevo estas linhas. Lá ruge em baixo na açude o rio Ave, que lhe espelhou lagrimas saudosas do Brazil. Tambem teve sorrisos aquelle rapaz que não teve infancia! Ah! como este mundo é bom! Bem se está vendo que ha Deus, porque as suas obras são incomprehensiveis. Mas é grande obsequio, devido aos tuberculos ou

30

amollecimento cerebral, morrer-se novo, quando se é tão querido e chorado.

.... Perhaps the early grave
Which men weep over may be meant to save.

Aos precítos, como Byron, se lhes tirarem o desafogo da ironia, a estrangulação é perfeita.

A FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Bem vindo sejas, poeta,
A estas praias brazileiras!
Na patria das bananeiras
As glorias não são de mais:
Bem vindo, ó filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem póde saudar Novaes.

Vieste a tempo, poeta,
Trazer-nos o sal da graça,
Pois co'os terrores da praça
Andava a gente a fugir:
Agora, calmando o medo
E ao bom humor dando largas,
A comprimir as ilhargas
Agora vão todos rir.

Entre todos os paquetes
Que o velho mundo nos manda,
Eu sustento sem demanda:
Tamar foi o mais feliz;

Os outros trazem cebolas,
Vinho em pipas, trapalhadas,
Este trouxe *gargalhadas,*
Sem ser fazenda em barris.

Venha a satyra mordente,
Brilhe viva a tua veia,
Já que a cidade está cheia
D'esses eternos *Maneis;*
Os barões andam ás duzias
Como os frades nos conventos,
Commendadores aos centos,
Viscondes a pontapés.

Aproveita estes bons typos,
Ha-os aqui com fartura,
E salte a caricatura
Nos traços do teu pincel:
Ou quer na prosa ou no verso
Dá-lhes bem severo ensino,
Resuscita o Tolentino,
Embelleza o teu laurel.

Pinta este Rio n'um quadro:
As letras falsas d'um lado,
As discussões do senado,
As quebras, os trambolhões:
Mascates roubando moças,
E lá no fundo da tela
Desenha a febre amarella,
Vida e morte aos cachações.

Oh! canta! o povo te applaude,
E os loiros p'ra ti são certos!
Acharás braços abertos
No meu paterno torrão:
Se és portuguez lá na Europa,
Aqui, vivendo comnosco,
Debaixo do colmo tosco,
Aqui serás nosso irmão!

Bem vindo, bem vindo sejas
A estas praias brazileiras!
Na patria das bananeiras
As glorias não são de mais:
Bem vindo, ó filho do Douro!
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem póde saudar Novaes.

Pedro Diniz

Este poeta ridente, mordaz e vernaculo de mão cheia não respeita imperadores; e mais é monarchista de velha rocha; come-se de saudades dos frades e já escreveu um livro a pedil-os [1]. Quando Garrett, ao lusco-fusco da vida, fez um ramilhete de flôres — que pareciam borrifadas pelo orvalho de dezoito primaveras, mas em verdade traziam crystallisadas as lagrimas dos cincoenta annos — Pedro Diniz, com um pseudonymo e as crueis ousadias que a mascara permitte, pegou das FOLHAS CAHIDAS do author de FREI LUIZ DE SOUSA, como quem péga de tres estancias de Martins Rua, author da PEDREIDA, e atirou com ellas, transvertidas e, como quer que seja, parodiadas á irrisão publica [2]. Os primeiros a rirem foram os amigos do visconde d'Almeida Garrett — os seus pares, quero dizer, os conselheiros d'Estado, os ministros honorarios, os marquezes, os pen-

---

1 *Das ordens religiosas em Portugal.* Lisboa, 1853. 8.º

2 *As Folhas cahidas apanhadas a dente e pescadas no Porto,* por Amaro Mendes Gaveta, etc. Porto, 1855 (ediç. trasladada da do Lisboa).

nachos, os gran-cruzes, os seus commensaes, os seus confidentes, os intimos. Eu e mais a arraia miuda e verde da bohemia rimos tambem, porque o pontifice das letras não velára as fragilidades proprias e as alheias, na idade veneranda em que todo poeta sensato ou dilue a historia patria em oitava rima como o snr. conselheiro Viale, ou metrifica em redondilha maior a VIDA DE SANTO ANTONIO DE LISBOA como Antonio Lopes, ou faz o poema heroico de S. GIL DE SANTAREM á imitação do medico João Pedro Xavier do Monte, que havia sido tão femeeiro como o medico Gil antes de ser santo, e por isso dizia ao heroe no remate do poema:

Faze pois, que te imite convertido;
Medico e peccador pois tenho sido [1].

A gente não queria que o author do RETRATO DE VENUS se convertesse; mas magoava-nos vêr que a marrafa brunida e oleosa do author de CAMÕES não lhe defendia as cans dos apódos de quem quer que fosse. Queriamos que a respeitabilidade do mestre estivesse hombro a hombro do poeta gigante. Queriamol-o irresponsavel, endeusado, olympico, emfim invulneravel ás fréchadas do snr. Pedro Diniz, guarda-livros de José Isidoro Guedes.

Deploravel! Todo o paiz e as colonias e o Brazil se riram das FOLHAS CAHIDAS de Garrett, desde que

1 *A Egidea,* etc Lisboa, 1788.

a satyra de Pedro Diniz as abaixou ao raso da mordacidade que escancara sempre uma gargalhada quando topa um amor senil a carpir-se com lastimas de criança amuada. Eu não sei se algumas fibras do coração de Garrett se dilataram de dôr até se partirem, quando teve a intuspecção da zombaria publica. Pensar n'isto faz vergonha de ser homem, e dá-me vontade de pedir anciosamente ao céo que me encha a alma de pensamentos de burro e me fortaleça o estomago até á prova da cabeça de porco com feijão branco. Nada de pensamentos tristes; que este livro é todo alegrias.

Imputam ao iconoclasta de Garrett a satyra a D. Pedro II, imperador do Brazil, intitulada o *Rei Lhano*. Em Portugal as artes e as letras, o lapis, a poesia e a prosa chasquearam o tio d'el-rei em variados feitios e estylos. Acolheram o filho do Libertador com tamanha urbanidade que nem pareciam portuguezes na urbanidade, nos finos primores, no mimo e galanteria de mesuras ao nosso hospede. De não parecer-se a gente em extremos de cortezia com os outros paizes é que provavelmente os brazileiros, para nos irem delindo do preconceito de malcriados, nos vão chamando «gallegos» — por excellencia.

O poemeto de Pedro Diniz, que dizem ser miguelista, sobre ser a mais decente, é a coisa mais patusca que se escreveu. Vendia-se a meio tostão, e tem versos que só um grande e isento fervor de hon-

rar a patria em materia de hospedagem os podia fazer tão baratos. Um talento d'este porte devia de sahir-se com um folheto digno de tostão, se tomasse a peito reprehender os gaiatos que param no Terreiro do Paço diante dos estrangeiros e lhes fazem tregeitos com o dedo grande da mão direita na ponta do nariz e o minimo no polex da esquerda. Custa a conciliar como couberam no mesmo refolho cerebral este levantado poema do *Rei Lhano* e aquellas quadrinhas recitadas pelos nossos pequenos, devidas a Pedro Diniz que ás vezes distilla dos seios o leite da instrucção primaria n'esta apojadura copiosa:

Palram pega, e papagaio,
E cacareja a gallinha,
Os ternos pombos arrulham,
Geme a rôla innocentinha.

Relincha o nobre cavallo,
Os elephantes dão urros,
A timida ovelha bala;
Zurrar é proprio de burros.

Et cætera.

Tudo lhe sabe de molde e é para tudo. Castiga com a satyra os deuses do genio que se incarnam nas deusas do *cold-cream* e do carmim. Verbera os imperadores que não passeiam coroados a rua dos Algibebes com sceptro, capa de escarlate e arminho. E d'estas eminencias chama a si as criancinhas, para lhes dizer que o burro zurra. É quasi inutil ensinar n'este paiz ás crianças uma coisa que a maior parte d'ellas aprende pelo ouvir aos paes.

LENDA DO REI LHANO

I

Refere a tradição que um dia o rei de Thul
Foi visitar seu primo o regedor do Sul,
De longes terras vindo em alugada faia,
Por não achar á mão humilima catraia
Que incognito o trouxesse, ingenuo passageiro,
Dormindo no porão ao pé do marinheiro,
Afim que bem occulto o gesto soberano
Dissesse a toda gente: «Aquelle é o Rei Lhano,
Que zumbaias odeia e de ovações tem medo,
E, qual aguia, pousando em cima de um rochedo,
Voluntario da peste, ardendo em caridade,
Arrisca o povo seu a ficar na orphandade».
    Chegou o rei de Thul; o primo era já fóra;
Sahira ante-manhã ao encontro da Aurora,
E andava n'uma faina, e sem parar corria
O norte, o lésnordeste, o sul, e a Trafaria.

Tinha ficado atraz um tardo camarista,
Que, por ser velho já, lhe não seguia a pista.
Disse-lhe o rei de Thul: «Vosso amo jaz ou véla,
Reponsa, faz a barba, ou joga a bagatella?»
«Meu amo, disse o velho, esse homem de talento,
Não dorme, e é seu brazão ser mais veloz que o vento,
Buscando em todo o instante, e com real fervor,
Encovar do Duende o agil procurador;
E em quanto vai trotando em seges de aluguer
Responde a cada qual na lingua de qualquer:
Ao arabe em arabio, e ao neto de Labão
Na lingua em que arengava o douto Salomão.
Sempre a mala na mão, e dentro um astrolabio,
Não quer parecer rei, mas sim passar por sabio;
E, sem entre esses dois buscar o termo meio,
O proprio sceptro esconde atraz do sceptro alheio.
Tenaz madrugador, é de Morpheu o açoite.
Hontem se recolheu depois da meia noite;
Antes de se deitar ouviu cantar o gallo,
Sahiu logo a correr, e a unhas de cavallo
Anda o mundo a girar: agora, por acaso,
Tem no Vesuvio um pé, e um pé no Chimborazo.
Vê tudo; tudo vê, sómente pela rama,
E, arremedando o sol, visita os reis na cama.
Quando visita Deus é sempre em hora morta,
E penetra no templo antes de abrir-se a porta.
Cultor do estylo antigo, offende-lhe a piedade
Não vêr um monumento a eternisar um frade;
Porque ao servo de Deus, que só aspira ao céo,
Na terra mui bem fica haver um mausoléo.
Singelo no vestir, um trajo de frasqueira
O adorna quando falla á gente mais rasteira:
Não por se amesquinhar, mas porque ouviu dizer

Que Deus homem se fez para ao mundo descer;
E ficou entendendo, em seu saber profundo,
Que, chamado a outorgar lições ao velho mundo,
Lhe cumpria fazer-se humilde e pequenino
Como Elias se fez p'ra sarar um menino.
Ha muita occasião em que vestir jaqueta
É saber respeitar as praxes da etiqueta:
Ninguem vai de casaca e de sapato e meia
Para vêr histriões ou comicos de aldeia;
E só a quem visita illustre gente honrada
Importa pôr decencia e camisa lavada.
Com os lobos uivar é prova de bestunto,
Assim como tomar na choça o caldo de unto.
Apollo, que no céo quatro cavallos guia
E o mundo sublunar com raios alumia,
Quando á terra desceu não trouxe mais que um cão,
E vestiu de um pastor o rustico surrão.
Dizem que usou calções, mas esses mesmos rotos,
E com silvestre mel comia gafanhotos.
Um rei bem peregrino, Ulysses o taful,
Quando a Lysia aportou vestia pano azul;
Porém no patrio ninho andava de arco e aljava,
E só á côrte grega a purpura mostrava.
Para limpo ficar e de nodoas illeso
A japona despiu entrando o Ver-o-peso;
E até se apresentou apenas em ceroulas
Quando foi admirar o campo das Cebolas:
Pois bem ficava a um rei de tanta sapiencia
Pôr-se ao nivel da gente a quem dava audiencia.
Este heroe, que arrancou um olho a Polyphemo,
Daria os proprios dois por um pitéo supremo;
Porém fóra da Grecia amava a açorda d'alho,
A sopa de lentilha, e o pão de soborralho.

Saturno, que em Ausonia ensinou a lavoura,
Arte que honra os mortaes e os deuses não desdoura,
Por não envergonhar a gente que instruia
Dizem que andava nú, e até pedras comia.
De historias tão moraes fiz sempre o meu estudo;
E o tempo não perdi. Meu amo que lê tudo,
Cubiçoso de vêr a terra possidonia,
Julgou ser da etiqueta andar sem ceremonia.
Antes de se partir disseram-lhes uns prophetas
Que o grande Ovidio é elle, e que vós sois os getas;
Mandou fazer por tanto um fato acommodado
Á pouca illustração do povo visitado:
Calça hostil ao tacão, collete, uma borjaca,
Andaina de viajar... Não quiz trazer casaca,
Porque, andando entre gente agreste e sem primor,
Não teria por certo occasião de a pôr.
Pela terráquea bola andou de sul a norte,
E ás gentes causou pasmo um rei de tanto porte.
Na choça e no palacio o applauso foi pasmoso:
E quando algum theatro, austero e escrupuloso,
O mandava vestir, por não o achar decente,
Tirava da algibeira o sceptro refulgente;
Que era um alto senhor dizia com entono,
E para obter ingresso — então subia ao throno.
Barba longa: o bigode em gremio co'a suiça;
Botas por engraxar, assentes em cortiça;
A democrata mão lavada, mas sem luva,
Sustendo o guarda-sol, a mala, e o guarda-chuva;
Camisa multicor; chapéo de baixa esphera:
De meu real senhor tal é a effigie vera.
  « No album vosso guardai esta photographia:
Bem vêdes que respira alta philosophia,
E que mostrando até onde um só homem chega,

Daria fama e voga a uma heptarchia grega.
Philosopho maior jámais o mundo o viu!»
. . . .
Calou-se o bom do velho. O rei de Thul sorriu;
E a palavra apontando ao servidor honrado,
Em brando e affavel tom pregou-lhe este recado:

II

«Eu bem sei que vosso amo, homérico varão,
Quer assentar no throno a sombra de Catão:
Mas ouço que, infeliz n'esse empenho louvavel,
Lhe foge do romano o phantasma impalpavel.
Catão era um censor (tambem réo de censura):
Com as vestes reaes fizera má figura,
Assim como de um rei o vulto soberano
Nunca parece bem vestido de silvano.
Para que gastar pois um tempo que é perdido?
Melhor é que cada um se aninhe onde ha nascido,
E ou rei, ou cidadão, o seu lugar sustente,
Buscando o povo e o rei amar-se mutuamente,
Sem traçar novo mundo em movediça areia,
Nem roubar á poesia o reinado de Astreia.
«É sempre erro fatal remar contra a maré,
E querer igualar o sceptro e o tirapé.
A occulta mão, que rege as coisas naturaes,
Traz o mundo moral sujeito a leis geraes:
Onde o vacuo se faz, um novo ar se arremessa;
Quando o throno se abaixa, eleva-se a tripeça;

E quando se escurece e apaga o gaz no sólio,
Surge logo um volcão a vomitar petroleo.
Isto é da Providencia um mysterio profundo,
Talvez para manter em equilibrio o mundo.
Apenas funccionario, um rei não é divino;
Não é filho do céo, mas obra do destino;
Não póde, em que lhe peze, andar só a seu gosto.
Assim como o soldado, o rei tem o seu posto;
É uma sentinella, e cumpre-lhe velar:
Do throno, a que subiu, descer é desertar.
«O povo exige ao rei virtude e magestade,
Obediencia á lei, respeito á liberdade,
Justiça e galardão com maxima inteireza,
No coração amor: na mão porém firmeza.
Baixezas nunca um povo ao principe agradece,
Pois quem muito se abaixa a calva lhe apparece.
«Póde um simples mortal, modesto cidadão,
Fartar-se de orelheira e grelos com feijão,
Póde açorda comer, provar o caldo de unto:
Porém um povo inteiro é grande em seu conjunto,
E aos olhos de outro povo a jerarchia ostenta
Nos ouropeis que outorga a quem o representa.
«Sempre o mundo levou em conta de fraquezas
A vassallos e a reis o exagerar lhanezas.
Cumpre a média guardar, pois todo o excesso é vicio.
A missão de reinar tambem é um officio;
E todo o officio tem insignias e attributos.
No modo até de amar differençam-se os brutos.
«Tem cajado o pastor; o rei sustenta um sceptro;
Toma a vara o juiz; o vate empunha o plectro;
Tem manto o imperador, cortinas o barbeiro,
Bastão o marechal, sovela o sapateiro;
Veste farda o soldado; o monge traz cilicio:

Tudo a todos vai bem — cada um no seu officio.
« O estupido jumento, até no amor casmurro,
Corre á esposa asinal zurrando como um burro;
E o generoso toiro á femea, se a pressente,
Solta um dôce mugido, um terno som plangente,
E aproxima-se grave, e com respeito a topa,
Que nem Jove rendido aos pés da casta Europa.
Caricias faz o porco á porca, mas co'a tromba;
O gato morde a gata, o pombo beija a pomba;
E a rola que a alma esvái em trépidos clamores,
Jámais aceita amor sem ter gemido amores.
« A historia rende preito áquelles reis antigos,
Que ás artes dando amparo, e da sciencia amigos,
A industria protegendo, amando a agricultura,
Dando ao commercio impulso, aos ganha-pães fartura:
Pensavam que de um rei o affecto paternal
Póde, sem esconder a purpura real,
Verdes loiros tecer, e dar com regia mão
Ao merito favor, ás letras protecção;
E embora a toda a gente ouvissem com lhaneza,
Nunca por nunca ser castravam a realeza.
O grande Carlos-quinto, excelso soberano,
As artes soube honrar honrando Ticiano;
Dizia — Eu rei, Tu rei — (dava o seu a seu dono)
E apanhava o pincel, mas sem descer do throno.
« Jupiter seductor, da bella Helena avô,
Mais de uma vez occulto o mundo perlustrou:
Para a Danae furtar o virginal thesoiro,
Baixou a uma prisão desfeito em chuva de oiro;
Para Leda abraçar, nadando foi subtil
Envolto no frouxel de um cysne alvo e gentil.
Mas quando se faz cysne, ou quando em oiro chove,
Mesquinho não parece, é grande, é sempre Jove.

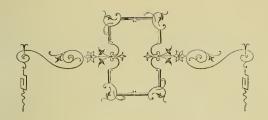
A figura occultou, mas não a divindade,
Mantendo no disfarce a propria magestade.
Ave se quiz fingir; mas com divino tato
Sumiu o ethéreo sêr em cysne, e não em pato.
Usou surrão Apollo. Então cumpria um fado;
Não era deus da luz, mas guardador de gado.
Por enredos talvez de um emulo tratante
Cahiu em desagrado a Jupiter tonante;
Quizeram dar-lhe tombo, armaram-lhe uns processos;
E, victima infeliz dos ultimos successos,
Algum tempo na terra andou como emigrado;
Mas teve protecções, e sendo amnistiado
Segundo ouvi dizer, por fins eleitoraes,
Voltou a reassumir os raios immortaes.

«Ulysses, verdade é, morou á Cotovia,
Andava de tamanco, e pano azul vestia;
Mas esse aventureiro era dado a rudezas,
Finorio d'alta escóla, e mestre em espertezas:
Para a Troya não ir, por já se achar caduco,
Andou atraz dos bois fingindo-se maluco;
E de transformações foi sempre tão amigo,
Que até em casa entrou vestido de mendigo.

«Saturno estava pobre, e p'ra não ter cadilhos
Foi um d'aquelles paes que não criam seus filhos.
Ainda o infanticidio então não era moda;
Havia já policia, e restricções na roda:
Por isso se um menino a esposa lhe entregava,
Elle logo voraz na entranha o sepultava;
Porém ella illudindo um dia o esposo mau,
Lhe deu em vez de um filho, um pouco de calhau.
Mas não sirva de exemplo aquillo que outros comem:
Se anda de boa fé, póde mui bem um homem
Duros seixos tragar por mão da cara esposa:

Talvez que até alguns engulam peor coisa.
Não estranhemos pois o que vemos alli;
Tinha filhos Saturno, e mettia-os em si:
O que esse deus fazia aos seus proprios herdeiros,
Fazem muitos mortaes aos publicos dinheiros ».

Quando palavras taes dizia o rei de Thul,
Das nuvens cahe de chofre o regedor do Sul:
Trasbordava em suor, vinha a correr de Tancos;
Trazia tres maçãs, e dois queijinhos brancos.
Ao vêr os medalhões, o broldrié, a farda,
Dispára este remoque, andando á retaguarda:
« Viu-se jámais alguem armar-se até aos dentes
« Quando em missão de paz vai visitar parentes?!»
Foi dura a saudação, porém era acertada:
Envergonhado o rei deixou cahir a espada.
Isto era á beira-mar. Neptuno que a conversa
Tinha estado a escutar, ao vêr a espada tersa
Cahir no imperio seu, deita-lhe a mão, e ufano
Corre, enchendo de gaudio as grutas do Oceano;
E chegando a Amphitrite, que entre nymphas bellas
Absorta em seu lavor bordava umas chinellas,
Diz-lhe a rir: — Incompleto estava o meu talher;
Agora ha garfo e faca, e só falta a colhér.

*

Francisco Palha

O mais rijo pulso de polemista que joga o pugilato dos espiritos em terras de Portugal — é elle. Tem-se medido, arca por arca, invencivel sempre, com os athletas da critica. Se os não descadeira a *box,* espanca-os com a bexiga do ridiculo que lhes zabumba no espinhaço. Orgulhos que elle tem amarrotado, brincando alli pelo Chiado, se não fosse Francisco Palha, andariam trajados de persas como Karr para nos assoberbarem com as esquipações do genio e as excentricidades delirantes da aba e dos colleirinhos. Palha, quando elles não se alimentam dos doutos comestiveis da razão e da grammatica, dá-lhes a comer o seu appellido e favas. Nunca o vi recuar e ceder. Pega d'um sabio, passa-lhe umas guitas dos braços ás pernas, puxa por uma ponta e

faz um bonifrate. É o bom senso, quando lhe faz conta, enroupado em D. Bibas. Tem pelos tolos a consideração que se lhes deve n'um paiz em que a gente não póde estar sempre a bacharelar com os socios da Academia real das sciencias. É muito lhano, muito dado, faz de conta que certos sujeitos são precisos á grande epopeia da vida como rimas picarescas com que se fazem os dithyrambos. Quando encarou o mundo pela face da tragedia, fez a Fabia. Antecipou-se á catapulta do rei Caramba 27 e das senhoras Angots. Principiou a demolir a velha arte, fazendo entrudo das magestosas coisas do palco, ao mesmo tempo que Ponsard ainda fazia tragedias a serio. Arvorou-se empresario de theatros para justiçar no tablado os estafermos que nos perseguiam desde a Mouraria e rua dos Condes. Afinou as gargantas nacionaes. Pôz a cantar muita mulher nascida para apregoar, nas esquinas de Lisboa, com estridentes trilos, o bello par de melancias. Ensinou-lhes requebros e bugigangas *rigolettes* e afadistadas dos concertos *rigolboches*. Francisco Palha corrompeu a Lisboa séria, de casaca, a turba enfrascada em carnagem e sedenta de chacaras, que fariscava com delicias cannibaes a sangoeira do dramalhão no theatro normal. Aquelles gatos pingados da defunta arte pôl-os elle em mangas de camisa, a darem-se reciprocas palmadas nos ventres e a cantarem o general Boum. Nos theatros serios, actores, ponto e algum espectador

tresnoitado entoavam como em trintario cerrado *o memento pulvis* da syntaxe e da rhetorica escorchadas na Trindade. E, todavia, Francisco Palha estremece a sua lingua; e, se acerta a miudo de a não ter boa, não deixa de ser castiço e correcto. Aqui vai uma poesia de uma frescura aceiada, de mãos lavadas sem tarja nas unhas, e que por isso dispensa luva *gris-perle*. Portugueza de vinte e quatro quilates.

ASSIM É QUE EU GOSTO D'ELLA

Eu nunca fui poeta. Era loucura
mostrar depois de velho pretensões,
quando as não tive em horas de ventura,
de tão dôces, mas breves, illusões.

Então era a minh'alma que gemia
no vago anceio d'onde nasce amor:
mas hoje sei que amor no mesmo dia
nasce, esmorece, e morre como a flôr.

Da meiga briza o tépido bafejo;
o perfume da rosa; o pôr do sol;
as nuvens d'oiro, esplendido cortejo
do astro-rei; a voz do rouxinol;

esse hymno immenso com que a terra exprime
viva saudade da apagada luz,
se para mim então era sublime
ai! que já — por meu mal! — me não seduz.

Quando contemplo agora o fim da tarde,
quando ao mirar-se em crystallino mar
o facho acceso sobre as ondas arde,
e nas ondas depois vai mergulhar,

sabeis vós no que penso em tal momento?
— vêde a que prosa vil isto chegou! —
Sabeis vós no que penso? o que lamento?...
o dia mais de vida que passou.

De vida, sim, meus senhores;
que não ha pechincha igual.
Só algum sarrafaçal
em hora de maus humores,
grunhirá sombrio e rouco
«que pelo seu fim anhela».
Eu cá por mim acho pouco;
morro d'amores por ella.

A vida saboreada
da maneira que eu cá sei!
nem limpa-botas, nem rei;
trazer gravata lavada,
tendo a paz na consciencia,
boas libras na algibeira,
uma sege, e... por decencia
um garoto na trazeira.

Cadeiras *todas* de braços
fôfas como o pão de ló;
nunca dar ponto sem nó;
nem pôr ponto em dar abraços.
Caçadas — feitas no prato,
e sobre a caça — café,
charutos... dos do contracto
Libra nós e Dominé!

Ora, se eu dava o cavaco
ou se quebrava o toitiço
por ser tudo quebradiço
n'este mundo como um caco!
Em se quebrando — acabou-se.
Ora adeus! Fortes lamechas!
Era bonito se fosse
ficando tudo p'ra mechas!

Amor de marrafa branca!
Como o cão e a cadellinha
sempre fiel! Que gracinha!
Ao chá por baixo da banca
dando *ternas* pisadellas
que as meias deixam de luto,
que fazem vêr as estrellas
e provam que o par é bruto.

Ter sempre o mesmo barbeiro
e sempre o mesmo topete:
á mesa do voltarete
defronte o mesmo parceiro!

O molle ser sempre molle;
sempre o mesmo o serigaita:
na mesma gaita de folle,
soprar quem sopra tal gaita!

Quem pensa assim — oh! coitado! —
ou perdeu todo o juizo,
ou, se tem dente do sizo,
pelo alveitar foi achado.
Para mim que sou amante
do que muda e do que mexe,
como havia ser seccante
o tal mundo d'escabeche! —

Beijar nos pulsos a algema
com que amor nos manietava;
ámanhã mandal-a á fava;
a belleza eis do systema.
Ser hoje amigo... do Brito:
ámanhã sel-o... dos Soisas,
viajar hoje no Egypto;
vêr ámanhã novas coisas!

Isto sim, que é prazer certo;
e quem julgar que não presta
diga adeus a esta festa,
que o cemiterio está perto. —
Pois póde haver tolerancia
na China, aqui, ou em Gôa,
com quem defende a constancia
que é a massada em pessoa?

— « *Aqui d'el-rei,* porque mente
toda a humana geração » !
Grande pena! Pois então
se mente, mente-lhe a gente:
por mentira, mentirola,
por esparrella, esparrella.
Assim vai esta charola,
assim é que eu gosto d'ella.

Dizem que a vida os assusta
porque em tudo encontram móca;
que o bem a todos não toca;
que a justiça não é *justa!*
Eu por mim quero-a mais larga,
que, se acaso um dia fôr
parar-lhe ás mãos, menos carga
sobre os hombros me ha de pôr.

E se o bem me não tocar
tambem uma vez sómente,
ferro commigo no quente,
e, lá, começo a chorar.
Não é mau. Dou de conselho
a quem quizer divertir-se,
que chore em frente do espelho,
e por força acaba a rir-se.

Chorar é bom! Quem me déra
nos tempos que já lá vão;
quando moço o coração
ao romper da primavera

sobresaltado tremia;
e da terra toda em flôr
juntava á dôce harmonia
dôces lagrimas d'amor!

Se á vida não acham geito
porque todos tem chorado,
cá para mim vem barrado
quem lhe põe este defeito.
Elles que foram pequenos
e contra as lagrimas chiam,
de *lacryma-christi* — ao menos
um pingo não quereriam?

Oh! se queriam! — Nem pio.
O pello do mesmo cão
cura o mal — diz o rifão;
e anda ahi mais de *um tio*
aos bordos sempre a proval-o.
Não ha mágoa que resista
quando se quebra um gargalo
de garrafa á nossa vista.

Rosnam que as filhas não fecha
a sete chaves a mãi; —
que a mãi namora tambem;
e mais que torna e que deixa! . . .
Ih Jesus! — Que gritaria!
Se a mãi tentasse fechal-as
nenhuma as portas abria;
era preciso arrombal-as.

E o Canarim? e a policia?
Tinha que pôr sentinellas
nas portas e nas janellas!
Oh! que famosa delicia
para andar troças fazendo!
As pombas lá no pombal
por pombo cá fóra tendo
um guarda municipal!

Caturras! se ha quem supponha
nas politicas regiões
que ainda póde haver Catões,
quando é tão rara a vergonha!
O galante é que no jôgo
cada qual puxa o seu trumpho
quando, sem armas nem fogo,
podem alcançar triumpho.

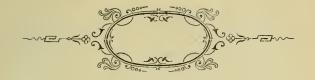
Queixam-se os republicanos
que lhes tosquiam as azas?
Pois vão lá nas suas casas
fazer dos criados — *manos*. —
Os outros tremem que os thronos
se despedacem? — Demonio!
Não lhes restam ainda (monos)!
os thronos de Santo Antonio?

Tudo aqui se remedeia;
tudo tem facil sahida,
se as honras dermos á vida
d'um jantar ou d'uma ceia.

Quem tenta pôl-a ao direito
perde o tempo e a razão,
porque lucta peito a peito
com phantastica visão.

Eu nunca fui poeta; agora vêdes
que menos do que nunca aspiro a sel-o.
Se agarrar-me tentei pelas paredes
do teu Parnaso, Apollo — vai-me ao pello!

Põe-me nú, se conservo n'este fato
Algum resto de parvoas pretensões,
Já que o mundo como é, o mundo ingrato,
soube despir-me as dôces illusões.

Dormi. Sonhei. Do sonho hoje acordado,
na prosaica verdade emfim cahí.
Mas como tudo tem sempre um bom lado,
ganhei gordura, se illusões perdi.

Visconde da Pedra Branca

(DOMINGOS BORGES DE BARROS)

Escreve o doutissimo José Feliciano de Castilho na Grinalda ovidiana: « Os beijos teem sido thema inesgotavel para poetas; e n'essa parte poetas e não poetas, sabios e tolos pouco discordarão, dizia o bom Lafontaine ».

Car, dans les mouvements de leurs tendres ardeurs,
Les bêtes ne sont pas si bêtes que l'on pense.

Eu não conheço impudencia mais canalha que o enviar trovas a uma senhora pedindo-lhe beijos. Ha maior protervia ainda no execravel: é estampar a torpeza, e recital-a em piano, o abemolal-a em musicas lascivas.

Faço duas excepções: o honesto beijo pedido por este visconde da Pedra Branca, e os tres beijos dados por João de Deus. Conhecem? Ora se conhecem aquelles gorgeios do mais dôce scismador que as estrellas ainda alumiaram desde que a alma do provedor de defuntos de Macau vaga por este céo de Portugal á busca de corações onde estillar raios da sua luz perpetua. E póde ser que nunca lessem o

Beijo na face
Pede-se e dá-se

de João de Deus? Póde ser.

Se este paiz é uma calamidade acorrentada a um pelourinho de opprobrio! Se nós, em vez de nos envergonharmos uns dos outros, parece que nos queremos pedir reciprocamente beijos para nos congratularmos do nosso desdem por estes doidos encantadores que ou morrem, ou ensinam a lêr rapazes!

Ó San João de Deus, poeta das finas coisas do corpo sem escrofulas! ó San Juan de la Cruz, poeta da NOCHE ESCURA DE EL ALMA, rogai por nós e pelas bellas letras da peninsula!

O BEIJO

Não ha quem dizer-me possa
Qual o sabor de teus beijos ;
Se houvesse, a inveja matára
Meus frencticos desejos.

E se um beijo de Marilia
Já me fez esmorecer,
Como provarei teu beijo,
Sem que me sinta morrer ?

*

Mas se teu beijo é gostoso,
Como certifica amor,
Expire a vida no beijo,
Deixando n'alma o sabor.

Nunca te pedi um beijo;
Pedido, que gosto tem?
Do amor o que não é dado,
É frio; não sabe bem.

O coração leve aos olhos
A expressão do desejo;
Os labios aos labios levem
Toda a delicia do beijo.

É n'essa muda linguagem
De intelligencia amorosa,
Que de amor vive escondida
A parte mais saborosa.

Esconder o que mais quero,
Fôra enganar mesmo a mim;
Se eu te pedir beijo occulto,
Nunca me digas que sim.

O beijo, dado escondido,
Desacredita a que o dá;
E, se é dôce ao que recebe,
É uma doçura má.

Se o beijo é signal de paz,
Como póde ser de amor
Amar e viver em guerra
Entre delirios e dôr?

O que podér, em teus labios,
O beijo saborear,
Contra amor, e a sorte pecca,
Se a mais quizer aspirar.

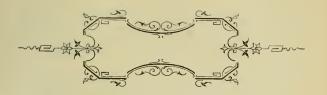
O beijo, dado escondido,
Toma do crime a feição;
Póde fartar o desejo,
Mas não farta o coração.

Beijo, que deixa remorso,
É veneno em taça d'oiro;
É na pureza de amor
Deixar cahir um desdoiro.

Amor é franco; e só affecta
Gostar do mysterioso,
São diaphanos mysterios
Velando o mais deleitoso.

Não são disfarces de Venus
Nem seu modo encantador,
O que ao puro amor contenta;
É a delicia de amor.

Consulta teu coração!
Se elle póde amar assim,
Sou todo teu... Se não póde,
Não queiras nada de mim.

Bulhão Pato

Quando o assanham, tem tres farpas na lingua. Nunca foi injusto. Conhece desde menino uma sociedade onde o espirito se fórma de aromas de flôres que não querem luz muito intensa nem que as aspirem olfatos muito sofregos. Foi ahi que elle fez a fidalguia do seu gesto, e as effectivas sympathias da sua alma, sempre infantil. Na praça, na sala, no café, é sempre uma distincção. Quem o viu na mocidade, reconhece-o, sem o vêr, se lhe escuta a vehemencia da palavra sempre cortezã. Tanto lhe faz tratar de pomposas camelias brancas como de humildes violetas rôxas. Sempre a phrase que deixa um rasto de luz para o affecto e para a admiração. Ama-

ram-o todos os homens grandes d'esta terra; e elle, SOB OS CYPRESTES, levantou-lhes um monumento em um livro sobre o pedestal da sua alma cheia de lagrimas.

Escreveu uma satyra com um agro de arseniato de strychnina. Grande devia de ser a justiça da sua cólera!

O PRESIDENTE DO JURY

Sabio de *bric-á-brac,* illustre pedagogo,
Que á puericia real ensinas desde logo
A lisonja arrastada, a vil hypocrisia!
Eu conheço-te bem, santão da freguezia:
Lá devias cantar, ó mutilado infame,
Co'a tua voz de tiple em musical certame.
Presidente venal de todos os concursos,
Erudito cruel, insano nos discursos,
Versejador fatal, rhetorico apopletico,
Libertino por dentro, e na apparencia ascetico;
Recebendo mercês da mão da liberdade,
E mordendo-a depois nas sombras da maldade:
Grego de contrabando, é mais o teu emprego
Ser grego nas acções do que na lingua grego.
Vaes agora saber como me custa pouco
Desmascarar de vez na praça um farricoco.
Como um *pobre escriptor, versejando fraquito,*
Que *não sabe latim,* amanha um erudito.

Calumniador de Homero; ultrajador de Dante!
Louvado seja Deus! e fazem do pedante
Arbitro a decidir do gôsto e do talento!...
Onde a critica exige um fino sentimento
Do bello, do ideal, vão pôr este pancracio,
Estragador de Moscho e do divino Horacio!
Inda ficando aqui!... emfim, se á crassidade
De tal entendimento a luz da probidade
Mandasse algum clarão!... Mas a moral n'aquelle,
Peor que a intelligencia, inda a mais baixo o impelle!
Querem saber porque? Um toque bastará
Para mostrar o fel que n'aquella alma está.
No dia do certame um moço concorrente
Fallou sobre a Reforma. O grave presidente
Julgou vêr no orador idéas deleterias:
Ferveu-lhe a indignação! Bateram-lhe as arterias!
Embargaram-lhe o curso apostrophes violentas,
Do tenesmo oratorio as ancias truculentas!
Um — bem pouco christão! — do jury respeitavel,
Afoitou-se a ter mão na scena deploravel,
O publico apupava as furias do truão.
O escandalo acabou? Não acabou, verão:
Uns minutos depois, na sala do concurso,
O protegido entrou e fez o seu discurso,
Co'a funda convicção de um animo seguro,
A confissão geral de pantheista puro.
Céos e terra! o beato, o protector da curia,
O servo ultramontano ouviu aquella injuria —
Monumental blasphemia! — e conservou-se mudo!
Um hypocrita bom tem bojo para tudo.

Augusto Soromenho

Nunca vi ninguem que tivesse tantas artes de ganhar inimigos. Grande parte dos muitos que adquiriu era para Soromenho um excentrico ponto de honra, uma singularidade que roça pelo inverosimil: sacrificava os seus bemfeitores áquillo que a sua consciencia chamava Justiça. Se elles desgarravam da linha da probidade como elle singularmente a entendia, desempenhava-se da obrigação de ser agradecido, desvanecendo-se de justo. O leitor percebe-me; mas eu me explico melhor para outro leitor que não me entende. Conheci Augusto Soromenho muito infeliz nos annos mais florescentes em que o gear da desgraça requeima as flôres. Elle não tinha flôres, nem bifes, nem fraques. Era escrevente em um escri-

ptorio de barreiras, percebia doze escassos vintens por dia, desvelava as noites lendo de emprestimo livros obsoletos; e, nas horas feriadas ao seu emprego quotidiano, ia á livraria publica affligir os empregados pedindo livros em linguas mortas, como se os anemicos e romanticos funccionarios da bibliotheca de S. Lazaro podessem conhecer e carrejar os pulvereos folios-maximos dos Santos Padres!

Em um d'estes ordinarios conflictos de Soromenho com os guarda-salas, por causa da MAGNA BIBLIOTHECA PATRUM ET SCRIPTORUM ECCLESIASTICORUM o encontrou um jornalista que lia chronicas de frades para estudar o milagre e a lingua, e encher-se de historia, de fé e vernaculidade. O jornalista affeiçoou-se áquelle moço imberbe que lia com a conspicua seriedade de um benedictino o BULLARIUM MAGNUM ROMANUM. Tirou-o do funccionalismo aduaneiro e facilitou-lhe accesso a collaborar no *Portugal,* diario retrogrado para o qual o catechumeno realista entrou com muita erudição e bastantes appellidos: era Vabo y Añaya, era Gallego e Pedegache, era Castro e Pereira. Houve quem então nos arraiaes hostis lhe matraqueasse os appellidos. Soromenho podia com pergaminhos authenticos justificar-se fidalgo de geração, e procedente de familias nobres de Castella e do Algarve.

O jornalista, que o levantára á posição esplendida de articulista doutrinario, vestiu-o para o introduzir nas salas. Elle começou a encarar nas damas com

attenção igual d'aquella com que contemplava os in-folios dos Santos Padres: isto porém não quer dizer que elle as considerasse completamente Santas Madres.

Augusto Soromenho deu-se ao namoro e á equitação. Salvador Paes da Pesqueira emprestava-lhe os seus cavallos. Era, n'aquelle anno de 1852, Salvador Paes um gentil rapaz, muito rico, muito dissipador, e generosissimo com os rapazes intelligentes e pobres como Soromenho. Depois, Alexandre Herculano foi ao Porto, e relacionou-se com o moço estudioso, a quem mais tarde abriu os áditos de uma honrosa e benemerita posição no magisterio, inventando-o professor de arabe. Ficam mais ou menos nomeados os tres amigos mais válidos de Augusto Soromenho. O seu primeiro amigo, o jornalista, foi tambem o primeiro que lhe soffreu a ingratidão; mas vêr-se-ha que o termo ingratidão se emprega aqui á mingoa de vocabulo que exprima a ideia. O jornalista fôra injusto e violento n'uma critica litteraria feita aos versos d'um bom litterato amigo de Soromenho. Este, que então paleographava em Madrid subsidiado pela Academia real das sciencias, escreveu cartas desabridas e impressas contra o critico injusto, alcunhando-o, pouco mais ou menos, de tratante e sandeu. Isto, bem é de vêr, não foi ingratidão: foi um quasi honrado rompimento com um amigo indigno que praticára uma iniquidade. O jornalista, a quem muitos então injuriavam,

respondeu a Soromenho com um folhetim amargo intitulado *Tu quoque*... Se o jornalista contasse então mais vinte annos, escreveria ao offensor: «Vossê tem razão. Quando vier de Hespanha, passe por aqui, e dê-me quatro ou cinco pontapés onde lhe parecer. Quando lhe fiz uns pequenos serviços, vossê não se obrigou a considerar-me sempre homem honesto e escriptor soffrivel. Logo que eu fui injusto com um seu amigo, vossê antepoz a ideia da justiça universal á da gratidão particular. Honra lhe seja. Repito, quando passar por aqui, não se esqueça de me dar quatro ou cinco pontapés bons».

Com Salvador Paes não sei como se romperam os vinculos de tão estreita amizade. É natural que Soromenho o lançasse de sua estima quando elle se deixou arrebatar de paixões da alta escóla, e se foi Europa dentro com uma formosa e fugitiva mulher d'umas tranças loiras e esperanças accêsas que tudo espalhou e apagou a nortada do tedio.

Com Alexandre Herculano dizia-se que havia sido atroz a ingratidão. Nunca tão justo havia sido Augusto Soromenho. Herculano pedira á Academia por um arcaboiço de Diccionario herdado uma quantia muito superior ao merito da fazenda. Soromenho, socio da Academia e amigo de Herculano, votou contra a proposta da compra, e alvitrou que se nomeasse uma commissão proponente. O seu intuito era exonerar da veniaga a responsabilidade do seu amigo, que já en-

tão, na lavoira de Val de Lobos, ganhára amor ao dinheiro com que se erguem socalcos e se bemfeitorisam os pingues mananciaes do oleo — que eu não digo «azeite» para sustentar estylo bem penteado.

Eis-aqui o perfil do fallecido professor a quem eu, o mais offendido dos tres, apertei a mão, volvidos doze annos depois da offensa, porque no fundo d'aquella alma havia muita ignorancia do mundo, muito fel que a injustiça lhe emborcára dentro, e uma falsa comprehensão da honra, que sobre tudo o levou de dôr em dôr até que a final morreu debruçado sobre um livro, ao romper da sua derradeira aurora.

DIWAN

Eu estava, hontem de tarde, a lêr o Fausto,
Deitado n'um sophá,
Quando senti abrir-se a porta, e rindo
Entrar o diabo. « Olá !
« Por aqui, é milagre ! » — Mal tu sabes
O que eu venho pedir. —
« Não ; de certo. Vejamos ». — É uma Biblia —
E desatou a rir...
« Uma Biblia?! » disse eu. — E então, que pensas ?
Não serei eu capaz
De a lêr ? Não póde haver um litterato
Chamado Satanaz ? —
« Póde. Ahi tens... Mas que buscas ? » — Eu t'o digo :
Estive, ha pouco, a lêr
O Paraizo de Milton, e ha lá historias
Que eu não posso saber
Onde as fosse buscar. Conta lá coisas
De mim, que nem eu sei ;

E venho vêr então se n'esta Biblia
Acaso as acharei. —
«Duvído». — E tu que lês? — «O Fausto». — O Goethe!
Esse foi mais ratão.
Ao menos, teve graça. O Mephistópheles
É um grande maganão.
O Fausto é que era um parvo. — «Assim ha muitos!»
— E tu tambem o és. —
«Obrigado». — E assentou-se, folheando
Os livros de Moysés.
Passado tempo, volto-me, e, que vejo!
Deitado sobre o chão
O bom do Satanaz, que adormecêra
A lêr o Salomão!...

Palmeirim

Luiz Augusto Palmeirim é prosador jovialissimo. No folhetim, na critica rabelesiana dos costumes escrutados com arguta observação, na photographia dos caracteres que accentuam typos, é admiravelmente exacto, e nunca faz caricaturas para enviscar o riso. Conversando, quando era moço, rivalisava no chiste das hyperboles com Ricardo Guimarães. Os seus ditos serios já não inspiravam grande confiança. A ingenuidade na sua bocca talhada de um feitio especial, era sempre suspeita de ironia, e tudo lhe sahia sublinhado á flôr dos labios. Quando o vi, pela primeira vez, era elle alferes da Junta Suprema, e estava em Villa Real, deportado, á ordem do general, como fautor da republica em versos d'arte

maior. Em quanto lá esteve não conspirou. Passeava a sua espada e a sua franzina elegancia nas alamedas da villa, e modificava as suas isenções demagogicas amando fidalgas sem desperdicio da lyra; — que n'aquella terra, em 1847, as unicas poesias conhecidas eram dois epitaphios errados no metro e falsos no panegyrico. Tornei a vel-o seis annos depois no café Marrare, desligado do exercito, exonerado da banda de alferes, com as dragonas de general do espirito, a balista com que elle e os seus irmãos d'armas desabaram as velhas coisas e pessoas. Os homens que vi com elle no recinto subterraneo do Marrare quasi todos d'alli sahiram para os conselhos da corôa, para a alta diplomacia, alguns para o pariato, e outros para a sepultura.

Palmeirim, o poeta popular, o Beranger, nunca foi representante do povo. José Estevão, uma vez, respondeu assim ao meu espanto de elle não ter sido ministro:

— Eu não tenho sido ministro, porque m'o não deixa ser...

— A intriga? a inveja?

— Não é isso: são umas coisas que andam na atmosphera...

Não percebi se alludia aos *diabos-azues* dos inglezes; mas, seja o que fôr, as taes coisas que andam na atmosphera conhecem Palmeirim.

Não obstante, sei que elle exerce funcções hon-

rosas e lucrativas em qualquer repartição do Estado; mas, adiante d'elle, está quasi tudo o que a sua intelligencia, ha trinta annos, observava pela lente do epigramma olhando para traz.

Revertamos ao ponto.

Prosa muito lepida, muito zombeteira; mas poesias deveras alegres não lh'as conheço; satyras afinadas pela prosa do conversador mordente, nenhuma. Tinha Palmeirim dois grandes affectos, duas cordas em que psalmeava tristezas saudosas do Portugal heroico ou cantares de saudação á liberdade que n'esta terra se tornára a cumplice da canalha bem sevada e petulante no prumo da gravata: — a tyrannia das bestas resultante de um amor impio á liberdade, como diz Baudelaire.

Tinha os arrebatamentos politicos a darem-lhe a popularidade que o talento reportado e ordeiro nunca logrou. Em uma noite de theatro no Porto, ha 32 annos, ganhou loiros que ainda hoje reverdecem na saudade dos que então o applaudiram com sagradas cóleras. Elle, se quizesse, n'aquella noite fazia uma republica na praça da Batalha.

. . . .

Rainha, que fazes? Por entre o rugido
Das ondas do povo não ouves bradar
Que são « innocentes », que o throno trahido
Em pelago fundo se vai sepultar?

Não ouves os gritos das mães consternadas
Chorando o seu fado, pedindo perdão?
Não ouves as turbas na praça apinhadas
Por entre soluços bradar «maldição!»

Não vês as espadas de trinta valentes
Que o throno te deram, quebradas por ti?
Não ouves os brados de mil innocentes
Sem rumo na terra chorando por si?

Et cætera.

Estes transportes, por espaço de annos, lhe trouxeram o sangue em effervescencia; um dia, porém, Palmeirim casou, e converteu o Vesuvio politico em fogão domestico; pôz os pés no *fender,* e d'ahi a pouco um filho no collo, pouco depois outro, a esposa entre elles, a felicidade á volta de todos, e ahi começou elle, mais poeta que nunca, a praticar a santa poesia da familia.

Palmeirim é uma saudade dos homens que envelheceram.

Aquelle bom tempo! Ainda havia liteiras e mantilhas. E, depois, as cacetadas cabralistas que se levavam, e as cacetadas setembristas que se davam! E o hymno da Maria da Fonte, e do Antas, e a *Luizinha!* E as notas de moeda a dois pintos! E o povo cheio de vermes, de aguardente e de cobardia a cantar o *Rei chegou,* e a dar vivas á republica! Ó Palmeirim, tudo isto faz na alma certa móssa, profunda como o carimbo de um pataco da Junta, da qual só resta digna memoria no bronze d'esses reféces patacos!

MULHERES

Se ha quem diga que as conhece
Aposte. Digo que mente.
Mas tambem não me parece
Que haja alguem tão imprudente
Que diga : conheço-as eu.
Aposte e veja : — perdeu.

Se por teimosas não cedem
Aqui lhes ponho um exemplo :
Atraiçoam quando pedem
Orando dentro do templo :
Não atraiçoam ? Casou
Quem tal affirma : — e ganhou ?

Inda estou pelo que disse:
Se rezam, o que duvído,
Quizera que alguem ouvisse
A reza toda, o pedido.
Por quem era não sei eu:
Pelo marido? — perdeu.

Eu que affirmei que não era
As provas vejo diante;
Se a oração foi sincera
É que tinha ao lado o amante.
A quem commigo apostou
Pergunto agora: — e ganhou?

A aposta é breve e singela:
Sim ou não? Diga, responda;
Por quem rezaria ella?
Embora as razões esconda,
Não diga: — conheço-as eu:
Aposte, veja, e — perdeu!

Gomes d'Amorim

Cantou a Rosa encarnada ha trinta annos. Bem me lembro. Conservo vivas lembranças d'este facto e do terramoto. A dama que hasteára a signa escarlate da sua rosa era D. Anna de Sá, descendente dos Sás das chronicas, menestreis e cavalleiros. O luminoso poeta ignora se a dama existiu. Existiu, sim. Era alegre como a sua flôr dilecta. Mimosa como as fidalgas da sua raça. Se Gomes de Amorim a quer vêr, passe pela quinta solarenga de Sá, perto da margem esquerda do Vizella, entre na capella da casa á hora da missa, repare em um vulto curvado a um canto do corêto, com um rosario e um livro, rosto macilento côr do marfim das santas antigas, olhos apagados, mãos trementes. É ella, a cantora da Rosa encarnada. Não lhe falle em versos, se elles não forem de S.

Gregorio ou a versão bem plangente do DIES IRÆ. Curve-se e retire-se. Entre essa illustre dama e a vida em que ha reminiscencias de flôres está o padre. Ella não ouve o soido dos MURMURIOS DO VIZELLA que já cantou. O padre manda-a escutar o estridor de dentes que ringem lá em baixo no sempiterno horror.

E por causa das rosas encarnadas, brancas e pallidas, Gomes de Amorim, se não fosse Garrett, diz que viria ao Porto saldar contas com os insolentes paladinos que o injuriaram. Se viesse ao Porto, o meu caro poeta não encontrava em quem bater. Nenhum dos sertanejos campeadores era d'aqui. Todos elles eram rapazes para quem a rosa e a couve de penca tinham igual lyrismo. Os poetas portuenses, ha trinta annos, não cantavam flôres. Era-lhes o tempo curto para cantarem meninas brancas, pallidas e encarnadas.

A UMA MULHER MUITO FEIA

> Correrei mundos e mundos;
> E, lá dos mundos no fim,
> Saltarei fóra dos mundos
> Se te vir atraz de mim.
>
> ....
>
> Se, chegando ao fim dos mundos,
> Tu olhares para lá,
> Direi ao author dos mundos:
> —«Mais mundos! que ella cá está!»—
>
> SANTOS CRUZ.

És tão feia creatura,
Que até o Deus que te fez
Voltou o rosto assustado
Ao vêr-te a primeira vez!

Quando nasceste era noite;
Mas, logo que amanheceu,
Tua mãi viu-te, e gelada
De puro medo morreu!

Teu pai, teu avô, teus tios,
Foram-se todos tambem!
Acabaram aterrados,
Como a tua pobre mãi.

As crianças a quem fallas
Não tornam a comer pão;
Mulher pejada que topes,
Pare logo um aleijão.

A morte bispou-te um dia,
E começou a rugir,
Por saber que com tal cara
Não podia competir.

Mas foi-se chegando a medo,
E disse, dando-te um coice:
« Se eu apanho aquella cara
Nunca mais uso de foice.

Ninguem mais torna a escapar-me,
Quer seja doente ou são;
Morrem todas em me vendo
Com tal caraça na mão ». —

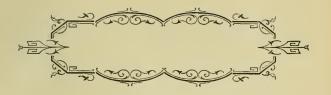
Porém a morte era tonta
Com este seu discorrer:
Quando te viu bem de perto,
Ella é que esteve a morrer.

Deu-te ao diabo, e, fugindo,
Não olhou mais para traz;
Mas disse ao author dos mundos:
— «Ó Senhor! veja o que faz!» —

O diabo, ao chamamento
Da morte, grato acudiu;
Mas ao vêr-te, gritou logo:
— «Coisa assim nunca se viu!»

Cobriu os olhos co'o rabo,
E fugiu a barregar
Que em quanto tu fôres viva
Não torna ao mundo a voltar!

— «Eu cuidei — urrava a besta —
Que era alguma alma capaz...
Mas aquella não me serve!
Palavra de Satanaz!

« Póde gabar-se a caraça
Que é a primeira mulher
Que espanta o diabo e a morte,
E nem um nem outro a quer! » —

Fagundes Varella

Os apreciadores portuguezes da lyra brazileira distinguem com especial louvor Fagundes. É bastantemente citado este paulista, e tão lido cá, ao que parece, que a especulação o reimprimiu no Porto em 1875, reproduzindo-lhe o prefacio de 1861. O author, querendo bem graduar a futilidade da poesia e attenuar a ousadia de a dar á estampa, a instancias de amigos, pergunta: « Qual é o estadista, o homem de negocios que não se sentiu alguma vez na vida poeta, que aos ouvidos de uma pallida Magdalena ou Julieta, esquecendo-se dos algarismos e da estatistica, não se lembrou que *haviam* brizas e passarinhos, illusões e devaneios? » E grammatica. Tambem seria bom lembrar-se, *aos ouvidos* das Magdalenas e Ju-

lietas, que *havia* regras para o verbo *haver,* além de brizas para refrigerio da epiderme, e passarinhos para deleite dos ouvidos. Em poesia, um sabiá não substitue a syntaxe, e as flôres do ingá que rescendem no jequitibá não disfarçam a corcova d'um solecismo.

Justificando a gente de juizo são que ri dos poetas, Fagundes não reputa individuos escorreitos os fabricantes de rimas, e applaude os que lhes *cospem sarcasmos.* «Porque o poeta — diz elle com toda a razão — desconhece as leis da humanidade, e em vez de contentar-se com o socego da familia, a calma da mediocridade, a paz do coração, verdadeiras e unicas felicidades na terra, sonha uma vida a seu modo, e não podendo realisal-a, maldiz-se e se consome». E que fartum á rua da Quitanda! Mas tem razão. Quem desconhece as leis da humanidade; e, em vez do socego da familia, quer a reinação e o banzé; em vez da calma da mediocridade quer deitar carruagem *huit ressorts* ou vestir-se de Preste João das Indias, e não acha demasiados quatro botões na luva côr de canario, consuma-se e maldiga-se. Por taes e quejandos motivos, Fagundes apostrópha os poetas e vocifera com os labios espumantes de ironias finas: «Querem que os honestos paes de familia; os homens incumbidos de dirigir o Estado e felicitar o paiz; os commerciantes e lavradores; o mercenario occupado em ganhar o seu pão quotidiano, abandonem os seus trabalhos, deixem seus filhos com fome para applaudir-

lhes as loucuras e tecer-lhes corôas de oiro! Não querem (os poetas) que se riam, quando o povo dizendo — nossas searas são arrazadas, nossos filhos precisam de instrucção —, elles respondem:

Mimoso passarinho que vagueias,

ou

Minha bella, eu te amo,

e outras iguaes»?

Até aqui Fagundes.

Aguenta-te, Victor Hugo! Açula-lhe os teus ursos nostalgicos, Guerra Junqueiro! Mercieiros, enchei-me este vosso interprete de ceiras de figos de comadre.

A final, este sujeito hybrido dos Brazis conclue d'est'arte o seu prefacio original:

«Escrevendo estas linhas e dando á publicidade este volume, o author pede e espera que as musas *lhe* favoreçam com a ausencia de sua divina inspiração», etc.

Eu tambem faço votos por que as musas *lhe* favoreçam com a ausencia da sua divina inspiração. Por estes dizeres parece que foi divinamente inspirado Fagundes. Não o faz por menos, e prova-o n'esta canção que denota paiz novo e arvore nova de muita seiva um pouco atacada de pulgão e lagarto.

CANÇÃO LOGICA

Eu amo, tu amas, elle ama...

Teus olhos são duas syllabas
Que me custam soletrar,
Teus labios são dois vocabulos
        Que não posso,
Que não posso interpretar.

Teus seios são alvos symbolos
Que vejo sem traduzir;
São os teus braços capitulos
        Que podem,
Que podem-me confundir.

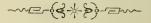
*

Teus cabellos são grammaticas
Das linguas todas de amor,
Teu coração — tabernaculo
Muito proprio,
Proprio de illustre cantor.

O teu caprichoso espirito,
Inimigo do dever,
É um terrivel enigma
Ai! que nunca,
Que nunca posso entender.

Teus pésinhos microscopicos,
Que nem rastejam no chão,
São leves traços estheticos
Que transtornam,
Que transtornam a razão!

Os preceitos de Aristoteles
N'este momento quebrei!
Tendo tratado dos pincaros,
Oh! nas bases,
Nas bases me demorei.

Gomes Leal

Ultimamente a litteratura realista deu em apresilhar á Morte nomes sobremaneira offensivos, que andam cotados com cadeia, multa e custas no Codigo penal portuguez. A litteratura romantica chamava-lhe *cega, pallida, impia, cruel, dura, tyranna* — adjectivos consagrados á Parca por todos os vocabularios de epithetos. Ella, porém, afeita a ouvil-os desde os canticos orphicos até Horacio, e desde Lycophron até ao snr. Viale, desde Sapho até á exc.ma Pusich, estava dando aos adjectivos e ás interjeições a importancia que muita gente dá a isso e ao resto da grammatica. Urgia, pois, feril-a no vivo; dar-lhe nomes que chamassem sobre ella a attenção

da policia medica, a prevenção dos hospitaes e o asco das pessoas castas—expulsal-a, emfim, da visinhança das familias honestas e arrual-a na travessa de Liceiras ou na rua dos Calafates.

O snr. Gervasio Lobato, escriptor moderno e brilhante, começou por chamar á Morte *idiota invencivel,* a pag. 129 da COMEDIA DE LISBOA, e a pag. 165 já lhe chama, com menos recato, *cocotte sinistra.* O snr. Gomes Leal, poeta moderno tambem, amplifica, refina e desbraga-se mais vantajosamente nos epithetos que dirige á Morte. Chama-lhe

trapeira,
ladra impura,
descarada,
rameira secular,
velha ceifeira eterna,

e pergunta-lhe com a catadura marcial d'um policia se ella vai entregar-se a alguem n'alguma escada.

Tudo isto consta da poesia que vai lêr-se. Parece impossivel que em um CANCIONEIRO ALEGRE frize um poema intitulado *A Morte.* Friza. Tudo que faz rir e de certo não foi feito para chorar, pertence á farça. Eu quizera demorar-me n'este commentario, defendendo os bons costumes da Morte, filha segunda de Deus, immediata á primogenita que é a Vida. Eu allegaria contra Gomes Leal que sobre a Morte pesam iniquamente responsabilidades que são da medicina, e pediria ao poeta que dirija as suas injurias

aos snrs. Alvarenga e Magalhães Coutinho, quando os encontrar.

O snr. Gervasio Lobato póde, se quizer, invocar em seu favor a authoridade de Barbier que escreveu os IAMBES ET POÈMES ha 44 annos. Elle tambem lhe chama pouco mais ou menos *cocotte* (courtisane), e Gautier na COMEDIA DA MORTE chama-lhe *coquette* e *carcassa*. Mas Barbier disfarça a injuria com uma soberba allegoria. Diz que

> La Mort a rencontré sur terre un amoureux,
> Un être qui l'adore, un amant vigoureux
> Qui la serre en ses bras d'une étreinte profane,
> L'asseoit sur ses genoux comme une courtisane,
> L'entraîne avec ivresse à sa table, à son lit,
> Et comme un chaud satyre avec elle s'unit!
> Hideux accouplement!...

Este amante da Morte é Paris onde os suicidas e os duellistas se atiravam aos braços d'ella com o ardor que não tinham para repulsar o estrangeiro que

> Passe à travers nos champs comme un dieu de l'enfer,
> Foulant d'un pied sanglant l'herbe de nos campagnes,
> Et chargeant sur son dos les fils de nos compagnes,
> Etc.

Estas invectivas á Morte não fazem rir; mas bem se vê que não são muito modernas. A *courtisane* de Barbier, e a *cocotte* de Gautier, ao chegar com mais 40 annos ao snr. Gomes Leal, não admira que fosse

rameira; mas, a fallar verdade, o snr. Gomes Leal não inventou os epithetos. Gautier, na COMEDIA DA MORTE, chama-lhe *vieille infame* e *courtisane éternelle;* o snr. Leal — *velha ceifeira eterna;* Gautier — *prostituée commune;* o snr. Leal — *rameira secular.* Henri Blaze, ha quarenta annos, chamou-lhe «velha decrepita»:

Quand la vieille décrépite
Viendra me faire visite
Je mourrai sans sourciller.

O snr. Gomes Leal, emfim, seria original chamando-lhe *rameira,* se Jules Vallée, o petroleiro que morreu espingardeado em Paris, lhe não chamasse *coureuse* (marafona) no livro intitulado LA RUE.

A MORTE

O que o Anti-Christo viu na sombra, debruçado,
foi como esses clarões prenuncios de cegueira.
Viu n'um abysmo ao fundo, immenso, illimitado,
montada n'um corcel, em barbara carreira,
sobre o charco do mundo escuro e ensanguentado,
com sua alcofa infame, a Morte, essa trapeira.

Viu aterrado ao longe, indefinidamente,
n'aquella indecisão dos sonhos desmanchados
e convulsos de febre em que, lividamente,
passam monstros hostis nos cerebros pesados,
qual grande flôr de sangue, em céo incandescente,
surgir todo o paiz do Mal e seus Estados.

E viu a todo o instante a Morte, a ladra impura,
sob a fria mudez do esfarrapado céo,
como um vento que varre o pó da sepultura
sem respeito a tiara, a sceptro e a solidéo,
para dentro deitar da sua alcofa escura
o cadaver d'um rei, d'um justo, ou d'um atheu.

E o Anti-Christo então gritou-lhe: — Ó descarada!
rameira secular, velha ceifeira eterna! . . .
Aonde vaes? Entregar-te a alguem, n'alguma escada?
Visitar um palacio, um bêco, uma taberna? —
Aonde quer que vás, na tua negra estrada,
ao menos, para vêr, accende uma lanterna!

Faustino Xavier de Novaes

Ainda no Porto, quando toda a gente lhe invejava a alegria, Faustino de Novaes tinha intermittencias de tristeza negra. N'estas crises, escreveu as suas poesias mais comicas; e, nas horas contentes, as mais sentimentaes, com Minerva esquiva.

Foi para o Brazil. Já viram como Casimiro de Abreu o saudou, á chegada. Os portuguezes idolatraram-no com gestos apaixonados, com extasis, e com bastante economia e fumo de incensos baratos. Quanto a dinheiro, ha de elle posthumamente contar ao leitor como era isso do dinheiro.

Aqui está uma carta datada no Rio em 23 d'outubro de 1866. Elle morreu em agosto de 1869.

«... A aceitação, que teve aqui o meu primeiro livro, não se explica nem me lisonjeia. Bastará dizer-te que ninguem aqui se recorda de algumas producções que eu ainda hoje assignaria. As que me deram

a *immortalidade* são justamente aquellas que eu tiraria do livro se tivesse a vangloria de entrar, posteridade dentro, com as divisas de cabo de esquadra ás ordens de Tolentino...

«Responderei agora ás tuas ultimas perguntas e reflexões sobre a possibilidade de nos não tornarmos a vêr. É isso o mais provavel e quasi certo. Eu não conto voltar a Portugal, e o desejo que tenho de abraçar-te não me compelle a trahir a amizade aconselhando-te que venhas cá. Não sonhes semelhante desatino. Verdade é que eu cá estou; mas entre nós ha differenças incontestaveis. Tu não pódes ser senão litterato: nasceste só para isso; eu nasci artista, fiz-me litterato por mania; a mania passou; e comquanto eu reconheça que não sou de todo burro, amoldo-me ás circumstancias e trabalho em tudo que se me offerece...

«*É obrigatorio que venhas rico?* perguntas-me tu. Desgraçada illusão é essa! Então, apesar de quanto d'aqui tenho dito, entendes que a riqueza no Brazil é só questão de tempo? Pois, meu amigo, não tenho um vintem de meu. Devo agora antecipar resposta a esta pergunta que me fazes: *Então que fazes no Brazil?* Respondo: aqui paga-se melhor do que lá tudo que não seja trabalho litterario. Tenho actualmente dois empregos; labuto muito; satisfaço a obrigação que me impuz de mandar mensalmente a meu pai 30$000 reis fortes, e o resto chega-me

para viver, tendo casa e mesa gratuitas, não indo a divertimento de genero algum, vivendo na maior modestia...

«Agora dize-me: acharia eu ahi trabalho que me désse o necessario para continuar a protecção que hoje dou a meu pai? De certo não. Seria acerto ir mendigar um emprego?... E não é tudo. Os meus infortunios deram causa a rasgos de abnegação da parte de pessoas de quem me não poderia separar para sempre. A minha mais profunda affeição é uma senhora que no dia 19 d'este mez completou 80 annos. Achei n'ella mãi extremosa; e, n'este momento, correm-me as lagrimas porque a tenho perto de mim quasi moribunda. Vou soffrer mais uma dôr profundissima. Sei que respeitas estes sentimentos. Entrei em casa d'esta santa quasi louco. Soffreu-me e curou-me com resignação santissima, salvou-me com desvelos maternaes, vivo em sua casa ha quatro annos, e dizem-me os filhos que ella me estima talvez mais do que a elles embora se julguem, como são, adorados por ella... Não nos demoremos n'este doloroso assumpto.

«Prometti contar-te a minha vida, e pouco te disse ainda, quando caminho ao cabo da quarta pagina. Será assumpto de outra carta com igual extensão. O que ainda posso dizer-te é que do antigo Novaes que tu conheceste, estimaste, guiaste e ensinaste, só resta a robustez *cavallar,* e paixão pela mu-

sica. Toco flauta desesperadamente. Sáio para o trabalho ás 9 horas da manhã, recolho ás quatro da tarde, janto, e torno a sahir no dia seguinte. Fui ultimamente a um concerto de Arthur Napoleão que me convidou pela terceira vez, e porque esta familia me obrigou a ir. N'esse dia fazia oito mezes que eu tinha passado uma noite fóra até ás 10 horas. Só faço versos quando me pedem e não posso eximir-me. Linha espontanea não escrevo uma só.

«... Fallar-me-has ainda no *trabalho do espirito que eu desavisadamente materialisei de mais,* segundo dizes? O espirito fóra da garrafa que é? Coisa que se evapora e não deixa vestigios de ter sido. Tenho tido vida cruel. Tenho soffrido amargas decepções; e, se ainda gracejo, não é isso por habito. Aborreço o mundo e a vida. N'este estado, nem ha inspirações para coisas sérias, nem alegria para os brinquedos litterarios. A penna já me não é passatempo. Escrevo, ás vezes, musica; mas estou—peço que acredites—um pouco abaixo de Verdi...»

Faustino Xavier de Novaes nunca mais me escreveu. Pouco depois, morreu intellectualmente. Sem phrenesis nem grandes paroxismos da robusta razão que vasquejava, passou a um sereno e risonho idiotismo. Depois acabaram de o enterrar as mãos piedosas do conde de S. Mamede, e fez-se um grande silencio sobre o nada d'este meu honrado e desditoso amigo.

A CAMILLO CASTELLO BRANCO

Meu Camillo. Velho amigo.
Mestre que, em eras ditosas,
Me déste prestante abrigo:
D'estas plagas tão formosas
Quero conversar comtigo.

Se ao papagaio mandado [1],
Porque és bom, não me condemnas,
Fica o presente adiado:
São caras as verdes pennas,
E o cofre está depennado.

---

[1] Em Portugal, especialmente no Porto, é muito usado o gracejo de pedir um papagaio ás pessoas conhecidas que partem para o Brazil. Isto é sabido por meio mundo. Faz-se esta nota para os habitantes do outro meio.

Mostro, só, que não sou vário
Na minha affeição singela;
E, á ingratidão contrario,
Tambem mostro, por tabella,
Que inda não sou *millionario.*

Sendo-o, ás musas indiscretas
Não baixava as minhas vistas;
Dado a *letras* mais dilectas,
Não fallava a romancistas,
Não dava trella a poetas.

Quem outras *letras* abraça,
Porque é rico, e não é tonto,
Nas tuas não acha graça,
Que não tem ellas desconto
De rico peito na praça.

Isto de amor e amizade,
De affeições e sympathias,
São pieguices de outra idade,
Das avós, das velhas tias,
De alguma freira, e algum frade.

Tens n'isto razão que sobre,
A dar-te mais não me atrevo;
N'esta carta se descobre,
Que, do Brazil se te escrevo,
Já sou parvo, ou inda pobre.

Não sou barão, conselheiro,
Nem fidalgo de pé torto,
Nem visconde por dinheiro:
Se algum dia eu fôr ao Porto
Não me chamam brazileiro.

Hão de, só, chamar-me tolo,
Que á lingua dei desafogo,
Dando voltas ao miolo,
E me levantei do jogo
Sem ter levantado o bolo.

Escrevesse obras supremas,
Cantasse eu como tu cantas,
Que enriquecesse não temas:
De carne secca dez *mantas*
Nutrem mais que cem poemas.

Um irmão tenho aqui perto
Que feliz ou desgraçado,
Seja louco ou seja esperto,
Ou gastador, ou poupado,
Ha de *enriquecer* de certo!...

Devo rasgar-te o sophisma,
Ou o enigma, tão profundo,
Em que a mente se te abysma:
De *Henrique ser,* n'este mundo,
Livral-o só póde o chrisma.

Nem esse refugio eu tenho!
Que em mim só no nome ha — *tino* —
Alguem sustenta, e eu convenho;
Pois, se tenho engenho fino,
Não dou azeite no engenho.

(Se vês da critica o malho
Malhar de Gongora os brilhos,
Deixa bater, que eu não ralho:
Quem mais dá nos trocadilhos,
Menos lhe sabe o trabalho).

Dizer-te mal d'esta terra,
Não direi, não sou ingrato:
Mas (quem t'o jurar não erra)
Cá ou lá, ser litterato
Á riqueza é fazer guerra.

Tenho amigos, é verdade,
Mentia se t'o negasse;
Sei até que, se a amizade
Fosse coisa que engordasse,
Tinha eu cachaço de frade.

(Esta rima é um tormento!
Só em dezeseis quintilhas
Dois frades, sem tal intento!...
Em que fraqueza me pilhas!...
Fiz de uma carta um convento!)

Adiante. Subi um furo;
Fui ás nuvens elevado,
Sou redactor do — FUTURO — ;
Mas olha que estou *passado,*
Que o presente é osso duro.

Vou roendo, e de maneira
Que sinto os queixos doridos;
Mas é minha a culpa inteira,
Pois dizem os entendidos
Que fiz uma grande asneira.

Eu sei que ser jornalista,
Com maus versos, e más prosas,
Andar dos cobres na pista,
É, n'estas eras famosas,
Ter olhos e não ter vista.

Mas não foi só essa, amigo,
A asneira, já confessada;
Fallo em segredo comtigo:
— Cuidado, não digas nada
Do que, baixinho, te digo.

Veio o — FUTURO — a terreiro,
E aos assignantes foi dado,
Mas, depois, fui tolo inteiro,
E confesso-o envergonhado...
Mandei-lhes pedir dinheiro!...

*

Que parvo fui! Que pedante!...
Pude julgar, indiscreto,
N'estas coisas ignorante,
Que era uma *letra* o prospecto,
E o que assignou *aceitante!*...

Seguiu-se o castigo ao crime;
Bradaram muitos: «Não pago!»
E o que de pagar se exime
Não se abranda pelo afago,
Nem esta queixa o deprime!

E a casa tem senhoria,
Querem paga os gravadores,
Quer paga a typographia,
Querem-n'a alguns escriptores,
E eu... tambem a aceitaria...

E quem pagou por inteiro
O preço da assignatura,
Se eu fôr vender o tinteiro,
Ou goste, ou não, da leitura,
Dirá que sou caloteiro!

Hei de ir pela rua adiante,
Bolsa leve, e roupa gasta,
E ouvirei, de voz possante:
— Que firma!... É poeta e basta!...
Comeu-nos!... Oh!... que tratante!...

A consciencia, inda sem chaga,
Ha de incommodal-a a fama ;
E a nossa lingua é tão vaga!...
— Camillo! — Como se chama
O que assignou e não paga?...

Eu tenho um mau diccionario
Que apenas acção indica
No — *R* — no mais é vário;
E na letra — *L* — só fica
Se designa o refractario!...

D'este diccionario ingrato
Não gosto, que alli se ferem
Reputações que eu acato:
— Dêm-me dinheiro, se querem
Qu eu compre outro mais exacto.

Ai! Camillo, que saudades
Tenho das noites compridas
Em que, amigos e confrades,
Vinham gentes bem vestidas
Ouvir-nos nuas verdades!

Tivemos optima escóla
No teu *mundo patarata!*
E a lembrança me consola
De que se eu gritava: «mata!»
Lá bradavas tu: «degola!»

Não deixavamos inteiros
Pretenciosos estadistas,
Ou falsos testamenteiros,
Nem nobres contrabandistas,
Nem fidalgos *moedeiros.*

Se agarrado ao gorgomillo
Irado, ás vezes, te via
De um barão, d'isto ou d'aquillo,
Com que humildade eu pedia:
«Dás-me esse barão, Camillo?

«Dá-m'o, sim; já que tu brilhas
«No estylo, sempre luzido,
«Em que fazes maravilhas,
«Dá-me o barão, que espremido
«Rende bem quatro quintilhas!

«Dá-m'o, sim, façam-se as pazes;
«Tu, que és grande pelo invento,
«Que barões e condes fazes,
«Deixa-me o divertimento
«De escovar estes rapazes!»

E tu, n'um rapido lance,
Sobre a presa cavalgavas;
E, medindo todo o alcance,
N'um galope desfilavas,
Lá vinha mais um romance!

E o barão, ao desconfronto
Cedia, ao vêr-se cantado;
E, do seu valor absorto,
Tinha o livro encadernado
Em coiro de barão morto!

É verdade que o não lia;
Mas n'alma (se a tinha) pura,
Odio sei que o não havia,
Pois desprezava a leitura
Só porque lêr não sabia.

Comprava, que a voz da fama
Como heroe o apregoava;
E o barão ardia em chamma,
Pois n'outro livro, constava
Que um Camões cantára um Gama.

Era então, que o teu Faustino
Em verso froixo, e rasteiro,
Cedendo ao louco destino,
Se agarrava ao tal sendeiro
Qual tolo á corda do sino.

E se um epigramma fende
A dura carne ensacada,
O bom homem não se offende;
O que é chulo só lhe agrada,
O que é serio não entende.

E o barão, que se consola,
Acha nos versos verdade,
Porque lhe tocam na mola,
Despertando-lhe a saudade
Das cantigas á viola!

Julguei que era triste fado
Ter de ser cantor burlesco
Quem vivia amargurado;
Disse-te adeus, puz-me ao fresco,
Deixei-te o campo abastado.

Sei que por mim não choraram
O pranto da despedida;
Mas sabem hoje que erraram,
Pois perderam a partida,
E as letras patrias ganharam.

Que tu, raposo matreiro,
Ou antes faminto lobo,
Invadindo o gallinheiro,
Do papo de cada bobo
Arrancas um livro inteiro.

N'este seculo das luzes
Mais a luz tua vigora;
Que, filado aos taes lapuzes,
Deixas um puxando á nora,
E os outros são alcatruzes.

E fazes, d'instante a instante,
Nas concepções tão fecundo
Como nos partos brilhante,
Que se espante o velho mundo,
Que o mundo novo se espante.

E cá nós, os portuguezes,
Saudosos da patria amada,
Tinhamos todos os mezes
Dois paquetes, que á chegada
Nos alegravam mil vezes.

« O paquete chegaria? »
« Tardará muito? Já veio? »
« Que novidades traria? »
D'isto andava tudo cheio,
Nem outra coisa se ouvia!

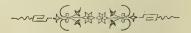
Ninguem hoje sahe á rua
Por saber novas da terra;
Se ao longe o vapor fluctua,
Já cá sabemos que encerra
Noticia de uma obra tua.

E apenas a vista alcance
Por signal o galhardete,
Ao vêl-o em rapido lance,
Ninguem diz: « Chega o paquete! »
Dizem só: « Lá vem romance! »

Mais comedia, mais um conto,
Mais artigos de sciencia,
Mais um drama quasi prompto,
Não ha nunca reticencia,
Não ha virgula, nem ponto!...

Isto, amigo, não se atura!
Tu, se escreves a cavallo,
Modera mais a andadura:
— Tempo que dás de intervallo
Não chega para a leitura! —

Mas se intentas bem montado,
Correr o mundo em que moras,
Sempre em galope dobrado,
Quando lá não haja esporas,
Não quero vêr-te parado.

Dou-te assumptos verdadeiros,
Em que has de marchar seguro;
Mando-te nomes inteiros
De assignantes do — FUTURO —
— Mas é só dos caloteiros.

Camillo Castello Branco

No cerebro d'este sujeito nunca phosphoreou pyrilampo de poesia bem medida. Não perpetrou grandes delictos de romantismo impresso, porque foi de uma roda de homens praticos, scepticos, desconhecidos da lua, mais amigos do theatro que das florestas rumorosas, e mais dados ao ponche queimado do que ao remugir das vagas e ás brizas fagueiras do mar, do qual principalmente apreciavam as ostras na Aguia d'Ouro. Foi muito parco em trovas aos objectos dos seus ais. Poesia parturejada com dôr e não contada syllabicamente pelos dedos fez uma só, e foi a ultima. Nas outras inflammava-se a frio. Quando tinha saude e dinheiro, regrava elegias, debulhava-se em lagrimas de consoantes. Se ás catarrhaes

se ajuntavam as angustias da fallencia, entrouxava-se nos cobertores, e vingava-se da therapeutica e dos capitalistas fluminando o lapis d'onde rutilavam coriscos de chalaças salôbras.

De certo tempo em diante começou a dizer que morria e mandava adiante d'elle um volume de versos á voragem do esquecimento. Isto n'elle era presumpção; porque aos funeraes do seu *eu* de poeta já elle tinha assistido em pessoa e de saude perfeita. Quando estava sinceramente velho, acabou por onde começára.

SONETOS DA DECREPITUDE

I

Quando eu tinha vinte annos saluberrimos,
andava sempre a declarar ao mundo
que tinha cans, e um dissabor profundo,
e dentro d'alma uns espinhaes asperrimos.

Certos criticos, juizes integerrimos,
sorriam das canções do moribundo;
pois viam no meu rosto rubicundo
uns bócios brazileiros e uberrimos.

Que tempo! que saudades! que tolice!
Ora, hoje que eu me sinto quebrantado
sob o peso da tremula velhice,

não digo que estou velho nem cançado;
e não gosto, se sei que o leitor disse
que o meu bigode já reluz pintado.

II

Senhoras do meu tempo, é bem notorio
que eu vos servi com lyra, harpa e laúde;
cantei-vos e chorei-me em quanto pude,
com ares de Antony, não de Tenorio.

Gastei-me entre as paixões e o escriptorio,
raivando contra amor trêdo que illude;
e protestava em prosa tosca e rude
que o escrever e o amor são purgatorio.

Depois de oitenta livros, com oitenta
raladoras paixões, já não me escapa
nem phrase nem gemido! Hoje me alenta

brilhante luz, que os olhos me destapa,
quando, senhoras, vejo essa mão benta
pedindo uma esmolinha para o Papa.

INDICE

Paginas